

Mito, Símbolo e  
*Tradição*

---

HISTÓRIA E IDENTIDADE DOS POVOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

---



# Mito, Símbolo e *Tradição*

*História e Identidade dos Povos de Língua Portuguesa*

## *Editores*

Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica & IDEGEO

## *Propriedade*

Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica & IDEGEO

## *Direcção*

Manuel J. Gandra

*Coordenação Editorial*

Manuel J. Gandra

## *Design*

Diogo Gandra

## © *Copyright*

Os Autores, Ciesdes e Idegeo

Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

O teor dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

*Vendas on-line, Pedidos de Assinatura e Números Avulsos*

[www.idegeo.pt](http://www.idegeo.pt)

*Solicita-se permuta – On prie l'échange – Exchange wanted*

*Envio de originais e outras colaborações*

[manueljgandra@gmail.com](mailto:manueljgandra@gmail.com)

***Mito, Símbolo e Tradição*** reserva-se o direito de não publicar, ou devolver, originais e outras colaborações não solicitadas





# Mito, Símbolo e *Tradição*

## PROJECTO EDITORIAL

Um dos traços característicos do nosso tempo consiste na falsificação da linguagem, traduzindo o uso abusivo de determinadas palavras ou conceitos com sentidos diferentes do verdadeiro. Em suma, as palavras e os conceitos são aplicados a coisas às quais não convêm de forma nenhuma, gerando a confusão mental reinante.

Um exemplo paradigmático cifra-se na utilização a torto e a direito do termo *Tradição* com sentido alheio àquele permitido pela sua semântica, como no caso do episódio da tourada de Barrancos.

Ora, aludindo a crenças ou práticas de povos e comunidades, como ocorre nessa circunstância, o termo aplicável seria *folclore* no sentido de usos e costumes tradicionalistas ou, com maior propriedade, *tradicionalismo*.

Com efeito, a *Tradição*, pelo menos na perspectiva que adoptamos, é de origem supra-humana ou metafísica. E se não é clara a fonte dela hoje, tal é uma consequência da sua ocultação pelas vicissitudes da História e do império todo poderoso da quantidade sobre a qualidade ou, por outras palavras, do profano sobre o sagrado.

O que se entende, então, por *Tradição*?

O direito romano usou o vocábulo *traditio* (de *tradere*) com o sentido de transmissão de um objecto, de alguém com a intenção de o alienar a outrem, com a intenção de o adquirir (*traditio clavium; traditio puellae*; etc).

A Igreja Católica continuaria ainda a referir-se à *Revelação* como *Traditio Symboli*, conferindo, contudo, do ponto de vista dogmático, maior valor à catequese ou *Redditio Symboli*, sinónima da

evangelização (na linguagem actual) em consequência da qual os Sacramentos são transmitidos por intermédio de alguém que já os recebeu de outrém.

Na verdade, nenhuma destas duas formulações identifica *Tradição* com arcano iniciático.

Nesta acepção particular, que perfilhamos, a *Tradição* reporta-se a um depósito do sagrado susceptível de *Revelação* (comunicação de um mistério divino ou ensinamento sagrado). O conteúdo de um tal testemunho (o “id quod traditum est” ou “id quod traditur” dos Padres da Igreja) pode compreender mitos (mistério divino), palavras, gestos, regras de conduta, etc., mas igualmente comportar realidades monumentais (instituições e escritos) com uma existência objectiva independente do sujeito activo da *Revelação*. Note-se que, apesar de tudo, essa existência objectiva será manifestamente insuficiente para esclarecer o valor da *Tradição*.

Somos, efectivamente, adeptos do perenialismo, embora não de uma forma estritamente *guenoniana*, uma vez que a *Tradição primordial*, essa influência formadora tão consubstancial ao espírito quanto a hereditariedade ao corpo, sendo imutável quanto à forma, qualidade ou *eidos*, adopta para se revelar (re+velar) géneros, espécies, modalidades e diferenças específicas, em função dos distintos tempos e lugares.

De facto, a *Tradição* não é um capital estéril, mecanicamente conservado: ela conhece desenvolvimentos e amplificações mediante as quais se enriquece e fortalece “a partir de dentro”, resistindo, vá-se lá saber como, às tentativas de interferência e de aditamentos humanos ou *Redditio Symboli*.

É assim que a aludida tensão entre *Tradição* e *Revelação* pode exprimir-se pela relação entre o *mesmo* (identidade: estado do que não muda, permanecendo sempre igual a si mesmo) e o *próprio* (propriedade ou património que pertence exclusivamente a um dado indivíduo, comunidade ou espécie e a eles somente).

Enfim, enquanto o *próprio* (ou a *Revelação*) não passa de um acto solitário e, por sua natureza, incomunicável, já o *mesmo* (ou *Tradição*), consubstanciando um acto de comunhão e interdependência, poderá tornar-se, se assistido pela *Revelação*, a encarnação da *Suma Identidade*.

O propósito do projecto que ora se submete, fundado nos pressupostos supra, e cujo fecho arquitectónico é o denominado *lema*

*da tripeça*, transversal a toda a cultura e história nacionais, acarinhará superlativamente a língua portuguesa, a qual, mercê dos respectivos dotes semânticos e singulares virtualidades representativas (eco das ontológicas), constituirá o tempo e o modo des-veladores da cosmovisão visada, embasada nos seguintes axiomas:

Território emergente da Tradição primordial,  
essa influência formadora tão consubstancial ao espírito  
quanto a hereditariedade ao corpo.

Posto na exacta confluência do ocidente como novo oriente.

Atento ao primado da reintegração dos seres como via  
para a redenção humana e desta como corolário  
da transmutação da natureza.

Presságio do advento de um ecumenismo sustentável.

Alternativa às certezas da cultura do efêmero e  
movimento em direcção a um erro cada vez menor.

O luso horizonte por visão e norte.

No pressuposto de que só a estética da imaginação  
garante ao gesto a condição de arte.





Mito, Símbolo e  
**Tradição**

Série 1 / Volume 3 / Dezembro 2017

Editor Manuel J. Gandra

**ASTROLOGIA LUSO-BRASILEIRA I.**

Imagem da capa

*Criação do Mundo (Livro de Horas, séc. XV)*

**9**

Olavo de Carvalho

*Astros e Símbolos*

**85**

Leão Hebreu

*Diálogos de Amor - Segundo*

**181**

Mestre João Faras

*Carta de Santa Cruz (27 de Abril de 1500)*

**185**

João de Lisboa

*Tratado da Agulha de Marear*

**197**

Manuel J. Gandra

*Os Horóscopos de Dom Sebastião (1554-1578?): O Desejado à luz da Astrologia judiciária*

**235**

António Pais Ferraz

*Discurso Astrológico das influências da Maior conjunção de Júpiter e Marte, que sucederá neste ano de 1660, a 8 de Agosto, observada e calculada para o Meridiano desta Corte, cabeça de Portugal (Transcrito e anotado por MJG)*

**259**

Manuel J. Gandra

*A Aula da Esfera e o ensino da Astrologia no Colégio Jesuítico  
de Santo Antão*

**Olavo de Carvalho**

# **ASTROS E SÍMBOLOS**



## PREFÁCIO

Ao rever, agora, estas páginas que um dia dediquei à exposição de concepções científicas tradicionais, não posso deixar de sentir a gravidade da decisão que as retira do orbe privado dos escritos provisórios (elas começaram sua vida como apostilas de cursos, e se dirigiam tão-somente a um grupo restricto de leitores), para dar-lhes pela letra impressa uma forma fixa e pela reprodução uma existência pública.

Não há no mundo, talvez, hoje em dia, país menos confortável para quem se dedica à difusão das doutrinas tradicionais, do que o Brasil.

Não que inexista interesse: os leitores, estou certo, afluirão, porém o que não existe é um pano-de-fundo, uma constelação de precondições espirituais e culturais adequadas à recepção de tais doutrinas. Elas não se arriscam ao anonimato e ao esquecimento, e sim a incompreensão e à distorção.

É que, por um lado, tais doutrinas não foram feitas para o estudo teórico tão-somente, mas para a realização efectiva das possibilidades espirituais humanas, e, por outro lado, esta realização não pode ser levada a cabo fora do quadro dos ritos e normas de uma religião tradicional como o judaísmo, o catolicismo ou o Islam. Fora desse quadro, as aspirações nascidas do contato com aquelas doutrinas arriscam-se a degenerar e apodrecer, como tudo quanto é sonho irrealizado que o tempo gasta e dissolve, deixando no fundo da alma envelhecida um precipitado de amarguras e rancores, resultado da longa decantação das esperanças vencidas. Sem o rito e a norma religiosa, a esperança de um "conhecimento mais elevado" tende não somente a esvanecer-se em fumaças de fantasia sem amanhã, mas, o que é muito pior, a ser capturada, desviada, corrompida e finalmente invertida por alguma dessas seitas e organizações pretensamente esotéricas que hoje em dia oferecem e vendem um simulacro - ora mais, ora menos verosímil - da espiritualidade e da iniciação.

Tais organizações, que servem para desviar e estiolar em esforços vãos e sem sentido o generoso impulso de reacção a sociedade moderna surgido com a "contracultura", recrutam seus membros sobretudo entre jovens mais ou menos letrados, que chegaram a alcançar algum grau de informação sobre as doutrinas tradicionais, mas que não tiveram o tempo, os meios, a paciência ou a sabedoria de

integrar-se numa religião autêntica. Uma imagem gasta levaria a comparar esses jovens a ovelhinhas novas que se desgarram do rebanho, explorando um terreno desconhecido e atraente, até que venha o lobo. Mas esta imagem é falha para descrever o caso brasileiro, pois entre nós as ovelhinhas nunca tiveram rebanho: nasceram desgarradas, e ao ouvirem dizer que havia rebanhos onde poderiam integrar-se, saíram buscando a esmo, até que veio o lobo capturá-las.

Toda sociedade dispõe de alguns recursos que representam sua defesa e alimentação espiritual. Por variadas que sejam as formas desse arsenal, ele sempre está presente, e dele depende não somente a salvação das almas individuais após a morte, mas também a sanidade da cultura e dos indivíduos durante a vida destes. Os elementos fundamentais desse sistema são os ritos e o ensinamento tradicional. Através das iniciações, ele transmite de geração em geração o conhecimento essencial, que molda e fixa a estatura do destino humano sobre a Terra, e garante o cumprimento do papel do homem no Cosmos, como depositário de uma inteligência objectiva e de uma vontade livre, portanto como guardião e guia de todos os seres que habitam este planeta, ou como "vice-regente de Deus na Terra". Através das normas e leis, a tradição prolonga esse conhecimento - e a consciência desse destino e dessa responsabilidade - até os mais remotos setores da vida social, integrando o orbe todo da colectividade no sentido ritual e sacro da existência. Para os indivíduos, o resultado mais obvio desse sistema de vida - que é chamado tradicional por ter sido sempre e sem solução de continuidade o de todas as civilizações conhecidas, menos a Ocidental moderna - o resultado, dizia eu, que esse sistema assegura aos indivíduos, traduz-se no mínimo como segurança psíquica, posse de um propósito de vida, estabilidade de ideias e atitudes, firmeza moral, simplicidade, harmonia e, dentro dos limites da condição terrestre, felicidade. Ninguém nunca pôde oferecer mais.

O mundo moderno em geral perdeu esse sentido ritual e sacro da existência, e as sociedades são governadas segundo pseudo-finalidades sempre instáveis e provisórias, de invenção e instituição meramente humanas, arrastando multidões inteiras ao esforço e à morte por objetivos de pura fantasia, que se desvanecem de geração em geração, deixando um saldo negro de cansaço, de amarguras e

desenganos, logo amortecido porém pela propaganda de um novo e igualmente fantástico "ideal".

Isto é assim, hoje, em todos os países do Ocidente, e em toda parte do Oriente onde a penetração Ocidental tenha sido mais profunda ao longo dos últimos dois séculos. Mas sempre restam alguns pilares que nunca cedem, e ao pé dos quais um homem pode se abrigar, reencontrando um pouco do sentido tradicional da vida em meio ao "vácuo atormentado" da sociedade moderna. Há sempre alguma igreja, ou rito, ou grupamento espiritual autêntico, onde se podem ouvir uns ecos da Palavra inicial dirigida por Deus aos homens. Na Europa e nos Estados Unidos, o avanço impressionante do Islam nos últimos anos mostra algo mais, até, do que uma simples sobrevivência do impulso para a vida tradicional: mostra uma inesperada vitalidade sob as densas camadas de torpor.

Mas, olhado sob esse ponto de vista, o panorama dos países da América Latina - e mais particularmente o do Brasil - é francamente desalentador.

Em toda esta parte do mundo Ocidental, o único ponto de referência tradicional, para a quase totalidade da população, seria a Igreja Católica.

Mas, em primeiro lugar, a Igreja nunca teve aqui a influência tão vasta e o poderio tão incontestado que a ingenuidade de seus fiéis e a malícia de seus adversários lhe atribuem, sendo antes continuamente enfraquecida pela oposição surda, subterrânea e por isto mesmo barbaramente eficiente dos cultos sincréticos, que hoje em dia alistam em suas fileiras não somente figuras de proa da política e das classes abastadas, como também os medalhões mais notórios da intelectualidade, seja artística, seja científica. O Brasil só foi ou só é o "maior país católico do mundo" na linguagem oca das estatísticas, que não podem evidentemente incluir em suas ponderações a qualidade do catolicismo do entrevistado, nem muito menos suas ligações mais ou menos secretas ou discretas com feiticeiros e bruxas, cuja influência nas eleições e no entanto tão notória perante a consciência popular quanto ausente das tabelas do IBGE.

Em segundo lugar, essa influência católica, já contrarrestada e rarefeita desde o Descobrimento, pelos repetidos choques, em desvantagem, com a autoridade imperial e militar, e enfraquecida no Império e na República pela presença da maçonaria e do positivismo nos círculos letrados e políticos, essa influência veio a sofrer

finalmente uma drenagem fatal com as reformas do Concílio Vaticano II que esvaziaram o rito de toda eficácia simbólica e abriram a consciência das multidões católicas ao influxo de todo gênero de detritos ideológicos (teologia da libertação), e científicos (theilhardismo) produzidos pela máquina da insensatez contemporânea <sup>1</sup>.

Se essas reformas tiveram consequências desastrosas em todo o mundo, num país como o Brasil - que não tem nem mesmo as defesas artificiais de um academicismo bem estruturado, e onde portanto as ideias não passam nem pelo crivo da consistência lógica mínima - tais consequências se ampliam formidavelmente, oferecendo um campo aberto e convidativo às modas ideológicas que hoje se disseminam à sombra da autoridade histórica da Igreja.

Esse panorama já e por si mesmo desalentador, do ponto de vista espiritual, e quem conhece a função articuladora e defensiva dos ritos avalia a imensa tragédia representada por uma nação de 120 milhões de habitantes sem rito, sem espiritualidade e portanto sem cultura, no sentido mais preciso do termo.

Para agravar ainda mais as coisas - numa situação onde até a "cultura" puramente quantitativa e materialística do mundo acadêmico sofre de inanição, e onde até mesmo a forma mais baixa de cultura letrada, o jornal, não atinge mais que uma parcela mínima e insignificante do público --, nesse panorama incidem ainda os novos sincretismos, desta vez de índole pseudo-oriental, para confundir, para iludir e corromper os filhos de uma nação que não tem outra defesa espiritual senão a Misericórdia invocada por raros e obscuros orantes, espalhados aqui e ali, ao longo do imenso território, na noite povoada do ruído dos atabaques, dos gritos dos exus e dos gemidos de hordas de condenados e exércitos de aflitos. Pois no meio desse caos enfumaçado e barulhento, um fio cristalino de silenciosa devoção à Santa Virgem ainda permanece misteriosamente de pé, unindo o Céu à Terra. Mas ele tem a espessura milimétrica - e talvez decrescente - de uma última esperança.

Dentro desse quadro, onde a "vida cultural" circunscreve-se cada dia mais estreitamente em questões cada vez mais mesquinhas e insignificantes - ao ponto de discussões sobre os problemas sexuais de

---

<sup>1</sup> Cf. Rama P. Coomaraswamy, *The Destruction of the Christian Tradition*, Bedfont, Perennial Books, 1979.



cada qual posarem hoje em dia como polémicas filosóficas --, dentro desse quadro não é de espantar que aquele que ousa falar de coisas sacras a um público mais amplo tema as consequências e invoque agora a proteção de Deus.

Nessas condições o indivíduo que tenha notícia das doutrinas tradicionais e se empenhe no seu estudo há de se defrontar, mais cedo ou mais tarde, com tremendos obstáculos psicológicos, provavelmente superiores às suas forças. Tais obstáculos não se oferecerão de frente, como resistências honestas e nítidas, mas sim como areia movediça - por baixo e em torno --, deslizando e solapando de maneira lenta, sutil e malignamente corruptiva. É assim que muitos saem em busca de um ensinamento tradicional e terminam cooptados por algum pseudo-mestre capaz de convencê-los de que o bem é o mal e o mal é o bem, de que a verdade é o erro e o erro é a verdade, e de induzi-los enfim a fazerem exatamente o contrário daquilo que seria uma vida tradicional autêntica, já vi com meus próprios olhos pessoas medianamente informadas sobre doutrinas tradicionais terminarem, sob o comando de um desses "mestres", aceitando como ensino tradicional um corpo de técnicas puramente "mágicas" destinadas a "criar impressões" mediante impactos sensíveis - em suma, propaganda subliminar.

Evidentemente, a única defesa eficiente contra esse gênero de corrupção é a filiação do interessado a uma tradição autêntica, e isto quer dizer, nada mais, nada menos, que é preciso começar por tornar-se membro fiel e praticante de uma religião ortodoxa (catolicismo, judaísmo, Islam), e moldar a própria vida segundo as normas dessa religião, abdicando de toda arrogância opinativa individualística, sustentando-se no *quod ubique, quod ab omnibus, quod semper credita est* ("aquilo que todos em toda parte acreditaram sempre"), e esforçando-se no sentido de uma perfeição moral que é a *conditio sine qua non* do bom funcionamento da inteligência (pois quem poderá conhecer a perfeição sem ser também perfeito?). Infelizmente, o individualismo contemporâneo, aliado à propaganda dos pseudo-gurus, leva facilmente as pessoas a acreditarem ter "superado" a religião e estar perfeitamente aptas a uma via mística ou iniciática sem nenhuma preparação anterior de ordem ritual ou moral (sem dar-se conta de que uma "via" que dispense essa preparação já declara no mesmo acto sua própria falsidade). Essa convicção, fartamente alimentada pela propaganda das organizações interessadas, é certamente lisonjeira para o ego de cada qual, mas não

parece que a melhor maneira de começar um caminho espiritual seja pelo reforço do ego, sob qualquer pretexto que seja. Se essas "vias" são tão eficientes no recrutamento dos jovens adeptos, e porque estes são geralmente tão mal formados e tão inseguros, que a oferta de um equilíbrio psíquico aparente e fácil actua sobre eles como os olhos da serpente sobre o sapo, fascinando e paralisando o pouco de juízo crítico que possam ter.

Sem dar-se conta de que esse "equilíbrio" é apenas uma impressão passageira criada e sustentada pelo próprio grupo (os psicólogos americanos que tratam de egressos de seitas cunharam o termo "percepção grupal alterada" para designar essas distorções de percepção), essas vítimas, à medida mesma que suas capacidades intelectuais decrescente que ficam por isto mais dependentes do "mestre", dão mostras de uma afetada auto-satisfação, comportando-se como se fossem proprietárias de um conhecimento essencial e secreto, e proferindo frases como "encontrei o meu centro", "agora estou no meu caminho", etc. A ênfase no aspecto individualístico e meramente psíquico desse "equilíbrio" já mostra por si mesma que se trata apenas de uma forma de anestesia da consciência moral, um estado semelhante àquele mencionado por Huxley no Admirável Mundo Novo como resultado da ingestão do *soma*.

Contra esses perigos, é necessário advertir, ainda uma vez e sempre, que não há caminho tradicional, nem mística nem esoterismo de espécie alguma ao qual se possa ter acesso fora das religiões autênticas e ortodoxas, e que tudo o mais é puro lisonjeio e tentação barata.

Mas, no caso brasileiro, a situação das religiões é nitidamente mais difícil do que em outros países, em primeiro lugar por ser a nossa religião nacional o catolicismo romano, o qual se encontra no estado que todos conhecem, sem condições para oferecer a mais mínima proteção espiritual eficaz; em segundo lugar, pela ampla difusão de toda espécie de sincretismos e bruxaria, em terceiro lugar pela extrema fragilidade da nossa vida cultural, mesmo académica, em quarto lugar pelo tremendo impacto desagregante da invasão tecnocrática e dos *mass media*, que exercem um poder dispersante literalmente sem freios.

Por tudo isso, aqui é necessário mais cuidados do que na Europa ou nos Estados Unidos, quando se fala de doutrinas tradicionais e de ciências tradicionais.

Esse cuidado consiste sumariamente em avisar, desde a entrada, que o que se vai ver aqui não pode ser compreendido fora do quadro de uma religião autêntica, e que os que tentarem utilizar os conceitos que aqui forneço para reforçar suas próprias posições de um individualismo espiritual ou de filiação a ensinamentos não puramente tradicionais estarão atando a corda em torno do próprio pescoço, e estendendo a outra ponta ao inimigo. Tudo quanto me cabe fazer e advertir-lhes que não façam isso, que não sejam orgulhosos, que busquem primeiro a "porta estreita" de uma religião e não o portal amplo dos "ensinamentos" pseudo-hindus, pseudo-sufis, etc.; que pratiquem o que a religião ordena e se abstenham do que ela proíbe. E assim, gradativamente, com a graça de Deus, brotará em suas almas o discernimento que permite, separar os verdadeiros dos falsos caminhos espirituais, e, se caírem em erro, não por malícia mas por boa-fé, a religião os reconduzirá à verdade. O arrogante que dispensa a religião tem sempre artimanhas psicológicas para confirmar-se no erro, porque seus juízos não obedecem a nenhum critério universal, mas à arbitrariedade da preferência subjectiva.

Prolongando e precisando essa advertência, é preciso esclarecer que a astrologia de que se trata neste livro e aquilo que mais propriamente se denomina "astrologia espiritual", ou seja, a utilização do simbolismo astrológico como suporte para a compreensão de doutrinas tradicionais de ordem cosmológica e metafísica, e também como instrumento hermenêutico para a interpretação correcta e tradicional de ritos e símbolos. Não se trata, de maneira alguma, de astrologia preditiva - "científica" ou não, dá na mesma --, nem de astrologia "psicológica" no sentido tão amplamente disseminado pelos junguianos. Falo da astrologia como auxiliar da mística, e não como instrumento para a predição ou como muleta psicológica travestida de auto-conhecimento.

O livro é composto de escritos independentes entre si - artigos e conferências, escritos para vários destinos e ocasiões diferentes. É uma coletânea mais ou menos casual, sem ordem nem sistema; são esboços e não um quadro.

Há muito o que corrigir nestes trabalhos, cujos limites a experiência e a passagem do tempo vão revelando de maneira cada vez mais nítida.

Não creio, porém, ser o caso de alterá-los agora, porque ofereço este livro ao público apenas como mostruário do que tem sido um

trabalho de difusão das ciências tradicionais, realizado ao longo dos últimos anos. Este mostruário destina-se a ilustrar as possibilidades desse estudo, e não a trazer resultados prontos. Sua finalidade é estimular, não propriamente ensinar. Perante estes sete capítulos, o leitor não deve esquecer que eles refletem apenas sete dias de trabalho, dentro de um esforço que dura vários anos e no qual proferi aulas ou conferências no mínimo uma vez por semana. Portanto, nada de conclusões apressadas.

O leitor que deseje prosseguir este estudo deve primeiro filiar-se a uma religião ortodoxa e depois remeter-se à bibliografia indicada, procurando pessoalmente o Autor em caso de dúvida.

Dedico este livro a todos aqueles, que através de todas as tentações e perigos, têm permanecido fiéis à perspectiva tradicional autêntica, e dedico-o também, com profunda gratidão, à generosidade de Marco Pallis.

São Paulo, Agosto de 1985

## CAPÍTULO I

### PARA UMA DEFINIÇÃO DE ASTROLOGIA

Entre os muitos traços distintivos que assinalam uma taxativa linha demarcatória entre a astrologia autêntica, tradicional, castiça, e as suas muitas contrafações contemporâneas, há um que, por sua importância, deve ser fincado já no pórtico deste estudo, como uma garantia para o leitor e uma advertência para os falsários e usurpadores.

É que a astrologia não e nem nunca foi uma disciplina autônoma e completa, que contivesse em si seu próprio fundamento, e que pudesse ser estudada e compreendida sem a difícil assimilação preliminar de suas ciências mães e, depois disso, sem longos excursos laterais pelos territórios de suas ciências irmãs.

Ao contrário, ela fez e faz parte de um corpo integral e coerente de conhecimentos, isolada do qual só pode sobreviver como páida caricatura de si mesma. É precisamente o que acontece hoje em dia.

Ignorando a filiação orgânica que dava sentido e vida à ciência que praticam, os astrólogos contemporâneos procuram, ora constituí-la em bases autônomas, desde o zero, gerando-a completa no seio de suas próprias especulações individuais, ora inseri-la - melhor dito, espremê-la - no quadro estabelecido da ciência universitária moderna e do gosto cultural vigente. No primeiro caso, descambam nas piores fantasias "ocultistas" e somente atraem o descrédito. No segundo, a adaptação desejada e feita à força de cortes, ajustes e inserções que acabam por mutilar e desnaturar completamente a astrologia.

Este capítulo pretende dar algumas indicações sobre o que é astrologia. O que é, e não o que desejaríamos que fosse, ou o que a mentalidade atual - seja na sua vertente "ocultista", seja na sua vertente "científica" - desejaria que fosse. Para tanto, devemos ater-nos à lição da boa fenomenologia e, nas palavras de Henry Corbin <sup>2</sup>, descrever nosso objeto "tal como ele se apresenta àqueles a quem se apresenta".

---

<sup>2</sup> Henry Corbin, *En Islam iranien. Aspects spirituels et philosophiques*, Paris, Gallimard, 1971, t. I, p. XXVII.

Mostrá-lo tal como foi visto por quem o viu, e não tal como o entendeu tal ou qual ouvinte de segunda ou terceira mão. Vamos, portanto, perguntar o que é astrologia a quem efetivamente possuiu uma astrologia, e não a quem, não possuindo nenhuma, procure inventá-la, improvisá-la ou mesmo negar-lhe a possibilidade de existência.

Ora, os documentos que atestam a existência de um corpo de conhecimentos astrológicos em varias civilizações - passadas e presentes, incluindo a Ocidental pré-renascentista - bastam para lotar muitas bibliotecas, e nada justifica seu desconhecimento por parte daqueles que, como advogados, juizes ou acusadores, se aventuram a falar do assunto.

Tão logo vamos a esses documentos, descobrimos que, em todas essas civilizações, a astrologia estava vinculada, em linha vertical, descendente, a pelo menos três ciências mães - a metafísica, a cosmologia, a teologia - e, em parentesco de similaridade horizontal, a seis ciências irmãs: a gramática, a música (ou estética em geral), a lógica, a retórica, a aritmética e a geometria. (Desnecessário sublinhar que nenhuma dessas ciências tinha nem os objetivos nem o significado de suas homônimas de hoje.) Do primeiro grupo, ela extraía seus princípios, ou fundamentos. Com as ciências do segundo grupo, tinha relações de contiguidade e analogia, pois representavam aplicações dos mesmos princípios a outros domínios do real <sup>3</sup>.

Amputada de suas ciências mães, a astrologia vê-se como um aglomerado de regras arbitrárias, vagamente fantásticas e destituídas de qualquer fundamento, se não de qualquer significado. Isolada de suas ciências irmãs, fica como um desenho sem proporção nem perspectiva, pois, se todas convergiam com ela em direção aos

---

<sup>3</sup> As formas de estruturação desse conjunto, e portanto os critérios de diferenciação entre os campos das distintas ciências, variam ligeiramente de civilização para civilização. Na Índia, por exemplo, o corpus total é constituído de dezasseis disciplinas, e não de dez como no nosso exemplo. V. René Guénon, *Introduction générale à l'étude des doctrines hindoues*, Paris, Editions Vega, 1976, p. 205s.). Aqui adoptei, a título de exemplo, a estruturação vigente no Ocidente medieval, por ser a mais facilmente compreensível. Ela deveria, no entanto, ser completada com mais uma disciplina - a alquimia -, mas esta corresponde à parte prática da qual o corpo disciplinar mencionado é a base teórica; de modo que o que mais adiante digo sobre a realização espiritual que deve completar esses estudos é uma referência às técnicas alquímicas, entendidas como técnicas espirituais e não como uma "química". V. Titus Burekhardt, *Alquimie: sa signification et son image du monde*, Milano, Arche, 1979.

mesmos princípios, como os raios de um círculo convergem no centro, é somente a junção de todas as contiguidades que assinalava a cada uma seu território preciso, e portanto o perfil de seu estatuto epistemológico; a amputação desse contorno resulta na perda de toda referência espacial e na confusão de todos os domínios; o objeto próprio de estudo da astrologia fica assim nimbado de uma aura de irrealidade, hoje em dia ninguém sabe defini-lo direito <sup>4</sup>.

Somente a reinserção da nossa ciência no quadro das suas coordenadas originárias permitira restaurar o perfil dessa nobre dama, em tão má hora sequestrada por bandoleiros e posta a servir de repasto à libertinagem dos grão-senhores nos bordeis de uma nova Babilónia.

Essas observações preliminares fornecem ao leitor, desde já, um critério seguro para saber se esta falando com um conhecedor do assunto ou com um charlatão, ignorante e falsário (envernizado ou não nas tinturas académicas): o astrólogo de raça há-de saber, por um lado, enunciar os princípios metafísicos, cosmológicos e teológicos em que se fundam as regras astrológicas que aplica, e, por outro, converter essas regras nos seus equivalentes gramaticais, lógicos, estéticos, etc.

Mas é preciso, ademais, que esse homem de erudição seja ainda um homem de espiritualidade, marcado pela vocação da convergência de todos os conhecimentos na luz unificante do *Intellectus primus*, ou Logos, ou Verbo Divino. Pois aqui não se trata de conhecimentos esparsos, mas de um saber perfeitamente integrado no eixo de uma realização espiritual pessoal, que é a finalidade última a que tudo isso deve ordenadamente concorrer. Ausente a marca desse carisma, - e de todos os sinais secundários que devem acompanhá-lo, como a piedade, a rectidão interior inflexível, a obediência antes à voz do Intelecto do que as demandas da mundanidade e do bom-tom -,

---

<sup>4</sup> Por exemplo, alguns definem a astrologia como o estudo das "influências astrais" (entendidas como radiações energéticas), outros como estudo de puras "coincidências sincrónicas"; alguns vêem nos astros as causas de nossos comportamentos, outros como a projecção do nosso psiquismo individual ou coletivo. Como supor que exista alguma unidade numa ciência que define seu objecto em modo tão variado?

ausentes esses sinais, não se estará em presença de um intérprete autorizado das configurações celestes <sup>5</sup>.

Tão estreita e inseparável é aliás a integração entre todos esses conhecimentos que, só para dar um exemplo, cada uma das ciências em questão é representada por um dos planetas (a gramática pela Lua, a retórica por Vénus, a lógica por Mercúrio, a aritmética pelo Sol, a música por Marte, a geometria por Júpiter, e a astrologia por Saturno) <sup>6</sup>. O desconhecimento de qualquer delas, por parte do astrólogo, revelaria uma lacuna na sua compreensão do simbolismo do planeta que a representa, e não seria assim uma mera falha de erudição, exterior e casual, mas uma deficiência intrínseca do seu saber propriamente astrológico.

Do mesmo modo, o músico que ignorasse as correspondências planetárias dos distintos ritmos e tonalidades não poderia compreender as harmonias do mundo, de modo que sua arte estaria condenada a rastejar ao rés das meras sensações e sentimentos corriqueiros, impotente para elevar-se à colaboração na grande liturgia cósmica a que todas as artes, na concepção tradicional, devem concorrer. A ignorância da astrologia acabaria por impedi-lo de ser um músico na plena acepção do termo <sup>7</sup>.

Esse critério tem dois limites. Primeiro, que só pode reconhecer o sinal de uma vocação aquele que também a possua em seu próprio nível e modalidade. Tanto melhor para os astrólogos de verdade, que não se verão julgados por juízes incapazes. Segundo, que é uma peneira fina, e a maioria daqueles que hoje se fazem passar por astrólogos não passaria por ela. Tanto melhor para o leitor, que se verá poupado de um sem-número de erros e desvarios.

---

<sup>5</sup> "Em toda operação de uma arte tradicional como a astrologia intervém uma inspiração mais ou menos direta, e que depende da participação (do astrólogo) numa influência espiritual (proveniente de uma linha de ensinamento tradicional e ortodoxa - N. T.) Não existe, aliás, ciência verdadeiramente "exacta" sem uma tal intervenção "vertical". V. Titus Burckhardt, *Clé spirituelle de l'astrológie musulmane d'après Mohyiddin Ibn Arabi*, Milano, Arche, p. 54.

<sup>6</sup> Dante Alighieri, *Convívio*, tratado II, cap. XIII (Obras Completas), trad. espanhola, Madrid. B. A. C., 1973, p. 604-605). V. ainda René Guénon, *O Esoterismo de Dante*, trad. portuguesa, Lisboa, Vega, 1978, p. 20 a 23.

<sup>7</sup> Boetii, *De música*, em Migne, *Patrologia Latina*, v. LXIII. V. ainda Kepler, *The harmonies of the world*, Book five, trad. Charles Glenn Wallis, Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1952 (col. Great Books of the Western World, v. 16).



Por outro lado, o mesmo liame orgânico que filia a astrologia a um complexo tão vasto de conhecimentos impede que adotemos, neste trabalho, um modo de exposição serial, que vá dos princípios às suas consequências em modo coerentemente lógico, não acabaria nunca. Mas falar somente da astrologia, sem enunciar os seus princípios (supra-astrológicos) seria falar do nada com base em coisa nenhuma.

Optei, assim, por um critério médio. Sem a menor pretensão de dar nem a mais mínima ideia do panorama geral da astrologia e de suas conexões, procurarei tratar somente de algumas questões astrológicas seleccionadas - como, por exemplo, certos aspectos do simbolismo dos planetas -, enfocando-as simultaneamente pela ótica de várias das ciências irmãs (com destaque, evidentemente, para o prisma da astrologia propriamente dita), e deixando apenas transparecer, no fundo, os princípios superiores que enformam e governam tais enfoques.

Com isso, pretendo jogar o leitor desde logo dentro de um outro modo de ver, que não é nem o do "ocultismo", nem o da "ciência moderna", mas que é o modo de ver próprio e autêntico das civilizações e épocas onde floresceu uma astrologia, civilizações essas que se enquadram na categoria daquelas a que Rene Guénon chamou "tradicionais" <sup>8</sup> e Mircea Eliade, com menor propriedade, "arcaicas" <sup>9</sup>.

O preço desse método é caro, para mim como para o leitor. Para mim, implicara ser demasiado compacto ou obscuro em certos trechos; para o leitor, restara a obrigação de uma leitura muito cerrada, muito contínua e cuidadosa, que não pule nem perca nenhum passo da progressão do argumento. Pois o que aqui interessa não é só o conteúdo explícito deste último, mas sobretudo sua forma implícita, sua estrutura, que procurará reproduzir, na condução do discurso, a estrutura cognoscitiva, o *modus cognoscendi* da própria astrologia - e, por extensão, de todas as demais ciências tradicionais.

Assim, mais que um estudo informativo - que as dimensões do livro não comportariam - o presente trabalho se oferece como uma experiência intelectual a ser realizada pelo leitor; a experiência de

---

<sup>8</sup> René Guénon, *La crise du monde moderne*, Paris, Gallimard, 1956.

<sup>9</sup> Mircea Eliade, *Le mythe de l'éternel retour*, Gallimard, Paris, 1969, p. 13s.

pensar e ver como pensavam e viam as civilizações tradicionais, ou, se quiserem, arcaicas <sup>10</sup>. E o mais surpreendente, na ciência dessas civilizações, é o seu grau de síntese, de unidade. Numa civilização tradicional, não ha praticamente nenhuma expressão da cultura que não esteja organicamente ligada ao corpo de princípios fundamentais que sustenta essa civilização. Isso dá ocasião a muitas confusões, quando o estudioso moderno, intoxicado de noções fragmentárias, tenta penetrar o universo desse conhecimento e desmembrá-lo segundo os padrões actuais.

Um traço marcante da ciência tradicional e que sua meta não se esgota no discurso, na formulação racional dos dados, mas vai além e visa uma transformação profunda do sujeito cognoscente. Ela nunca é uma ciência anônima, voltada a um sujeito igualmente anônimo e quantitativo, mas visa sempre a um sujeito humano concreto, que ao absorvê-la, nunca mais será o mesmo.

Daí que, por um lado, essa ciência, pela necessidade de síntese, se expresse antes em símbolos do que em modo discursivo, o que e um obstáculo para o leitor moderno. E daí também que, ao propor ao homem uma transformação, uma conversão da mente, ela surja como uma ciência atemorizante, e desperte no leitor atual toda sorte de fantasias premonitórias lúgubres, que o levam a identificá-la com a bruxaria, com o ocultismo e com todas as coisas que povoam os *bas-fonds* do psiquismo contemporâneo.

Se o objetivo do conhecimento tradicional e uma metanóia, uma conversão desde a opacidade empírica exterior até a cristalinidade da visão interior, e claro que não vamos realizar esse objetivo aqui, nas dimensões deste trabalho. Tudo o que podemos fazer e dar algumas indicações que sugiram o tipo de trajeto a ser percorrido, e as condições intelectuais requeridas para a caminhada.

A astrologia - cintilante princesa dessa constelação de ciências - servirá para nós, de um lado, como assunto e pretexto; de outro, como molde e estrutura para a organização do argumento.

---

<sup>10</sup> Na verdade, tanto o termo "tradicional" quanto o termo "arcaico" podem induzir em confusões. Segundo Guénon, civilização tradicional é aquela onde todas as expressões da vida estão unificadas em torno de princípios metafísicos originários e revelados. Segundo Eliade, o homem arcaico é aquele que vive ainda próximo a uma situação edénica, portanto aos princípios (*arkhé*) originários. A definição de Guénon é antes técnica e rigorosa, a de Eliade é mais impressionista e psicológica.

Aliás, o termo mesmo de mapa celeste evoca a ideia de orientar-se espacialmente num domínio translúcido, incorpóreo, etéreo; a ideia de dar um corpo estrutural a conteúdos espirituais; a ideia de desenhar o invisível; pois o Céu é uma realidade puramente visual, sem nenhuma proximidade corpórea, e o mapa o traz para perto de nós. Nada mais natural, portanto, do que basearmo-nos no movimento dos céus para estruturar os nossos mundos interiores. E a ideia de corporificar o invisível e o que se expressa no simbolismo do planeta Saturno, o qual, e não por coincidência, simboliza também a astrologia, segundo Dante.

Mas, note-se: não se trata de um "modelo", arbitrariamente escolhido por um investigador académico, para espremer dentro dele os dados do problema e produzir combinações mais ou menos engenhosas.

Trata-se antes do modelo por excelência, do molde natural e paradigmático das nossas especulações, pois todos os modelos que possamos inventar - a estrutura ternária do silogismo, a andadura rítmica da dialéctica, os quadros e grades dos estruturalistas, os fluxogramas dos economistas, e assim por diante - todos remetem, enfim, a um quadro originário espaço-temporal que é imanente ao psiquismo humano e congenitamente homólogo ao espectáculo do orbe celeste que nos rodeia. E como poderia deixar de ser assim, se as estruturas psíquicas e perceptivas dos entes de todas as espécies têm de ter, por força, uma correspondência analógica com a estrutura da sua circunstância, do seu *Unwelt*, para usar o termo dos biólogos alemães?

Assim, para não dizermos, com Claude Lévi-Strauss <sup>11</sup>, que a astrologia foi um estruturalismo avant la lettre (o que é uma singular maneira de o antropólogo do *Musée de l'Homme* colocar-se a si mesmo no topo da evolução milenar do conhecimento humano), diremos, antes que o estruturalismo, o funcionalismo, a dialéctica, o enfoque sistémico e quantos mais modelos explicativos as ciências humanas têm proposto nos últimos decénios não são mais do que aplicações parciais, fragmentárias e mutuamente isoladas, de

---

<sup>11</sup> Dito em entrevista à revista francesa *l'Astrologue*.

possibilidades intelectivas que, no corpo simbólico da astrologia, são oferecidas todas de uma vez e organicamente integradas <sup>12</sup>.

Aliás, se não fosse assim, o modelo astrológico não poderia ter estado presente, como esteve, em todas as grandes sínteses da metodologia e do conhecimento, já alcançadas em momentos privilegiados da história da cultura. Se querem alguns exemplos, e nesse modelo que se estruturam:

A *Ars Magna* de Raimundo Lullio, entrelaçamento de todas as metodologias num corpo integrado de critérios, concebido por um monge missionário-filósofo inspirado, e depois celebrado popularmente no Jogo das Contas de Vidro (*Glasperlenspiel*) de Hermman Hesse <sup>13</sup>.

A Enciclopédia dos Irmãos da Pureza (Ijwan a-Cafa), suma integrada do esoterismo e da ciência islâmica, realizada por uma comunidade sufi da cidade de Basra, no século IX da Era Cristã <sup>14</sup>.

A cosmologia de Santo Isidoro de Sevilha (século VI), um dos maiores sábios e filósofos de todos os tempos <sup>15</sup>.

A estruturação das ciências por Boetius, fundador da Escolástica e mestre de todos os eruditos europeus durante quase mil anos <sup>16</sup>.

A cosmologia de João Escoto Erígena <sup>17</sup>(16).

E assim por diante. Mais recentemente, assistimos a uma formulação de uma Criteriologia, pelo filósofo vienense Arnold Keyserling (filho do conde Hermann Keyserling), nas mesmas bases. <sup>18</sup>(17).

---

<sup>12</sup> A redução de todas as metodologias esparsas da ciência humana actual à unidade da síntese tradicional é proposta pelo grande antropólogo Gilbert Durand como saída para a actual "crise das ciências humanas". V. Durand, *Science de l'Homme et Tradition*, Paris, Tête de Feuilles - Sirac, 1979.

<sup>13</sup> Card. Ottaviano, *L'ars compendiosa de Raymond Lulle*, Paris, Vrin, 1956.

<sup>14</sup> V. Seyyed Hossein Nasr, *An introduction to Islamic cosmological doctrines*, London, Thorsons, 1978, pp. 25-104.

<sup>15</sup> Sancti Isidori, *Liber númeroorum, De natura rerum e De ordine creaturarum liber*, in Migne, *Patrologia Latina*, v. LXXXIII.

<sup>16</sup> Boetius, *op. cit.*, e mais, *The consolation of philosophy*, trad. V. E. Watts, Hamondsworth, Penguin Books, 1978. V. ainda Edgard de Bruyne, *Estúdios de estética medieval*, trad. Armando Suáres, O. P., Madrid, Gredos, 1958, v. 1, p. 13-43.

<sup>17</sup> V. Etienne Gilson, *La philosophie au Moyen-Age*, Paris, Payot, p. 19-26.

<sup>18</sup> Arnold Keyserling, *Kritik der organischen Vernunft*, Wein, Verlag der Palme, 1970. Infelizmente, o sr. Keyserling, embora fazendo uso de alguns dados tradicionais,

Para que compreendam que essa virtualidade da astrologia é conhecida desde sempre, não constituindo nenhum segredo, extraímos este parágrafo do *Timeu*, de Platão, que fica colocado aqui como norma e bússola a fixar a verdadeira direcção e vocação dos estudos astrológicos, e, portanto, o método do presente estudo:

"De todas as especulações que actualmente se podem fazer sobre mundo, nenhuma teria sido possível se os homens não tivessem visto nem os astros, nem o Sol, nem o Céu. Porém, na situação efetiva, existem o dia e a noite, os equinócios, os solstícios, coisas que nos deram o conhecimento do número e nos permitiram especular sobre a essência do universo. Graças a isso foi-nos dada essa espécie de ciência, da qual se pode dizer que nenhum bem maior foi jamais dado ao homem... O motivo pelo qual Deus criou a visão foi seu pré-conhecimento de que, tendo nós humanos observado os movimentos periódicos e regulares da inteligência divina nos céus, poderíamos fazer uso deles em nós mesmos: tendo estudado a fundo esses movimentos celestes, que são partícipes da rectidão da inteligência divina, poderemos então ordenar por eles nossos próprios pensamentos, os quais, deixados a si mesmos, não cessam de errar" <sup>19</sup>.

Coordenando, em seu simbolismo, as três condições essenciais da nossa percepção do mundo - o espaço, o tempo e o número -, a astrologia e assim o modelo normal e primordial do conhecimento integrado. Foi, por isso, chamada também *mathesis*, "medida", *mathesis universalis*, a medida estruturante de todas as coisas e conhecimentos, o sistema de padrões e critérios em que se estrutura, de um lado, nossa percepção do cosmos e, de outro, nossa cultura.

Eis aí, então, uma primeira definição do que é astrologia - e, como o leitor deve ter reparado, ela é bem diferente do quanto se oferece com esse nome no mercado negro da pseudo-espiritualidade contemporânea.

Mas, com essa definição, voltamos a um tema enunciado paginas atrás: o conhecimento integrado, por ser integrado, não tem

---

encaixa-os à força num esquematismo gurdjieffiano que põe a perder seus melhores esforços.

<sup>19</sup> *Timaeus*, 47 c.

como ser expresso em modo extensivo. Ao contrário, ele demanda a síntese, ele tende antes a intensidade intelectual do que à extensividade discursiva.

Dá o amplo uso do simbolismo. O que seja a ciência tradicional do simbolismo, veremos no capítulo II. Por enquanto interessa assinalar que um conhecimento intensivo, sintético, integrado, requer um conhecedor igualmente integrado e que portanto ninguém avançará pelo caminho desta ciência sem integrar num feixe harmônico as forças e representações dispersas que ora combatem entre si pela posse do seu psiquismo. Os estudos tradicionais são normalmente acompanhados de uma prática que, restaurando a capacidade de concentração, de persistência, de atenção continuada, organize o orbe todo do psiquismo numa roda em torno de um eixo, que é a própria atenção; esta por sua vez, transporta o estudante para um estado de inteligência continuada, isto é, um estado de clareza e evidência que lhe permite assimilar conhecimentos extremamente complexos sem maior dificuldade. Esta floração intelectual e um dos primeiros degraus a serem galgados no processo de conversão, ou metanóia. No esoterismo islâmico, os degraus da realização espiritual são contados em número de cem <sup>20</sup>.

O estudo teórico, a integração teórica dos conhecimentos para a qual a astrologia é, no caso, a ferramenta por excelência - deve, portanto, ser entendida apenas como preliminar de um caminho que deve terminar pela regeneração completa do psiquismo do estudante, e pela conquista de um estado permanente de evidência intuitiva. O corpo de técnicas que concorrem para esse fim é o que se denomina esoterismo, como sinónimo de "interiorização", e que não se confunde de modo algum com o "ocultismo", a magia, a bruxaria, os poderes psíquicos reais ou fingidos, etc. <sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> V. Laleh Bakhtiar, *Sufi: expression of the mystic quest*, London, Thames and Hudson, 1979, p. 96.

<sup>21</sup> Pode-se recorrer com proveito ao manual de Luc Benoist, *O Esoterismo*, trad. Fernando G. Galvão, São Paulo, Difel, 1970, ou caso se deseje uma informação mais aprofundada, estudar as distinções definidas e estabelecidas por René Guénon em *La Crise du monde moderne* (op. cit., v. supra, nota 8); *Le règne de la quantité et les signes des temps*, Paris, Gallimard, 1945, e *Le théosophisme. Histoire d'une pseudo-réligion*, Paris, Éditions Traditionnelles, 1978. V. ainda o precioso estudo apresentado por Marina Scriabine, sob o título *Contre- initiation et contre-tradition* ao Colóquio Internacional de Cerisy-La-Salle de 1973, sobre a obra de René Guénon, as Actas do Colóquio, sob

Recapitulando; (I) a astrologia faz parte de um conjunto harmónico de conhecimentos, que inclui varias ciências; (II) ela mesma, pelo seu simbolismo do espaço, do tempo e do número, representa uma síntese - simbólica, e não extensiva - desse corpo de conhecimentos; (III) a aquisição do conhecimento integrado sempre foi entendida, em todas as civilizações tradicionais - incluindo o Ocidente medieval - como preliminar de uma realização espiritual pessoal, a qual deve levar o estudante à reconquista de certas capacidades humanas originárias, como por exemplo um estado permanente de evidência intuitiva e, portanto, de certeza e de paz.

Tais são, em linhas gerais, os critérios que vão orientar os próximos capítulos. Se a astrologia, nas épocas de decadência, se vê reduzida a um instrumento real ou falsamente preditivo, destinado a aplacar ou a excitar os temores e fantasias mundanos, isto não vai impedir-nos de compreender e estudar essa ciência segundo a sua verdadeira natureza, que é a *mathesis universalis*, e, portanto, de uma via de acesso ao Ser.

Se ao mundano só ocorre olhar os astros para perguntar "o que será" amanhã ou depois, nos havemos de olhá-los em busca do que "sempre foi, é e será".

## CAPÍTULO II

### A DIALÉCTICA SIMBÓLICA

"(Juro) pelo róseo crepúsculo da manhã; pela noite e quanto envolve;  
e pela Lua, quando cheia: passareis de plano a plano".

*Alcorão Sagrado: LXXXIV, 16-19*

Vistos da Terra, o Sol e a Lua têm o mesmo diâmetro aparente: meio grau de arco. Em contrapartida, todas as suas demais qualidades sensíveis - cor, temperatura, etc. - cor simetricamente opostas. Isto faz deles o emblema por excelência de todas as oposições máximas e irredutíveis, modeladas pelo esquema de dois pontos divergentes e equidistantes de um terceiro ponto central: por ocasião da Lua cheia, a Lua que se põe e o Sol que se levanta, ou a Lua que se levanta enquanto o Sol se põe, formam a imagem perfeita do equilíbrio dos contrários, com a Terra no meio como fiel da balança.

É uma imagem que nos ocorre naturalmente, quando queremos evocar a ideia de equilíbrio, a propósito, digamos, do ativo e do passivo, do masculino e do feminino, do claro e do escuro, de tudo quanto, enfim, a cultura chinesa resumiu sob os conceitos do *yang* e do *yin*.

Sendo uma imagem fácil de gravar, e dotada de grande poder evocativo e mnemónico (proveniente, aliás, da homologia estrutural entre a psique humana e a esfera celeste, como veremos), era natural que, em nosso tempo, os meios de comunicação se apossassem dela, utilizando-a como instrumento para fixar na imaginação do consumidor a mensagem das novas dietas, programas de ginástica e outros *gadgets* ideológicos que entraram no mercado através do naturismo *hippie* e das doutrinas pseudo-orientais. O abuso do emblema luni-solar veio junto com a vulgarização do *yin* e do *yang*.

Apesar da vulgarização, a imagem e o conceito que evoca são perfeitamente adequados à realidade que pretendem expressar; a lei da mútua compensação dos contrários não é uma pura fantasia, mas algo que efetivamente vigora em muitos planos e setores da experiência, e que aliás pode ser observado e deduzido da natureza, por exemplo no caso dos vasos comunicantes ou do equilíbrio ácido-



básico. Dentro dos seus limites, e um princípio explicativo perfeitamente válido, que funciona para um certo número de casos.

Tão logo passamos, porem, do conceito abstrato de equilíbrio para a

tentativa de equilibrar realmente alguma coisa concreta - por exemplo, quando aprendemos a andar de bicicleta -, verificamos que a nossa imagem de perfeita simetria se esboroa ao solavanco de sucessivas decepções: de facto, não existe equilíbrio perfeitamente estático em parte alguma do mundo sensível. Uma vez atingido o momento de equilíbrio, o ponto central desliza, o conjunto escapa da simetria fugaz e cai; e voltamos a enfrentar a oscilação dos contrários. Notamos assim que, na experiência vivida, o ponto de equilíbrio não é propriamente um ponto, mas uma linha; e não é mesmo uma linha reta, mas uma linha sinuosa, que, gingando aos lados de um eixo meramente ideal, vai compensando as tensões de cá e de lá e compondo com o jogo do desequilíbrio das partes o padrão do equilíbrio instável do todo.

Na homeopatia, por exemplo, raciocina-se frequentemente assim.

Um sintoma aparentemente alarmante - febre, sangramentos, supurações - manifesta certamente um desequilíbrio, mas o homeopata poderá não medicá-lo de maneira alguma se julgar que esse desequilíbrio parcial terminará por reconstituir o equilíbrio do organismo total. Inversamente, ele poderá receitar um medicamento que rompa um estado de equilíbrio aparente, para induzir desde o fundo das tendências orgânicas a formação ascensional de um novo e mais arraigado padrão de equilíbrio.

Convenhamos que esse raciocínio é bem mais sutil e completo do que o anterior. Ele permite ir mais fundo na compreensão do real. Por exemplo, se nossos "naturalistas" pseudo-orientais estudassem um pouco do método hahnemanniano, acabariam constatando - antes tarde do que nunca - que não existem alimentos *yin* nem alimentos *yang*, mas sim alimentos que, num certo quadro preexistente, assumem provisoriamente um papel *yin* ou *yang*, o qual também pode inverter-se com a evolução posterior do quadro; aliás a tradição chinesa é categórica ao afirmar que a dualidade *yin-yang* e "o extremo limite do cosmos"; que, portanto, um e outro só existem como tais no

plano do cosmos total <sup>22</sup>; e que os entes individuais não somente são compostos de distintas dosagens desses dois princípios, mas que essa dosagem vai sendo progressivamente mais complexa e indireta a medida que descemos do plano universal para os planos mais particulares; de modo que para avaliar se um ente qualquer - digamos, um nabo - é *yin* ou *yang*, seria preciso ponderar uma quantidade-praticamente indefinida de variáveis, entre as quais, obviamente, o momento e o lugar. Tais finuras jamais escaparam aos chineses. É somente a tola grosseria da nossa "cultura de massas" que imagina poder exprimir conceitos cosmológicos em quadros e tabelinhas dietéticas de correspondências rasas, lineares e, ademais, puramente fictícias.

Mas, voltando atrás, qual é a diferença precisa entre os dois raciocínios que acabamos de presenciar? No primeiro, os dois termos eram opostos estaticamente pela equidistância a um centro. Mas, se passamos da ideia de equilíbrio estático à de equilíbrio dinâmico, isto é, se passamos do conceito abstrato a experiência concreta e assim verificamos que o equilíbrio não é feito somente de simetria e equidistância, mas também de interação, de conflito e de colaboração entre os dois pólos, então estes já não são opostos, e sim complementares. Já não são apenas as extremidades de um contraste, mas as matrizes de uma harmonia, tão adequadas e complementares entre si quanto o sêmen e o óvulo, o arco e a corda, a vibração sonora e a resistência do tímpano. Já não nos falam somente pela sua equidistância fixa, por assim dizer cristalizada no céu, mas por seu convívio amoroso, grávido de tensões e possibilidades.

Aprofundando mais a diferença, verificamos que, ao trocarmos de ponto-de-vista, introduzimos a variável tempo.

Em termos de lógica, podemos dizer que o primeiro raciocínio é um raciocínio de identidade e diferença, enquanto o segundo é um raciocínio dialético (no sentido hegeliano do termo). Os hegelianos sempre acusaram a lógica de identidade de ser puramente estática, de visar antes a abstrações formais do que a coisas concretas, imersas no fio do tempo, submetidas a transformações incessantes. O raciocínio dialético pretende apreender o movimento - por assim dizer, vital - das transformações reais fenoménicas. A verdade, segundo este

---

<sup>22</sup> René Guénon, *La Grande Triade*, Paris, Gallimard, 1957, p. 39-45 (cap. IV, "Yin" et "Yang").

método, não está no conceito fixo dos entes isolados, mas no processo lógico-temporal que ao mesmo tempo os revela e os constitui. É o sentido da famosa fórmula de Hegel: *Wesen ist was geworden ist*. "A essência (de um ente) é aquilo em que (esse ente) se transformou". Ou, em outros termos: ser, é devir.

Na astrologia, o símbolo que evoca esse segunda enfoque e o do ciclo lunar. Este projeta na tela dos céus o espetáculo da permanência na mudança, do ser que se revela e se constitui no devir. De facto, são as mutações da face lunar que acabam por mostrar ao homem a unicidade da fonte de luz: o Sol. Ora, o Sol quase nunca pode ser olhado diretamente. Na fórmula preciosa de Chesterton, "a única coisa criada à luz da qual olhamos todas as coisas e a única coisa para a qual não podemos olhar". O Sol é, assim, uma invisível luminosidade. A lua, por seu lado, pode ser vista com seu claro perfil recortado no céu, mas, para compensar, este perfil não é constante. Assim, cada uma das luminárias aparentes tem algo de esquivo, para não dizer de equívoco: um foge ao olhar direto por seu brilho excessivo, outra foge à cristalização conceptual, por sua forma cambiante. Ora, esta forma atravessa nitidamente três fases, ou faces (a quarta face, a Lua nova, e invisível): na primeira, ela parece crescer como fonte de luz progressivamente independente. Aí atinge uma plenitude: temos a equivalência plena de dois círculos luminosos de meio grau de arco. Se ela se detivesse nesse ponto, diríamos: há duas fontes de luz no céu. Mas o momento da sua plenitude já anuncia o declínio, já contem o germe da sua supressão; e vem a minguante, e enfim a Lua desaparece: o Sol, que durante todo esse tempo permanecera constante sob a sua capa luminosa, revelou-se - para o intelecto observador: constituiu-se - como fonte única real de luz, expressa e desdobrada temporalmente pelo compasso ternário da sua superfície reflectante, a Lua.

Pelo simbolismo astrológico tradicional <sup>23</sup>, o Sol representa a inteligência, a verdade, e a Lua a mente, o raciocínio: na dialéctica, uma verdade latente se constitui no espírito humano pelo processo do devir que a patenteia, que a verifica.

Se a balança do Sol e da Lua no horizonte, contemplada estaticamente na ocasião da Lua cheia, figurava o equilíbrio estático

---

<sup>23</sup> René Guénon, *Symboles de la science sacrée*, Paris, Gallimard, 1962, p. 395-405 (cap. LXX, "Coeur et cerveau").

dos contrários, e portanto, a lógica de identidade e diferença, o ciclo lunar integral, contemplado na sua sucessão temporal, estampa nos céus a andadura ternária do pensamento dialético e o "sempiterno fluir" das coisas da natureza.

O raciocínio dialético tem um parentesco próximo com o raciocínio de causa e efeito, com a ideia de continuidade da mesma causa latente por sob a processão dos efeitos. O ciclo lunar pode, assim, representar indiferentemente o enfoque dialético ou o enfoque causal.

Se o raciocínio de identidade e diferença <sup>24</sup> e simples, direto e baseado na constatação de correspondências imediatamente oferecidas aos sentidos ou à inteligência, o raciocínio dialético demanda operações bem mais complexas, e o acompanhamento de todo um ciclo de transformações.

Houve, assim, uma passagem de plano, uma subida de nível: ao passarmos da oposição estática à complementaridade dinâmica, do raciocínio estático ao dialético, mudamos de posto de observação e um novo sistema de relações se evidenciou no espetáculo das coisas.

Parecemos ter chegado mais perto da realidade efetiva, abandonando os esquemas meramente formais e as armadilhas da nossa própria subjetividade.

Parecemos, assim, ter chegado a uma solução para a oposição colocada inicialmente: ao introduzirmos a variável "tempo", a oposição resolveu-se numa complementação.

Mas, bem examinadas as coisas, verificamos que a dialética só resolveu um problema a custo de criar outro: ao resolver a oposição entre o Sol e a Lua instalou em seu lugar a oposição entre o estático e o dinâmico. Se é uma fatalidade que todas as oposições estáticas possam se resolver pelo raciocínio dinâmico, não é menos verdade que elas só podem se instalar, inicialmente, pela formulação estática e abstrata dos conceitos de seus elementos. Como poderíamos "fluidificar" dialéticamente a oposição entre o Sol e a Lua se não

---

<sup>24</sup> Algo de bem parecido com a sequência de passagens do plano a plano que estamos oferecendo pode ser encontrado no livro de Philippe D'Arcy, *La Réflexion*, Paris, P. U. F. As quatro etapas que mostramos correspondem respectivamente ao que ele denomina: 1º, estágio do objeto; 2º, estágio do sujeito; 3º, estágio do Eu Transcendental; 4º, estágio do Sol ou estágio do meio luminoso; estes correspondem aos quatro tipos de raciocínio - identidade, causa-e-efeito, analogia, conveniência - assinalados por Eugène Caslant em *Les bases élémentaires de l'astrológie*, Paris, Éditions Traditionnelles, 1976, v. 1, cap. II, p. 21-22.

soubéssemos o que e Sol nem o que e Lua, isto é, se os conceitos destes dois astros não fossem estáticos? Doravante estamos condenados a uma dualidade radical, que separa com um biombo de ferro o pensamento e a realidade: nossos conceitos serão sempre estáticos, a realidade será sempre dinâmica. A dialética desemboca no dualismo metodológico de Bergson <sup>25</sup> e Bachelard <sup>26</sup>.

Para piorar ainda mais as coisas, a própria dialética, para entrar em acção, tem de introduzir novos conceitos, que serão igualmente estáticos, inclusive o próprio conceito de dialética. Estes conceitos poderão ser em seguida dialetizados por sua vez, e assim por diante interminavelmente.

Se, na sentença de Heráclito, avô da dialética, "nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio", podemos perguntar se esta sentença de Heráclito chega a ter duas vezes o mesmo sentido.

A dialética vê-se, desse modo, ante um trágico dilema: optar por um discurso interminável - o qual, não possuindo limites, deixa de ter qualquer conteúdo identificável, como bem o assinalaram os críticos neo-positivistas de Hegel <sup>27</sup> - ou determinar arbitrariamente, e irracionalmente, portanto, um ponto final qualquer para o processo dialético. Hegel, como se sabe, fez de si mesmo o ponto final da história da filosofia, e a filosofia teve o desprazo de continuar existindo depois dele.

Urge, portanto, passar acima da dialética, galgar mais um degrau, subir a um enfoque mais vasto e abrangente. E, novamente aqui, será o modelo celeste que vai nos socorrer, seguindo a advertência de Platão de que, sem nos orientarmos pelos lineamentos de inteligência divina cristalizada nos ciclos planetários, nossos pensamentos não cessam de vagar de erro em erro.

Ocorre que os dois pólos da nossa oposição inicial só podem ser ditos contrários - ou, em seguida, complementares -, quando vistos no mesmo plano, isto é, quando, medidos pelo mesmo padrão, resultam em grandezas similares. Na passagem do raciocínio estático ao dinâmico, algo certamente se alterou - o modo de representação -,

---

<sup>25</sup> Henri Bergson, *Introduction à la métaphysique*, in *Oeuvres*, Paris, P. U. F., 1970, p. 1392s.

<sup>26</sup> Gaston Bachelard, *Le nouvel esprit scientifique*, Paris, P. U. F.

<sup>27</sup> Como, por exemplo, Bertrand Russel na sua *História da filosofia ocidental*, trad. brasileira, São Paulo, Nacional, t. III.

mas algo permaneceu tal e qual: o ponto de vista do observador; em ambos os casos, supusemos que este estava instalado na Terra; primeiro, contemplando o momento do equilíbrio do Sol e da Lua no horizonte; depois, acompanhando o ciclo de transformações durante um mês lunar; mas sempre desde o mesmo lugar.

Todas as oposições (e todas as complementaridades portanto) fundam-se em alguma característica comum, que se polariza inversamente num elemento e no outro; isto é, as oposições são diferenças acidentais que resultam de um fundo de identidade essencial; a complementaridade consiste apenas em reconstituir, em seguida, esse fundo de identidade essencial, que um momento do processo havia velado, e que o acompanhamento do processo todo volta a desvelar, tal como o Sol e a Lua podem velar-se um ao outro no momento do eclipse, voltando depois a mostrar-se como são realmente. Este jogo que vai da identidade à diferença e novamente à identidade só se desenrola perante um observador estático, firmemente instalado no seu posto de observação.

Ora, o homem não pode normalmente abandonar seu posto de observação; não pode transportar-se corporalmente para fora da Terra.

Pode apenas viajar mentalmente; mas, deixada a si mesma, a imaginação vaga entre os espaços celestes e cai na fantasia informe. A astronomia (que é a parte descritiva e substancial da qual a astrologia é a parte interpretativa e essencial), a astronomia e o antídoto de tais errâncias. Pela correcta medição, o homem restabelece na sua representação a figura correcta dos céus. E já tem o apoio de um novo modelo intelectual calcado, segundo Platão, na inteligência divina - para buscar um ponto-de-vista que lhe permita ultrapassar a dialéctica vulgar, penetrando num enfoque que poderíamos denominar a dialéctica simbólica.

Se, na dialéctica vulgar, havíamos introduzido o factor "tempo", aqui lançaremos mão do elemento "espaço", completando, portanto, o modelo em que se apoiavam nossas representações. Podemos dizer que o ponto-de-vista dialético correspondia a uma observação meramente "agrícola" dos céus: tudo quanto captava era a ideia de transformação e de ciclo. A dialéctica simbólica, agora, vai partir de um entendimento propriamente astronómico, e lançar-se à compreensão do entrelaçamento espacial dos vários pontos de vista e dos vários ciclos que eles desvelam.

Ora, se abandonamos o ponto-de-vista terrestre e levamos em consideração o sistema solar como um todo <sup>28</sup> - isto é, o quadro maior de referências no qual se estatuem e se diferenciam os vários elementos em jogo - verificamos que, na realidade, a Lua não está nem oposta ao Sol, como no raciocínio de identidade estática, nem coordenada a ele, como no raciocínio dialético, mas sim subordinada. Aliás está até mesmo duplamente subordinada, desde que é o satélite de um satélite. A Terra está para o Sol assim como a Lua esta para a Terra. Formamos assim uma proporção, e aqui pela primeira vez atingimos um enfoque racional de pleno direito, desde que "razão", ratio, não quer dizer originariamente nada mais que proporção. É a proporção entre nossas representações e a experiência, que assegura a racionalidade dos nossos pensamentos.

Imediatamente a oposição inicial e a complementação que a seguiu revelam-se aspectos parciais - e portanto insuficientes - de um conjunto de proporções, que se reabsorve no princípio unitário que as constitui.

Porque todas as proporções, como veremos adiante, são variações da igualdade, do mesmo modo que os jogos entre os ângulos e posições dos vários planetas entre si se reabsorvem e resolvem no posicionamento de todos em torno do seu eixo único central, que é o Sol.

Esta terceira modalidade denomina-se raciocínio de analogia. Há muitos equívocos correntes hoje em dia sobre o que seja o raciocínio analógico. Por exemplo, muitos autores acreditam que se trate da constatação da mera semelhança de formas <sup>29</sup>. Outros supõem que seja uma forma primitiva e vagamente "poética" de assimilação da realidade, distinguindo-se radicalmente da apreensão racional e lógica <sup>30</sup>. Na verdade, nenhum dos filósofos modernos jamais demonstrou possuir um domínio do raciocínio analógico tal como o praticava a antiguidade; por isto, nenhum deles é autoridade para dizer o que ele seja. O raciocínio analógico, como veremos adiante, sintetiza numa visão integrada o raciocínio de identidade e o de causa-e-efeito, e é portanto superior a estes.

---

<sup>28</sup> A questão da diferença entre um simbolismo geocêntrico e um simbolismo heliocêntrico será abordada mais adiante.

<sup>29</sup> Susanne K Langer, *An introduction to symbolic logic*, New York, Dover, 1967, p. 21s.

<sup>30</sup> Gaston Bachelard, *A poética do espaço*, trad. bras., São Paulo, Abril.

Se os filósofos académicos fazem confusões a esse respeito, não as fazem em menor quantidade seus adversários, isto é, os astrólogos profissionais. Só que a fazem com a intenção contrária, enfatizando a superioridade do raciocínio analógico. De facto, eles usam e abusam de uma famosa "lei de analogia", chamada a justificar sua arte, e que deve unir, em pulsação síncrona, o todo e a parte, o universo e o indivíduo, o distante e o próximo, tudo, enfim, o que cabe na fórmula clássica do micro e do macro.

Não é aqui o lugar de criticar os astrólogos profissionais, mas o facto é que eles interpretam essa "lei" em modo plano, raso, linear, como se entre o macro e o micro não existisse uma relação de analogia apenas, mas de identidade; por exemplo, ao lerem horóscopos individuais, a correspondência que eles vêem entre as configurações celestes e os eventos da vida individual humana é praticamente direta, sem as modulações e mediações que o bom-senso requer, e sem as inversões de significado que a própria regra do raciocínio analógico, quando bem compreendida, exige. Tendo estabelecido, por exemplo, uma ligação simbólica entre Saturno e a paternidade, e entre a Lua e a maternidade, interpretarão directamente um ângulo inarmónico entre Saturno e a Lua, no mapa natal, como indicação de um conflito entre a mãe e o pai do consulente. Essa forma de raciocínio grosseiro foi muito bem caricaturada num "silogismo" inventado pelo astrólogo espanhol Rodolfo Hinostroza:

"Saturno = pedra. Sagitário = fígado. Portanto, Saturno em Sagitário = pedra no fígado. Ou, se quiserem, pedrada no fígado" <sup>31</sup>.

Do mesmo modo, estabelecem correspondências directas entre a Libra, como símbolo do equilíbrio cósmico, e a justiça comum e a corrente dos nossos tribunais; e muitas outras no mesmo sentido. Ora, a astrologia é uma ciência cosmológica, e não psicológica: o plano onde se desenrolam os fenómenos, o cenário onde se representa o seu drama, é o cosmos total, e não apenas a mente do indivíduo. Entre esses dois planos, separados por muitos "mundos", deve haver necessariamente muitas transições e atenuações; explicaremos isso

---

<sup>31</sup> Rodolfo Hinostroza, *El sistema astrológico*, Madrid, Alianza Editorial.



mais adiante. O que interessa assimilar e que o raciocínio analógico e uma ferramenta sutil, de precisão: não resiste a um achatamento que comprima o macro no micro e os empastele.

Que significa, de facto, analogia? Em primeiro lugar, qualquer dicionário grego assinalará, no verbete  $\mu$ , análogos, a acepção de "proporcionalidade", no sentido da fórmula ou no sentido das harmonias entre os distintos comprimentos das cordas de um instrumento musical e os sons que respectivamente emitem quando vibradas. Tais proporcionalidades, como qualquer um pode perceber, consistem precisamente na razão das diferenças entre os distintos valores. Portanto se não há diferenças, não há analogia, há pura e simplesmente identidade, no sentido da fórmula ou, para resumir,  $1=1$ . Isto deveria revelar, desde logo, que um símbolo astrológico qualquer - planeta ou signo, ângulo ou casa - não pode jamais ter o mesmo significado quando- considerado em dois planos diferentes de realidade, por exemplo no plano do cosmos total e no da psicologia individual. Em segundo lugar, o prefixo *aná*,  $\mu$ , que constitui essa palavra, designa um movimento ascensional:

$\mu \mu \mu$   
 Mélane aná botrües esan  
 ("No alto, estavam os cachos de negra uva") <sup>32</sup>

Traduz-se como "sobre", "acima", "a montante", "para cima", como em  $\mu$ , *anagogê*, "elevação" "acção de elevar, de arrebatrar para o alto", ou ainda como em *anabásis*, *anaforá*, etc.

O termo "analogia", portanto, dá a entender que se trata de uma relação em sentido ascendente. Melhor dito: os dois objetos unidos por uma relação de analogia estão conectados por cima: é em seus aspectos superiores, e por eles, que os entes podem estar "em analogia". Uma analogia é tanto mais evidente quanto mais nos afastamos da particularidade sensível para considerar os entes sob o aspecto da sua maior universalidade. Correlativamente, essa relação se desvanece quanto mais encaramos os entes por seus aspectos inferiores, isto é, pela sua fenomenal idade sensível.

O que estabelece uma analogia entre dois entes, portanto, não são as similitudes que apresentem no mesmo plano, mas o facto

---

<sup>32</sup> *Ilíada*, 18, 562.

de que emanam de um mesmo princípio, que cada qual representa simbolicamente a seu próprio modo e nível de ser, e que, contendo em si um e outro, é forçosamente superior a ambos. É nesse nível de universalidade que se celebra no céu o liame de analogia que vai unindo, numa cadeia de símbolos, o ouro ao mel, o mel ao leão, o leão ao rei, o rei ao Sol, o Sol ao anjo, o anjo ao Logos. Visto desde cima, desde o princípio que os constitui, eles revelam a proporcionalidade entre as funções simbólicas que desempenham para a manifestação desse princípio, cada qual no nível cosmológico que lhe corresponde, e é essa proporcionalidade que constitui a analogia. Visto desde baixo, desde a fenomenalidade sensível, ao contrário, eles se desmembram na multilateralidade das diferenças. Assim, a analogia é simultaneamente evidente e inapreensível; óbvia para uns, inconcebível para outros.

Utilizamos-nos, portanto, das analogias, para subir da percepção sensível à apreensão da essência espiritual, para ir do visível ao invisível, ou, nos termos de Hugo de São Vítor <sup>33</sup>, para ir da natureza à graça: a natureza, o mundo sensível, "significa" o invisível; a graça espiritual o "exibe", no topo da escada. A escada das analogias - evocada, por exemplo, na escada de Jacó, nos degraus do Paraíso em Dante, e em todas as hierarquias de conhecimentos espirituais - é um meio de acesso ao princípio e, por outro lado, vem abaixo se este lhe é retirado do topo.

Sendo, então, um liame vertical e ascensional, a analogia é diferente das simples relações de similitude - complementaridade, contiguidade, contraste, etc. - que relacionam, juntam, separam e ordenam os entes no mesmo plano horizontal. Esta distinção, por elementar que seja, escapa tão facilmente ao observador de hoje, que mesmo um historiador competente como Michel Foucault se equivoca, ao classificar a analogia como uma das formas da similitude na ciência medieval. Na realidade, a diferença de planos entre essas duas relações não permite enfocá-las como espécies do mesmo gênero, tal como as classificações hierárquicas em geral se distinguem das classificações tipológicas: a distinção entre capitão, major e coronel não é do mesmo tipo da distinção entre infantaria, artilharia e cavalaria <sup>34</sup>. E muito menos se poderia, então, submeter a analogia a

---

<sup>33</sup> Em Edgard de Bruyne, *Estúdios*, op. cit., v. 2, p. 216.

<sup>34</sup> Michel Foucault, *Les mots et les choses*, Paris, Gallimard, 1966, p. 32-59.

similitude, como a espécie ao género, tal como não se poderia dizer que a classificação das patentes militares fosse uma espécie da qual a divisão das três armas constituísse o género.

Isso deveria bastar para evidenciar que certas relações de semelhança que os astrólogos apontam entre planetas (ou mitos planetários) e entes e eventos do mundo terrestre - como, por exemplo, o facto de que Marte e o sangue são igualmente vermelhos - não são analogias, porque não remetem ao princípio que constitui esses dois entes e que é a razão comum das suas semelhanças e diferenças. Trata-se, portanto, de meras similitudes, discernidas no mesmo plano (no caso, o das qualidades sensíveis cromáticas). E como, no sentido plano ou descendente, a relação de proporcionalidade se dilui progressivamente na multiplicação das diferenças, as meras similitudes podem ser bem pouco significativas, e até mesmo inteiramente casuais; e ninguém pensaria que um conhecimento serio se pudesse obter mediante a coleta de curiosas coincidências.

No esquema simbólico que estamos estudando, a passagem do particular ao universal é simbolizada pela passagem do ponto de vista geocêntrico ao ponto de vista heliocêntrico. Este último, por sua maior abrangência, permite captar relações - analogias - que o particularismo da visão terrestre ocultava. Resumindo as fases percorridas, atravessamos: 1ª fase. Ponto-de-vista: aparência sensível momentânea.

Raciocínio: identidade e diferença. 2ª fase. Ponto-de-vista: temporal e cíclico. Raciocínio: casual ou dialético. 3ª fase. Ponto-de-vista: espaço-temporal, abrangente, universalizante, ascensional. Raciocínio: analogia.

\*\*\*

Por outro lado, se as analogias levam ao conhecimento do princípio, é que este já residia em nós de modo virtual. Esta presença latente, este guia invisível que com mão segura nos conduz pela "via recta" das analogias em meio à floresta das similitudes, é simbolizado por Virgílio, Beatriz e São Bernardo nas três etapas da ascensão do poeta na *Divina Comédia* de Dante.

Ora, os princípios universais geralmente chegam ao nosso conhecimento unicamente através de fórmulas abstratas, de modo que

nos encontramos sempre divididos entre uma verdade universal e abstracta e uma experiência concreta destituída de verdade, destituída de sentido. A escalada das analogias visa justamente a transpor esse hiato, levando, na medida do possível, a um conhecimento vivido e concreto do universal. Através da analogia e do simbolismo, bem como das muitas artes, ciências e técnicas tradicionais que objectivam cristalizar e condensar esse simbolismo na psique do estudante, o que se procura é justamente transformar e alargar essa psique de modo que ela mesma assuma uma envergadura universal, à imagem do Homem universal <sup>35</sup> que é compêndio e modelo do cosmos inteiro.

No simbolismo numérico, todas as proporções são, em última análise, formas e variantes da identidade. A identidade é uma fórmula única, simples e abstrata,  $1=1$ , que contém em si, sinteticamente, todas as proporções do universo, isto é, todas as "dosagens" que compõem todas as coisas e seres. Ao conhecer o princípio de identidade, conhecemos, de certo modo, a razão de todas as razões; é o conhecimento universal, mas ainda em modo virtual, como a semente que, potencialmente, contém em si uma floresta inteira. A escala das analogias da concreção vivida a esse princípio, recapitula, por assim dizer, em modo abreviado, o orbe todo das possibilidades contidas no princípio de identidade e, no topo da escada, reencontramos esse princípio, já não como fórmula abstrata, mas como realidade plena, como sentido da verdade e verdade do sentido. É o que a escolástica denominava o universal concreto, a síntese da universalidade lógica e da plenitude existencial <sup>36</sup>.

Esse reencontro, esta re-ligação, ressoa como a efetivação plena da felicidade. É a reunificação do homem consigo mesmo, preliminar ao reencontro com Deus. Na filosofia de Hugo de São Vitor <sup>37</sup>, é o reencontro do homem exterior, ou carnal, com o homem interior, ou espiritual. Hugo, seguindo uma tradição, mas traduzindo-a com génio e originalidade, distingue no homem, primeiramente, quatro faixas: na parte corporal, *sensus* (sentidos) e *imaginatio*

---

<sup>35</sup> O homem universal é o protótipo da humanidade, o modelo pelo qual, segundo todas as tradições, foi estruturado o universo. No cristianismo, ele é tanto o velho Adão quanto o "novo Adão", Jesus Cristo. V., a propósito, René Guénon, *Le symbolisme de la croix*, Paris, Véga, e, do ponto de vista das doutrinas islâmicas exclusivamente, `Abd ak-Karim El-Jili, *De l' homme universel*, trad, e comentários de Titus Burckhardt, Paris, Dervy-Livres, 1975.

<sup>36</sup> V. De Bruyne, *op. et loc. cit.*

<sup>37</sup> *Idem, ibidem.*

(imaginação); na parte espiritual, *ratio* (razão) e *intelligentia* (inteligência). Então pergunta: não haverá uma faixa intermediária, um vínculo entre o espírito e o corpo? A essa faixa intermediária, Hugo denomina *affectio imaginaria*, e seu discípulo Ricardo de São Vítor, *imaginatio mediatrix*; "afecção imaginária" e "imaginação mediadora". É nesta faixa intermediária que se dá o conhecimento das analogias e do simbolismo em geral, e é nela que se dá o reencontro da verdade universal com e na experiência concreta. A contrapartida ontológica dessa faixa psicológica é o denominado *mundus imaginalis*, o mundo das formas imaginais, que não se confundem com o imaginário (Hugo atribui o imaginário à parte corporal) e que constituem o elo perdido entre o mundo dos sentidos e as "formas puras (ou abstratas) do entendimento"; e aí que se celebra a reunificação do homem consigo mesmo, e é para aí que devemos voltar nossa atenção se queremos romper o divórcio alma-espírito a que nos acostumaram quatro séculos de cartesianismo. Se o raciocínio de analogia é tão incompreensível para o homem moderno, e porque este perdeu a visão desse mundo intermediário, acostumando-se a entender como "abstracção" tudo o que escape do orbe dos sentidos. Mas esse mundo intermediário e não só o mundo dos símbolos, e sim também de entes imaginais simbolizados por eles, pois não se poderia conceber uma faculdade cognoscitiva que não tivesse uma contrapartida objectiva, seu objetivo de conhecimento próprio e independente. E é no mundo imaginal que reencontramos então os anjos e os personagens todos das narrativas bíblicas e mitológicas, como formas de realidade que não se reduzem nem ao nosso psiquismo subjectivo, nem a uma objetividade meramente exterior.

\*\*\*

A escalada termina aí. Tendo encontrado o princípio superior que organiza os vários planos de uma sequência analógica, parece que nada mais há a conhecer, ao menos dentro desse domínio em particular.

No entanto, quanto mais nos aproximamos de um princípio universal, mais vão ficando para trás e cada vez mais longe as realidades concretas cuja explicação buscávamos. E, ao voltarmos do topo, às vezes parecemos ter perdido de vista o propósito da viagem. O momento do reencontro passa, e nada nos resta nas mãos senão o

enunciado abstracto e sem vida de um princípio lógico, que é a recordação melancólica de uma universalidade perdida. É preciso, portanto, descer novamente do princípio às suas manifestações particulares, e depois subir de novo, e assim por diante. De modo que a alternância sim-não, verdade-erro, que constitui para nós o início da investigação, é finalmente substituída pela alternância alto-baixo, universal-particular.

Passamos, assim, da oscilação horizontal para a vertical. E é justamente o despertar da capacidade de realizar em modo constante esta subida e descida, que constitui o objetivo de toda educação tradicional.

Mas a última etapa, que absolverá o raciocínio analógico do seu último ranço de abstracionismo, é precisamente a forma suprema de raciocínio, forma essa tão superior a todas as outras, que já representa praticamente uma entrada no mundo da intuição e do conhecimento imediato. A essa forma de raciocínio, denominamos *convenientia*, "conveniência", pois designa aquilo que convém, o ponto central para onde convergem todos os raios de um círculo e de onde eles partem novamente em todas as direções, representando o movimento duplo de contracção-expansão do particular ao universal e deste ao particular.

Quando nosso intelecto chega a essa forma de raciocínio, podemos então começar a compreender a doutrina hindu dos "dias e noites de Brahma", ou a doutrina islâmica da "inspiração e expiração de Deus", como retroacção de todos os mundos ao seu princípio, seguida de nova expansão multilateral de manifestação universal. Estamos, assim, às portas da metafísica pura, mas isto será assunto para uma outra ocasião.

## CAPÍTULO III

### INFLUÊNCIA ASTRAL E PLANOS DE REALIDADE

#### 1

Como o de todas as artes e ciências tradicionais, o estudo da astrologia pode ser conduzido, seja em sentido ascendente, seja em sentido descendente. No primeiro caso passamos gradativamente dos fenómenos sensíveis - os corpos planetários, seus movimentos, suas posições recíprocas, etc. aos princípios cosmológicos e metafísicos que os governam, e que eles por sua vez representam simbolicamente. No segundo caso, passamos dos planetas aos fenómenos da esfera terrestre por eles governados.

Ora, os domínios do humano estendem-se desde o âmbito terrestre até certas regiões do espírito que se prolongam muito além da esfera "natural". A influência dos planetas não poderia, portanto, desempenhar o papel de explicação última dos actos humanos, que os astrólogos vulgares com frequência lhe atribuem. Essa influência atua somente sobre os domínios inferiores ao céu de Saturno, isto é, sobre as faixas de realidade (e, portanto, da constituição humana também) que estejam dentro e abaixo do orbe de realidade simbolizado por esse planeta; qual seja esse orbe, veremos num outro estudo. Aqui interessa apenas fixar os critérios mais gerais para que se possa falar legitimamente de uma influência planetária sobre o ser humano. De facto, critérios dessa ordem já foram estabelecidos, com grande maestria, por Santo Tomás de Aquino <sup>38</sup>. Nosso trabalho representa somente uma extensão do que foi dito por ele.

Enquanto corpos, diz S. Tomás, os planetas só atuam sobre corpos. Isto significa que, se a atuação dos planetas sobre entes corporais como a água ou os minerais é directa e causal, e abrange estes corpos na totalidade do seu ser, o mesmo não se poderia dizer com relação ao ser humano, pois este possui qualidades próprias que ultrapassam o domínio corporal e, portanto, não poderiam estar a mercê da influência de quaisquer corpos, inclusive os planetas. Isto

---

<sup>38</sup> Santo Tomás de Aquino, *Suma contra gentiles*, ed. Carcedo-Sierra, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1968, L. III, cap. 82 a 85.

não quer dizer, porém, que os planetas não actuem sobre o homem de maneira alguma, mas sim que eles agem apenas sobre o que nele há de corporal, sem atingir suas faculdades superiores, como a vontade, a razão e o entendimento.

No entanto - prossegue o Doutor Angélico - isso não quer dizer que não possam exercer alguma influencia accidental e secundária, se não sobre as faculdades superiores propriamente ditas, ao menos sobre as condições de sua manifestação em cada caso concreto, facilitando-a ou dificultando-a. Se, por exemplo, um planeta exerce uma acção nefasta sobre o corpo de um homem, isto não altera propriamente a racionalidade e a vontade livre deste último, porém pode dificultar a sua manifestação plena, durante o período em que dura a moléstia.

É isso o que S. Tomás quer dizer com a sentença "os corpos só actuam sobre corpos"; um corpo pode exercer uma acção essencial e verdadeiramente causal sobre outro corpo, mas sua actuação sobre o não-corpóreo será, ao contrário, apenas periférica e accidental.

Não é, porém, fora de propósito lembrar que, mesmo no caso da actuação dos planetas sobre os corpos, essa influência não deve ser entendida em modo puramente energético ou mecânico, e sim sincrónico ou harmónico, segundo as leis da analogia e simpatia. Devemos resguardar-nos de atribuir nossas concepções modernas aos autores antigos; a palavra "causa", para S. Tomás, não tinha as mesmas ressonâncias que tem hoje; hoje, por força de um habito que o tempo vem transformando num pressuposto indiscutido, restringimos automaticamente o sentido de "causa" ao de "causa eficiente"; mas para S. Tomás, como para Aristóteles, a causa podia ser eficiente, formal, material ou final.

## 2

Se, enquanto corpos, os planetas só actuam sobre corpos, podemos completar o raciocínio de S. Tomás dizendo que, enquanto símbolos, ao contrário, eles representam ou veiculam a actuação de potências espirituais e cósmicas que ultrapassam infinitamente os domínios do corpóreo. Neste caso, não são os planetas que agem, mas sim as potências angélicas das quais eles são somente a cristalização simbólica e sensível, por assim dizer. No entanto, e corrente o uso do termo "causalidade astral" tanto para designar a influência corporal



dos planetas quanto a acção dos anjos dos quais eles são a hierofania. O termo é rigoroso somente no primeiro caso; no segundo, procedemos como quando dizemos que "a imagem da Santíssima Virgem na capela tal fez um milagre"; e uma força de expressão, que não pode ser tomada literalmente; e na confluência dessas distinções subtis que a astrologia beira a idolatria e foi severamente condenada pela Igreja.

E evidente que a actuação dos planetas nunca é independente das potências angélicas, mas, enquanto no primeiro caso os planetas veiculam a actuação destas últimas, - e podem ser ditos, no plano corporal, a causa dos eventos - no segundo caso eles apenas a assinalam no tempo e a representam simbolicamente, sem interferir no processo ao modo de elos de uma cadeia causal. Não é difícil distinguir entre o instrumento e o sinal de uma acção, mas os astrólogos vulgares não têm a mínima ideia clara a respeito dessas duas formas de actuação, e por isto atribuem à acção dos planetas, uniformemente, tanto os eventos efectivamente provocados por estes, quanto outros tipos de factos onde os planetas não exerceram nem a mais mínima influência.

Um exemplo simples permitirá compreendê-lo melhor. Quando meu despertador toca - suponhamos, as sete horas da manhã ele exerce um efeito notório sobre meus tímpanos, e posso concluir que ele foi a causa de eu ter despertado. Porém, no mesmo momento em que desperto, posso conjeturar legitimamente que, por toda a cidade, milhões de trabalhadores estão se levantando de suas camas, para ir ao serviço. O erro do astrólogo vulgar consiste em que ele atribui ao seu despertador o poder de acordar a cidade inteira. Na verdade, o toque do meu despertador é apenas um sinal de que outros milhões de despertadores devem estar tocando na mesma hora.

A objecção eventual de que os astrólogos conhecem perfeitamente bem a distinção entre causalidade e sincronicidade é irrelevante, porque assinalar uma causa é dar uma explicação, e falar simplesmente que um fenómeno é síncrono a outro fenómeno não explica absolutamente nada; quando os astrólogos falam em sincronicidade - sacando por conta, aliás, do prestígio de Jung - imaginam ingenuamente estar passando de uma chave explicativa para outra, quando na verdade estão apenas dando outro nome a uma correlação factual que não sabem explicar de maneira alguma. É aliás espantoso que o mundo científico tenha levado a sério uma pretensa

"teoria da sincronicidade", quando evidentemente a própria definição dada a esta última - "coincidência acausal significativa" - contém apenas uma designação, e não uma teoria, de qualquer espécie que seja. O sincronismo de dois fenómenos não pode constituir sua explicação, pelo simples facto de que ele é apenas mais outro fenómeno, aliás de explicação até mesmo mais difícil. Um tempo em que tais ingenuidades passam por alta filosofia é um tempo obscuro e triste.

A distinção que assinalei acima evidencia a necessidade de dois enfoques diversos, que constituem por assim dizer duas astrologias opostas e complementares: a astrologia como ciência natural estuda a influência dos planetas; a astrologia como hermenêutica estuda as significações dos fenómenos planetários como símbolos de potências superiores. Esta última forma demanda, por certo, conhecimentos de ordem metafísica e cosmológica que transcendem o campo habitual do astrólogo; ela desemboca numa angelologia e numa teologia; e sua prática requer então as mesmas condições intelectuais e psíquicas que se exigem do intérprete dos textos sacros; isto inclui não apenas a qualificação pessoal e o conhecimento teórico, mas a prática de uma disciplina espiritual no quadro de uma tradição ortodoxa <sup>39</sup>. Se querem exemplos históricos dessas duas abordagens, encontramos a primeira na obra do astrólogo persa Al-Biruni, a segunda na obra de Plotino e de Proclo, bem como no texto citado de S. Tomás de Aquino. Por certo, o primeiro enfoque é lógico e epistemologicamente subordinado ao segundo, mas, se estiver consciente dos limites da sua abordagem, o astrólogo natural poderá exercer correctamente o seu ofício sem ser também um teólogo. O próprio Al-Biruni tinha conhecimentos muito limitados a respeito do simbolismo espiritual da astrologia, mas isto não o impediu de ser um

---

<sup>39</sup> "Seus procedimentos (da astrologia) têm, por um lado um carácter de uma dedução exata ou de um cálculo, e supõem, por outro lado, uma intuição "desde o alto" que o capte a qualidade única de cada forma nascente das combinações. Ao passo que a dedução, ou combinação, é substancial ou horizontal, o reconhecimento da unicidade de cada resultante é essencial ou "vertical". Em toda operação de uma arte tradicional como a astrologia intervém, portanto, uma inspiração mais ou menos direta, e que depende geralmente de uma participação numa influência espiritual. Não existe, aliás, ciência verdadeiramente "exata" sem uma tal intervenção "vertical". Cf. Titus Burckhardt, *Clé spirituelle de l'astrologie musulmane d'après Mohyiddin Ibn Arabi*, Milano, Arche, 1974, p. 54.

bom astrólogo, desde que se atinha aos limites da lei religiosa vigente na sua cultura. O mesmo poderíamos dizer do nosso Kepler.

### 3

Entre esses dois níveis da ciência astrológica, existe evidentemente uma correspondência analógica, pois a hierarquia dos corpos imita a hierarquia das substâncias intelectuais <sup>40</sup>, de modo que se poderia dizer que os entes do mundo angélico estão para os planetas assim como os planetas estão para os minerais, as plantas, as águas, etc. Ora, uma correspondência analógica não é uma identidade lógica <sup>41</sup>, e é isto que os astrólogos vulgares perdem tão frequentemente de vista, o que os leva ao mal-entendido de encarar os planetas como agentes directos da vontade divina (seja em sentido coercitivo e causal, como o entende a astrologia preditiva clássica, seja em sentido mágico e psicológico, a título de "arquétipo celeste" da individualidade, como o entendem os astrólogos ditos humanistas, junguianos, transpessoais, etc.)

Pelo facto de que o homem habita simultaneamente muitos planos da realidade - sendo um ente tão corporal quanto o cálculo de seus ossos e tão espiritual quanto a inteligência divina que nele reside -, sua relação com o mundo planetário não pode ser unívoca: ele está submetido aos ciclos planetários, na medida em que o estão os elementos que compõem o seu corpo; é idêntico a eles e coabita no mesmo plano, na medida em que é um ente dotado de razão e simbolismo, de modo que seus actos têm múltiplas dimensões de significados que precisamente são simbolizados pela complexa estrutura de planos e ritmos que compõem a esfera celeste (como modelo, por exemplo, do sistema das ciências); mas começa a transcendê-los na medida em que sua razão se eleva acima dos símbolos corporais celestes e apreende directamente as intenções do

---

<sup>40</sup> Burckhardt, *op. cit.*, pp. 12-18; sobre as hierarquias do ser na *Enciclopédia dos Irmãos da Pureza*, de Basra (sec. IX AD), v. Seyyed Hossein Nasr, *An introduction to Islamic cosmological doctrines*, London, Thames and Hudson, 1978, p. 66s.; na escola "iluminacionista" de Sohrevardi, v. Henry Corbin, *En Islam Iranien. Aspects spirituels et philosophiques*, Paris, Gallimard, 1971, v. 2, p. 94. V. ainda, quanto a hierarquias no cristianismo, Santo Isidoro de Sevilha, *De ordine creaturarum liber*, em Migne, *Patrologia Latina*, v. LXXXIII.

<sup>41</sup> V. cap. II.

mundo angélico que esses planetas simbolizam; e finalmente transcende infinitamente a esfera dos planetas na medida em que é dotado também de intelecto puro e pode apreender o divino acima de todo simbolismo e de toda representação concreta <sup>42</sup>.

Ora, o homem vive essencialmente nesses quatro níveis, mas o foco da sua atenção e de sua consciência individuais circula, por assim dizer, entre esses níveis. O "tempo" de permanência em cada um desses níveis é ditado pelo grau de concentração e de realização espiritual de cada homem, mas mesmo o mais espiritual dos homens deve ter momentos de torpor intelectual nos quais sua consciência está limitada aos dados físicos mais imediatos, embora esses momentos possam ser reduzidos a um quase nada; e mesmo o mais embrutecido dos homens terá algum momento de apreensão intelectual pura, ainda que este momento seja de duração infinitesimal e não lhe deixe nenhum traço na memória de vigília. A rotação entre estes quatro níveis tem seu símbolo no próprio fenómeno astrológico da sucessão dos dias e das noites (rotação quadrifásica aurora - meio-dia - crepúsculo - meia-noite) e também na sucessão das quatro fases da lua. As duas fases intermédias - crepúsculo auroral e vespertino - representam, respectivamente, a ascensão do fenoménico ao simbólico e a descida do simbólico ao fenoménico; o meio-dia e a meia-noite podem ter seus significados invertidos conforme nos refiramos a um simbolismo objetivo e natural ou subjetivo e psicológico; no primeiro caso, o sol a pino representa a plena luz da inteligência e a meia-noite representa a imersão total (embora temporária) na opacidade dos dados fenoménicos sensíveis; no caso inverso, o sol a pino representará a aparência, o exterior, o evidente, o fenoménico (*el zâhir*) e a meia-noite, ao contrário, representará a "luz que brilha na inferioridade", (*el bâtin*) <sup>43</sup>. Na verdade, o simbolismo do "sol da meia-noite" representa a paralisação dessa rotação, obtida e cristalizada no momento do esplendor luminoso e no lugar do fenómeno sensível, criando assim uma plena

---

<sup>42</sup> O simbolismo pode ser visto, portanto, seja como objectivação do Espírito, seja como instrumento de reascensão em direcção ao Espírito. V., a propósito, Nicolas Berdiaeff, *Esprit et réalité*, Paris, Aubier-Montaigne, 1950, p. 80-85.

<sup>43</sup> V. a propósito a *Narrativa do Arcanjo Empurpurado* de Sohrevardi, em Henry Corbin, *op. cit.*, v. 2, p. 246s. e *The Man of light in iranian sufism*, trans. Nancy Jearson, London, Shamballa, 1978, p. 1-13.

luminosidade do ente concreto fenoménico, isto é, transformando todas as aparências em transparências <sup>44</sup>.

Correlativamente, o sol da meia-noite pode ter uma inversão "satânica" do seu simbolismo, quando a paralisação ocorre no lugar da luminosidade (a inteligência) e no momento da obscuridade, isto é, quando a obscuridade logrou encobrir a inteligência.

Portanto, o grau espiritual pode alterar ou até inverter os significados mais óbvios e imediatos das posições planetárias <sup>45</sup>(8), como se vê na história de São Clemente, onde, em função do grau espiritual deste último e de seu mestre São Pedro, as mesmas posições planetárias que deveriam produzir certos eventos acabaram produzindo os eventos contrários, transformando o infortúnio aparente em felicidade incomum, mas pelos mesmos meios (a fuga da mãe, o naufrágio, etc.) <sup>46</sup>. Houve, neste caso, uma passagem subtil da determinação astral sobre os corpos inferiores ao livre governo dos corpos celestes e de seus efeitos pela vontade humana transformada em agente da vontade de Deus. As posições planetárias eram as mesmas, os prazos e tempos os mesmos, os eventos (exteriormente considerados) os mesmos, mas o significado e o destino final de tudo acabou sendo o inverso.

Podemos expôr brevemente o exposto em forma de diagrama de níveis de realidade: SIMBOLISMO OBJETIVO E NATURAL.

#### 4

A noção da pluralidade de níveis, tão essencial nos estudos tradicionais, não é totalmente estranha à filosofia contemporânea; veremos adiante alguns exemplos notáveis. O que ocorre é que, inexistindo nessa filosofia uma técnica de concentração e de realização espiritual, a percepção desses níveis - quero dizer, a percepção clara,

---

<sup>44</sup> A "paralisação" remete aqui ao simbolismo do término das rotações e translações planetárias no "fim dos tempos", e, portanto, ao simbolismo da "quadratura do círculo" como passagem do "Paraíso Terrestre" à "Jerusalém Celeste" no fim do ciclo. V. René Guénon, *La Règne de la qualité et les signes des temps*, Paris, Gallimard, 1950, Cap. XX, p. 186s.

<sup>45</sup> V. a narrativa das duas viagens planetárias, a do "investigador racionalista" e a do "crente fervoroso", na obra de Mohyddin Ibn Arabi, *L'Alchimie du bonheur parfait*, trad. Stéfane Ruspoli, Paris, Berg International, 1981.

<sup>46</sup> Jacques de Voragine, *La Légende Dorée*, trad. francesa, Paris, Rouveyre, 1902, e Garnier-Flammarion.

simultânea, da sua distinção e dos seus inter-relacionamentos - e antes uma excepção do que uma regra na vida psíquica pessoal do filósofo; se ele chega a captá-la, e num momento excepcional de lucidez intuitiva, às vezes o cume da sua carreira de pensador; ele não chega a integrá-la como um modo de ser na sua pessoa e na sua percepção corrente do mundo, porque para isto seria preciso um esforço metódico de concentração, mediante uma técnica confiável e sob a orientação de um mestre qualificado. Nas técnicas tradicionais, ao contrário, procura-se fazer com que o estudante progressivamente integre na sua pessoa mesma a hierarquia e o jogo dinâmico dos planos de realidade, de modo que sua percepção do mundo passe a reflectir de modo permanente e, por assim dizer, natural, esse modo de compreensão das coisas.

Henri Bergson diz que os sistemas filosóficos não são mais do que a intuição de um único instante, seguida de esforços de uma vida inteira no sentido de explicitá-la e desdobrá-la discursivamente<sup>47</sup>.

Poderíamos dizer que onde o filósofo abandona o acto intuitivo inicial para, mudando radicalmente de plano e de postura intelectual, dedicar-se à conversão discursiva do conteúdo aí captado, o buscador espiritual que e o mesmo que dizer: o filósofo tradicional -procura, ao contrário, persistir no estado de evidência intuitiva, de modo não só a obter novas e sucessivas evidências, mas a viver num estado de visão, claridade e compreensão ininterruptas. Este estado, que é sem duvida um dos objetivos máximos das técnicas de concentração, e designado como a recepção da *Shekinah*, ou a "grande paz"<sup>48</sup>.

Em outros termos, onde o filósofo moderno julga terminado o trabalho da intuição, e começando o trabalho da explicitação lógica, o espiritual vê apenas a primeira de uma série de fulgurações auroras que deve terminar por converter a sua própria pessoa em

---

<sup>47</sup> Henri Bergson, *Introduction à la métaphysique*, in *Oeuvres*, éd. Robinet, Paris, P. U. F., 1970, p. 1430-1431.

<sup>48</sup> "A Sakina em Sohrawardi e nos místicos que lhe são aparentados, é essencialmente o sentimento de uma Presença atestada por um Signo, ou Signos, cuja percepção não relevados órgãos comuns da percepção sensível, mas dos sentidos espirituais ordenados à percepção do mundo intermediário ou mundo imaginal. [...]. É precisamente essa ideia [...] de quietude da alma como certeza inabalável da fé nas coisas vistas pela alma [...]" Henri Corbin, *op. cit.*, v. 2, p. 37.

luminosidade e transparência <sup>49</sup>. A mudança de direcção assinalada por Bergson, a ruptura do estado intuitivo e a passagem à busca da formulação lógica só se justificam, evidentemente, quando se decreta que a finalidade da filosofia é construir sistemas dedutivos ou explicitar a pura coerência lógica do discurso; mas esta coerência já está dada - ainda que em modo compacto e implícito - na intuição inaugural; resta apenas, por assim dizer, um "esforço físico" de seleccionar os materiais da linguagem e montá-los numa ordem decente. Se a filosofia é isto, não deve valer grande coisa <sup>50</sup>. Na perspectiva tradicional, ao contrário, a tarefa do filósofo não é constituir sistemas, seja lá do que for, nem a de elaborar tecnicamente a coerência de um discurso académico, mas a de buscar a sabedoria; e se o homem que busca a sabedoria for obrigado a interromper sua marcha a cada passo, para explicitar cada nova intuição, certamente não vai chegar tão cedo ao termo da viagem. Por isto as obras dos espirituais limitam-se, às vezes, anotações abreviadas e simbólicas do conhecimento obtido. Tais notações só são de grande proveito a quem refaça pessoalmente o trajecto percorrido por eles; são marcos no caminho; tentam guiar o caminhante, não reproduzir verbalmente a viagem para um observador estranho e distante. Claro, nada impede, em princípio, que um espiritual explicita dialeticamente boa parte do seu conhecimento, e neste caso seu trabalho será muito parecido, exteriormente, ao caso de um filósofo académico; é o caso de Platão, de Plotino, etc. Somente que esse excursus pela exposição dialéctica não é um objetivo em si mesmo, como na filosofia académica, porem uma ocupação mais ou menos secundaria, e que só se justificara por um destes dois motivos: seja como actividade de ensino, motivada pela misericórdia, ou como prática disciplinar, no caso de que a arte dialéctica faça parte do corpo de técnicas de concentração e realização espiritual da linhagem espiritual em questão; era isto, aliás, o que ocorria na academia platónica.

---

<sup>49</sup> Frithjof Schuon, *L'Oeil du coeur*, Paris, Dervy-Livres, 1974, p. 13- 19, e ainda Henry Corbin, *The man of Light*, trad. inglesa, *op. cit.*; René Guénon, *Aperçus sur l'ésotérisme islamique et le Taoïsme*, Paris, Gallimard, 1973, p. 42-43.

<sup>50</sup> Eric Weil, *Logique de la philosophie*, Paris, Vrin, 1967 - insiste, pelo contrário, no sentido ético, pedagógico e, em última instância, sapiencial, que justifica a busca filosófica da coerência do discurso. Esta não é um fim em si mesma, nem a máxima realização do conhecimento.

Mas, voltando à questão dos níveis, podemos dizer que muitas práticas visam a integrar esta percepção no "corpo psíquico" do estudante por meio de práticas corporais que imitam e cristalizam na percepção do próprio corpo a distinção hierárquica dos níveis. Um dos "modelos" mais simples utilizados para esse fim é o dos quatro elementos. Numa prática como o *t'ai chi*, o estudante é ensinado, em primeiríssimo lugar, a distinguir as duas linhas divergentes de um dinamismo interno do peso e da força, simbolizados respectivamente, no caso, pela água e pelo fogo: a água desce, o fogo sobe; atirando sistematicamente o peso do seu corpo para as regiões inferiores - bacia e cóccix - e acumulando o máximo de "água" na região da barriga, o estudante vai despertando sutilmente uma contrapartida ascensional, que é o canal invisível pelo qual a força - longe de ser uma virtualidade anárquica que de repente surge em qualquer músculo sem motivo plausível - sobe ordenadamente desde o pé até a mão. O soco, nessa luta, provem do pé, e sobe através de um duplo sistema de alavancas mecânicas (ossos e articulações) e de enlaces energéticos (músculos, nervos e veias, e sobretudo os meridianos da acupuntura) até a mão<sup>51</sup>.

Ora, é notável, na ciência do simbolismo, a conexão entre as palavras pé e pai de um lado, e mão e mãe, de outro. Em todas as línguas do mundo, a palavra pai é construída a partir de uma raiz constituída das consoantes pb, pp, bp, bb, vp, vd, fd, etc. (por exemplo *Vater*, al.; *Father*, ing.; *Abba*, ár.; *Padre*, esp.; *Pater*, *patris*, lat.; *Pater*, *patrós*, gr.). O mesmo ocorre com a palavra pé (*Foot*, ing.; *Fuss*, al.; *Pied*, fr.; *Pes*, *pedis*, lat.; etc.). Paralelamente, a palavra mãe é sempre alguma variação de m, mt, md, mm, etc. (*mater*, *matris*, lat.;

---

<sup>51</sup> Ismênia J. Veber, *Fundamentos de Wu-Chu (T'ai chi Chuen)*, São Paulo, Academia Kan-Non, 1977. A voga actual do *t'ai chi* impõe o dever de recordar a seus adeptos que esta prática, por si mesma, e isoladamente da filiação regular a uma religião ortodoxa, não permite chegar a nenhuma realização espiritual, de qualquer espécie que seja, e que mesmo os resultados psíquicos que eventualmente produz (com desenvolvimento, inclusive, de determinadas percepções extrasensoriais) não têm nenhum significado espiritual se não corresponderem a um avanço efetivo no aperfeiçoamento religioso e moral do discípulo. O *t'ai chi* é uma prática de natureza alquímica e não escapa assim à regra tão bem formulada por Titus Burckhardt: "Não pode haver uma alquimia livre pensadora e hostil à religião, pois o primeiro requisito de toda arte espiritual é o reconhecimento de tudo aquilo que a condição humana, em sua situação de superioridade e de perigo, necessita para sua salvação". V. *Alquimia*, trad. esp., Barcelona, Plaza & Janes, 1976, p. 20-21. Não cabe, sob pretexto algum, tergiversar sobre este ponto.



*meter*, *metros*, gr.; *Omm*, ár.; *mére*, fr.; *madre*, esp.; etc.), o mesmo ocorrendo com a palavra mão (*manus*, us, lat.; *main*, fr.; *mano*, esp.)<sup>52</sup>.

Por outro lado, pai-pé e mão-mãe estão evidentemente relacionados, respectivamente, ao simbolismo do Sol (solo, só) e da Lua (*Moon*, ing.; *Mond*, al.), de modo que o movimento ascensional da força desde o pé até a mão reflete em modo inverso, o movimento descensional dos raios solares até a Lua. Ora, se o Sol demarca as direções do espaço, a Lua as percorre, escandindo-as em 28 (= 4 x 7) etapas, isto é, desdobrando em modo sucessivo, analítico e dinâmico a estrutura sintética e estaticamente demarcada pelo Sol<sup>53</sup>.

Mais ainda, a Lua conserva e redistribui em modo temporal e cíclico a energia solar e também a luz solar, que ela reflete em modo variado, criando os vários padrões de luminosidade noturna segundo as fases lunares.

Do mesmo modo, no t'ai chi, uma única posição do pé pode ser desenvolvida em muitos gestos de mão de forma que a mão desenvolve e descobre em modo variado as possibilidades oferecidas pela posição do pé.

Essa prática tem consequências formidáveis do ponto de vista da integração do modelo cosmológico no psiquismo do estudante. Por um lado, sua actuação alquímica é evidente, pois a descida das águas e a subida do fogo já equivalem a uma fase de separação do subtil e do espesso<sup>54</sup>; do ponto de vista psicológico, isto se reflete no incremento da capacidade de distinguir, na percepção do mundo, as áreas de necessidade determinística e de liberdade criadora, não só em modo estático, mas em suas intermutações constantes.

---

<sup>52</sup> V. Fabre d'Olivet, *The Hebraic tongue restored*, trad. inglesa, New York, Samuel Weiser, 1978, p. 93-98.

<sup>53</sup> Titus Burckhardt, *op. cit.*, p. 31-37. Deve-se observar, de passagem, que o número 7 é a razão entre o número de pontos cardeais e o de dias lunares, sendo também o número de planetas (visíveis, isto é, os únicos que contam na astrologia tradicional), de modo que o ciclo das casas lunares representa um requadramento dos ciclos planetários, ou seja, um resumo estático da totalidade das suas possibilidades. Se em relação ao ciclo Solar o ciclo lunar é analítico e extensivo, em relação aos ciclos planetários ele é sintético e intensivo.

<sup>54</sup> "Separa a terra do fogo e o subtil do espesso, docemente e com grande prudência", sétima fase da obra alquímica segundo a *Tábua de Esmeralda*. V. Titus Burckhardt, *Alchimie. Sa signification et son image du monde*, Milano, Arche, 1979, p. 198-201.

O prosseguimento da prática levava a conscientização das áreas correspondentes aos outros dois elementos (terra, a base, o coccix; ar, a respiração) de modo que depois de algum tempo a percepção do corpo do aluno por ele mesmo será um microcosmo no qual se reflectem não somente os movimentos do Sol e da Lua como também os demais ciclos naturais (pois os quatro elementos têm correspondentes nas quatro partes do ecossistema, nos quatro estados da matéria, etc.). A diversificação integrada dos movimentos constituirá um modelo planetário em miniatura, servindo, por sua coerência geométrica e rítmica, de apoio para a compreensão profunda e integrada das disciplinas do *trivium* e do *quadrivium* <sup>55</sup> - que se estruturam também segundo esse modelo - e, por meio delas, para a ascensão a intelecções superiores de ordem cosmológica e metafísica.

A percepção integrada dos níveis de realidade e das suas correspondências simbólicas, sincrônicas e harmônicas, e a condição, seja para a compreensão das doutrinas espirituais, seja para o exercício de qualquer ciência ou arte tradicional, incluindo evidentemente a dialéctica. Sem essa percepção integrada, certos padrões parciais ou momentâneos de inter-conexão dos dados da realidade podem-se tornar abusivamente centrais, contribuindo para as "distorções convincentes" em que se enredam tão facilmente os filósofos e cientistas modernos. A qualidade do conhecimento está directamente condicionada a qualidade, completude e integração da percepção de si e do mundo pelo portador desse conhecimento. De modo que o exercício da filosofia fora de uma disciplina espiritual e uma fonte de enganos verosímeis <sup>56</sup>.

## 5

Bem, como dizia antes, os planos e níveis de realidade não são totalmente desconhecidos pela filosofia moderna. Mas, além das restricções a que esta se sujeita, como vimos, resta ainda o facto de

---

<sup>55</sup> V. Edgard de Bruyne, *Estúdios de estética medieval*, 3 vols., trad. espanhola, Madrid, Gredos, 1958; Dante, *O Convívio*, Tratado II, cap. XIII: "Semelhanças entre os céus e as ciências" (trad. espanhola, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1973, p. 604-609); René Guénon, *O Esoterismo de Dante*, trad. portuguesa, Lisboa, Vega, 1978, p. 22-23.

<sup>56</sup> Henry Corbin, *Philosophie Iranienne et philosophie comparée*, Téhéran, Académie Impériale de Philosophie, 1977, p. 60; e *En Islan Iranien*, op. cit., p. 43s.

que somente uma escola filosófica fez um aproveitamento sistemático dessa constatação. Os filósofos que a ela pertencem se notabilizam justamente por se moverem entre os vários planos sem confundi-los quase nunca.

Trata-se da fenomenologia de Edmundo Husserl. Esta escola é notável pela integridade, rigor e honestidade intelectual do seu método, e um treinamento fenomenológico não é de forma alguma inútil para os que desejem ingressar no mundo do simbolismo e das doutrinas tradicionais.

O caso de Henry Corbin, que começou como fenomenologista e terminou como uma autoridade de proa no mundo da espiritualidade islâmica iraniana, é particularmente ilustrativo, sob esse aspecto <sup>57</sup>.

Vou dar um exemplo breve de aplicação desse método ao discernimento dos níveis de realidade. O filósofo polonês Roman Ingarden aplicou a fenomenologia a distinção dos "estratos" que compõem a obra de arte literária <sup>58</sup>. Ele fez essa distinção no curso de uma investigação sobre o "modo de existência" ou sobre o "modo de ser" das obras literárias. Que tipo de realidade, que tipo de ente, são elas? Com esta pergunta ele pretendia encontrar uma orientação firme no emaranhado de critérios - históricos, linguísticos, psicológicos, estilísticos - que disputavam o primado no campo dos estudos literários de ciência da literatura. Ingarden discerne quatro estratos básicos na obra literária: primeiro, um estrato sonoro; a obra de arte literária é um tecido de sons, e admite um estudo separado sob este aspecto (fonética, prosódia, métrica, etc.); segundo, a faixa das "unidades de significado", onde cada palavra se junta as outras, formando sintagmas e padrões diversos de significação e simbolização; a obra literária admite um estudo autónomo sob este ponto de vista, por exemplo, na semântica e na estilística.

Terceiro, a esfera dos entes e objetos, o "mundo" do romancista, do poeta, do dramaturgo, etc., mundo humano, ideológico, social, religioso, etc.; esta parte é estudada sob o prisma sociológico,

---

<sup>57</sup> Corbin, além dos citados: *Corps spirituel et terre céleste*, Paris, Buchet-Chastel, 1979; *Histoire de la philosophie islamique. Des origines à la mort d'Averroës*, Paris, Gallimard, 1974; *L'Imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn Arabi*, Paris, Flammarion, 1977, etc.

<sup>58</sup> Cit. em René Wellek & Austin Warren, *Theory of literature*, New York, Hartcourt Brace 4 World, 1956, p. 161s.

histórico, histórico-cultural, etc.; finalmente, ele discerne um quarto estrato, o das "qualidades superiores" ou "qualidades metafísicas", como o sagrado, o terrível, o trágico, o sublime, etc., que fazem parte da obra literária tanto quanto as letras que o compõem; este estrato, que se refere à significação última e portanto metafísica da obra, é por exemplo aquele que Berdiaeff estuda na obra de Dostoievski, Guénon na obra de Dante e Gilbert Durand na *Chartreuse de Parme* <sup>59</sup> de Stendhal; nesta faixa a literatura raia as fronteiras da mística, da filosofia (em seu sentido superior) e do esoterismo.

Os estratos são metodologicamente independentes, mas ontologicamente unidos, pelos vários padrões de significação que sobem desde os sons elementares, - tomados seja na sua mera ressonância evocativa, como nas letras profanas, seja no rigoroso simbolismo da sonoridade criadora primordial, como nas letras sagradas - até as unidades complexas de intelecções metafísicas em que a obra finalmente deve desembocar. A mesma escala de significações espirituais ressoa simultaneamente em quatro mundos.

Com tais explicações, Ingarden cortou o nó górdio das escolas explicativas em disputa, no campo literário, dispondo as várias possibilidades explicativas num complexo orgânico unitário.

Ora, o esquema de Ingarden coincide em género, número e grau com o simbolismo dos quatro elementos no *t'ai chi*: terra, os sons de base, o substrato material cujos acoplamentos criarão um apoio para a manifestação dos significados; água, a intercombinação plástica de unidades de significação maiores e menores em interpenetração fluida; ar, a "atmosfera" humana, histórica e cultural da obra; fogo, sua virtualidade ascensional, analógica.

Temos aí um exemplo de como um grande filósofo, movido por uma intenção honesta, reencontra em seu próprio âmbito de pesquisa as realidades eternas veiculadas pelas doutrinas tradicionais, das quais provavelmente ele não tem nenhum conhecimento direto. Na filosofia moderna, tais encontros felizes ocorrem com muito maior frequência entre os fenomenologistas, - discípulos de Husserl, do que em qualquer outra escola, porque Husserl, - também sem

---

<sup>59</sup> Nicolas Berdiaeff, *L'Esprit de Dostoievski*, Paris, S. C. E. L., s/d; Guénon, *O Esoterismo de Dante*, op. cit.; Gilbert Durand, *Le décor mythique de la "Chartreuse de Parme"*, Paris, Corti, 1971.

conhecimento direto das doutrinas tradicionais - foi um modelo de honestidade intelectual, raramente imitado entre os académicos.

Resta assinalar que tais encontros podem marcar o início de uma escalada intuitiva e colocar o filósofo no caminho de uma verdadeira busca espiritual, ou, ao contrario, morrer ainda em estágio de promessa e não produzir nada além de mais uma tese académica. Não sabemos o que se deu no caso concreto de Roman Ingarden, mas esperamos que os anjos lhe tenham sido propícios. O que é seguro é que a estrutura actual da profissão académica não favorece em nada a floração dessas vocações superiores, e tende antes a sufocar entre as exigências de um oco formalismo toda luz intelectual nascente.

## CAPÍTULO IV

### NOTA SOBRE A PALAVRA "ZODÍACO"

A palavra "Zodíaco" provém do grego *diakos*, "círculo", e *zoon*, que é traduzido habitualmente como "animal"; daí que se lhe atribua com frequência o sentido de uma roda com bichos desenhados em torno <sup>60</sup>, o que ele de facto é se observado de um ponto de vista exclusivamente gráfico.

Mas esse ponto de vista manifesta apenas a primeira impressão de um observador desatento e superficial <sup>61</sup>, e não pode nos ajudar a compreender de que se trata no fundo.

Na verdade, a palavra *zoon* - do mesmo modo que seu equivalente latino *animal* - não significa apenas "bicho" <sup>62</sup>, mas todo ser animado, inclusive o homem; e aliás o que se confirma pela

---

<sup>60</sup> Por exemplo, Rupert Gleadow, *Les origines du Zodiaque*, trad. francesa, Paris, Stock, 1971, p. 15.

<sup>61</sup> Já tive ocasião de observar que uma transferência do foco de atenção desde o significado para o puro e simples substrato corporal do significante é considerada um índice de enfraquecimento das faculdades psíquicas, quando ocorre num indivíduo isolado; quando, porém, se dá em escala coletiva, atingindo a toda uma parcela significativa da comunidade letrada e impondo-se como uma verdadeira norma metodológica de embotamento obrigatório da inteligência não se parece ver nada de particularmente perigoso no mesmo fenómeno. E o que é o apego do "facto concreto", entendido em toda a sua corporalidade maciça, senão uma confissão de cansaço cerebral e horror às subtilezas? E que representam certas correntes de pensamento atuais, como as poéticas "concretas" e os estudos de automação linguística, do que uma espécie de codificação teórica da perda do tônus mental e da capacidade de síntese necessária ao entendimento de todo simbolismo? Um estudo mais profundo desse fenómeno, mais do que alarmante, catastrófico, requereria um exame do conteúdo propriamente "contra-iniciático" dessas correntes de pensamento, estudo este que foi levemente esboçado apenas por Marina Scriabine no seu brilhante trabalho sobre a contra-iniciação moderna, apresentado ao Colóquio de Cerisy-La-Salle de 1971 sobre *René Guénon et l'actualité de la pensée traditionnelle* (actas editadas por Arché, Milano, 1980).

<sup>62</sup> A dualidade de "bicho" e "animal" é uma finura do idioma português. "Bicho" provém do lat. vulgar *besche*, do qual saíram também *bicha* e *besta*, formando por assim dizer distintas gradações qualitativas de animalidade (o homem é reconhecido como animal, porém chamá-lo de bicho ou besta já é ofensivo), que parecem inexistir em muitas outras línguas, e que vêm precisamente ao caso, pois tais gradações estão fora do âmbito da zoologia, mas não da ontologia, que é o que nos interessa aqui. A etimologia de "bicho" encontrei em Augusto Magne, *A Demanda do Santo Graal*, v. 3, *Glossário*, Rio, INL, 1944.

presença, no Zodíaco, também de representações de seres humanos, como os Gêmeos, a Virgem ou o Aquadeiro (*Aquarius*).

Se assim estendemos o campo de significação para abarcar toda a esfera zoológica, incluindo o homem, não esgotamos ainda o conteúdo da palavra, pois a Virgem carrega uma espiga de milho, o que obriga a ampliar a conotação de *zoon* de modo que possa abranger também os vegetais <sup>63</sup>.

Para piorar ainda mais as coisas, o Zodíaco também não se limita à esfera do que a biologia <sup>64</sup> atual designa, aliás com notável imprecisão, como "seres vivos", mas abrange também algumas outras coisas, que para o homem atual talvez não sejam vivas, e nem mesmo sejam seres.

Ele inclui representações de criaturas que hoje entendemos como fantásticas ou imaginárias, como a Cabra-Peixe (Capricórnio) e o Centauro (Sagitário). Para os gregos, portanto - e também para os babilônios dos quais eles herdaram tais representações - centauros e cabras marinhas são também *zoon*, ou "animais".

Considerando-se que os gregos dispunham de palavras explicitamente destinadas a designar as fantasias e imaginações da mente (= "fantasia";  $\mu$  = "fantasma", "aparição"), e forçoso concluir que, se designaram tais criaturas pela palavra *zoon*, foi porque as consideravam tão reais quanto os elefantes ou as minhocas, e não simples produções do psiquismo humano. De facto, a ideia de identificar "realidade" e "corporeidade" não passou pela cabeça de ninguém antes do século XIX, e os gregos não tinham, portanto, nenhum motivo para crer que o incorpóreo fosse necessariamente subjetivo. O homem moderno pode supor que eles confundissem tudo, que tomassem o subjetivo por objetivo, mas a realidade é que, como se

---

<sup>63</sup> Aliás, ao falar de *zoon*, é preciso evitar as confusões que podem ser ocasionadas pela conotação actual do termo "zoologia"; de facto, a evolução posterior no uso do termo derivado não poderia evidentemente afectar o significado originário do seu étimo, mas, ao traduzirem *zoon* por "animal", o que estão fazendo se não atribuir ao grego arcaico uma intenção demarcativa e classificatória que de facto não surgiu antes de que Buffon lançasse as bases da zoologia como estudo independente, no século XVIII? No mínimo, seria preciso reconhecer que a acepção zoológica do termo "animal" não começou a esboçar-se senão a partir de Aristóteles. Mas todos não conhecemos a tendência accidental, assinalada por Heidegger, de "aristotelizar" tudo o que se escreveu na Grécia antes de Aristóteles?

<sup>64</sup> As observações sobre a assimilação indevida de um sentido moderno à palavra *zoon*, aplicam-se também a *bíos*, que nada tem a ver com a biologia moderna.

vê pelos livros, entre outros, de Hipócrates, Teofrasto e Aristóteles <sup>65</sup>, eles tinham perfeitamente noção do que fossem as puras fantasias e imaginações da mente. Se, então, denominavam *zoon*, e não fantasma, à cabra marinha e ao centauro, não era porque confundissem fantasia com realidade, mas porque levavam em conta uma distinção entre imaginações objectivas e subjectivas, reais e fantásticas. Esta distinção desapareceu da filosofia e da ciência modernas, só sendo conservada no recinto especializado dos estudos literários através dos conceitos respectivos de *imagination* e *fancy* postos em circulação por Samuel Taylor Coleridge (1772-1834).

Seres como a cabra marinha e o centauro possuíam, portanto, uma fórmula própria de realidade, distinta tanto da presença corpórea quanto da pura ideação subjectiva. Essa forma de realidade intermediária foi denominada em latim *mundus imaginális*, e o termo "imaginal" pressupunha uma distinção radical entre ela e o "imaginário" <sup>66</sup>.

Um estudo da consistência e das estruturas do *mundus imaginális* poderia levar-nos demasiado longe do nosso propósito, que é simplesmente o de definir o sentido da palavra "Zodiaco", mas podemos remeter o leitor para a obra monumental de Henry Corbin <sup>67</sup>, que fornece não apenas a explicação, mas a atestação documental extensa das concepções sobre o imaginal, sobretudo na filosofia persa, que ele foi o primeiro autor a divulgar no Ocidente.

---

<sup>65</sup> Hipócrates, *Da doença sagrada*; Teofrasto, *Os caracteres*; Aristóteles, *Da adivinhação pelos sonhos* (464a).

<sup>66</sup> A perda do conceito do imaginal no Ocidente veio junto com a redução cartesiana de toda a realidade ao dualismo de alma e corpo, *res cogitans* e *res extensa*, simplificação drástica e abusiva que substituiu por uma única dupla de conceitos toda a intrincada e subtil rede de níveis e planos reconhecida pelos filósofos medievais, bem como por todas as doutrinas tradicionais. É possível que Descartes mesmo não atribuisse a essa dualidade tanta importância, e que a visse apenas como uma nomenclatura mais ou menos provisória e parcial; mas o facto é que seus sucessores a transformaram num dogma literal e formal, provocando o que Gilbert Durand denominou a "catástrofe metafísica do Ocidente", isto é, a perda da dimensão do imaginal e do simbólico: depois de Descartes tudo o que não tivesse corporeidade, extensão, passou a ser atirado sistematicamente na esfera do mental e do subjetivo, vale dizer, do irreal. V. Durand, *Science de l'homme et Tradition*, Paris, Tête-de-Feuilles, 1975, p. 29s.

<sup>67</sup> V. Henry Corbin, *L'Imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn Arabi*, 2ª. éd., Paris, Flammarion, 1958; *En Islam Iranien. Aspects spirituels et philosophiques*, 4 vols., Paris, Gallimard, 1971; *L'Homme de lumière dans le soufisme iranien*, Paris, Librairie de Médicis, 1971, etc.



Tudo quanto cabe fazer aqui é indicar que o imaginal não é "produzido" pela imaginação - individual ou coletiva - mas captado por uma faculdade específica e diversa, denominada a *Imaginação Activa*, que certas práticas de concentração nas várias disciplinas espirituais do Oriente e do Ocidente se destinavam a despertar e desenvolver, e da qual o homem comum e corrente dos nossos dias é totalmente desprovido <sup>68</sup>, O *mundus imaginalis* é o âmbito das hierofânias, das aparições sacrais, que o homem moderno só confunde com as alucinações individuais ou colectivas porque a possibilidade de ficar louco lhe parece bem mais concreta e plausível do que a de encontrar Deus - crença esta que aliás já é um indicador muito preciso do estado psíquico hoje considerado normal.

---

<sup>68</sup> Peço encarecidamente ao leitor a fineza de não confundir tais disciplinas com nenhuma das técnicas modernas de "expansão da consciência", mediunidade, telepatia, clarividência, etc. Se o homem moderno, em seu estado normal, já está bastante desprovido da *Imaginação Activa*, o único resultado que tais "técnicas" em moda logram alcançar é o de embotar o pouco que lhe reste de capacidade para adquiri-la. E a oração, comum e corrente dos fiéis de qualquer Igreja está mais próxima de atingir o *mundus imaginalis* do que qualquer pretensão "ensinamento oculto" que se possa encontrar no moderno supermercado espiritual. Aliás, as verdadeiras disciplinas de concentração, que conduzem ao despertar da *Imaginação Activa*, baseiam-se justamente numa extensão e aprofundamento das possibilidades da oração, desde que se trate, evidentemente, de oração canônica e regulamentar de alguma religião verdadeira. Cf. Corbin, *L'Imagination créatrice*, op. cit.

## CAPÍTULO V

### NOTAS PARA UMA PSICOLOGIA ASTROLÓGICA

Segundo Santo Tomás, os astros não influem no nosso entendimento, mas sim no nosso aparato corpóreo; se, portanto, agem sobre nosso psiquismo, não é a título de causas essenciais, mas de causas acidentais <sup>69</sup>.

A ciência tradicional do simbolismo visa justamente, como em São Boaventura, a atravessar a opacidade dos fenómenos sensíveis, que assim perdem sua gratuidade empírica ou sua mecanicidade lógico-positiva, e se transformam em "etapas" de uma interiorização, no caminho da mente a Deus.

E esse o único sentido que pode ter uma astrologia. Ela não será nem mágica (supersticiosa), nem científico-natural, mas simbólica e, em última instância, metafísica (o que não implica evidentemente nenhuma exclusão dos procedimentos científico-naturais destinados a obter uma descrição exacta dos fenómenos planetários e das suas concomitantes terrestres; somente, que, no caso presente, longe de constituir um objetivo final, é apenas o ponto de partida para o verdadeiro estudo, que correlaciona esses dados com os princípios ontológicos, correlação aliás sem a qual eles não teriam o mínimo sentido e nem mesmo realidade <sup>70</sup>.

Nas páginas seguintes, forneço algumas indicações esparsas sobre a psicologia astrológica, isto é, sobre as aplicações do simbolismo astrológico - que se pressupõe conhecido em seus princípios e detalhes, para o que remeto a trabalhos anteriores - ao

---

<sup>69</sup> Sobre as concepções astrológicas de Santo Tomás de Aquino, v. o capítulo III do presente texto.

<sup>70</sup> Hugo de S. Vítor (em Migne, *Patrologia Latina*, CLXXVI, 199) parece admitir somente dois tipos de astrologia, a supersticiosa e a natural (científica). No entanto, sua própria obra demonstra profundos conhecimentos do simbolismo, e por outro lado está claro que somente factos reais, cientificamente comprovados, podem ser objeto de interpretação simbólica, pois o que não existe não pode simbolizar o que quer que seja; de modo que a astrologia simbólica pressupõe uma astrologia natural. Como ao homem medieval jamais ocorreria a ideia, essencialmente oitocentista, de que os simples factos pudessem existir por si mesmos, sem significar nada mais além, fica então evidente que Hugo, ao mencionar somente dois tipos, deixa implícita a existência de um terceiro.

estudo da caracteriologia e da destinologia humanas. Este trabalho, advirto, não se destina a principiantes, mas a pessoas que tenham bons conhecimentos do simbolismo e das doutrinas tradicionais. Por outro lado, insisto: são notas e sugestões esparsas, e não uma exposição coerente. A terminologia, por isto, é oscilante, incerta.

Do ponto de vista da psicologia astrológica, os planetas (do verbo *plano*, *planare* = "alisar", "aplanar") são nada mais, nada menos, que níveis de efetivação e de intelecção do símbolo fornecido pelo signo ou casa; cada planeta é um transformador e catalisador desse símbolo, limitando e concretando sua universalidade "abstracta" a um nível preciso e particular de cristalização no psiquismo individual.

Esta definição é coerente não somente com a etimologia do vocábulo, mas também com o simbolismo tradicional no qual os planetas representam: (a) planos de realidade; (b) escalas de uma cosmogonia; (c) gradações de conhecimentos; (d) graus de iniciação.

Todas essas significações são evidentemente análogas, e aliás são abundantemente conhecidos o tema iniciático das "viagens celestes", por um lado e, por outro, a gradação de planetas e ciências no *trivium* e ao *quadrivium*.

O plano da psicologia astrológica. Se os astros não influem no nosso entendimento, o esquema global da astrologia psicológica não poderia ser um estudo da inteligência livre e central do homem, mas sim do conjunto de condições (cósmicas, sociais, históricas, etc.) que limitam e enquadram essa inteligência e, com ela, a liberdade humana, condicionando-a a título de causa ocasional, como frisa S. Tomás.

Portanto, o plano em que se pode falar de uma psicologia astral não é o da intelecção, nem o da decisão (pois, ainda segundo S. Tomás, os astros não influem diretamente sobre a nossa vontade), mas sim o da representação, o da formação de um sistema de visão individual do mundo a partir, de um lado, da própria estrutura individual, e, de outro, dos dados e parâmetros fornecidos pelo meio.

Como frisa Guénon, o sistema planetário e, por sua forma, a síntese simbólica de todas as influências que pesam sobre a individualidade nascente, e, por isto, a astrologia é como um átrio com portas para todos os gêneros de estudos sobre o ser humano <sup>71</sup>.

---

<sup>71</sup> René Guénon, *La Grande Triade*, Paris, Gallimard, 1957, cap. XIII, p. 117-119.

A influência planetária será visível, psicologicamente, na formação dos quadros imagéticos e lógicos de referência em que o indivíduo apoiará suas reflexões e decisões; tais quadros tendem a cristalizar-se num sistema de "rotinas" psíquicas rígidas, que condicionam, portanto, um destino coercitivo caso não venham a ser obstadas por uma influência espiritual superior que as dissolva. Às vezes não se trata propriamente de dissolver o sistema de influências, mas de elevar o seu nível hermenêutico; não se trata de mudar o destino, mas de enobrecê-lo com uma significação espiritual <sup>72</sup>. O destino cristalizado em todos os dados imutáveis - passado familiar e histórico, forma do corpo, hereditariedade, etc. - funciona como a "cruz" do condicionamento cósmico que não se trata de rejeitar, mas de erguer. Quando a cruz de um indivíduo é muito pesada, uma influência tradicional pode ajudar a carregá-la.

Também é lógico que, quanto mais vamos do interior para o exterior, do informal para o formal, do imanifesto para o manifestado, tanto mais a rede de diferenciações polares que compõe esse sistema de referências se faz sentir agudamente e, inversamente, quanto mais vamos para o interior - e para cima -, mais as diferenciações se reabsorvem na visão unificante de Deus; portanto, o homem espiritual, se não se livra materialmente das contradições do seu destino, interiormente não as vivencia como insolúveis, e a dilaceração externa lhe parece menos uma realidade do que um ponto-de-vista <sup>73</sup>.

O conhecimento do simbolismo planetário induz a uma reflexão sobre a unidade subjacente às contradições do destino. A psicologia astrológica é uma teoria do sentido do sofrimento e da raiz deste último nas polarizações que cosmogonicamente desdobram o orbe manifesto a partir da unidade do Ser. Ela conduz a ver este mundo, nas palavras de S. Boaventura, como a "sombra de Deus".

Vejamos alguns níveis de cristalização do símbolo, em função das posições planetárias.

*Saturno* - É o nível mais baixo. O símbolo perde sua força unificante, é problematizado racionalmente, arrisca decompor-se em blocos de representações (e, portanto, de tendências) contraditórias e

---

<sup>72</sup> Nicolas Berdiaeff, *Esprit et Réalité*, Paris, Aubin, 1950, p. 147.

<sup>73</sup> Frithjof Schuon, *L'Esoterisme comme Principe et comme Voie*, Paris, Dervy-Livres, 1978, p. 142 e n. l., dá uma breve indicação sobre a "subida de nível" do destino na via espiritual.

conflitantes, ameaçando romper a unidade do psiquismo mesmo <sup>74</sup>. A função cognitiva assinalada pela casa não conta com o aporte sintetizante dado pelo símbolo e, tendo em vista a observação de Susanne K. Langer, de que psicologicamente o símbolo funciona como um instrumento para criar abstrações, ou como uma "matriz de intelecções" <sup>75</sup>, as intelecções naturalmente serão dificultadas por toda sorte de contradições e objeções interiores de que uma racionalidade perversa e capaz. (Porque Saturno, nas funções, e a razão, e a razão não é dada de uma vez por todas, mas tem de ser conquistada pelo aprendizado, de maneira que no começo da vida nos a contactamos, logicamente, primeiro pelos seus aspectos inferiores, deficitários e limitantes) <sup>76</sup>.

Aqui e, portanto, o ponto de máxima distancia entre a "personalidade" e a "individualidade", ou, noutro nível, entre a individualidade subjectiva e o meio externo, ou, noutro nível ainda, entre o que pressinto de mim dentro de mim e o que suponho ter expressado, ou o que suponho que os outros entenderam do que expressei. É o máximo contraste entre tempo psicológico e tempo cronológico; e entre espaço e tempo. Somente a força da própria Razão, mas em sua mais autêntica universalidade, pode sintetizar novamente o que aqui for disperso; aqui, o homem padece em nível individual e em modo existencial as degradações sociais da razão e reflecte em sua vida a incoerência da mentalidade do seu meio.

O Sol - É o nível mais alto de integração. O símbolo - do signo ou casa - é vivido em sua plenitude de significado e no máximo do seu poder integrativo; e a grande força ascensional e unificante de todas as tendências e representações. É, portanto, o ponto onde a individualidade mais facilmente se identifica com a personalidade. Os riscos psicológicos, aqui, são de idolatria (do símbolo e dos valores que existencialmente o traduzem), enquanto que na casa de Saturno o perigo é o da negação e do desespero.

---

<sup>74</sup> Trata-se também do simbolismo do chumbo como metal "compacto", "opaco" e "desorganizado". V. Titus Burekhardt, *Alquimia, Significado y imagen del mundo*, trad. Ana M. de La Fuente, Barcelona, Plaza y Janes, 1976, p. 97-98.

<sup>75</sup> Susanne K. Langer, *Ensaio filosófico*, trad. Jamir Martins, São Paulo, Cultrix, 1971, cap. III, p. 64.

<sup>76</sup> Cf. Titus Burekhardt, *An Introduction to Sufi Doctrines*, trad. D. M. Matheson, Wellingborough, Northamptonshire, Thorsons, 1976, cap. XI, p. 93-98.

Entre esses dois pólos, o encontro da espiritualidade real restabelece o equilíbrio analogante entre semelhança (Sol) e diferença (Saturno), entre personalidade superior (arquetípica) e individualidade existencial empírica.

Os *símbolos* - Os doze signos designam as doze qualidades divinas fundamentais, que se cristalizam nas doze estruturas míticas de base <sup>77</sup>, as quais constituem, do ponto de vista cosmogônico, as doze direções da manifestação, e, do ponto de vista iniciático, as doze "vias de retorno" à unidade através de uma escada de símbolos genericamente idênticos (sendo os signos doze gêneros de símbolos). Como cada um dos signos contém em seu próprio âmbito símbolos correspondentes aos outros onze, o zodíaco também é a súplica das doze etapas do conhecimento, dez em nível cósmico e duas num "entremundos" no portal entre o cosmos e o Trono divino. Os dez primeiros são os correspondentes astrológicos, por um lado, das dez categorias lógicas de Aristóteles, e, por outro, das dez categorias ontológicas ou "leis" de Pitágoras <sup>78</sup>, que resumem os arquétipos numéricos de todo o universo criado, e, portanto, as estruturas fundamentais da inteligibilidade.

O símbolo é a grande força integradora do psiquismo, e a posição do Sol num dos signos revela a "chave" simbólica básica destinada a integrar as representações e tendências numa convergência teleológica que representa para o indivíduo o sinal e garantia do seu ser autêntico.

Em outros termos, o Sol, correspondendo, no esquema das faculdades cognitivas, à inteligência ou entendimento <sup>79</sup>, é a ligação entre individualidade e personalidade, ou entre existência e essência, através da mediação do símbolo. Quando o signo é beneficiado pela presença do Sol, a função cognitiva representada pelo seu planeta regente opera em plenitude, devido ao aporte da concreção simbólica.

A ligação essência-existência desdobra-se em duas modalidades: uma directa, simbólica, imediata, intensiva, que é representada pela inteligência ou Sol, outra indirecta, mediata, extensiva e temporal ou "biográfica", representada por Saturno. Este último é, portanto, o símbolo da caminhada em sentido extensivo,

---

<sup>77</sup> Jean-Charles Pichon, *Histoire des mythes*, Paris, Payot, 1971, p. 14-20.

<sup>78</sup> V. Mário Ferreira dos Santos, *Pitágoras e o tema do número*, São Paulo, Matese, 2a. ed., 1965, p. 167-181.

<sup>79</sup> Burckhardt, *Sufi Doctrines*, loc. cit.

com suas dificuldades, marchas e contramarchas, que terminará por preencher de conteúdo concreto a visão inicial da essência, enquanto que o Sol é esta mesma visão interior e imutável que sintetiza as qualidades do objectivo da existência.

A *Lua* - Entre esses dois pólos, a Lua representará o aspecto cíclico, que já é, pelo seu conceito mesmo, o símbolo da permanência na mudança, da simultaneidade na sucessão, ou, se quiserem, do tempo em espaço; é portanto a função psicológica que permitirá a síntese da intuição e da razão, do Sol e de Saturno, do arquetípico e do biográfico.

De um ponto de vista epistemológico, podemos dizer que cada um desses três astros corresponde a uma modalidade de conhecimento: o Sol, à universalidade abstrata do lógico-formal, Saturno a experiência sensorial, ao particular e dado; e a Lua ao movimento dialéctico que confere universalidade ao particular e concreção psicologicamente vivenciada ao universal. Graças, porém, a existência deste mesmo movimento dialéctico, devemos resguardar-nos de conferir papéis abstractamente fixos aos dois outros astros, e compreender que, conforme o plano que se tenha em vista, estes papéis são invertidos. De um ponto de vista psicológico (oposto ao epistemológico), é o Sol que representa a percepção sensível (afinal, a visão é um símbolo mesmo do intelecto)<sup>80</sup>, e Saturno a lógica.

Quanto ao papel "concretante" da função lunar, é preciso assinalar, com Ferreira<sup>81</sup> que a palavra "concreto" provém de *cum crescior*, "crescer com", o que por um lado evidencia que um conhecimento concreto e aquele que não apreende somente o particular isolado nem o universal lógico (que são duas formas de abstracção), mas acompanha o crescimento do particular ao universal e o descenso do universal ao particular, num sistema total de coordenadas perceptivas e gnoseológicas; por outro lado, essa etimologia remete directamente ao simbolismo das fases da Lua. Estas últimas, por sua vez, reflectem as modalidades de refacção da luz solar, e também imitam em plano pequeno - 28 dias - os 28 anos do ciclo de Saturno. Desta forma, a Lua é, do ponto de vista espacial (visual) uma cópia do Sol, e, do ponto de vista temporal, uma cópia de

---

<sup>80</sup> Platão, *A República*, Liv. VI, 507-511.

<sup>81</sup> Mário Ferreira dos Santos, *Filosofia Concreta*, 28ª ed., São Paulo, Logos, 1959, p. 19-20.

Saturno. Nada mais lógico, portanto, do que, em seus deslocamentos espaço-temporais, ela reflectir simbolicamente a síntese dialéctica dos dois planos que esses astros representam: e como se, por meio do movimento lunar, a luz - em si mesma estática, permanente - do Sol acompanhasse, "crescesse com" o ciclo inteiro das transformações vividas no curso de 28 anos, completando-se assim, no ciclo pequeno de 28 dias, a "concreção do universal" e a "universalização do particular" na síntese dialéctica do ciclo lunar, o qual Mohyeddin Ibn-Araby, por isto mesmo, considerava o modelo por excelência de todo desenvolvimento dialéctico, lógico-temporal, de um princípio dado, afirmando que a relação Sol-Lua reflecte o padrão de relações entre o Intelecto divino e a razão humana <sup>82</sup>. Numerologicamente, o Sol, sendo por sua relação com a Terra a unidade de medida de todos os ciclos planetários - em anos, dias, horas, etc. - tem, evidentemente, valor 1, representando por isto o princípio, enquanto que os 28 anos de Saturno (ou os 28 dias da Lua) somam, "aritmologicamente", 10 (2+8), representando então a totalidade de um ciclo, por um lado, e, por outro, a identidade essencial entre as manifestações contidas nesse ciclo e o princípio de que emanam, já que 10 se sintetiza em 1+0 = 1 <sup>83</sup>.

Os demais planetas. - A dedução dos demais planetas e de suas funções seria demasiado longa para expor aqui; limito-me a breves indicações. Os signos regidos por Vénus e Mercúrio (Touro e Virgem) estão colocados a 60 graus do signo lunar (Câncer), respectivamente à esquerda e à direita. Podemos então deduzir que as funções que representam são especificações ou polarizações da função lunar.

Ora, a compreensão dos ciclos de transformações implica de facto a dupla dialéctica: por um lado a dialéctica lógica, representada no *trivium* por Mercúrio (associado também no esoterismo islâmico à função do pensamento discursivo), e por outro lado a dialéctica simbólica, representada por Vénus, que como se sabe, rege no *trivium* a retórica (que é por excelência a ciência da ligação imagem-conceito) e se associa, no esoterismo islâmico, à função imaginativa.

---

<sup>82</sup> Titus Burckhardt, *Clef Spirituelle de l'astrologie musulmane d'après Mohiiddin Ibn-Arabi*, Milano, Arche, 1974, p. 36.

<sup>83</sup> René Guénon, *Remarques sur la production des nombres*, in *Mélanges*, Paris, Gallimard, 1976, p. 58-68.



Em contrapartida simétrica, os signos regidos por Júpiter e Marte estão colocados a 60 graus do signo saturnino de Capricórnio, respectivamente à esquerda e à direita. Representam então polarizações da função razão. Ora, a razão, em tão feliz momento, definida como "o sistema de todas as determinações", desdobra-se a partir de um ponto fixado pela decisão livre, no espaço e no tempo. A fixação de um começo, de um ponto de partida <sup>84</sup>, está ligada a decisão, à vontade, função esta que se polariza em (a) orientação no espaço, sentido de direcção, Júpiter (que no *quadrivium* é a geometria e no esquema das funções cognitivas é a vontade ou fé); (b) orientação no tempo, sentido de parada, corte e ritmo: Marte (que no *quadrivium* é a Música e nas funções cognitivas é a imaginação ativa, suspicácia ou alerta).

Nota sobre razão e intuição. - A razão tende à identidade, ao homogéneo, a fixidez, a integridade, mas atinge-os por meio do conceito, isto é, da abstracção, que não é outra coisa senão separação (de *abs* - *trahere*, "colocar de lado").

A intuição sensível, ao contrário, tende à individualização dos entes percebidos, portanto em última análise a heterogeneidade, ao fluxo, ao múltiplo; ocorre, porém, que a máxima individualização do ente coincide com a sua universalização simbólica (pois um ente não poderia ser irredutivelmente ele mesmo excepto quando carregado com a totalidade dos seus atributos, o que só é possível pela síntese simbólica, que é o inverso da abstracção); desse modo todo universo "está" naquele ente grávido de máxima significação. Se não fosse assim, toda arte seria impossível.

Berdiaeff <sup>85</sup>, protestando contra a confusão entre o geral e o universal - também assinalado por Guénon - afirma que, a rigor, somente o individual concreto, como o geral abstracto, pode refletir o universal. Daí a necessidade estrita do simbolismo na transmissão das doutrinas tradicionais.

O tema presente das relações entre abstracção e simbolismo já foi estudado no meu trabalho "Universalidade e Abstracção" (editado em apostila pelo *Instituto de Estudos Tradicionais*), mas necessita este complemento. A razão tende a unidade através da

---

<sup>84</sup> Keith Critchlow, *Islamic Patterns. An analytical and cosmological approach*, foreword by Seyyed Hossein Nasr, London, Tames and Hudson, 1976, p. 9.

<sup>85</sup> *Esprit et Réalité*, p. 17-18.

separação, a intuição sensível tende a individualização através da universalidade. Não é necessário dizer que tais funções cognitivas correspondem análoga e respectivamente aos movimentos ascendente e descendente do Espírito <sup>86</sup>.

O que é mais significativo, aqui, é que a intuição sensível, quando levada ao último grau de universalidade simbólica, já pode ser comparada à hierofania, é um *modus percipiendi* extremamente privilegiado. Quando consideramos, com Susanne K. Langer <sup>87</sup>, que o símbolo antecede e enforma as abstrações, compreendemos residir no simbolismo - e em sua síntese, o Zodíaco - a chave do sistema das categorias que estrutura a razão; e lógico, aliás, que o movimento descendente de Deus anteceda lógica e ontologicamente o movimento ascensional do homem e, portanto, que o símbolo anteceda a razão.

Inversamente, do ponto de vista "pedagógico", a razão é privilegiada, porque a separação simbólica, quanto mais significativa, mais momentânea e fugaz; daí a necessidade de fixar pela universalidade abstrata da razão os marcos e balizas que a ela conduzem (ou reconduzem) <sup>88</sup>: a caminhada dialéctica desemboca na visão hierofânica.

Portanto, a rigor, o que se denomina intuição intelectual deve ser definido como uma forma média - ou sintética - de conhecimento, que possui simultaneamente a concreção individual da intuição sensível com a fixidez imutável da conceituação racional e, literalmente, a visão da verdade.

\*\*\*

A associação com a alquimia é evidente: a razão corresponde ao enxofre (factor fixante), a intuição sensível ao mercúrio (factor mutável) e a intuição intelectual ao sal - cristal que reúne as propriedades das duas substâncias anteriores.

Estas notas são evidentemente fragmentárias, e os hiatos da exposição devem ser preenchidos com a leitura dos textos indicados nas "Notas" e com as noções dadas nos outros capítulos deste livro, bem como nas minhas apostilas "Questões de simbolismo geométrico" e "Gramática, lógica e retórica". Quem, possuindo bons

---

<sup>86</sup> Burckhardt, *Clef spirituelle*, p. 24.

<sup>87</sup> *Ensaio Filosóficos*, cap. III.

<sup>88</sup> Cf. Corbin, *Temple et contemplation*, Paris, Flammarion, 1980, p. 132.

conhecimentos da doutrina e dos símbolos tradicionais, reunir todo esse material e o estudar sob o critério aqui exposto, seguindo a ordem das citações, poderá desdobrar este estudo em consequências práticas e teóricas incalculáveis, na psicologia e na astrologia. Este trabalho é um estímulo a meus alunos, para que prossigam nessas investigações, sem se intimidar nem com o estado lamentável em que se encontra a "astrologia" praticada em nossos dias, nem com o desencanto daqueles que, em face desse estado, desistem de toda esperança de reconquistar este precioso instrumento da ciência integrada e da metodologia científica, que é a astrologia tradicional.

## CAPÍTULO VI

### O HIERÓGLIFO DE SATURNO

Tal como assinala Burckhardt <sup>89</sup>, o hieróglifo de Saturno, formado pelo semicírculo - símbolo do aspecto substancial ou existencial que é complementar do círculo, símbolo da essência determinante ou qualificante - encimado pela cruz espaço-tempo. Ele designa, então, o momento do ciclo das mutações em que todas as possibilidades da substância plástica em causa foram esgotadas, não havendo possibilidade de mutações ulteriores. Indica, portanto, propriamente o fim de um processo, o limite extremo de um ciclo ou ordem de manifestação. Cabe lembrar que Saturno rege, na astrologia, o signo de Capricórnio, que é o décimo signo, estando, portanto, associado ao simbolismo do número 10, que designa precisamente um ciclo completo de manifestação ou, em outras palavras, o desdobramento integral e extensivo das possibilidades contidas no ponto, ou número 1.

O signo de Capricórnio é representado por uma cabra, animal montanhês, cuja cabeça emerge do corpo de um peixe, o que é um símbolo suficientemente eloquente para a totalidade dos estados de um campo de manifestação - no caso, o mundo sensível -, desde o topo até a base. Este simbolismo, evidentemente, pode ser visto em dois sentidos, descendente ou ascendente. Em sentido descendente ele tem um significado cosmogónico, assinalando o processo de desdobramento que se alastra, se alarga desde a unidade representada no pico até a multitude dos entes que se amontoa na parte mais compressiva da base, e prolongando-se mesmo até os estados mais inferiores e a pura multiplicidade indiferenciada, assinalada pelos peixes. É oportuno recordar, ao falarmos da origem no topo, o mito da cabra Amaltéia, que alimentou o futuro demiurgo Júpiter, estando assim colocada na raiz superior da manifestação de um mundo completo. Em sentido ascensional, ele remete aos significados iniciáticos assinalados por Marco Pallis em *O caminho e a montanha* <sup>90</sup>, sobre os quais não é necessário insistir. Cabe apenas assinalar que

---

<sup>89</sup> Titus Burckhardt, *Alquimia: significado y imagen del mundo*, trad. Ana M. De la Fuente, Barcelona, Plaza y Janes, 1976, p. 87-101.

<sup>90</sup> Marco Pallis, *El camino y la montaña*, trad. Hector Morel, Buenos Aires, Kier, 1973, p. 13-35.

o pico da montanha marca a transição desde um inundo a outro, e que neste sentido o planeta Saturno estará necessariamente associado a todos os simbolismos da "guarda do portal" e da suprema prova pela qual devera passar o postulante à iniciação; entre esses simbolismos está o do dragão, e na astrologia as duas extremidades do dragão, cabeça e cauda, envolvem a terra num laço circular que assinala, em plano menor, a mesma ideia de limite extremo e integral de uma ordem de manifestação. Ora, a Lua rege o signo de Câncer, polarmente oposto ao Capricórnio, e nada mais natural do que o facto de terem seus simbolismos significados análogos em planos diferentes. O signo de Câncer relaciona-se simbolicamente aos lagos, e é interessante recordar o personagem de Sir Lancelot do Lago, guardião de passagem que oferece primeiro um obstáculo e depois ajuda ao Rei Arthur; ainda no topo de uma montanha, e de uma lança, como a de Lancelot, que se socorre o centurião Longinus para ferir o flanco do Cristo, de onde jorrará a água da bênção divina, premiando-se com a conversão. Michel Veber assinalou repetidas vezes esse simbolismo da lança associada ao dragão (Long, em chinês, com parentesco fonético contundente com Longinus, lança, longo, etc.) e somente o repetimos aqui para estabelecer maior conexão entre as várias ideias que se enfeixam neste maravilhoso complexo simbólico: do alto da montanha, uma lança, em sentido ascendente, representa o papel oposto e complementar ao raio, em sentido descendente: a interconexão dos mundos, a revelação <sup>91</sup>.

Ora, a ideia de limite extremo encontra-se igualmente no ideograma chinês *Ch'iao*, cujo significado corrente é "obstáculo, dificuldade na respiração". Seu desenho é surpreendentemente semelhante ao hieróglifo de Saturno, mas sua explicação demonstrara que não se trata de coincidência fortuita, mas de uma decorrência lógica da coesão interna da ciência do simbolismo, que terá de dar resultados homólogos em suas aplicações nos quatro cantos do mundo. *Ch'iao* é formado, primeiro, pela linha sinuosa, que designa a respiração. Não é necessário insistir na universalidade deste símbolo. Ora, aqui a respiração choca-se com uma linha horizontal, --, na parte superior. A linha horizontal não é outra coisa senão o ideograma *I*, que

---

<sup>91</sup> O trabalho do prof. Veber, totalmente inédito até hoje constitui-se de apostilas de aulas realizadas na Academia Kan-Non, em São Paulo.

significa o número 1, e também, segundo Wieger <sup>92</sup>, a unidade primordial, o ser, de onde emanam todas as coisas. O Ser é, portanto, o extremo limite onde estão contidas todas as mutações que constituem e dissolvem os entes; e a "dificuldade na respiração" designará o instante da mutação cíclica onde o ente se encontra no extremo limite das suas possibilidades, ao ponto de extinguir-se; com o que retornamos ao simbolismo do semicírculo e da cruz assinalado por Burckhardt.

Encontramos ainda no idioma chinês muitas ideias correlatas. Uma delas está no ideograma *Wang*, que designa <sup>93</sup>, "um homem que apoia todo seu peso na perna direita, para fazer um esforço, dar um salto". Quando a este ideograma se acrescenta mais um traço vertical, no topo, ele se transforma em *Wu*, "um homem que se esforça contra um obstáculo, sem conseguir transpô-lo; por extensão, significa negação, não".

Estes ideogramas, notavelmente semelhantes ao ideograma de Saturno, são radicais, e deles derivam inúmeras palavras associadas a ideia de impedimento, bem como as demais significações simbólicas e divinatórias do planeta Saturno em astrologia: *wang*, "paralítico"; *yu*, "males, calamidades, erro"; *yu*, "mais, ainda mais"; *yu*, "censura, condenação"; *po*, "ficar paralítico"; *t'ui*, "ficar reumático"; *chien*, "tropeçar", *chiu*, "conseguir, realizar".

---

<sup>92</sup> L. Wieger, S. J., *Chinese Characters. Their origin, Etymology History, classification and signification. A thorough study from Chinese documents*, trad. L. Davrout, New York, Dover Books, 1965.

<sup>93</sup> Wieger, p. 160.

## CAPITULO VII

### ASTROLOGIA E ASTROLATRIA

Embora todo o meu trabalho de escritor e conferencista esteja intimamente ligado à astrologia (ainda que não somente a ela), sinto hoje em dia um certo pudor de falar desta ciência, porque o seu mau uso criou nas pessoas uma serie de expectativas falsas. Quando digo "mau uso", não estou me referindo ao puro comercialismo nem aos horóscopos populares dos jornais, que são males apenas sociológicos: refiro-me à curiosa e mal dosada mistura de preconceitos "científicos" e especulações pseudo-místicas, que dá a tonalidade básica de muito do que se escreve hoje sobre astrologia - diria até: da "ideologia astrológica" em voga. Esta já constitui propriamente uma corrupção da inteligência, portanto algo de muito mais grave do que um simples abuso da boa-fé popular. A noção de que as pessoas tenham um destino estampado nos céus e de que o pré-conhecimento desse destino possa levar a um "aperfeiçoamento" individual não é em si mesma totalmente falsa, mas uma ênfase excessiva neste modo de ver as coisas - misturada a concepções fantasistas sobre o *karma*, das quais falarei mais adiante - pode levar a uma extinção de toda religiosidade autêntica e ao estabelecimento de uma nova astrolatria.

Nas grandes cidades, e sobretudo nos meios ditos intelectuais, existem hoje mais pessoas dispostas a acreditar em horóscopos do que em Deus. Esta propensão explica-se parcialmente pelo apego da nossa civilização às evidências sensíveis: os astros, afinal, são corpos materiais, e se buscamos para tudo uma explicação sensível, é mais fácil enxergar as causas dos fenômenos no movimento dos astros do que nos decretos de um Deus absolutamente invisível.

Subir de uma compreensão mágico-naturalista a um entendimento metafísico ou teológico da realidade pode ser tão difícil para um adulto quanto o é para um menino de escola passar das operações com cubinhos e bolinhas de madeira as operações com entidades abstratas como os números. Muitos não conseguem dar este salto nunca; mas parece que hoje algumas pessoas estão firmemente dispostas a fazer da sua deficiência uma norma e padrão para todos, obrigando-nos a permanecer num nível sensorialista de compreensão.

Quanto às concepções sobre o *karma*, é claro que a configuração planetária tem relação com ele, e que o estudo do

horóscopo pode ajudar a compreendê-lo. Mas o problema é que, tendo sido criados num ambiente cristão ou judaico, e tendendo, portanto, a enxergar, ou pelo menos a acentuar as coisas por este prisma, acabamos vendo a noção de *karma* segundo um critério de responsabilidade individual perante o Criador, critério este que absolutamente não se aplica ao caso.

O *karma*, tal como o definem as doutrinas hindus, é apenas o conjunto das condições objectivas ou circunstanciais que resulta da totalidade das acções passadas - nossas, de nossos pais e avós, do meio social, etc. Ao assumir o *karma*, o que estamos fazendo é simplesmente aceitar a realidade em seu conjunto, e isto se coloca num plano totalmente diferente da responsabilidade do cristão por seus erros individuais. Neste último caso, só o que conta são os erros cometidos de modo consciente e voluntário, fazendo-se abstracção dos erros cometidos por automatismo, bem como dos erros alheios e das acções forçadas pelas circunstâncias - em suma, fazendo-se abstracção de quase tudo aquilo que constitui precisamente o *karma*.

Mas o que acontece hoje em dia é que a mistura mal dosada de sentimentos cristãos e conceitos hinduístas faz com que o indivíduo perca totalmente de vista a diferença radical que existe entre reconhecer seus próprios erros e reconhecer a realidade em torno. Aliás um dos motivos que podem levar o indivíduo a interessar-se pela astrologia é justamente o desejo de encontrar uma explicação externa para os seus actos, de modo a livrar-se da consciência de culpa individual, sem dar-se conta de que isto é apenas um modo de embotar o restante da consciência. Neste sentido a caracterologia astrológica é apenas a derradeira das explicações sociológicas, psicológicas, etc., com que os homens desde há um século vem tentando provar que são apenas joguetes de forças cegas.

Mas, se o indivíduo pode rejeitar o conceito de culpa, não pode se impedir de sentir culpa. E o resultado final deste processo é que, quanto mais ele embota sua consciência de culpa individual, mais se sente culpado pela realidade em torno, em cuja conta ele pretendia debitar essa culpa. Ele entra assim num processo de autodefesa versus auto-inculpação, processo este que é um verdadeiro curto-circuito cerebral, e que constitui uma das patologias mais frequentes nos meios "ocultistas".

A auto-perseguição em círculo pode levar ao hospício, mas ela pode ser evitada mediante uma simples decisão: ou sou cristão, ou



judeu, ou muçulmano e respondo perante a Igreja pelos meus erros conscientes e voluntários, desvinculando-me de qualquer preocupação com as condições ambientes e com os actos dos meus antepassados, ou sou hinduísta e assumo a totalidade das condições ambientes, sem opor-lhes a mínima resistência, mas também sem levantar a questão das culpas individuais.

Qualquer das duas atitudes é correcta, desde que o indivíduo assumo-se ou cristão ou hinduísta. O que não se pode é ser a mesma coisa ao mesmo tempo, sem entrar em contradições morais insolúveis que levarão enfim a derrocada da personalidade. (E aliás a possibilidade de ser hinduísta é no caso meramente teórica, de vez que "hindu" é uma condição de nascimento, que não se pode adquirir: não existe "conversão" ao hinduísmo.)

Muitas das pessoas que vêm ler seu horóscopo estão apenas buscando uma explicação "*karmica*" para os seus males presentes, na esperança de aliviar suas culpas e angústias, sem dar-se conta de que essa explicação poderá ter por único resultado fazer-las sentirem-se culpadas de ter Saturno em tal ou qual casa, ou Marte no Ascendente, isto é, fazê-las saírem do âmbito das culpas humanas reais para o das culpas "mágicas" e subconscientes.

Essa confusão é hoje em dia alimentada por muitos factores, um dos quais é a "ideologia astrológica" reinante, que se oferece como sucedâneo ou simulacro da verdadeira religião, com o que saem prejudicadas, de um lado a religião, de outro a astrologia.

Recomendo vivamente aos estudantes de astrologia que estudem com cuidado as doutrinas das várias religiões - e sobretudo da católica, nossa fonte cultural - a respeito do destino, da liberdade e da culpa, de modo a evitarem essas terríveis confusões: e preciso aprender a distinguir "circunstâncias" de "culpas", sem negar realidade nem a uma coisa, nem a outra.

Ao contrário do que geralmente se pensa, a astrologia, enquanto estudo das relações entre movimentos planetários e eventos terrestres e humanos, nunca foi propriamente "condenada" pela Igreja, como aliás se vê pelas longas e belas páginas que Santo Tomás de Aquino, na *Suma contra os Gentios*, dedicou a explicação das influências dos astros como veículos das potências angélicas.

A Igreja considerou esse estudo muito perigoso, pelas enormes confusões que pode gerar, dada a sutileza das distinções que implica, e que estão muito acima da possibilidade de quem não tenha

conhecimentos de teologia, de metafísica e do simbolismo. Nisto, como em tudo o mais, a Igreja não fez mais do que dar mostra da sua infinita sabedoria.

Um outro ponto que se costuma com demasiada frequência esquecer é o das estreitas relações que existem entre a astrologia e a magia, relações estas que são uma das causas da periculosidade que mencionei acima, e que fazem com que a leitura de um horóscopo possa ter consequências psíquicas e até corporais que vão muito além do que os consultantes - ou às vezes seu astrólogo - podem sequer imaginar.

Para dar somente um exemplo, direi que os símbolos são canais que veiculam forças psíquicas, sejam elas pertencentes ao psiquismo do indivíduo, do seu meio social ou do meio cósmico. A contínua concentração da mente sobre um símbolo planetário já constitui algo a que os antigos manuais de magia denominariam "evocar o espírito" do planeta respectivo. Este "espírito", na melhor das hipóteses, constitui uma força poderosa, porém cega como aliás qualquer força natural quando desvinculada de toda influência espiritual superior. Uma vez que a corrente de influências psíquicas ligada a esse planeta tenha sido vinculada a mente do indivíduo, ela desencadeará transformações de personalidade muito profundas, que dificilmente poderão ser detidas, e, que poderão alastrar até muito longe suas consequências, de maneira inteiramente catastrófica.

O indivíduo gera assim em si mesmo um processo similar ao que tecnicamente se designaria como "obsessão". Ao mesmo tempo, a actual legitimação social da astrologia pode impedi-lo de ver a anormalidade da sua situação, de modo que ele não procura ajuda antes da derrocada completa. O único preventivo contra isto é a fé religiosa sustentada pela prática regular.

O número de pessoas totalmente hipnotizadas pela ideia de uma configuração planetária persecutória e excepcionalmente grande, e isto requereria do astrólogo (ou do psicólogo que faça uso da astrologia) cuidados especialíssimos. Em geral, seria melhor evitar mencionar para o cliente as designações técnicas de planetas e casas, dando-lhe somente uma tradução genérica em linguagem psicológica compreensível, como se faz numa forma qualquer de aconselhamento clínico.

Creio que esta norma está de acordo com a recomendação de Santo Tomás de Aquino, de que o astrólogo não deve ser detalhista,

mas "falar genericamente". O cliente, para ser ajudado, tem de pensar na sua vida, na sua pessoa, não em símbolos mágicos e incompreensíveis. A astrologia deve servir para ajudar, e não para enfeitiçar.

Cuidados dessa ordem seriam apenas uma pequena parte do que se deveria exigir de uma prática astrológica consciente das possibilidades e responsabilidades desta arte. Na verdade, em todas as civilizações anteriores, a interpretação dos horóscopos sempre esteve profundamente ligada à estrutura das instituições sociais, que funcionava como um "mediador" entre o ambiente cósmico e o indivíduo. Por exemplo, na antiga China, todos os rituais cívicos, a administração e a economia estavam regrados por uma ciclicidade similar a dos astros, de modo que a influência astral era, por assim dizer, "dirigida" e atenuada pela sociedade antes de atingir o indivíduo. No mundo cristão, o ciclo litúrgico, que não se rege diretamente pela periodicidade dos astros, mas pelo simbolismo infinitamente mais amplo da vida, paixão e morte de Jesus Cristo, também exerce essa função protetora, fazendo o homem participar de um ciclo mais elevado (transcósmico, poderíamos dizer), que o subtrai à influência direta do jogo de forças cósmicas em torno.

Mas a sociedade actual perdeu todo sentido do rito, e o indivíduo está por assim dizer nu e desprotegido ante a massa das influências cósmicas (bem como das tremendas forças psíquicas que, desgovernadamente, emergem do fundo do psiquismo social em angustiada resposta a essas influências). Isto representa para a mente individual um desafio absolutamente superior a suas forças, e não é de espantar que um país populoso como o Brasil tenha hoje, segundo as mais recentes estatísticas, dez por cento de doentes mentais (psicóticos; sem contar os neuróticos, drogados, bêbados e levemente desajustados). Os ritos e símbolos das grandes religiões tradicionais - Cristianismo, Hinduísmo, Budismo, Judaísmo e Islam - são, ainda hoje e sempre, a única proteção que existe, e não é preciso ser um técnico em estatística para observar a correlação que existe entre o abandono dos ritos por parte das multidões e o acréscimo do número de vítimas de doenças mentais.

O estudo da astrologia, ao averiguar a ciclicidade dos eventos naturais e psico-sociais, deveria levar a uma tomada de consciência da importância desses ritos, ao invés de contribuir para afastar o homem da religião e atirá-lo na prática de uma nova astrolatria que, no fim,

não será mais do que uma fantasia persecutória. Nossa "civilização" titanesca e anti-espiritual começou com uma afirmação orgulhosa e desproporcional da independência do homem em face de Deus. Está terminando com uma confissão deplorável da impotência do homem perante as forças cósmicas e a corrente de causas e efeitos da natureza.

Não há nenhum motivo para a astrologia contribuir para a catástrofe, se, ao contrário, ela pode ajudar na retomada de consciência das verdadeiras necessidades espirituais do homem. Há um livro que fala desta questão, recomendável aos estudiosos da matéria: *O Homem e a Natureza*, por Seyyed Hossein Nasr (Zahar Editores). O autor é um filósofo e homem religioso iraniano, professor no M. I. T. (*Massachusetts Institute of Technology*). Ele mostra as relações que existem entre a perda da espiritualidade e a degradação do ambiente terrestre, ou crise ecológica. Fala também da influência que teve nisso a perda da consciência do verdadeiro carácter de ciências como a astrologia e a alquimia, que evidenciam justamente o aspecto espiritual ou "interior" da natureza. Ele diz ainda que estas ciências não podem ser reconquistadas fora do quadro de uma espiritualidade autêntica, o que significa: dentro do quadro das religiões tradicionais.

Esta advertência é mais do que oportuna, e faz coro a outra, de Marco Pallis em seu livro *A Buddhist Spectrum*: "Cuidado com um pretenso "mestre" que ofereça um Sufismo sem Islam, uma iniciação tântrica tibetana sem Budismo ou a Prece de Jesus sem Cristianismo".

Do mesmo modo, poderíamos acrescentar: cuidado com quem ofereça uma astrologia sem metafísica, sem simbolismo, sem teologia.

Todas as ciências tradicionais da natureza - astrologia, alquimia, geomância, etc. - mobilizam poderosas forças psíquicas que não podem ser governadas pela mente do indivíduo, e cujo domínio cabe somente a Deus. Todos os tratados de alquimia (e a alquimia não é outra coisa senão uma astrologia "operativa") insistem claramente na necessidade absoluta da prece. E não há prece sem a filiação regular a uma religião tradicional.

Leão Hebreu

**TRATADO DE  
ASTROLOGIA NEOPLATÓNICA**

## LEÃO HEBREU

Pseudônimo de Jehuda Abravanel (c. 1460 - c. 1535). Também conhecido por Leon Medigo.

Filho de Isaac Abravanel. Estudou medicina em Lisboa, cidade de onde era natural. Abandonou Portugal em 1483, fugindo com a família, em consequência da alegada participação de seu pai numa conspiração contra D. João II.

Em 1492, quando os Reis Católicos expulsaram os judeus de seus Reinos, seguiu para Nápoles, residindo sucessivamente em Génova, Bolonha, Ferrara, Florença e Roma. Durante esse périplo, conviveu com os círculos neoplatônicos de Florença. Filósofo, físico do Grão-Capitão de Nápoles, Gonçalo de Córdoba. Mereceu a Pico de Mirandola o título de *insignis celebris mathematicus*.

Autor dos *Dialoghi di Amore* (Roma, 1535; Veneza, 1541 [BN: Res 1111 P], 1545, 1564 [BN: L 20343 P]), nos quais expõe uma cosmovisão que se inspira claramente nas filosofias de Pico della Mirandola e de Marsilio Ficino. A sua filografia, ou doutrina sobre o Amor, considera este a ligadura universal que vivifica o cosmos, enquanto a simpatia se encontra na origem das correspondências astrológicas. Traduções castelhanas: *Los Dialogos de Amor de Mestre Leon Abarbanel, medico y filosofo excelente* (Veneza, 1568); Madrid, 1590 (Inca Garcilaso de la Vega); Saragoça, 1593 ou 1594? Traduções portuguesas: Lisboa, 1968 (Reis Brasil) e 1983 (Giacinto Manuppella). Citado por Gil Vicente no *Auto da Lusitânia* (III, 263, CCXXXIX).

MJG

## DIÁLOGOS DE AMOR

### Segundo

*Sofia* – Deus te salve, ó Fílon! Então passas assim, sem falar?

*Fílon* – Saúda-me a inimiga da minha saúde... Deus te salve também, ó Sofia. Que é que me queres?

*Sofia* – Gostaria que te lembrasses da dívida em que estás para comigo. Parecia-me agora o momento oportuno de a pagar, se estivesses disposto.

*Fílon* – Eu em dívida para contigo? E de quê? De benefício é que não, nem tão-pouco de benevolência, pois tu só em desgostos tens sido liberal para comigo.

*Sofia* – Concordo que não é dívida de gratidão, mas sim débito de promessa, o qual, se bem que não seja tão nobre, nem por isso constitui menor obrigação.

*Fílon* – Não me lembro de te haver prometido outra coisa senão amar-te e sofrer os teus desdêns, até que Caronte me passe pelo rio do esquecimento, e mesmo assim, se no além a alma se encontrar com algum sentimento, não estará nunca sem paixão e martírio. Desta promessa não é preciso que eu me lembre de outro modo, pois que sempre a vou pagando dia a dia.

*Sofia* – Tu estás desmemoriado, Fílon, ou finges estar; mas de uma dívida tem de se lembrar o devedor não menos que o credor. Não te lembras que, em dias passados, no final daquele nosso colóquio acerca de amor e desejo, prometeste falar-me da origem e genealogia do amor, para rematarmos o assunto? Como é possível que tão depressa te esquecesses disso?

*Fílon* – Oh oh, já estou a lembrar-me! Não te admires, ó Sofia, que, tendo-me tu usurpado a memória, eu me não possa recordar destas coisas.

*Sofia* – Mesmo que ta usurpe, afasto-ta das coisas alheias, mas não das minhas.

*Fílon* - A minha alma só se lembra das tuas, que a enchem de amor e de pena. Essas outras, ainda que sejam tuas, são alheias ao meu sofrimento.

*Sofia* - Seja como for, perdoo-te o esquecimento, mas não a promessa. E isto que temos tempo de sobra sentemo-nos a esta sombra e fala-me do nascimento do amor e de qual foi a sua primeira origem.

*Fílon* - Se queres que falemos do nascimento do amor, convirá que, na presente prática, te informe primeiramente da comunhão do seu ser e da sua ampla universalidade; depois, noutra oportunidade, falaremos do seu nascimento.

*Sofia* - Não está primeiro a origem duma coisa que a sua universalidade?

*Fílon* - Está certamente primeiro no ser, mas não no nosso conhecimento.

*Sofia* - Por que não?

*Fílon* - Porque a comunhão do amor é para nós mais evidente do que a sua origem; e é das coisas conhecidas que se passa a conhecer aquelas que se não conhecem.

*Sofia* - É bem verdade o que tu dizes, que a universalidade do amor é deveras manifesta, pois que quase nenhum ser humano está privado dele: nem varão, nem mulher, nem velho, nem jovem; e até as crianças, no seu primeiro conhecimento, amam as suas mães e as amas.

*Fílon* - Então não consideras o amor mais comum do que a geração humana?

*Sofia* - Também se encontra amor em todos os animais irracionais que se reproduzem, entre fêmeas e machos e entre filhos e pais.

*Fílon* - Não só a geração é causa do amor que se encontra nos homens e nos outros animais, mas muitas outras coisas há. Contudo, não é só neles que há amor. Pelo contrário, a sua comunhão estende-se por muito mais coisas do mundo.

*Sofia* - Primeiro diz-me que outras causas de amor se encontram nos seres vivos e depois dir-me-ás de que modo se pode encontrar amor também nas coisas não animadas e não generativas.

*Fílon* - Dir-te-ei primeiro uma e depois a outra coisa. Os animais, além de naturalmente amarem as coisas convenientes, para as seguirem, e odiarem as inconvenientes para as evitarem, amam-se



também uns aos outros por cinco motivos. Primeiro, pelo desejo e pelo deleite da geração, como os machos em relação às fêmeas. Segundo, pela sucessão generativa, como os pais e as mães em relação aos filhos. Terceiro, pelo benefício: este gera amor não somente em quem o recebe para com o dador, mas não menos o causa no dador para com aquele que o recebe, mesmo que sejam de espécie diferente; pois se vê que se uma cadela ou uma cabra alimenta uma criança vêm a ter-se grandíssimo amor uma à outra, o mesmo acontecendo se criarem qualquer outro animal de espécie diferente. Quarto, pelo instinto natural da mesma espécie ou doutra semelhante, pois verás indivíduos de cada espécie de animais não de rapina andarem juntos pelo amor que têm uns aos outros; e até os animais de rapina, embora não andem de companhia para se regalarem eles sós com toda a caça, todavia aos da sua própria espécie têm respeito e amor, a ponto de não usarem contra eles a sua natural e cruel ferocidade ou venenosa força; e ainda nas diversas espécies animais se encontra alguma pareença de amizade, como no golfinho para com o homem, assim como se encontram outros que se odeiam instintivamente, como o basilisco e o homem, que só com o olhar se matam. Quinto, pela continuidade da companhia, a qual torna amigos não só animais de uma mesma espécie mas também de outras espécies e de inamistosa natureza, como se vê tomarem-se amigos um cão e um leão ou um cordeiro e um lobo.

*Sofia* - Já percebi a causa do amor nos animais; diz-me agora as do amor nos homens.

*Fílon* - As causas do amor recíproco dos homens são estas mesmas cinco dos animais; mas o uso da razão toma-as mais intensas ou mais remissas, directa ou indirectamente, conforme a diversidade do fim dos homens.

*Sofia* - Explica-me essas diferenças em cada uma destas cinco causas.

*Fílon* - A primeira, do desejo e deleite que se encontra na geração, é nos homens causa de mais intenso, firme e próprio amor que nos animais; isto, porém, costuma ficar mais encoberto com a razão.

*Sofia* - Explica mais pormenorizadamente essas diferenças.

*Fílon* - Nos homens é mais intenso, porque amam as mulheres com maior veemência, procuram-nas com maior solicitude, a ponto que por elas deixam de comer e dormir, e desprezam todo o repouso. Neles

é mais firme, porque mais longamente se conserva o amor entre o homem e a mulher, de forma que nem saciedade, nem ausência, nem impedimento bastam para o dissolver. É mais próprio, porque todo o homem tem mais apropriação a uma única mulher do que o macho dos animais à fêmea; e, se bem que nalguns destes se encontre alguma apropriação, nos homens é mais perfeita e determinada. Além disso, este amor é mais encoberto nos homens do que nos animais, porque a razão costuma refrear o seu excesso e considera-o torpe quando não regulado por ela. Devido à força que este apetite carnal tem nos homens e à sua inobediência à razão os homens trazem cobertos os membros da geração, como vergonhosos e rebeldes à recatada honestidade.

*Sofia* - Diz-me qual a diferença entre os homens e os animais na segunda causa do amor, isto é, na sucessão generativa.

*Filon* - Quanto à sucessão generativa, entre os animais apenas os filhos têm amor recíproco aos pais e às mães; mormente às mães, que costumam ser suas amas; ou então ao pai, quando os alimenta: mais do que isso não há. Mas os homens amam pais e mães conjuntamente, e também os irmãos e outros parentes, porque a geração os aproxima. É bem verdade que, por vezes, a cupidez humana e outros excessos fazem perder não só o amor dos parentes e dos irmãos mas até dos pais e das mães e das próprias esposas: o que não acontece com os animais irracionais.

*Sofia* - Diz-me em que se diferencia a terceira causa de amor, isto é, a do benefício.

*Filon* - O benefício leva um homem a amar outro, como acontece entre os animais. Mas nisto quero louvar mais os irracionais, que são levados a amar por gratidão do benefício recebido mais do que por uma esperança de o receber, ao passo que a cobiça dos homens não virtuosos faz que se movam antes pela esperança de alcançar um só benefício que pela gratidão de muitos já recebidos. Contudo, esta causa do benefício é tão ampla que parece abranger a maior parte das outras.

*Sofia* - E quanto àquela quarta causa da mesma espécie, diz-me se existe alguma diferença dos homens para com os animais.

*Filon* - Naturalmente os homens amam-se como os outros animais da mesma espécie, principalmente os que são da mesma pátria ou terra; mas os homens não têm amor tão certo e firme como os animais. Com efeito, os mais ferozes e cruéis dos animais não usam

de crueldade para com os da sua espécie: o leão não rouba a outro leão, nem a serpente ferra os dentes venenosos em outra serpente. Mas os homens... mais maldades e morticínios sofrem da parte de outros homens que de todos os animais e outras adversidades do Universo; mais homens mata a inimizade, a traição, o ferro humano, que todo o resto das coisas acidentais e naturais. São causa da corrupção do amor natural dos homens a cobiça e o interesse que têm pelas coisas supérfluas, das quais se origina inimizade não só entre gentes distantes de pátrias diferentes mas também entre os habitantes de uma mesma província, de uma mesma cidade e de uma mesma casa, entre irmãos e irmãs, entre pai e filhos, entre marido e mulher. A estas juntam-se também outras superstições humanas, que são causa de cruéis inimizades.

*Sofia* - Falta-te falar da última causa do amor, ou seja, da companhia: se nesta há alguma diferença entre os homens e os outros animais.

*Filon* - A companhia e a conversação têm mais força no amor e na amizade humana que no dos animais, por serem mais intrínsecas, já que a linguagem as toma mais penetrantes nos corpos e nas almas, e, embora cessem pela ausência, a impressão fica na memória mais do que entre os animais.

*Sofia* - Percebi como todas estas cinco causas de amor, que se acham nos animais irracionais, também se encontram nos homens - e a sua diferença. Mas gostaria de saber se existe nos homens alguma outra causa de amor que se não encontre nos animais.

*Filon* - Há nos homens duas causas de amor das quais os animais estão totalmente privados.

*Sofia* - Explica-mas.

*Filon* - Uma é a conformidade da natureza e compleição de um homem com outro, que sem mais razões os torna amigos logo no primeiro encontro; e quando se não vê outra causa de tal amizade diz-se que se harmonizam na compleição. Com efeito, existe uma certa semelhança ou correspondência harmónica de uma para outra compleição, assim como também se encontra ódio entre os homens sem causa aparente, a qual deriva de dissemelhança e desproporção das suas compleições. Os astrólogos dizem que esta conformidade amistosa procede da posição semelhante, ou seja, proporcional, dos planetas e signos celestes quando do nascimento de um e de outro; assim como a desconformidade e animadversão das compleições

derivam da diferente e desproporcionada posição dos astros quando dos respectivos nascimentos. Esta causa de amor conhecemo-la nos homens, mas não nos animais.

*Sofia* - Qual é a outra?

*Filon* - A outra são as virtudes morais e intelectuais, devido às quais os homens excelentes são muito amados pelas pessoas de bem. Os méritos daquelas virtudes originam o amor honesto, que é o mais digno de todos, visto que os seres humanos, sem qualquer outra causa, unicamente pela virtude e sabedoria, se amam eficazmente de amor mais perfeito e mais firme do que pelo útil e pelo deleitável. Nasquelas duas qualidades todas as outras cinco causas de amor se compreendem. Só este é amor honesto, e provém da recta razão; por isso não se encontra nos animais irracionais.

*Sofia* - Já sei quantas são as causas de amor nos homens e nos animais irracionais; mas noto que todas elas são próprias dos seres viventes, nenhuma diz respeito aos corpos não vivos. E todavia dizes que o amor não só é comum aos animais, mas também a outros corpos insensíveis, o que me parece estranho.

*Filon* - Estranho, porquê?

*Sofia* - Porque nenhuma coisa se pode amar se primeiro se não conhece, e os corpos insensíveis não têm em si virtude cognoscitiva. Além disso, o amor provém da vontade ou apetite, e imprime-se nos sentidos; ora os corpos insensíveis não têm vontade, nem apetite, nem sentidos: como podem, portanto, ter amor?

*Filon* - O conhecimento e o apetite, e por conseguinte o amor, são de três espécies: natural, sensitivo e racional voluntário.

*Sofia* - Explica-me todos os três.

*Filon* - O conhecimento, apetite ou amor natural é aquele que se encontra nos corpos não sensitivos, como sejam os elementos e os corpos mistos de elementos insensíveis, quais os metais e espécies de pedras e ainda as plantas, ervas ou árvores: todos eles têm conhecimento natural do seu fim e natural inclinação para ele. Esta inclinação move-os para tal fim, como os corpos graves para descerem e os leves para subirem como que a lugar próprio, conhecido e desejado. A esta inclinação chama-se-lhe, e é realmente, apetite e amor natural. O conhecimento e apetite ou amor sensitivo é o que se encontra nos animais irracionais, para seguirem o que lhes convém, fugindo do que lhes não convém: como buscar o alimento, a bebida, o ar sereno, o coito, a quietude e coisas semelhantes, que é preciso

primeiro conhecer, depois apetece-las ou amá-las e, finalmente, ir atrás delas. Sim, se o animal as não conhecesse não as desejaria nem as amaria; e se as não apetecesse não as seguiria para as possuir; e não as possuindo, não poderia viver. Mas este conhecimento não é racional, nem este apetite ou amor é voluntário, pois não existe vontade sem a razão: são actos da virtude sensitiva; por isso lhes chamamos conhecimento e amor sensitivo, ou, mais propriamente falando, apetite. O conhecimento e amor voluntário e racional encontra-se unicamente nos homens, porque brota da razão e é orientado pela razão, a qual, entre todos os corpos geráveis e corruptíveis, somente aos homens é concedida.

*Sofia* - Tu dizes que o amor voluntário só existe nos homens, e não nos outros animais e corpos inferiores; dizes também que o amor ou apetite sensitivo existe nos animais irracionais, e não nos corpos insensíveis; e dizes que o amor e apetite natural é o que só se encontra nos corpos inferiores insensíveis. Quero agora saber se, porventura, este amor natural também se encontra nos animais juntamente com o amor sensitivo que lhes é próprio; e, ainda, se este amor natural e o sensitivo se encontram nos homens juntamente com o amor voluntário e racional que é privativo deles.

*Fílon* - Fizeste uma pergunta acertada! É assim: com o amor mais excelente encontram-se os menos excelentes, mas com aquele que é menos nem sempre se encontra o que é mais. De modo que, nos homens, com o amor racional voluntário se encontra também o amor sensitivo de ir atrás das coisas sensíveis que convêm à vida, fugindo do que não convém, como também se encontra neles a inclinação natural dos corpos insensíveis: por exemplo, caindo um homem de lugar alto tenderá naturalmente para baixo, como corpo grave que é; e nos animais também se encontra esta inclinação natural, pois como corpos graves procuram naturalmente o centro da Terra, lugar seu conhecido e desejado pela sua natureza.

*Sofia* - Que razões tens tu para chamar amor a essas inclinações naturais e sensitivas? O amor parece propriamente afecto da vontade, e a vontade, entre todos os seres inferiores, é só nos homens que se encontra; às outras, chama-as inclinações ou apetite, mas não amor.

*Fílon* - As coisas conhecem-se pelos seus contrários, pois, como diz Aristóteles, a ciência dos contrários é uma mesma. Se o contrário disto existe e se chama “ódio”, isto deve com toda a razão chamar-se “amor”. Porque, assim como nos homens o ódio voluntário é o oposto

do amor, assim nos animais o ódio das coisas não convenientes para a vida é o contrário do amor das coisas convenientes para esta; e o animal foge de uma e segue outra porque o ódio lha faz fugir, assim como o amor lha faz seguir. Nos corpos irracionais há natural amor do grave em relação ao baixo, e por isso o seguem, assim como fogem do oposto por o terem em ódio. Dá-se o contrário com o corpo leve, que ama o alto e odeia o baixo. E assim como em todos se encontra ódio, assim em todos se encontra amor.

*Sofia* - Como pode amar quem não conhece?

*Fílon* - Conhece sim, já que ama e odeia.

*Sofia* - E como pode conhecer quem não possui razão, nem sentidos, nem imaginativa, como é o caso destes corpos inferiores insensíveis?

*Fílon* - Ainda que não tenham em si próprios estas potências cognoscitivas são orientados pela Natureza, que conhece e governa todas as coisas inferiores, ou seja pela alma do mundo, numa recta e infalível cognição das coisas naturais para manutenção das suas naturezas.

*Sofia* - E quem não sente, como pode amar?

*Fílon* - Assim como os corpos inferiores são rectamente guiados pela Natureza no conhecimento do seu fim e dos seus lugares próprios, assim por ela são dirigidos a amá-los e apetecê-los, bem como em mover-se para os encontrar quando estão afastados deles. E tal como a seta busca directamente o alvo, não por seu próprio conhecimento, mas pela cognição do atirador que a aponta, assim estes corpos irracionais procuram o seu próprio lugar e fim, não por sua cognição própria, mas pela recta cognição do primeiro Criador, infusa na alma do mundo e na natureza universal das coisas inferiores. De forma que, assim como a inclinação da seta vem de cognição, amor ou apetite artificial, assim a destes corpos irracionais provém de cognição e amor natural.

*Sofia* - Concordo com essa modalidade do amor e da cognição que se encontra nos corpos mortos, mas gostaria de saber se, porventura, se encontra neles outro amor ou apetite que não aquele que têm aos lugares próprios, como o leve ao alto, o grave ao baixo.

*Fílon* - O amor que têm os elementos e outros corpos mortos aos seus lugares próprios, e o ódio que têm aos contrários, é como o amor que têm os animais às coisas que lhes convêm e o ódio àquelas que lhes não convêm: assim, fogem de uma coisa e seguem a outra.

Este amor é também da natureza daquele que têm os animais terrestres à terra e os marinhos à água, e os voláteis ao ar, e a salamandra ao fogo, da qual dizem que nasce nele e dentro dele habita. Assim é o amor dos elementos a seus próprios lugares. Além desta espécie de amor, digo-te que nos elementos se encontram todas as outras cinco causas de amor recíproco que dissemos encontrarem-se nos animais.

*Sofia* - Todas elas?

*Filon* - Todas.

*Sofia* - Fala-me delas extensamente.

*Filon* - Vou começar pela última, que é o amor pela mesma espécie, por ser a mais evidente. Verás que as partes da terra que se encontram fora do todo se movem com veemente amor para se juntarem a toda a terra. E assim as pedras que se congelam no ar procuram velozmente a terra. E os rios e as outras águas, que nas concavidades da terra se formam dos vapores que exalam e se convertem em água, logo que se acham em quantidade suficiente correm em busca do mar e de todo o elemento da água, pelo amor que têm à espécie. E os vapores aéreos, ou ventos, que se geram na concavidade da terra, esforçam-se por sair dela com terremotos, desejando encontrar o seu elemento de ar pelo amor que têm à espécie. E assim o fogo, que se gera cá em baixo, move-se para subir ao lugar do seu elemento, na zona superior, por amor da espécie.

*Sofia* - Estou ciente do amor que têm os elementos às suas próprias espécies. Fala-me das outras causas.

*Filon* - Falar-re-ei da penúltima das cinco causas de amor, que é a quarta do grupo, porque também é manifesta, por estar em proporção com os lugares naturais.

*Sofia* - E com que mais se encontram associados os elementos e os tais corpos?

*Filon* - Cada um dos quatro elementos - isto é, terra, água, ar e fogo - gosta da quietude junto de um dos outros, e não junto de todos os outros. A terra foge à proximidade do céu e do fogo, e procura o centro, que é o mais afastado do céu; e apraz-lhe estar junto da água e junto do ar, mas por baixo e não por cima, pois, encontrando-se por cima, foge para a parte de baixo, e jamais descansa até estar afastada do céu o mais que pode.

*Sofia* - E por que faz isso, já que do céu é que vem todo o bem?

*Fílon* - Fá-lo porque é, entre todos os elementos, o mais pesado e grosso e, como preguiçoso que é, agrada-lhe o repouso mais que a nenhum dos outros; e como o céu anda em contínuo movimento sem nunca descansar, a terra, para poder repousar, afasta-se dele o mais que pode e encontra sossego unicamente no centro, que é o ponto mais baixo, rodeada de água por um lado e de ar por outro.

*Sofia* - Estou informada a respeito da terra. Fala-me da água.

*Fílon* - A água ainda tem algo de pesado e lento, mas menos que a terra e mais que os outros elementos; por isso, ela também foge do céu para se não mover com velocidade, como fazem o ar e o fogo; procura o baixo e gosta de estar perto da terra, mas por cima dela e debaixo do ar, aos quais tem amor, ao passo que tem inimizade e ódio ao fogo, e por isso foge e afasta-se dele, e não é capaz de estar consigo só sem a companhia dos outros.

*Sofia* - Fala-me do ar.

*Fílon* - Ao ar, pela sua leveza e subtilidade, agrada-lhe a natureza e vizinhança do céu, e busca-as com ligeireza o mais que pode. E sobe para o alto, mas não imediatamente para junto do céu, porque não é de substância tão purificada como o fogo, o qual ocupa o primeiro lugar. Por isso o ar gosta de estar junto do fogo e debaixo dele; ama também a vizinhança da água e da terra, embora não suporte estar por baixo deles, mas sim por cima, e com facilidade acompanha o ininterrupto movimento circular do céu. É amigo do fogo e da água: sendo estes dois entre si contrários e inimigos colocou-se no meio deles como amigo de ambos, para que não possam reciprocamente prejudicar-se em guerra incessante.

*Sofia* - Falta saber a respeito do fogo.

*Fílon* - O fogo é mais subtil, leve e purificado que todos os elementos, e a nenhum deles tem amor, a não ser ao ar, de cuja vizinhança gosta, mas estando acima dele. Ama o céu e, onde quer que se encontre, não descansa enquanto não estiver junto dele. Este é o amor social que se acha nos quatro elementos.

*Sofia* - Muito bem. Mas por que não indicaste a causa de o fogo ser tão quente e a água tão fria? E as qualidades dos outros?

*Fílon* - Porque não pertence a esta causa de amor; mas dir-ta-ei, porque ajudará a esclarecer as outras. Fica sabendo que o céu, com o seu movimento contínuo e com os raios do Sol e dos outros planetas e estrelas fixas do oitavo céu, aquece este globo do corpo morto que preenche toda a concavidade dentro do céu da Lua. E aquela primeira



parte deste globo que está mais próxima do céu, aquecendo-se mais, purifica-se, torna-se muito subtil, ligeira e muito quente. O seu calor é tão grande que consome toda a humidade até ficar seca: esta é o fogo. Estendendo-se depois mais além este calor celeste, é parte do globo que se segue à do fogo, torna-a também quente, mas não tanto que consuma a humidade. E este é o ar, que é quente e húmido e pelo calor também se purifica e adelgaça, ficando pouco menos ligeiro que o fogo, por ser menos quente. Quando esse calor celeste se estende mais neste globo para além do ar já não é tanto que possa tornar quente um elemento; antes, por estar o céu longe, permanece frio, mas não tanto que não possa conservar a humidade. Continua com certo peso, devido à densidade causada pela frigidez, e procura o baixo. E este é o elemento da água fria e húmida. Para além desta, é tanta a frialdade no restante do centro deste globo sob a água que reduz todo o húmido: resta, assim, um corpo assaz grosso, pesado, frio e seco, como é a Terra. Em suma: o ar e o fogo, que, por estarem mais perto, recebem mais calor e benefício celeste, que é a vida dos corpos inferiores, amam mais o céu e, onde quer que se encontrem, aproximam-se e movem-se com ele no seu incessante movimento circular. Os outros dois, terra e água, como recebem pouco do calor e da vida celeste, não o amam tanto nem se aproximam dele; antes se afastam para poderem repousar quietamente, sem se moverem com ele contínua e circularmente.

*Sofia* - Sendo a terra, como dizes, o mais ínfimo e vil de todos os elementos, e o mais afastado da fonte da vida que é o céu, como se gera nela tanta variedade de coisas, maior do que em nenhum outro elemento? Por exemplo, as pedras de tantas feições, umas grandes, limpas e bonitas, outras claras e muito preciosas; e os metais, não só grosseiros, como o ferro e o chumbo, o cobre, o estanho e o argento vivo, mas também outros ricos e lustrosos como a prata e o ouro; e ainda tanta variedade de ervas, flores, árvores e frutas, quantas a Terra produz; e mais ainda, tamanha multidão e desconformidade de animais, os quais estão todos ligados à terra. Pois, embora se encontrem no mar algumas plantas e grande cópia de animais diversos, assim como, no ar, daqueles que voam, todos porém reconhecem a terra e nela principalmente se detêm; sobretudo, é nela que se engendra a geração humana, de maravilhosa perfeição entre todos os corpos que estão sob o céu, a qual não se gera nem é colocada

em nenhuma outra esfera dos elementos. Como podes, então, dizer que a terra é o mais vil e apoucado de todos os quatro elementos?

*Filon* - Embora a terra, por ficar muitíssimo longe do céu, seja em si própria a mais massuda, fria e baixa, e a mais pobre de vida, todavia, por' ser compacta no centro, recebe compactamente em si todas as influências e os raios de todas as estrelas, planetas e corpos celestes; e ali se conglobam de tal maneira, atraindo para ela a virtude de todos os elementos, que estes vêm a combinar-se de tantas e tais maneiras que se geram todas as coisas que acabas de mencionar; o que não poderia acontecer no lugar de qualquer outro elemento, por não ser receptáculo comum e compacto de todas as virtudes celestes elementares. Na terra unem-se todas, ao passo que pelos outros elementos apenas perpassam: não se detêm senão na terra, pela sua espessura e por se encontrar no centro, e assim nela mais fortemente incidem os raios. De forma que é esta a própria e legítima mulher do corpo celeste, e os outros elementos são suas concubinas, pois é nela que o céu engendra toda ou a maior parte da sua geração; e ela torna-se ornada de tantas e tão diversas coisas.

*Sofia* - Fico satisfeita quanto à minha dúvida. Mas voltemos ao assunto. Fala-me das outras razões do amor dos homens e dos animais; se existem nos elementos e noutros corpos mortos; como é a terceira causa, a do benefício, e a segunda, da sucessão generativa, e a primeira, do desejo e deleite da geração.

*Filon* - O motivo do benefício, nestes corpos elementares, identifica-se com o da sucessão generativa, pois o gerado ama o generante como seu benfeitor e o generante ama o gerado como receptor do seu benefício. Bem se encontra esta causa da sucessão generativa no que é engendrado pelos elementos. Assim, verás as coisas geradas na região do ar pelos vapores que ascendem da terra e do mar: quando os vapores são húmidos gera-se deles água, neve e granizo, que, apenas gerados, com ímpeto amoroso descem ao encontro do mar e da terra, sua mãe; e se os vapores forem secos, originam-se deles ventos e coisas ígneas: os ventos procuram o ar com o seu bafo e a parte ígnea sobe mais alto, em busca do fogo, cada um movido pelo amor da sua própria origem e do elemento generativo. Verificarás também que as pedras e os metais gerados pela terra, quando se encontram fora dela, velozmente a procuram e não descansam nunca até se encontrarem nela, assim como os filhos buscam as mães, porque só com elas sossegam. E é também com amor

que a terra os gera, mantém e conserva. E as plantas, as ervas, as árvores têm tanto amor à terra, sua mãe e geratriz, que jamais querem afastar-se dela, salvo por corrupção; antes, com os braços das raízes, a abraçam amorosamente como as crianças aos seios maternos. A própria terra, como mãe piedosa, com não pouco desvelo e amor não só os gera como tem sempre o cuidado de os alimentar com as suas próprias humidades, tirando-as das entranhas para a superfície, a fim de os sustentar com elas, como faz a mãe que tira o leite das suas entranhas para os seios, a fim de amamentar os filhos. Acresce que, quando à terra falta humidade para lhes dar, com rogos e súplicas a solicita ao céu e ao ar, e a compra e contrata com os seus vapores, que ascendem, e dos quais se gera a água pluvial, para alimentar as plantas e os animais. Que mãe poderia haver mais cheia de dedicação e ternura para com seus filhos?

*Sofia* - Certamente maravilhoso é semelhante cuidado num corpo sem alma, como é a Terra; e muito mais digno de admiração o d'Aquele que a pôde fazer tão desvelada. Resta-me somente compreender, a respeito da primeira causa do amor nos animais, que é o desejo e o prazer da geração, como é que ela se encontra nos elementos e corpos sem alma sensitiva.

*Filon* - Encontra-se o amor da geração nos elementos e na matéria de todas as coisas inferiores mais copiosamente que em qualquer dos outros.

*Sofia* - Como, na matéria?! A matéria de todas estas coisas inferiores é, porventura, diferente destes quatro elementos? É destes que nós, afinal, vemos que se geram todas as outras coisas geradas.

*Filon* - Assim acontece de facto. Mas os próprios elementos são também geráveis, e então é preciso dizer de que coisa se geram.

*Sofia* - De quê? Um do outro... Vemos que da água se origina o ar, e do ar, água; do fogo, ar, e do ar, fogo. Assim, também a terra.

*Filon* - Também isso que acabas de dizer é verdade. Mas quanto às coisas que se geram dos elementos, os próprios elementos são matéria e fundamento que fica na coisa gerada por eles, todos os quatro unidos virtualmente. Quando, porém, se gera um do outro não pode ser assim, pois, quando o fogo se converte em água, não fica o fogo na água, mas sim se corrompe o fogo e se gera a água. E visto que é assim, importa assinalar alguma matéria comum a todos os elementos, na qual se possam realizar estas suas transmutações. Essa matéria, originariamente em forma de ar, em virtude de suficiente

alteração deixa a forma de ar e toma a da água; e assim os outros elementos. Chamam-lhe os filósofos matéria primeira, e os mais antigos caos, que em grego quer dizer «confusão»: porque todas as coisas, potencial e generativamente, estão nela juntas e em confusão; e dela se formam todas, cada uma de per si, difusa e sucessivamente.

*Sofia* - E que amor pode haver nessa matéria?

*Filon* - Esta, como diz Platão, apetece e ama todas as formas das coisas geradas, como a mulher o homem. E como a presença actual de uma das formas não chega a saciar o seu amor, apetite e desejo, enamora-se de outra que lhe falta e, deixando aquela, toma esta, de sorte que, não podendo aguentar conjuntamente todas as formas em acto, as recebe todas sucessivamente, uma após outra. Também possui, em muitas das suas partes, todas as formas em conjunto; mas como cada uma daquelas partes quer gozar do amor de todas as formas é preciso que sucessiva e ininterruptamente se transmutem uma na outra; porque uma forma não basta para saciar o seu apetite e amor, os quais excedem em muito a satisfação: com efeito, uma só forma destas não pode faltar o seu insaciável apetite. E, assim como ela é causa da contínua geração das formas que lhe faltam, assim ela própria é causa da contínua corrupção das formas que possui. Por esse motivo alguns a apodam de “meretriz”, por não ter um único e firme amor a alguém, pois, quando o tem por um deseja deixá-lo por outro. Apesar disso, com esse amor adúltero o mundo inferior se adorna de tantas e tão admiráveis diversidades assim belamente formadas. Daí que o amor generativo desta matéria primeira, o seu desejo constante do novo marido que lhe falta e a deleitação que recebe do novo coito, seja causa da geração de todas as coisas geráveis.

*Sofia* - Já entendo bem o amor, o apetite e o desejo insaciável que se encontram sempre nesta matéria primeira. Gostaria de saber que amor generativo se pode encontrar nos quatro elementos, visto que são contrários entre si.

*Filon* - O amor que costuma encontrar-se nos quatro elementos, embora contrários uns dos outros, é causa generativa de todas as coisas mistas e compostas deles.

*Sofia* - Explica-me de que maneira.

*Filon* - Os elementos, em virtude da sua contrariedade, estão divididos e afastados. Por isso, como o fogo e o ar são quentes e ligeiros procuram o alto e fogem do baixo; e a terra e a água, como são frias e pesadas, procuram o baixo e fogem do alto. Todavia, acontece

que, por intercessão do Céu benigno, mediante o seu movimento e os seus raios, se juntam em amizade e de tal forma se misturam uns com outros, e com tal amizade, que chegam quase à unidade de corpo uniforme e de uniforme qualidade. Tal amizade está apta a receber no todo, pela virtude do Céu, outras formas mais excelentes que nenhuma outra dos elementos, em diversos graus, mesmo continuando os elementos materialmente misturados nele.

*Sofia* - Quais são essas formas que os elementos, mediante a sua amizade, recebem? E quantos são os seus graus?

*Filon* - No primeiro e mais ténue grau de amizade recebem formas de mistos não animadas, como são as das pedras: umas escuras, umas mais claras; outras reluzentes e coruscantes, nas quais a terra põe a dureza, a água põe a claridade, o ar a diafanidade ou transparência e o fogo a cintilação ou fulgor, como os raios que se encontram nas pedras preciosas. Desta primeira mistura amigável dos elementos resultam também as formas dos metais: alguns grosseiros, como ferro e o chumbo; outros mais brilhantes como o cobre, estanho e o azougue; outros claros e bonitos, como a prata e o ouro, nos quais domina tanto a água que o fogo costuma derretê-los. Em todos estes é tanto mais perfeita a forma do composto, pedra ou metal, quanto a amizade dos elementos é nela maior e mais uniforme. E quando a amizade destes quatro elementos contrários é de grau mais alto, e o seu amor é mais unido, com maior uniformidade e menos excesso de cada um deles, não só têm as formas da mistura mas também recebem formas mais excelentes, como são as animadas. Primeiramente, as da alma vegetativa, que causam nas plantas a germinação, a nutrição e o crescimento por todos os lados, e a geração de outras semelhantes com a semente e o ramo do generante. Assim se geram todas as espécies de plantas, das quais as menos perfeitas são as ervas, enquanto as árvores são mais perfeitas. E entre elas, no âmbito das formas da alma vegetativa, cada espécie é tanto mais perfeita e melhor operante do que qualquer outra, com quanto maior amor, mais unidade e recíproca amizade se encontrem nela estes quatro elementos contrários. E este é o segundo grau da sua amizade. Quando o amor dos elementos é maior, mais unido e mais equilibrado, não só recebem as formas da mistura e as da alma vegetativa, de nutrição, crescimento e geração, mas também recebem mais as formas da alma sensitiva com o sentido e o movimento local, com a fantasia e o apetite. Deste grau de amizade se geram todas as espécies de

animais terrestres, aquáticos e voláteis. Alguns deles são imperfeitos: não têm movimento nenhum, nem dos sentidos, a não ser do tacto; porém, os animais perfeitos têm todos os sentidos e movimento. E uma espécie é tanto mais excelente do que outra na sua actuação quanto for maior, mais unida e igual a amizade dos seus elementos. E este é o terceiro grau de amor nos elementos. O quarto e último grau de amor e amizade que se encontra nos elementos dá-se quando, chegados ao mais concorde amor e à mais estreita amizade possível, não só recebem em si as formas mistivas, vegetativas e sensitivas juntamente com as motivas, mas também se tornam aptas a quinhoar de forma muito mais afastada e alheia da vileza destes corpos geráveis e corruptíveis. Mais ainda: quinhoam da forma própria dos corpos celestes e eternos, que é a alma intelectual, a qual, entre todos os seres inferiores, só se encontra na espécie humana.

*Sofia* - E como foi possível que o homem, sendo feito destes mesmos elementos contrários e corruptíveis, tenha podido lograr a forma eterna e intelectual, que é própria dos corpos celestes?

*Filon* - Porque o amor dos seus elementos é tão harmónico, uniforme e perfeito que une toda a contrariedade dos elementos e se torna num corpo remoto de qualquer contradição e oposição, tal como o corpo celeste, que é despido de todo o contrário; por isso, vem partilhar daquela forma intelectual que só costuma enformar os corpos celestes.

*Sofia* - Nunca tinha ouvido nada a respeito dessa amizade nos elementos. Bem sei, no entanto, que, conforme a perfeição da sua compleição, a forma do composto vem a ser mais ou menos perfeita.

*Filon* - A compleição dos elementos, a sua amizade e o facto de poderem estar juntos os contrários, unidos, sem litígio nem contradição, não te parece verdadeiro amor e amizade? Há quem chame a esta amizade harmonia, música, concordância; e tu sabes que a amizade gera a concórdia assim como a inimizade causa discórdia. Por isso o filósofo Empédocles afirma que as causas da geração e corrupção em todas as coisas inferiores são seis: os quatro elementos, a amizade e a inimizade. Porque a amizade dos quatro elementos contrários causa todas as gerações dos corpos compostos deles; e a sua inimizade causa a corrupção. Pois, segundo estes quatro graus de geração do amor, que te disse serem causa da geração de todos os corpos compostos nos quatro graus de composição, tens de considerar outros tantos graus de ódio, que são causas da sua dissolução e

corrupção. De forma que, como todo o mal e ruína deriva da inimizade destes quatro elementos, assim todo o bem e toda a geração vêm do seu amor e amizade.

*Sofia* - Apraz-me o raciocínio que fizeste acerca das maneiras e razões do amor que se encontra neste mundo inferior, isto é, em todas as coisas geráveis e corruptíveis, tanto nos homens como nos animais brutos, nas plantas e nos mistos que não têm alma nenhuma, bem como nos quatro elementos e na matéria primeira, comum a todos. E bem vejo que, assim como uma espécie de animais ama outra e a acompanha, enquanto aborrece outra e foge dela, da mesma maneira também nas plantas se encontram algumas espécies amigas de outras; e nascem juntas, e quando estão em companhia germinam melhor, ao passo que são inimigas doutras, pois, estando perto, degeneram. E vemos os metais, um acompanhar o outro no seu minério, e outro não; o mesmo se dá com as pedras preciosas. Vemos a pedra-íman ser tão amada do ferro que, apesar de massudo e pesado, este se move e vai ao encontro dela. Enfim, eu vejo que sob o céu não existe corpo algum que não tenha amor, desejo e apetite natural, quer seja sensual, quer voluntário, conforme me disseste. Mas nos corpos celestes e nas inteligências espirituais parecer-me-ia estranho que se encontrasse amor, não existindo neles alguma das paixões destes corpos geráveis.

*Filon* - Nos corpos celestes e nas coisas intelectuais não se encontra menos amor do que nos inferiores; pelo contrário, é mais eminente e de maior excelência.

*Sofia* - Gostaria de saber de que modo. Pois a causa principal e mais comum do amor, pelo que vejo, é a geração; e não havendo geração nas coisas eternas, como pode nelas existir amor?

*Filon* - Não existe nelas geração, porque são ingeneráveis e incorruptíveis. Mas a geração dos inferiores vem do céu como de verdadeiro pai, assim como a matéria é a mãe-primeira na geração, e depois os quatro elementos, mormente a terra, que é a mãe mais evidente. E tu sabes que não menos repletos de amor são os pais da geração que as mães; antes, talvez tenham amor mais excelente e perfeito.

*Sofia* - Fala-me mais desenvolvidamente deste amor paternal do céu.

*Filon* - Em termos gerais, digo-te que, como o céu, pai das coisas geráveis, se move num movimento contínuo e circular sobre todo o globo da matéria primeira, ao mover-se e remexer todas as suas

partes ela germina todos os géneros e espécies e indivíduos do mundo inferior da geração: assim como, movendo-se o macho sobre a fêmea e movimentando-a, ela procria filhos.

*Sofia* - Explica-me esta propagação com mais minúcia e mais clareza.

*Fílon* - A matéria primeira, como uma fêmea, tem corpo, e este recebe humidade que a alimenta, espírito que a penetra, calor natural que a tempera e vivifica.

*Sofia* - Ora esmiuça-as lá uma a uma.

*Fílon* - A terra é o corpo da matéria primeira, receptáculo de todas as influências do seu macho, que é o céu. A água é a humidade que a nutre. O ar é o espírito que a penetra. O fogo é o calor natural que a tempera e vivifica.

*Sofia* - De que modo instila o céu a sua geração na terra?

*Fílon* - Todo o corpo do céu é o macho que a cobre e rodeia com movimento contínuo. Ela, embora esteja quieta, sempre se move um pouco, devido ao movimento do seu macho. Mas a sua humidade, que é a água, e o seu espírito, que é o ar, e o seu calor natural, que é o fogo, movem-se actualmente em virtude do movimento celeste viril, conforme se movem todas estas coisas na fêmea na altura do coito, graças ao movimento do macho, muito embora ela se não mova corporalmente, antes esteja quieta para receber o sémen generativo do seu macho.

*Sofia* - Que sémen lança o céu na terra, e como o pode lançar?

*Fílon* - O sémen que a terra recebe do céu é o orvalho e a água pluvial, que, com os raios solares e lunares e com os dos outros planetas e estrelas fixas, geram na terra e no mar todas as espécies e indivíduos dos corpos compostos nos quatro graus de composição, como te disse.

*Sofia* - Quais são, propriamente, no céu os produtores desse sémen?

*Fílon* - Todo o céu o produz com o seu contínuo movimento, assim como todo o corpo humano em geral produz o esperma. E do mesmo modo que o corpo humano é composto de membros homogêneos, quer dizer, não organizados, como ossos, nervos, veias, pânículos e cartilagens, além da carne, que é um enchimento entre um e outro, assim o grande corpo do Oitavo Céu é composto de estrelas fixas de diversa natureza, as quais se dividem em cinco grandezas e numa outra sexta espécie de estrelas nebulosas, além da substância do corpo diáfano do céu, que permanece e penetra entre uma e outra.



*Sofia* - E para que servem os sete planetas na geração deste sémen do mundo?

*Fílon* - Os sete planetas são sete membros heterogêneos, isto é, orgânicos, fundamentais na geração deste sémen, como o são no homem aqueles que geram o esperma.

*Sofia* - Indica-mos um por um.

*Fílon* - A geração do esperma, no homem, depende em primeiro lugar do coração, que dá os espíritos com o calor natural, que é formal no esperma. Segundo: o cérebro dá o húmido, que é a matéria do esperma. Terceiro: o fígado, que tempera com suave decocção o esperma o refaz e aumenta com o que há de mais purificado do sangue. Quarto: o baço, que, depois de o ter purificado pela atracção das fezes melancólicas, o engrossa e torna viscoso e fluido. Quinto: os rins, que com a própria decocção o tornam pungitivo, quente e estimulante, mormente em virtude da porção de bÍlis que recebem constantemente do fel. Sexto: os testículos, nos quais o esperma adquire perfeição de compleição e natureza seminal generativa. Sétimo e último é o pénis, que lança o sémen na fêmea, que o recebe.

*Sofia* - Percebo como estes sete membros orgânicos concorrem para a geração do esperma viril. Mas que tem isto que ver com os sete planetas?

*Fílon* - É assim que, no céu, os sete planetas concorrem para a geração do sémen mundano.

*Sofia* - De que maneira?

*Fílon* - O Sol é o coração do céu, e dele deriva o calor natural espiritual que faz exalar os vapores da terra e do mar e gerar a água e o orvalho, que é o sémen: os seus raios e fases conduzem-na, principalmente com a mutação das quatro estações do ano, que ele determina com o seu movimento anual. A Lua é o cérebro do céu, que causa as humidades que são o sémen comum: devido às suas mutações mudam-se os ventos e descem as águas; produz a humidade nocturna e o orvalho, que é nutrimento seminal. Júpiter é o fígado do céu, que com a suavidade do seu calor e da sua humidade favorece a geração das águas, na temperança do ar e na amenidade do tempo. Saturno é o baço do céu, que com a sua frialdade e secura faz engrossar os vapores, congelar as águas e mover os ventos que as trazem, e moderar o excesso de calor. Marte é o fel e os rins do céu: o seu extraordinário calor ajuda a ascensão dos vapores, derrete a água e torna-a fluente, subtil e penetrante, e dá-lhe calor seminal estimulante

para que a frialdade de Saturno e da Lua não torne o sémen impróprio para a geração por falta de calor actual. Vénus é os testículos do céu. Tem grande força na produção da água boa e perfeita para a sementeira, porque a frialdade e a humidade dela são benignas, assaz digestas e aptas a causar a geração terrestre. E, devido à congruência e proximidade dos rins em relação aos testículos na geração do esperma, têm os poetas imaginado Marte enamorado de Vénus, porque um dá o estímulo e outra o húmido próprio para o sémen. Mercúrio é o pénis do céu: umas vezes directo, outras retrógrado; umas vezes causa actualmente as chuvas, outras vezes impede-as. Move-se principalmente pela aproximação do Sol e pelos aspectos da Lua, tal como se move o pénis conforme o desejo e os estímulos do coração e da imaginação e memória do cérebro. De maneira que, ó Sofia, tu vês como o Céu é marido da Terra, em tudo perfeito, já que com todos os seus membros orgânicos e homogêneos se move e esforça por lançar nela o sémen e nela gerar tantas gerações formosas e tão variadas. Pois não vês que se não perpetuaria uma tão suma diligência, um tão subtil provimento, senão por esse tão ardente e fino amor que o Céu, como autêntico homem gerador, tem pela Terra e pelos outros elementos e pela própria matéria primeira em geral, como por mulher da qual esteja enamorado ou com a qual esteja casado? E tem amor às coisas geradas, e admirável cuidado na nutrição e conservação delas como de filhos próprios. E a Terra e a matéria têm amor ao Céu como a esposo muito querido, ou amante e benfeitor; e as coisas geradas amam o Céu como pai benigno e óptimo tutor. Mediante este recíproco amor o universo corpóreo une-se, adorna-se e sustém o mundo. Que outra maior demonstração da universalidade do amor pretendes conhecer?

*Sofia* - Admirável é o amor conjugal e recíproco da Terra e do Céu, bem como tudo quanto a Terra tem de propriedade de mulher e o Céu de marido, com os seus sete planetas correspondentes aos membros que concorrem na geração do esperma do homem. E já percebi que, segundo os astrólogos, cada um dos sete planetas está relacionado com um dos membros do homem; não, porém, com aqueles que são apropriados à geração, mas sim com os membros exteriores da cabeça, feitos para servir à cognição sensível e interior.

*Filon* - É certo que os sete planetas têm algum ascendente sobre as sete cavidades que existem na cabeça e que servem ao sentido e ao conhecimento, a saber: o Sol, sobre o olho direito; a Lua, sobre o

esquerdo (pois ambos são olhos do Céu); Saturno sobre o ouvido direito e Júpiter sobre o esquerdo (ou ao contrário, segundo outros); Marte sobre a fossa nasal direita e Vénus sobre a esquerda (ou ao contrário, segundo outros); Mercúrio sobre a língua e a boca, porque é ele que superintende na fala e na doutrina. Isso, porém, não tira que, como dizem os astrólogos, presidam também a estes outros sete membros do corpo que concorrem na geração, segundo te disse.

*Sofia* - Por que motivo apropriam aos membros humanos estes dois modos parciais de significação?

*Filon* - Porque estes sete membros da cognição correspondem, no homem, àqueles sete da geração.

*Sofia* - De que maneira?

*Filon* - O coração e o cérebro são, no corpo, como os olhos na cabeça; o fígado e o baço, como os dois ouvidos; os rins e os testículos, como as duas fossas nasais; o pénis é homólogo da língua quanto à posição e à figura, à maneira de se estender e encolher: colocada no meio de todos, actua de tal sorte que, assim como o pénis, ao mover-se, dá origem a uma geração corporal, assim a língua dá origem a uma geração espiritual mediante a linguagem sábia e gera filhos espirituais como o pénis os gera corporais. Comum a ambos é o beijo, sendo um estimulante do outro. E, assim como todos os outros membros servem a língua no conhecimento e esta tem o fim de aprender e dar saída ao conhecimento, assim todos os outros servem o pénis na geração, consistindo nela a sua finalidade e saída. E tal como a língua está colocada entre as duas mãos, instrumentos de execução do que se conhece e que se fala, assim o pénis está colocado entre as pernas, instrumentos de movimento, para se aproximar da fêmea que o recebe.

*Sofia* - Percebi esta proporcionada correspondência dos membros cognoscitivos da cabeça com os membros generativos do corpo. Mas diz-me por que se não encontram semelhantemente no céu duas modalidades de planetas, correspondentes em conhecimento e geração, para se tornar a semelhança mais perfeita.

*Filon* - O céu, pela sua simplicidade e espiritualidade, gera as coisas inferiores com os próprios membros e instrumentos do conhecimento. Assim, o coração e o cérebro, produtores do sémen generativo do céu, são os olhos com que vê, isto é, o Sol e a Lua; o fígado e o baço, que temperam o sémen, são os ouvidos com que ouve, isto é, Saturno e Júpiter; os rins e os testículos, que aperfeiçoam o

sémen, são as fossas nasais com que cheira, isto é, Marte e Vénus; o pénis, que lança o sémen, é a língua mercurial que guia o conhecimento. Mas, no homem e nos outros animais perfeitos, apesar de serem imagem e simulacro do Céu, foi todavia necessário separar os membros cognoscitivos dos generativos e colocar aqueles na parte superior da cabeça e estes na parte inferior do corpo, correspondendo-se, porém, um a outro.

*Sofia* - Quanto a isto, estou satisfeita. Mas fico em dúvida por teres comparado o Céu ao homem, e a matéria, Terra e outros elementos à fêmea, quando eu tenho sempre pensado que o homem é simulacro não só do Céu mas de todo o Universo corpóreo e incorpóreo ao mesmo tempo.

*Filon* - E é assim mesmo: o homem é imagem do Universo todo, e é por isso que os Gregos lhe chamam microcosmos, que quer dizer “pequeno mundo”. Contudo, o homem, e assim todos os outros animais perfeitos, contém em si macho e fêmea, porque a sua espécie salva-se em ambos, e não em um só. Por isso, não só na língua latina homem indica o macho e a fêmea, mas também na língua hebraica, mãe antiquíssima e origem de todas as línguas, Adão, que quer dizer “homem”, significa “macho” e “fêmea”, e em seu próprio sentido contém os dois ao mesmo tempo. E os filósofos afirmam que o céu é apenas um animal perfeito. Pitágoras admitia haver nele direita e esquerda, como em qualquer outro animal perfeito, afirmando que a metade do céu que vai da linha equinocial até ao Pólo Ártico, a que nós chamamos tramontana, era a “direita” do céu, porque da dita linha equinocial em direcção à tramontana via maiores estrelas fixas e mais luminosas e em maior número do que aquelas que via desde a linha equinocial até ao outro Pólo; e também lhe parecia causar, nos seres inferiores, maior e mais excelente geração naquela parte da Terra do que na outra. E chama à outra metade do céu, a que vai da linha equinocial até ao Pólo Antártico, que nós não vemos, “esquerda” do céu. Mas o filósofo Aristóteles, ao confirmar que o céu é um animal perfeito, diz que não só tem estas duas partes de animal, isto é, direita e esquerda, mas também, além destas, tem as outras partes do animal perfeito, que são: dianteira e traseira, ou seja, cara e costas; alto e baixo, isto é, cabeça e pés. No animal encontram-se todas estas seis partes separadas e distintas; a direita e esquerda pressupõem as outras quatro, sem as quais não poderiam existir, pois a direita e a esquerda são partes da largura do corpo do animal; e o alto

e o baixo, isto é, cabeça e pés, são partes do comprimento, que naturalmente precede a largura. A dianteira e a traseira, ou seja, cara e costas, são partes da profundidade do corpo do animal, a qual é fundamento do comprimento e da largura. Portanto, existindo no céu direita e esquerda, segundo afirma Pitágoras, é forçoso que se encontrem nele as demais quatro partes das outras duas dimensões: cabeça e pés, do comprimento; face e costas, em relação a profundidade. Aristóteles diz que não é o nosso Pólo a direita do céu, nem o outro a esquerda, como afirma Pitágoras, porque a diferença e a preeminência de uma sobre a outra não estaria no próprio céu, mas sim na maneira como se nos afigura ou defronta; e é possível que na outra parte, de nós não conhecida, se encontrem mais estrelas fixas no céu e mais lugares habitados na terra: em nossos tempos, a experiência da navegação dos Portugueses e dos Espanhóis nos tem revelado parte disto. Por isso, ele diz que o Oriente é a direita do céu, o Ocidente a esquerda; e pensa que todo o corpo do céu é um animal, cuja cabeça é o Pólo Antártico a nós oculto, e os pés o Pólo Ártico do lado da tramontana: desta maneira, a direita fica no Oriente e a esquerda no Ocidente; a face é aquela parte que se estende do Oriente para Ocidente, e as costas, ou seja, o traseiro, é a parte que do Ocidente se dilata para Oriente na zona inferior. Em conclusão - sendo todo o Universo um homem, ou seja, um animal que contém macho e fêmea, e sendo o céu um dos dois perfeitamente com todas as suas partes -, podes acreditar com absoluta certeza que é o macho, ou homem, e que a terra e a matéria primeira, com os elementos, é a fêmea; e que os dois estão perenemente conjuntos em amor matrimonial ou em recíproco afecto como dois fiéis amantes, conforme te disse.

*Sofia* - Gosto do que, a propósito de Aristóteles, acabas de me dizer sobre a animalidade do céu e as suas seis partes, naturalmente distintas no animal; pois nas plantas, embora haja distinção de cabeça e pés (sendo cabeça a raiz e pés as folhas: nisto é animal às avessas), no sentido de alto a baixo não se encontra diferenciação das outras partes, visto que não têm dianteira nem costas, nem direita, nem esquerda. Mas naquilo que diz Aristóteles, que o Oriente é a direita do céu e o Ocidente a esquerda, ocorre-me uma dúvida: que nem o Oriente nem o Ocidente são os mesmos para todos os habitantes da Terra. Pelo contrário, o nosso Oriente é Ocidente para os outros que habitam por baixo de nós e que se chamam antipodas, enquanto o

nosso Ocidente é Oriente para eles; e todas as partes da redondeza do céu, de Levante a Poente, são Oriente para uns habitantes da Terra e para outros Ocidente. Qual destes Orientes, afinal, será a direita? E por que o será um mais que o outro? E se todo o Oriente é direita, o mesmo seria simultaneamente direita e esquerda? Deslinda-me isto, que me parece duvidoso.

*Fílon* - A tua dúvida, ó Sofia, não é lá muito fácil de resolver.

Alguns dizem que aquele Oriente que é direita do céu é o Oriente dos que habitam metade da parte habitada do mundo, de Levante a Poente, porque acreditam que metade da extensão é habitada, isto é, terra descoberta, e que a outra metade está coberta de água.

*Sofia* - Isso é verdade.

*Fílon* - Não, não é verdade! Com efeito, nós sabemos que a maior parte da redondeza da Terra, de Levante a Poente, é descoberta, e que cada uma tem o seu Oriente, não devendo um ser mais direito que outro, mormente porque o que é Oriente para uns é Ocidente para outros. Dessa maneira, um mesmo Oriente seria direita e esquerda, como acabas de dizer. Por isso, alguns outros dizem que o signo de Áries é a direita do céu e o de Libra a esquerda.

*Sofia* - Por que razão?

*Fílon* - Porque quando o Sol se encontra em Áries tem grande pujança, e então se geram todas as plantas e rejuvenesce o mundo; e quando está em Libra todas se vão secando e envelhecendo.

*Sofia* - Mesmo que assim fosse, nem por isso Áries fora a direita, visto que não está sempre no Oriente, mas uma vez por outra no Ocidente; e quando é Oriente para um é Ocidente para outro. E Aristóteles afirma que Oriente é a direita.

*Fílon* - Com razão os desaprovas: mormente porque nem para com todos os habitantes da Terra o Sol é tão benévolo e benfazejo, quando se encontra em Áries. Com efeito, os da metade da Terra que vivem para lá da linha equinocial e lobrigam o outro Pólo, o Antártico, os quais se chamam antíctones, recebem o benefício da Primavera quando o Sol está em Libra, pois é então que começa a aproximar-se deles; e experimentam o minguar do Outono quando está em Áries, já que é nessa altura que se afasta deles, contrariamente ao que se dá connosco. A nossa direita, pois, seria esquerda para eles. E, apesar de tudo, a direita do animal é direita em relação a todos, o mesmo se verificando com a esquerda.

*Sofia* - Não há dúvida que assim é, pois já sei que os que vivem para lá da zona tórrida têm Primavera quando nós temos o Outono e têm Outono quando nós temos Primavera. Contudo, rogo-te, ó Filon, que não deixes a minha dúvida sem solução certa, se é que a conheces.

*Filon* - Os comentadores de Aristóteles não encontraram nenhum outro processo de a resolver senão esses dois, e, como tivessem consciência da fraqueza da solução, agarraram-se ao menos impróprio que puderam encontrar. Tu, ó Sofia, contenta-te daquilo com que eles, sabendo mais que tu, se contentaram.

*Sofia* - Eu deleito-me pelo meu gosto, não pelo dos outros; e estou a ver que tu estás menos satisfeito do que eu com essas soluções. Então, para eu sossegar, tens de conceder-me que o teu Aristóteles errou, ou então achar mais cabal resposta para me dar do que essa.

*Filon* - Visto que a minha mente está convertida em ti, nenhum dos meus pensamentos te pode ser negado. Eu interpreto doutra maneira Aristóteles, que expõe subtilmente o papel daquelas seis partes, tanto no Céu como em todo o animal perfeito. Diz que o alto, ou seja, a cabeça, donde começa o comprimento do animal, é aquela parte da qual primeiramente depende a virtude do movimento (pois não há dúvida que os nervos e os espíritos motores procedem da cabeça, ou cérebro); e a direita é a parte onde o próprio movimento tem início, como é evidente no homem; e a face, ou seja, a parte dianteira, é aquela em que se inicia o movimento da direita; as outras três partes são opostas a estas em tais operações.

*Sofia* - Compreendo. Vamos à dúvida.

*Filon* - Aristóteles diz que a direita é a parte onde se levantam o Sol e as outras estrelas e planetas, isto é, o Oriente. E diz que isto não é característico de uma parte materialmente assinalada mas sim de todas, virtualmente, porquanto são todas Oriente e caminham para o Ocidente, e não ao contrário, conforme o movimento errático dos planetas, que é do Ocidente para o Oriente: este é um movimento sinistrorso e parece-se com o movimento imperfeito e débil da mão esquerda no homem, enquanto o de Oriente para Ocidente, em qualquer parte do céu, é movimento dextrorso. Com efeito, sendo a cabeça do céu o Pólo Antártico e os pés o Ártico, como ele afirma, é forçoso que - movimentando-se todo o céu, sempre e em toda a parte, de Oriente para Ocidente - aquele movimento se dirija para o lado direito e o oposto para o esquerdo. A face fica em cima, na parte que está entre Oriente e Ocidente, para onde caminha o céu no seu

movimento dextrorso. E as costas são a parte que fica atrás do Oriente, e debaixo desse ponto o Oriente divide-se, como a mão direita das costas.

*Sofia* - Gosto de te ouvir. Sendo assim, no céu somente o alto e o baixo, ou seja, a cabeça e os pés, estão materialmente distintos, pois uma coisa é um dos Pólos e a outra é o outro. As outras quatro partes dividem-se conforme o modo formal de se orientar o movimento. É assim, Fílon?

*Fílon* - Assim é, e compreendeste-o perfeitamente.

*Sofia* - Apesar de tudo, afinal nos animais todas as seis partes estão materialmente divididas e distintas. Diz-me por que razão existe entre eles essa diversidade.

*Fílon* - Porque o animal se move directamente de um lugar para outro, e as suas partes do comprimento e da largura estão divididas e distintas. Mas no céu, que se move com movimento circular de si próprio em si próprio e roda sempre sobre si, é necessário que estas partes estejam materialmente uma mesma em outra mesma, e tudo no todo, dividindo-se apenas na forma e direcção do movimento. É por isso que a cabeça e os pés do céu, que são os dois pólos, já que nunca se mudam um no outro, estão materialmente divididos, como nos animais.

*Sofia* - Se um mesmo for Oriente e Ocidente, segue-se que um mesmo é direita e esquerda.

*Fílon* - Não é bem assim, porque, muito embora um determinado pedaço do céu seja para alguns Oriente e para outros Ocidente, contudo, segundo o movimento que todo o céu e cada uma das suas partes fazem, para todos é Oriente quando se encontra a oriente deles, e, devido à direcção do movimento, é sempre direita e nunca esquerda, já que nunca se move o céu, nem alguma das suas partes, em sentido contrário àquele movimento dextrorso, ou seja, ao invés, como fazem sempre os planetas erráticos: o movimento destes é para a esquerda, assim girando em sentido contrário para contrabalançar o movimento celeste para a direita, favorecer os contrários inferiores e provocar a contínua geração deles.

*Sofia* - Compreendi, e fico satisfeita quanto à minha dúvida. Desejaria, contudo, que ainda me explicasses como é que os filósofos dizem que um só homem é simulacro de todo o Universo, tanto do mundo inferior da geração e corrupção como do mundo celeste e do espiritual e angélico, ou seja, divino.



*Fílon* - Parece que estás a desviar-me um tanto do assunto, que versámos, da universalidade do amor; mas como de qualquer modo isso tem alguma relação com esta matéria, vou responder-te concisamente. Todos estes três mundos que acabas de explanar, gerável, celeste e intelectual, estão contidos no homem como num “microcosmos” e encontram-se nele, não só distintos quanto a virtude e obras mas também distribuídos por membros, partes e pontos do corpo humano.

*Sofia* - Indica-mos todos três, parte por parte.

*Fílon* - O corpo humano divide-se em três partes, tal como o mundo, uma em cima da outra. Na inferior, a primeira mais alta é constituída por uma teia, ou panículo, que tem o nome de diafragma e divide o corpo pelo meio na cintura e vai até às pernas. A segunda, mais alta, situa-se por cima desta teia e vai até à cabeça. A terceira mais alta é a cabeça. A primeira parte contém os membros da nutrição e da geração: estômago, fígado, fel, baço, mesaraicos, intestinos, rins, testículos e pénis. E esta parte do corpo humano corresponde ao mundo inferior da geração no Universo; assim como neste se geram da matéria primeira os quatro elementos (fogo, ar, água e terra), assim nesta parte do corpo se geram do alimento, que é matéria primeira de todos quatro os humores: a bília quente, seca e subtil, da qualidade do fogo; o sangue, quente e húmido, suavemente temperado, da qualidade do ar; o flegma, frio e húmido, da qualidade da água; o humor melancólico, frio e seco, da qualidade da terra. E assim como dos quatro elementos se geram animais que, além da nutrição e do crescimento, têm sentir e movimento, e plantas que não têm sentido nem movimento mas apenas nutrição e crescimento, e outros mistos privados de alma, sem sentir, nem movimento, nem nutrição, nem crescimento, que são como fezes dos elementos, isto é, pedras, fungos, sais e metais, assim destes quatro humores que se originam nesta parte primeira e inferior dos humores geram-se membros que têm nutrição, crescimento, sentido e movimento, como nervos e panículos, lacertos e músculos, e outros que por si não têm sentido nem movimento, como sejam os ossos, as cartilagens e as veias. Do alimento e dos humores ainda se geram outras coisas que não têm sentir, nem movimento, nem nutrição, nem crescimento, porquanto não passam de resíduos e excrescências da comida e dos humores, como as fezes duras, as urinas, os suores, as excrescências do nariz e dos ouvidos. E assim como no mundo inferior se geram da matéria em

putrefacção alguns animais, dos quais muitos são venenosos, assim da putrefacção dos humores se originam outros de muitas feições, dos quais alguns são venenosos. E assim como no mundo inferior, por fim, com a participação celeste se engendra o homem, que é animal espiritual, assim do melhor e mais subtil dos humores do vaporal se geram espíritos subtis e purificados, os quais se formam para participação e restauração dos espíritos vitais que estão sempre manentes no coração e pertencem à segunda parte do corpo humano, correspondente ao mundo celeste, conforme vamos dizer.

*Sofia* - Percebi bem a correspondência da parte inferior do homem com o mundo inferior da geração e corrupção. Fala-me da parte celeste, agora.

*Filon* - A segunda parte do corpo humano contém os órgãos espirituais que se encontram por cima da teia do diafragma e vão até aos canais da garganta, isto é, o coração e os dois pulmões, direito e esquerdo: no direito, há três secções de pulmão, divididas; no esquerdo, duas. Esta parte corresponde ao mundo celeste. O coração é a oitava esfera estrelada com todo o celeste por cima dela, o primeiro móvel, que tudo move: roda igualmente, uniformemente, circularmente, e com o seu movimento ininterrupto sustenta toda a natureza corpórea do Universo; e procede dele qualquer outro movimento contínuo que se encontre nos planetas e nos elementos. Assim é o coração no homem, que se move sempre, num movimento circular e uniforme, sem nunca descansar, e com o seu movimento mantém em vida todo o corpo humano e determina o movimento contínuo dos pulmões e de todas as artérias que pulsam no corpo. No coração se encontram todos os espíritos e as virtudes humanas, tal como naquele céu se encontram tantas estrelas reluzentes e grandes, medianas e pequenas; e tantas figuras celestes estão ligadas a este céu primeiro móvel, como os sete planetas erráticos, assim chamados porque erram no movimento, pois umas vezes vão direitos para a frente e outras voltam para trás, umas vezes depressa e outras devagar, todos, porém, seguindo o primeiro móvel. Analogamente, os pulmões seguem o coração e servem-no no seu movimento contínuo, já que, sendo esponjosos, se estendem e encolhem, por vezes com pressa, outras vezes devagar, como os planetas erráticos. E assim como os mais importantes dentre eles, para o governo do Universo, são as duas luminárias, Sol e Lua, e por cima acompanham o Sol três planetas superiores, Marte, Júpiter e Saturno, e a Lua mais dois, Vénus e

Mercurio, assim o pulmão direito, mais importante, é simulacro do Sol, e por isso tem consigo três secções separadas que provêm do próprio pulmão, enquanto o pulmão esquerdo, que significa a Lua, tem duas: no total, são em número de sete. E assim como o mundo celeste, com seus raios e movimento contínuo, sustenta este mundo inferior transmitindo-lhe por intermédio deles o calor vital, a espiritualidade e o movimento, assim este coração, juntamente com os pulmões, sustenta todo o corpo mediante as artérias, pelas quais transfunde em todo ele o seu calor, os seus espíritos vitais e o seu movimento ininterrupto. Por conseguinte, a semelhança é perfeita.

*Sofia* - Gosto desta correspondência do coração e dos membros espirituais com o mundo celeste e das suas influências no mundo inferior. Agora, se me queres ser agradável, fala-me da correspondência do mundo espiritual no corpo humano.

*Fílon* - A cabeça do homem, que é a parte excelente do seu corpo, é simulacro do mundo espiritual, que, segundo o divino Platão (não longe da opinião de Aristóteles), tem três graus: alma, intelecto e divindade. A alma é a fonte de que provêm o movimento celeste e que providencia e governa a natureza do mundo inferior, como a Natureza governa nele a matéria primeira. Esta, no homem, é o cérebro, com as suas duas potências, de sentir e de movimento voluntário, contidas na alma sensitiva, proporcional à alma do mundo, que providencia e move os corpos. Depois, há no homem o intelecto possível, que é a última forma humana, correspondente ao intelecto do Universo, no qual se encontram todas as criaturas angélicas. Finalmente, existe no homem o intelecto agente: quando com este se junta o possível, torna-se actual e cheio de perfeição e graça de Deus, copulado com a sua sagrada divindade. Isto é o que no homem corresponde ao princípio divino, do qual todas as coisas se originam; para ele todas se dirigem e nele repousam como em fim supremo. Isto deve bastar-te, ó Sofia, nesta nossa conversa familiar, pelo que respeita à semelhança do homem com todo o Universo e ao processo que levou, com razão, o homem a ser chamado «microcosmo» pelos antigos.

Muitas outras semelhanças particulares há, que seria prolixo relatar e fora do nosso propósito. Disto que dissemos nos havemos de servir quando falarmos do nascimento e origem do amor; e compreenderás, então, que as coisas do mundo não se amam em vão umas às outras, as altas às baixas e as baixas às altas, pois que todas são partes de um corpo que corresponde a um ser íntegro e perfeito.

*Sofia* - A conversa arrastou-nos e afastou-nos um tanto do nosso propósito. Voltemos agora ao nosso intento, ó Filon. Se te compreendi bem, tu acabas de demonstrar quão grande é o amor que tem o Céu, à maneira de homem generante, à Terra e à matéria primeira dos elementos, como a própria mulher que recebe a sua geração. E segundo isto não há dúvida que o Céu também tem amor a todas as coisas geradas pela Terra ou pela matéria dos elementos, como um pai a seus próprios filhos. Este amor manifesta-se largamente no cuidado que ele tem em conservá-las, premiá-las e nutri-las, produzindo a água pluvial para sustento das plantas, as plantas para nutrição dos animais, e uma e outra coisa para sustento e serviço do homem como primogénito ou como o mais importante dos seres por ele criados. Ele reveza as quatro épocas do ano, Primavera, Verão, Outono, Inverno, com vista ao nascimento e sustento das coisas e a fim de predispor o ar para as necessidades da sua vida e o equilíbrio das suas compleições. Vê-se também que as coisas geradas amam o céu, pai desvelado e certo, pela alegria que sentem os animais com a luz do Sol e o romper do dia, pela tristeza e o recolhimento deles quando o céu escurece com a aproximação da noite. Estou certa de que sobre isto saberias dizer-me muito mais; mas a mim basta-me o que disseste do recíproco amor do Céu e da Terra, como de homem e mulher, e do amor de cada um deles para com as coisas geradas, como amor de pai e mãe para com os filhos, e ainda do amor dos seres gerados para com a Terra ou o Céu, como amor de filhos a mãe e a pai. Mas o que eu desejava saber de ti é se os corpos celestes, além do amor que têm às coisas do mundo inferior, se amam reciprocamente um ao outro. Porque, se repararmos em que entre eles não existe geração, a qual se me afigura como causa primacial de amor entre as coisas do Universo, parece por tal motivo que não deveria existir entre eles o amor mútuo, uma afeição conversível.

*Filon* - Se bem que entre os celestes falte a repetida e mútua geração nem por isso lhes falta o amor-perfeito e recíproco. A causa principal que nos patenteia neles amor é a amizade e harmoniosa concordância que constantemente se encontra neles, pois tu sabes que toda a concórdia procede de verdadeira amizade ou de verdadeiro amor. Se contemplessem, ó Sofia, a correspondência e concordância de movimentos dos corpos celestes (daqueles primeiros que se movem de Levante para Poente, e daqueles outros que rodam em sentido contrário, de Poente para Levante, um com movimento velocíssimo,

outro com menos velocidade, uns vagarosos, outros lentíssimos; umas vezes movem-se directos, outras retrógrados; por vezes ficam como que quietos numa paragem após uma corrida para a frente, outras vezes após a retrogradação; umas vezes desviam-se para o Setentrião, outras para o Meio-Dia; umas vezes andam pelo meio do Zodíaco, e um deles, que é o Sol, nunca se aparta daquele caminho direito do Zodíaco, nunca vai para o Setentrião nem para o Meio-Dia, como fazem todos os outros planetas); e se conhecesses o número dos orbes celestes, para os quais são necessários os diversos movimentos (as suas medidas, as suas formas e posições, os seus pólos, os seus epiciclos, os seus centros e excêntricos: um ascendente, outro descendente, um a Oriente do Sol, outro a Ocidente; e muitas outras coisas que seria demorado dizer nesta nossa conversa) - verias uma tão admirável correspondência e concórdia de corpos diversos e movimentos diferentes em harmoniosa união que ficarias espantada com a sagacidade de Quem tudo isso ordenou. Que maior demonstração de verdadeiro amor e dilecção perfeita de um por outro senão ver uma tão suave conformidade posta e continuada em tanta diversidade? Dizia Pitágoras que os corpos celestes, ao mover-se, geravam excelentes vozes, correspondentes uma a outra em harmoniosa consonância, e afirmava ser esta música celestial a causa da manutenção de todo o Universo em seu peso, no seu ritmo e na sua medida. De cada orbe e cada planeta discernia o som e a voz própria, descrevendo outrossim a harmonia que de todos resultava. Também diz que a causa de nós não ouvirmos nem sentirmos essa música celeste é a distância do céu em relação a nós, ou então que o estarmos habituados a ela não nos permite ouvi-la, como acontece àqueles que vivem junto do mar, os quais, devido à habituação, não ouvem o seu fragor como aqueles que pela primeira vez se aproximam dele. Sendo, portanto, o amor e a amizade causa de toda a concórdia e existindo nos corpos celestes maior concordância, mais firme e mais perfeita do que em todos os corpos inferiores, segue-se que entre eles existe maior e mais perfeito amor e mais perfeita amizade que nestes corpos inferiores.

*Sofia* - A concórdia e a correspondência mútua e recíproca, que se encontra nos corpos celestes, mais me parece efeito e sinal do seu amor do que causa deste; e eu gostaria de conhecer a causa de tal amor recíproco nos céus. Porque, faltando neles a propagação e a continuidade generativa, que é a causa mais importante do amor dos

animais e homens, das outras causas não vejo nenhuma que se ajuste aos celestes: nem o benefício voluntário de um para com outro, porque as suas coisas obedecem a uma ordem própria; nem o ser de uma mesma espécie, porque, segundo entendi, nos celestes não há espécie, assim como não há gênero nem individuação própria ou, se a houver, cada um dos corpos celestes é de uma espécie própria; nem ainda um intuito associativo, porquanto vemos que, na ordem dos seus movimentos, umas vezes se acompanham, outras se desacompanham, e nem um deve gerar novo amor, nem o outro nova amizade, por serem coisas da ordem natural, sem inclinação voluntária.

*Filon* - Muito embora se não encontre nos celestes nenhuma das cinco causas de amor comuns aos homens e aos animais poderá acontecer que se encontrem neles aquelas duas que são próprias dos homens.

*Sofia* - De que modo?

*Filon* - A causa primacial do amor que se encontra nos corpos celestes é a conformidade da natureza, como a das compleições nos homens. Entre céus, planetas e estrelas há tal conformidade de natureza e essência que nos seus movimentos e actos se correspondem com tão grande proporção que, de diversos, se forma uma harmónica unidade; por isso, mais parecem diversos membros de um corpo organizado que diversos corpos separados. E assim como de diversas vozes, uma aguda e outra grave, se gera um canto pleno, suave ao ouvido, e, faltando uma delas, se corrompe o canto todo, ou seja, a harmonia, assim destes corpos diversos em grandeza e movimento, graves e leves, em virtude da sua proporção ou conformidade, se forma uma combinação harmónica tal e tão compacta que, se falhasse a mínima partícula, se dissolveria o todo. Portanto, esta conformidade de natureza é causa do amor dos corpos celestes, não só como pessoas diversas mas até como membros duma única pessoa, pois, como o coração ama o cérebro e os outros membros e lhes ministra vida, calor natural e espíritos, e aos outros o cérebro proporciona nervos, sentidos e movimento, e, o fígado, sangue e veias, pelo amor que se têm um ao outro e que cada qual sente pelo todo, como parte sua, um amor que excede por inteiro o de qualquer outra pessoa, assim as partes do céu se amam mutuamente com conformidade natural e, concorrendo todas para uma união de fim e de obra, se servem uma à outra e se ajeitam nas necessidades, de modo a formar um corpo celeste perfeitamente organizado. Também há neles a outra causa

própria do amor dos homens, que resulta do seu apego à virtude: pois, como cada um dos corpos celestes é dotado de excelente virtude, a qual é necessária para o ser dos outros, de todo o Céu e do Universo, conhecida a tal virtude pelos outros, estes amam-nos graças a ela. E ainda direi que os amam pelo benefício que fazem, não já próprio e específico para com um só, mas universal no Universo todo, que, sem ele, seria totalmente destruído. E é desta maneira que se amam os homens virtuosos, isto é, pelo bem que fazem no Universo, não por benefício particular, como é o das coisas úteis. Portanto, sendo os corpos celestes os mais perfeitos dos animais, encontram-se neles as duas causas de amor que se acham nos homens, os quais são a espécie mais perfeita entre os animais.

*Sofia* - Se existe, como dizes, tão grande intensidade de amor entre os corpos celestes não deve ser vão o que os poetas imaginam sobre o amor dos deuses celestes, como os enfeitiçamentos de Júpiter e de Apolo, salvo que os poetas fantasiaram este amor lascivo, como de homem a mulher, às vezes conjugal, outras adúltero; e ainda por cima congemina-mo como generativo de outros deuses: tudo coisas certamente muito alheias à natureza dos celestes. Enfim, como diz o vulgo, muitas são as mentiras dos poetas!

*Filon* - Nesta matéria, os poetas não disseram coisas vãs nem mentirosas, como julgas.

*Sofia* - Por que não? Porventura acreditarias em semelhantes coisas acerca dos deuses celestes?

*Filon* - Eu acredito, porque as entendo. E tu também acreditarás, se as compreenderes.

*Sofia* - Então faz que eu as entenda, para eu acreditar nelas.

*Filon* - Os poetas antigos enredaram nos seus poemas não uma só, mas muitas intenções, às quais dão o nome de sentidos. Em primeiro lugar, com vista ao sentido literal, à guisa de casca exterior, apresentam a história de algumas personagens e dos seus feitos notáveis, dignos de memória. A seguir põem dentro daquela mesma ficção, como casca mais íntima, mais colada à medula, o sentido moral, útil à vida activa dos homens, pois aprova os actos virtuosos e censura os vícios. Além disso, debaixo daquelas palavras de sentido literal exprimem alguma efectiva percepção das coisas naturais ou celestes, astrológicas ou teológicas e, uma vez por outra, os dois ou todos os três sentidos científicos estão encasulados dentro da fábula, como

as medulas do fruto dentro das suas cascas. Estes sentidos entranhados à guisa de medulas são denominados alegóricos.

*Sofia* - Não me parece pequeno artifício, nem para débil engenho, entremear numa narrativa historial, verdadeira ou fingida tantas e tão diversas e altas sentenças. Desejaria que que desses algum breve exemplo, para que mais facilmente eu possa acreditar nisso.

*Filon* - Podes ter como certo, ó Sofia, que os antigos não quiseram menos exercitar a mente no artifício do significado das coisas das ciências que no seu efectivo conhecimento. E vou dar-te um exemplo. Perseu, filho de Júpiter por ficção poética, matou Górgone e, vencedor, voou ao Éter, que é a região mais alta do Céu. O sentido histórico está em que Perseu, filho de Júpiter, por participação das virtudes jupiterianas que existiam nele ou por linhagem de um daqueles reis de Creta ou de Atenas ou da Arcádia, que foram chamados Júpiter, matou Górgone, tirano na terra (porque Górgone em grego quer dizer “terra”), e, por ser virtuoso, foi exaltado pelos homens até ao céu. Também significa, moralmente, que Perseu, o homem prudente, filho de Júpiter e dotado de suas virtudes, ao matar o vício baixo e terreno representado pela Górgone ascendeu ao céu da Virtude. Significa ainda, alegoricamente, em primeiro lugar que a mente humana, filha de Júpiter, matando e vencendo a terreuridade da natureza gorgónica se guindou a perceber as coisas celestes, altas e eternas: em tal especulação reside a perfeição humana. Esta alegoria é natural porque o homem faz parte das coisas naturais. Quer também exprimir outra alegoria celeste, pois como a natureza celeste, filha de Júpiter, com o seu contínuo movimento tivesse causado a mortalidade e a corrupção nos corpos inferiores terrestres, ela própria, vencedora das coisas corruptíveis, despegou-se da mortalidade destas e voou para o alto, ficando imortal. Exprime ainda uma terceira alegoria, teologal: que a natureza angélica - filha de Júpiter, sumo deus, criador de todas as coisas - matando e libertando-se da corporal idade e matéria térrea, representada pela Górgone, ascendeu ao céu, pelo que as inteligências desprendidas de corpo e matéria são as que perpetuamente movem os orbes celestes.

*Sofia* - Coisa maravilhosa é poder encerrar em tão poucas palavras de um acto historial tantos sentidos repletos de verdadeira ciência, qual deles mais excelente. Mas diz-me, por favor: por que é que eles não patentearam mais abertamente a sua doutrina?



*Fílon* - Quiseram dizer estas coisas com tanto artifício e concisão por muitas razões. Primeiro, porque julgavam ser odioso à Natureza e à Divindade revelar os seus excelentes segredos a todo o homem; e nisto tiveram certamente razão, porquanto esclarecer demasiado a verdadeira e profunda ciência significa transmiti-la a indivíduos que não estão à altura dela e em cuja mente ela se corrompe e adultera, como acontece a bom vinho em ruim vasilha. Desta adulteração deriva universal corrupção das doutrinas em todos os homens, e cada vez mais se corrompe ao passar dum engenho desajeitado para outro. Este mal procede de excessiva vulgarização das coisas científicas, e na nossa época tem-se tornado tão contagioso, devido ao muito falar dos modernos, que com dificuldade se encontra vinho intelectual que se possa beber e que não esteja alterado. Nos tempos antigos, pelo contrário, encerravam os segredos do conhecimento intelectual dentro das cascas da fábula com desmedido artifício, para que os não pudesse penetrar senão engenho adaptado às coisas divinas e intelectuais, e mente capaz de conservar as verdadeiras ciências e não de as corromper.

*Sofia* - Agrada-me essa razão por que as coisas elevadas e excelentes se devem confiar aos engenhos altos e esclarecidos, já que nos outros que não são tais se envilecem. Mas fala-me das outras causas das ficções poéticas.

*Fílon* - Fizeram-no ainda por mais quatro razões. Uma, a segunda, por aspirarem à brevidade, de forma a entrelaçar em poucas palavras muitas sentenças: tal brevidade é bastante útil para a conservação das coisas na memória, mormente se constituída com tal artifício que, evocando-se um caso histórico, ocorram à memória todos os sentidos doutrinais que nele se contêm sob aquelas palavras. A terceira, para misturar o deleitável histórico e fabuloso com a verdade intelectual e o fácil com o difícil, de tal maneira que, sendo primeiramente atraída a fragilidade humana pelo deleite e pela facilidade da fábula, lhe entrasse com sagacidade na mente a verdade da ciência, como se costuma ensinar as crianças nas coisas do saber e da virtude começando pelas mais fáceis, mormente porque pode estar tudo junto, uma coisa na casca e outra na medula, como se encontram nas ficções poéticas. A quarta visa a conservação das coisas intelectuais, para que não venham a sofrer variações com o andar do tempo nas diversas mentes dos homens, porque, colocando as tais sentenças sob estas narrativas, não é possível introduzir alterações em

seus termos. Também, para melhor conservação, expuseram a história em versos ponderosos e rigorosamente medidos, para que se não possam facilmente corromper, já que a medida solene do ritmo não pode comportar imperfeições, e isso significa que nem a indisposição dos engenhos nem a incorrecção dos escritores podem facilmente adulterar as ciências. A última, aliás primeira razão, está em que com um mesmo manjar podiam dar de comer a diversos convidados coisas de diferentes sabores: com efeito, as mentes grosseiras podem extrair dos poemas apenas a história com o ornamento do verso e a sua melodia; as outras mais elevadas comem, além disso, o sentido moral; outras, finalmente, mais altas, podem comer, além disto, o manjar alegórico, não só de filosofia natural como também de astrologia e de teologia. Junta-se a isto uma outra finalidade, ou seja, que, sendo esses poemas um manjar comum a toda a espécie de homens, vêm a perpetuar-se na mente da multidão, porque são poucos aqueles que apreciam as coisas muito difíceis, e dos poucos depressa se pode perder a memória, se sobrevier uma idade que descaminhe os homens da doutrina, conforme vimos nalgumas nações e religiões: nos Gregos e nos Árabes, por exemplo, os quais, outrora tão doutos, perderam quase completamente a ciência. O mesmo se passou em Itália no tempo dos Godos; depois renovou-se esse pouco que existe no presente. O remédio deste perigo é o artifício de colocar as ciências sob os cantares fabulosos e historiais, os quais, pelo deleite que proporcionam e pela suavidade do verso, andam sempre na boca do povo, de homens, de mulheres e de crianças, e assim se conservam.

*Sofia* - Gosto de todas estas causas das ficções poéticas. Mas diz-me: Platão e Aristóteles, príncipes entre os filósofos, por que não quis um deles (embora tivesse usado a fábula) servir-se do verso, mas somente da prosa, e o outro nem verso nem fábula usou, mas sim a exposição didáctica?

*Fílon* - Nunca são os pequenos a infringirem as leis, unicamente os grandes. O divino Platão, querendo ampliar a ciência, arrancou-lhe um ferrolho, o do verso, mas não lhe tirou o outro da fábula; de maneira que foi ele o primeiro quem infringiu parte da lei da conservação da ciência, mas ainda a deixou de tal modo hermética com o estilo fabuloso que bastou isso para a sua conservação. Aristóteles, mais afoito e desejoso de ampliação, com novo e original processo e estilo na exposição, quis tirar também o ferrolho da fábula e romper totalmente a lei da conservação, e expôs em prosa, num

estilo científico, os assuntos da Filosofia. É bem verdade que usou de tão admirável artifício no dizer tão sucinto, tão compreensivo e de tão profunda significação que isso bastou, em lugar do verso e da fábula, para a conservação das ciências. Tanto assim que, ao responder ao seu discípulo Alexandre Macedônio, o qual lhe tinha escrito estar admirado que tivesse tornado públicos os livros tão secretos da sagrada Filosofia, disse-lhe que os seus livros estavam publicados e não publicados: publicados apenas para aqueles que os tinham entendido por intermédio dele. Por estas palavras notarás, ó Sofia, a dificuldade e o artifício que existem no falar de Aristóteles.

*Sofia* - Noto, mas parece-me estranho que ele diga que os não entenderia senão quem os tivesse ouvido interpretar a ele, porque muitos filósofos vieram depois, que os entenderam todos ou na sua maior parte. Por esse motivo aquelas suas palavras parecem-me não só mentirosas mas também arrogantes, porque, se os seus ditos são escorreitos, devem ser compreendidos pelos bons intelectos, ainda que estejam longe dele, porquanto o que se escreve não é para servir os presentes, mas sim os que estão longe no tempo e no espaço. E por que motivo não poderá a Natureza fazer que tais engenhos possam entender Aristóteles pelos seus escritos, sem lhos ter ouvido interpretar por ele próprio?

*Fílon* - Seriam bem estranhas aquelas palavras de Aristóteles, se não tivera outra intenção.

*Sofia* - Que outra?

*Fílon* - Ele chama seu “ouvinte” todo aquele cujo intelecto entende e filosofa à maneira do próprio Aristóteles em qualquer tempo e terra em que se encontre; e quer dizer que as suas palavras escritas não fazem “filósofo” a todo o homem, mas somente àquele cuja mente está disposta à cognição filosófica, como a dele esteve. Esse entendê-lo-á, e os outros não, como acontece com toda a Filosofia cujo sentido está disfarçado sob ficção poética.

*Sofia* - Sendo assim, Aristóteles não fez mal em eliminar a dificuldade do verso e da fábula, visto que deixou a doutrina com tantos outros ferrolhos que bem chegavam para a conservação das ciências nas mentes esclarecidas.

*Fílon* - Não fez mal, porque remediou com a grandeza do seu engenho, mas insuflou ousadia em outros que não estavam à altura de escrever em prosa sobre assuntos de Filosofia, o que, duma inibição

para outra vindo parar em mentes inadequadas, deu azo a que se falsificasse, corrompesse e arruinasse.

*Sofia* - Já me disseste bastante sobre isto. Volvamos aos amores poéticos dos deuses celestes: que dizes tu desses?

*Fílon* - Já te falo disso; porém, primeiro hás-de saber o que são, quais e de quantas maneiras são esses deuses poéticos, e depois virás a saber dos seus amores.

*Sofia* - Tens razão. Por isso, diz-me primeiro que deuses são esses. *Fílon* - O primeiro deus, segundo os poetas, é aquela primeira causa produtiva e conservadora de todas as coisas do Universo, a quem chamam vulgarmente Júpiter, que quer dizer “pai ajudador”, por ser pai que ajuda todas as coisas, já que do nada as fez e lhes deu o ser. Os Romanos chamaram-no “Ótimo Máximo”, porque dele procede todo o bem e todo o ser; e os Gregos chamaram-lhe Zeus, que quer dizer “vida”, porque dele recebem vida todas as coisas, ou melhor, ele é vida de todas as coisas. É bem verdade que este nome de Júpiter o onnipotente deus o repartiu com algumas das suas criaturas mais excelentes, e que no mundo celeste coube este nome ao segundo dos sete planetas, o qual foi chamado Júpiter por ser de maior sorte, de claríssimo esplendor e de ótimos efeitos no mundo inferior, aquele que melhores, mais excelentes e mais afortunados homens faz com a influência da sua constelação; e no mundo inferior o fogo elementar também se chama Júpiter, por ser o mais claro e mais activo de todos os elementos e quase vida de todas as coisas inferiores, já que, segundo diz Aristóteles, com o calor é que se vive. Este nome foi ainda repartido com os homens: a alguns, de maior excelência, que foram de grande ajuda à humanidade, como foi aquele Lisânias da Arcádia, que, tendo ido para Atenas e achado que aquela grei era rude e de costumes bestiais, não só lhes fez a dádiva da lei humana, mas também lhes deu a conhecer o culto divino; daí, que o proclamassem rei e o adorassem por deus, chamando-o Júpiter por ter repartido com eles as suas virtudes. O mesmo se deu com Júpiter cretense, filho de Saturno, que, pela maneira como regeu aquelas gentes, proibindo-lhes o comer carne humana e outros ritos bestiais, e mostrando-lhes os costumes humanos e as noções divinas, foi chamado Júpiter e adorado qual deus, por ser, na opinião dos mesmos, enviado de Deus e formado por Ele: e por isso o chamavam Júpiter.

*Sofia* - Talvez os poetas designassem este deus supremo por outro nome próprio.

*Fílon* - Chamavam-lhe propriamente Demogórgon, que quer dizer “deus da Terra”, isto é, do Universo, ou “Deus Terrível” por ser o maior de todos. Dizem que este é o criador de todas as coisas.

*Sofia* - Depois do sumo deus, que outros deuses supõem os poetas?

*Fílon* - Supõem primeiro os deuses celestes, tais como Pólo, Céu, Éter e os sete planetas, a saber, Saturno, Júpiter, Marte, Apolo (ou seja, o Sol), Vénus, Mercúrio, Diana (ou seja, a Lua). A todos estes chamam deuses e deusas.

*Sofia* - Com que razão eles atribuem a deidade a coisas corpóreas, como são estas celestes?

*Fílon* - Em virtude da sua imortalidade, claridade e grandeza, da sua grande potência no universo, e sobretudo pela divindade das almas deles, os quais são intelectos apartados de matéria e corporeidade, puros e sempre em acto.

*Sofia* - Tem mais extensão o nome de Deus junto dos antigos?

*Fílon* - Sim, pois desce até ao mundo inferior, já que os poetas chamam “deuses” aos elementos, mares, rios e montanhas grandes do mundo inferior; chamam “Júpiter” ao elemento do fogo, ao do ar “Juno”, e “Neptuno” à água e ao mar, à Terra “Ceres” e “Plutão” ao profundo dela, e “Vulcano” ao fogo misto que arde dentro da Terra, e assim por diante, muitos outros deuses das partes da Terra e das águas.

*Sofia* - Não deixa de ser muito estranho que chamem “deuses” a corpos não vivos, nem sensíveis, desprovidos de alma.

*Fílon* - Chamam-lhes deuses pela grandeza, fama, obra e primazia que têm neste mundo inferior; e também porque acreditavam ser cada um deles governado por virtude espiritual participante da intelectual divindade, ou, como opina Platão, que cada um dos elementos tem um princípio formal incorpóreo, por cuja participação eles têm suas próprias naturezas, às quais Platão chama Ideias, asseverando que a “ideia de fogo” é verdadeiro fogo por essência formal e o elemento fogo existe por participação daquela sua ideia, e assim por diante. Não é, portanto, estranho apropriar a divindade às ideias das coisas; por isso, também punham divindade nas plantas, nomeadamente naquelas que são alimentos mais vulgares e mais úteis aos homens, como Ceres aos cereais e Baco ao vinho, em virtude da universal utilidade e da necessidade que delas têm os homens; pois também as plantas têm as suas próprias ideias, tal como

os elementos. Por esta mesma razão apodaram de deuses e deusas às virtudes, aos vícios e às paixões humanas, pois, além de que aquelas pela sua excelência, e estas pela sua força, participam algum tanto de divindade, a causa principal é todavia que cada uma das virtudes, cada um dos vícios e cada uma das paixões humanas em geral tem a sua própria ideia, por cuja participação se encontram nos homens mais ou menos intensa ou frouxamente: por isto são mencionados entre os deuses Fama, Amor, Graça, Cupidez, Volúpia, Litígio, Fadiga, Inveja, Fraude, Teimosia, Misérias e muitas outras desse quilate, por ter cada uma a sua própria ideia e princípio incorpóreo (como te disse), devido ao qual lhe chamam “deus” ou “deusa”.

*Sofia* - Mesmo admitindo que as virtudes tivessem ideias, dada a sua excelência, como é que as podem ter os vícios e as paixões ruins?

*Filon* - Assim como entre os deuses celestes há algumas boas e até ótimas sortes, como Júpiter e Vénus, de quem dependem sempre muitos bens, e há alguns que são maus e azarentos, como Saturno e Marte, dos quais derivam todos os males, assim também entre as ideias platónicas existem alguns princípios de bem e de virtude, enquanto outras são princípios de mal e de vícios, porque o Universo tem necessidade de ambos para a sua conservação; no quadro dessa necessidade, todo o mal é bem, já que tudo aquilo que é necessário ao ser do Universo é indubitavelmente bom, porque a sua essência é boa. Enfim, o mal e a corrupção são tão necessários ao ser do mundo como o bem e a geração, pois uma coisa dispõe para a outra e é caminho para ela. Não te admires, portanto, se tanto um como outro têm princípio divino numa ideia imaterial.

*Sofia* - Eu estava convencida, no entanto, de que os vícios e os males consistem em privação e dependem de pecha da matéria primeira, da sua imperfeita essência potencial; como é possível, então, que tenham princípios divinos?

*Filon* - Mesmo que assim fosse, conforme a solução dos Peripatéticos, não se pode negar que a própria matéria seja produzida e ordenada pela mente divina, e que todos os seus efeitos e defeitos sejam dirigidos pela Suma Sabedoria, porque são necessários à essência total do mundo inferior e ao ser humano. Daí o serem-lhe apropriadas por Deus ideias específicas para os seus princípios, não materiais, mas agentes e formais, que causam o ser destas coisas imperfeitas, fundamentadas em privação e entificadas para o necessário ser do Universo.

*Sofia* - Dou-me por satisfeita com isto. Voltemos ao assunto e diz-me: entre os poetas, o nome de Deus é mais comunicável?

*Fílon* - Ultimamente quiseram comunicá-lo em particular aos homens, mas apenas àqueles que tiveram alguma virtude heróica e praticaram actos semelhantes aos divinos e coisas grandes e dignas de eterna memória, como as divinas.

*Sofia* - E só por esta semelhança dão o nome de “deus” a homens mortais?

*Fílon* - Não lhes chamam “deuses” pela parte em que são mortais, mas sim por aquela em que são imortais, que é a alma intelectiva.

*Sofia* - Essa existe em todos os homens, e no entanto nem todos são deuses...

*Fílon* - Não é em todos excelente e divina em igual medida; porém, pelos actos conhecemos o grau da alma do homem, e as almas daqueles que nas virtudes e nas acções se assemelham aos divinos participam da divindade actualmente e são como que raios dela. Dai com alguma razão lhes terem chamado “deuses”; e alguns deles, pela sua excelência, foram apodados com nomes de deuses celestes, como Júpiter, Saturno, Apolo, Marte, Vénus, Mercúrio e Diana, Céu, Pólo, Éter, e outros nomes de estrelas fixas das figuras estreladas da oitava esfera. Outros foram chamados filhos destes, tais como Hércules, filho de Júpiter; Neptuno, filho de Saturno; e outros, não tão excelentes, são designados com nomes de deuses inferiores, como Oceano e Terra, Ceres e Baco e quejandos; ou seja, filhos de deuses dos quais alguns tiveram como pai um deus e por mãe uma deusa; outros, cuja mãe não foi deusa; e outros ainda, cujo pai foi um deus celeste e a mãe uma deusa inferior. E deste modo multiplicaram-se as ficções poéticas dos homens heróicos chamados “deuses”, porque, contando a sua vida feitos e história, exprimem coisas da filosofia moral; quando os apodam com- nomes de virtudes, de vícios, de paixões, significam coisas da filosofia natural; designando-os com nomes de deuses inferiores do mundo da geração e corrupção, patenteiam a astrologia e ciência dos céus; e nomeando-os com nomes de deuses celestes, manifestam a teologia de Deus e dos Anjos. Portanto, estas ficções foram engenhosas e de elevada sapiência na proliferação dos nomes dos deuses,

*Sofia* - Já sei bastante da natureza dos deuses gentílicos e da sua multifária denominação. Agora fala-me dos seus amores, que é o

nosso intento, e de como se pode conceber neles propagação generativa e continuidade genealógica, segundo afirmam os poetas: não só naqueles homens heróicos aos quais chamam “deuses participativos”, mas também nos deuses celestes e inferiores, nos quais parece coisa absurda a lascívia, os matrimónios e a multiplicação que contam a respeito deles.

*Fílon* - Já é tempo de te explicar alguma parte dos amores deles e da sua geração. Fica sabendo, *Sofia*, que nem toda a geração é propagação carnal e acto lascivo, pois este processo de gerar existe só nos homens e nos animais, ao passo que a geração é comum a todas as coisas do mundo, desde o primeiro deus até à última coisa do mundo, salvo que Ele é somente gerador e não gerado, enquanto as outras coisas são todas geradas, e a maior parte também geradoras. E as mais das coisas geradas têm dois princípios para a sua geração, um formal e outro material, ou seja, um que dá e outro que recebe (por isso os poetas chamam ao princípio formal “pai dador” e ao maternal “mãe receptora”); e para concorrerem estes dois princípios na geração de todo o gerado, foi preciso que um e outro se amassem e se unissem pelo amor para produzirem o gerado, como fazem os pais e as mães dos homens e dos animais; e quando esta conjunção dos dois pais do gerado é normal na natureza, chama-se entre os poetas “matrimonial”, denominando-se um “marido”, o outro “esposa”; quando, porém, é conjunção extraordinária, diz-se “amorosa”, ou seja adúltera, e os geradores, isto é, os pais, chamam-se “amantes”. De maneira que nos deuses superiores e inferiores podes admitir, sem estranheza, amores, matrimónios, gerações, parentescos e genealogias.

*Sofia* - Já percebi, e agrada-me este fundamento universal nos amores dos deuses; mas desejaria que mais em pormenor me esclarecesses os enamoramentos de um ou outro deles, pelo menos dos mais famosos, e as suas gerações, e gostaria que começasses pela descendência de Demogórgon, que dizes dever-se considerar como o sumo e principal deus, pois ouvi que teve filhos de maneira estranha. Diz-me, rogo-te, o que pensas acerca disto.

*Fílon* - Vou dizer-te aquilo que sei a respeito da descendência de Demogórgon. Conta o poeta Pronápides no seu Protocosmos que, estando Demogórgon acompanhado somente da Eternidade e do Caos, enquanto repousava naquela sua Eternidade ouviu barulho no ventre do Caos; então, para o socorrer, Demogórgon estendeu a mão e rasgou o ventre do Caos, do qual saiu o Litígio a provocar distúrbio



com seu rosto feio e desonesto; e até queria voar ao alto, mas Demogórgon arremessou-o para baixo. E como o Caos ainda continuasse agravado com suores e suspiros fogosos, Dernogórgon não retirou a sua mão enquanto lhe não extraiu do ventre também Pã, com três irmãs chamadas Parcas; e como Pã parecesse a Demogórgon mais formoso que nenhuma outra coisa gerada, fê-lo seu mordomo e deu-lhe as suas três irmãs para fâmulas, isto é, serviçais e companheiras. Vendo-se o Caos aliviado do seu fardo, por ordem de Demogórgon colocou Pã no seu sólio. Esta é a fábula de Demogórgon, embora Homero na *Íliada* atribua a Júpiter a geração do Litígio, ou Discórdia, dando-a como sua filha, e contando dela que, por ter causado desgosto a Juno- quando do nascimento de Euristeu e de Hércules, foi lançada do Céu para a Terra. Dizem também que Demogórgon gerou Pólo, Fiton, Terra e Érebo.

*Sofia* - Diz-me o que significa esta fabulosa descendência de Demogórgon.

*Filon* - Simboliza a geração, isto é, a produção de todas as coisas pelo sumo Deus criador, do qual dizem ter sido companheira a Eternidade, porque só Ele é o verdadeiro eterno, visto que é, foi e será sempre princípio e causa de todas as coisas, sem que exista n'Ele qualquer sucessão temporal. Dão-lhe também por companhia eterna o Caos, que é (conforme declara Ovídio) a matéria comum, mista e confusa, de todas as coisas, que os antigos consideravam coeterna com Deus, e da qual Ele (quando Lhe aprouve) gerou todas as coisas criadas, como verdadeiro pai de todas; e a matéria é a mãe comum a toda a coisa gerada, de modo que eles consideram eternos e não-gerados apenas os dois pais de todas as coisas: um, pai, e outro, mãe. Reconheciam, porém, o pai como causa principal e o Caos como causa acessória e concomitante; e parece que deste mesmo modo pensava Platão, no *Timeu*, a respeito da nova geração das coisas criadas pelo sumo Deus da matéria eterna e confusa. Nisto poderiam ser repreendidos, porque, sendo Deus produtor de todas as coisas, é forçoso que também tenha criado a matéria da qual são geradas; mas deve entender-se que os poetas querem dizer que, tendo estado o Caos na companhia de Deus pela eternidade fora, por Ele foi criado “ab aeterno”, e que do próprio Caos Deus criou “ex novo” todas as outras coisas no começo do tempo, segundo a opinião platônica; e chamam-lhe “parceira”, não obstante ter sido produzida, porque o Caos foi criado “ab aeterno” e se encontrou sempre na companhia de Deus. Mas, por

ser parceira do Criador na criação e produção de todas as coisas e sua consorte na geração delas (pois o Caos foi criação directa de Deus, enquanto todas as outras coisas foram produzidas por Deus e por aquele Caos, ou seja matéria), com justa razão pode o Caos chamar-se “parceira” de Deus; mas nem por isso deixa de ter sido produzida por Deus “ab aeterno”, tal como Eva, embora produzida de Adão, lhe foi companheira e consorte, o mesmo devendo dizer-se de todos os outros homens nascidos de ambos.

*Sofia* - Bem se vê que por esta fábula querem significar a geração do Universo por Deus onnipotente, como de um pai, e pelo seu Caos, ou seja, matéria, como de uma mãe. Mas diz-me alguma coisa acerca do que significam os pormenores da fábula, isto é, a turbulência no ventre do Caos, a mão de Demogórgon, o nascimento de Litígio, etc.

*Fílon* - O alvoroço que Demogárgon ouviu no ventre do Caos é a potência e apetite da matéria confusa na germinação das coisas divisas: divisão que causava e costuma causar tumulto. O acto de Demogórgon estender a mão para abrir o ventre do Caos simboliza o poder divino que quis reduzir a potência universal do Caos a acto diviso, pois é isto o abrir o ventre da grávida para extrair o que nele está oculto; e imaginaram este processo excepcional de geração - com mão, e não com normal membro generativo - para demonstrar que a primeira produção, ou criação, das coisas não foi ordinária, como a natural geração habitual e sucessiva depois da criação, mas sim estranha e miraculosa, por mão da Onnipotência. Diz a fábula que o primeiro a sair do Caos foi Litígio, porquanto aquilo que primeiro saiu da matéria primeira foi a divisão das coisas, que estavam nela indiscriminadas, e no seu parto pela mão e poder do pai Demogórgon foram divididas. Chama a esta divisão «Litígio», porque consiste em oposição entre os quatro elementos, claro, já que um é contrário a outro; e representa-o com rosto disforme, porque efectivamente a divisão e contrariedade é defeito, assim como a concórdia e união é perfeição. Diz que o Litígio quis subir ao céu e que foi atirado do céu para a terra por Demogórgon, porque no céu não há discórdia nem contrariedade alguma, segundo os Peripatéticos, e por isso os corpos celestes não são corruptíveis, somente os inferiores, por existir entre estes contrariedade, e a contrariedade é causa de corrupção; o facto de ser arremessado do céu para a terra significa que o céu é causa de

todas as contrariedades inferiores, e que ele próprio está isento de contrariedade.

*Sofia* - Como pode, então, causá-la?

*Fílon* - Pela contrariedade dos efeitos dos planetas, das estrelas e dos signos celestes, e pela contrariedade dos movimentos celestes: um, de Levante para Poente; outro, de Poente para Levante; um, para o Setentrião; outro, para o Meio-Dia; e ainda pela contrariedade do sítio dos corpos inferiores colocados na redondeza do céu da Lua, já que são leves os que estão perto da circunferência do céu, e são graves os longínquos, que estão próximos do centro: desta contrariedade dependem todas as outras contrariedades dos elementos. Poderia ainda significar, aquela opinião antiga e platônica, que as estrelas e os planetas são feitos de fogo, dado o seu brilho, e de água o resto do corpo celeste, dada a sua diafanidade e transparência; daí o nome hebraico dos céus, que é samāyim e se interpreta como esmāyim, que em hebraico quer dizer “fogo e água”; e segundo isto, o Litígio e a Contrariedade na primeira criação subiram ao céu porque são feitos de fogo e água, mas depois não ficaram lá, antes foram expulsos do céu para habitarem permanentemente na terra, onde se processa a continuidade da geração pela contínua contrariedade.

*Sofia* - Parece-me estranho que no céu existam naturezas elementares contrárias, como fogo e água.

*Fílon* - Se a matéria primeira é comum aos inferiores e aos celestes, como julgam esses pensadores e também Platão, não é estranho que alguma contrariedade elementar se encontre também no céu.

*Sofia* - Então como é que se não corrompe, como acontece com os corpos inferiores?

*Fílon* - Platão diz que também os céus por si são corruptíveis, mas que a potência divina os torna indissolúveis, em virtude, claro está, das formas intelectuais em acto que os enformam; e também porque estes elementos celestes são mais puros e quase almas dos elementos inferiores, nem estão mistos no céu como nos inferiores mistos, já que o fogo existe somente nos lúcidos e a água nos transparentes, de sorte que, embora no princípio da procriação do ventre do Caos o Litígio quisesse subir ao céu, foi todavia atirado para o mundo inferior, onde hoje em dia é a sua estância. Daí, prossegue a fábula, que, continuando o Caos neste parto do Litígio oprimido com suores e afogeados suspiros, a mão de Demogórgon se adiantou e

extraiu do seu ventre Pã e as três irmãs, as Parcas: por aqueles afãs no nascimento do Litígio entende as naturezas dos quatro elementos contrários; pela graveza, entende a terra, que é a mais pesada; pelo suor a água; e pelos suspiros fogosos o ar e o fogo. Por causa e para remédio das canseiras destes contrários a potência divina originou do Caos o segundo filho, Pã, que em grego significa “tudo”, e pelo qual entende a Natureza universal que ordena todas as coisas produzidas do Caos, aquela que apazigua os contrários e os harmoniza conjuntamente: por isso Pã nasceu depois do Litígio, pois a concórdia sucede à discórdia e vem depois dela. Com Pã criou também as três irmãs Parcas, de seu nome Cloto, Láquesis e Átropos, a quem Sêneca chama “Fadas”, entendendo por elas as três ordens de coisas temporais: do presente, do futuro do passado. Diz que Deus as fez seguidoras da Natureza universal, porque Cloto se interpreta como “o dobar” das coisas presentes, e é a fada que torce o fio que se fia de presente; Láquesis é interpretada como “seguimento” (por outras palavras, “produção do futuro”) e é a fada que trata do fio que fica ainda por fiar na roca; Átropos significa “sem regresso”, a simbolizar o passado irrepetível, e é a fada que fiou o fio já recolhido no fuso; e chamam-se Parcas por antífrase, porque a ninguém perdoam. De Pã contam que foi posto no sôlio por ordem de Demogórgon, porque a Natureza executa o mando divino e a sua administração nas coisas. A geração de Demogórgon continua, depois, com um sexto filho chamado Pólo, que é a última esfera que gira sobre os dois pólos, Ártico e Antártico, e com um sétimo, chamado Fíton que é o Sol, e ainda com outro, oitavo, que foi fêmea, isto é, a Terra, que é o centro do mundo. Dizem que esta, a Terra, deu à luz a Noite, porque a sombra da Terra causa a noite. Também a fábula entende por “noite” a corrupção e privação das formas luminosas, que provém da tenebrosidade da matéria. Dizem que a Fama foi a segunda filha da Terra, porque esta conserva a fama dos mortais depois de sepultados nela. Dizem que o seu terceiro filho foi Tártaro, isto é, os infernos, porque todos os corpos gerados voltam para o ventre ífero da Terra. Dizem que a Terra deu à luz estes filhos, e outros ainda, sem que tivessem pai, porquanto representam defeitos e privações do ser que dependem da matéria rude e não de alguma forma. O último filho de Demogórgon foi Érebo, que quer dizer “inerência”, isto é, a potência natural inerente a todas as coisas inferiores, que no mundo baixo é a matéria das coisas geráveis e a causa da geração, da corrupção e de

toda a variação e mutação dos corpos inferiores, e no homem (que se apoda de “pequeno mundo”) é o apetite e desejo de conseguir todas as coisas novas. Por isso dizem que Érebo gerou muitos filhos, a saber: Amor, Graça, Fadiga, Inveja, Medo, Engano, Embuste, Teimosia, Indigência, Miséria, Fome, Queixume, Doença, Velhice, Palidez, Escuridão, Sono, Morte, Caronte, Dia e Éter.

*Sofia* - Quem foi a mãe de tantos filhos?

*Fílon* - A Noite, filha da Terra, de quem gerou Érebo todos estes filhos.

*Sofia* - Porque atribuem todos estes filhos a Érebo e à Noite?

*Fílon* - Porque todos eles derivam da potência inerente e das privações nocturnas, tanto no grande mundo inferior, como no pequeno mundo humano.

*Sofia* - Diz-me como.

*Fílon* - O Amor, isto é, o desejo, é gerado pela potência inerente e pela sua falta, porque à matéria (como diz o Filósofo) apetece todas as formas das quais está privada. A Graça é a da coisa desejada ou amada, a: qual preexiste na mente que deseja, ou seja na potência que apetece. A Fadiga são os afãs e trabalhos que padece quem deseja, para alcançar aquilo que apetece. A Inveja é o que sente quem deseja em relação a quem possui. O Medo está em perder o que se acaba de conquistar, porque toda a aquisição se pode perder, ou então em não poder adquirir aquilo que se deseja. O Engano e o Embuste são processos para se adquirirem as coisas que se desejam; a Teimosia, a que costuma persegui-las. A Indigência, a Miséria e a Fome são as carências de quem deseja. O Queixume é o seu lamento, quando não podem alcançar aquilo que desejam, ou quando perdem o adquirido. A Doença, a Velhice e a Palidez são disposições para a perda e corrupção das coisas adquiridas por vontade ou por potência generativa. A Escuridão e o Sono são as primeiras perdas, pois a Morte é a última corrupção. Caronte é o esquecimento que segue à corrupção e perda do adquirido. Dia é a radiosa forma a que pode chegar a inerente potência material, isto é, a intelectual humana, e no homem é a luminosa virtude e sabedoria para as quais se encaminham a vontade dos perfeitos e o seu desejo. Éter é o espírito celeste intelectual, que é o grau mais alto de que podem participar a potência material e a vontade humana. Também poderiam simbolizar estes dois filhos de Érebo, Dia e Éter, as duas naturezas do céu: a luminosa das estrelas e

dos planetas; a que se dá o nome de Dia, e a diáfana do orbe, a que se chama Éter.

*Sofia* - Que têm que ver essas duas naturezas celestes com Érebo, que é a 'matéria das coisas geráveis e corruptíveis, e como podem ser seus filhos?

*Filon* - É que muitos dos antigos, e com eles Platão, afirmam que estas naturezas celestes são feitas de matéria dos corpos inferiores: daí o virem a ser os mais excelentes filhos de Érebo.

*Sofia* - Já me chega o que em breves palavras disseste acerca da geração de Demogórgon; falta-me somente compreender as coisas pertinentes ao amor, como a paixão de Pã, segundo filho de Demogórgon, pela ninfa Siringe.

*Fílon* - Os poetas representam o deus Pã com dois chifres na cabeça, voltados para o céu; a face afogueada, com a barba longa que lhe pende sobre o peito; leva na mão um cajado e uma flauta de sete canas; anda coberto de uma pele sarapintada de manchas diferentes; tem os membros baixos ásperos e grosseiros, e pés de cabra. Dizem que Pã, entrando em peleja com Cupido e vencido por este, se viu obrigado a amar Siringe, virgem ninfa da Arcádia; e que esta, perseguida por Pã, foi, no decurso da fuga, retira pelo rio Ladon. Pediu ela então socorro às outras ninfas, e foi transformada em cálamos, ou seja em canas de paul; e Pã, que a perseguia, ouvindo o som produzido pelo vento ao ferir os ditos cálamos, sentiu tanta suavidade de harmonia que, pelo prazer do som e por amor da ninfa, apanhou sete deles, com cera os ajuntou e fez a flauta, suave instrumento para dedilhar.

*Sofia* - Gostaria que me dissesse se nisso os poetas exprimiram alguma alegoria.

*Filon* - À parte o significado histórico de um Silvano da Arcádia que, estando apaixonado, se dedicou à música e foi inventor da flauta de sete canas juntas com cera, não há dúvida de que há um outro sentido, alto e alegórico, isto é, que Pã (que em grego quer dizer “tudo”) é a Natureza universal ordenadora de todas as coisas mundanas; os dois chifres que tem na fronte e que se estendem até ao céu, são os dois pólos do céu, Ártico e Antártico; a pele sarapintada que o reveste é a oitava esfera, repleta de estrelas; a face afogueada é o Sol com os outros planetas, que ao todo são sete, assim como na cara há sete órgãos, isto é, dois olhos, duas orelhas, duas fossas nasais e a boca, os quais - como acima dissemos - simbolizam os sete planetas; o cabelo e

a barba comprida, pendente sobre o peito, são os raios do Sol e dos outros planetas e estrelas, que baixam ao mundo inferior para originar toda a geração e mistura; os membros atarracados e toscos são os elementos e os corpos inferiores, cheios de crassidão e rudeza em comparação com os celestes; e entre esses membros, os pés são caprinos, porque os pés da cabra nunca andam por caminho direito, mas vão saltitando e atravessando desordenadamente: assim são os pés do mundo inferior, os seus movimentos e as transformações de uma essência para outra, transversalmente, sem ordem determinada; tudo grosseria e descompasso, de que estão isentos os corpos celestes. É este o significado da figura de Pão

*Sofia* - Gostei. Mas diz-me também o significado do seu amor por Siringe, que está mais ligado ao nosso propósito.

*Filon* - Dizem ainda que esta natureza universal, tão grande, poderosa, excelente e admirável, não pode ser destituída de amor; por isso amou a virgem pura e incorrupta, isto é, a ordem estável e incorruptível das coisas mundanas, porque a Natureza ama o melhor e o mais perfeito; mas, enquanto o buscava, aquele se lhe furtava, porque o mundo inferior é todo instável e sempre desordenadamente volúvel, com pés caprinos. Quem fez cessar a fuga da virgem foi o rio Ladon, isto é, o céu, que roda continuamente à guisa de um rio, e no qual é detida a incorrupta estabilidade fugidia dos corpos geráveis do mundo inferior, muito embora não pare a sua permanente instabilidade em virtude do seu constante movimento local; mas esta instabilidade é ordenada e sempiterna, virgem sem corrupção, e as suas alterações estão pendentes de uma correspondência regulada e harmónica, conforme o que acima dissemos a propósito da música e melodia celeste. Aí temos os cálamos das canas do rio, em que foi convertida Siringe: neles o espírito gera suave som e harmonia, porquanto o espírito intelectual que move os céus provoca a sua harmoniosa correspondência musical. Com sete daqueles cálamos Pã fez a flauta, o que quer significar a congregação dos orbes dos sete planetas e suas admiráveis concordâncias harmónicas: por isso dizem que Pã traz a vara e a flauta que dedilha sem parar, porque de contínuo a Natureza se serve da regular mutação dos sete planetas para as contínuas mutações do mundo inferior o Vê, ó *Sofia*, quão resumidamente te falei do que se contém no amor de Pã por Siringe.

*Sofia* - Acho interessante esse sentimento de Pã por Siringe. Gostaria agora de conhecer a geração, matrimônios, adultérios e amores dos outros deuses celestes, e quais as suas alegorias.

*Filon* - Vou dizer-te sucintamente uma parte deles, porque por extenso seria coisa demorada e enfadonha. A origem dos deuses celestes provém de Demogórgon e dos seus dois netos, filhos de Érebo ou, segundo pretendem outros, seus próprios filhos: de Éter e de Dia, sua irmã e mulher. Dizem que destes dois nasceu Célio, ou seja Céu, nome com que foi designado entre os gentios Úrano, pai de Saturno, por ser tão excelente em virtude e de tão profundo engenho que parecia celestial e digno de ser filho de Éter e Dia, pois participava da espiritualidade etérea no seu engenho e da luz divina na sua virtude. A alegoria deste mito é assaz evidente, pois o céu, que envolve, oculta e cobre todas as coisas, é filho de Éter e de Dia, visto que é composto de natureza etérea na sua diafanidade subtil e espiritual, e de natureza divina reluzente pelas estrelas luminosas que contém; e o Éter é chamado pai, não só por ser parte primacial no céu, devido à sua grandeza que abarca todos os orbes, como também (segundo Plotino, arrimado a Platão) porque penetra em todo o universo, que ele afirma estar repassado de espírito etéreo, sendo, porém, os corpos lúcidos membros particulares do céu, assim como a mulher é parte do homem, que é o todo; e ainda, por ser o éter corpo mais subtil e espiritual que os corpos lúcidos das estrelas e dos planetas. Por isso Aristóteles diz que, sendo as estrelas de mais grossa e densa corporeidade que o resto do céu, estão aptas a receber a luz e retê-la em si, o que o orbe não pode fazer por causa da sua transparente subtileza; e Plotino julga ser tanta a subtileza do éter, que penetra em todos os corpos do universo, tanto superiores como inferiores, e que está com eles nos respectivos lugares sem aumento de espaço, porque ele é espírito interior que sustenta todos os corpos sem lhes acrescentar a sua própria corporeidade. Portanto, o Éter tem propriedade de marido espiritual, e Dia a de mulher mais material: o Céu é composto destas duas naturezas.

*Sofia* - E de Céu, quem nasceu?

*Filon* - Saturno.

*Sofia* - E quem foi a mãe?

*Filon* - Saturno, rei de Creta, foi filho de Úrano e de Vesta, e como Úrano fosse chamado "Céu", graças à sua excelência, Vesta, sua mulher, foi chamada "Terra" por ser fecunda de tantos filhos, e



principalmente por ser Saturno inclinado às coisas terrestres, e inventor de muitas, úteis na agricultura. Além disso, Saturno foi de natureza tardonha e melancólica, à maneira da Terra; e alegoricamente a Terra, como te disse, é a mulher do Céu na geração de todas as coisas do mundo inferior.

*Sofia* - Sendo Saturno um planeta, como pode ser filho da Terra?

*Fílon* - De certo modo é filho do Céu, porque é o primeiro planeta e o mais próximo do céu estrelado, que sem mais nada é chamado “Céu” e como pai rodeia todos os planetas; mas Saturno tem muitas analogias com a Terra: primeiro na cor plúmbea a puxar para térrea; depois, porque entre todos os planetas erráticos é o mais moroso no seu movimento, assim como entre todos os elementos a terra é o mais pesado. Saturno gasta trinta anos a percorrer o próprio céu, enquanto Júpiter, que é o mais tardo dos outros, demora doze anos, Marte cerca de dois, e o Sol, Vénus e Mercúrio um ano, e a Lua um mês. Acresce que Saturno se assemelha à Terra na compleição que transmite, como ele fria e seca; torna os homens nos quais predomina melancólicos, tristes, graves e morosos, da cor da terra, inclinados à agricultura, à actividade fabril e a ofícios terrenos, pois é o planeta que governa também todas estas coisas da terra. Pintam-no velho, tristonho, feio no parecer, cogitabundo, mal vestido, com uma foice na mão, porque, assim toma os homens que domina, e a foice é instrumento da agricultura, à qual os toma inclinados. Além disto, proporciona engenho, cogitação profunda, verdadeira ciência, alvitres rectos e constância de ânimo, pela mistura da natureza do pai celeste com a mãe terrena; e finalmente, da parte do pai, infunde a divindade da alma, e da parte da mãe a fealdade do corpo ruim: por isto significa pobreza, morte, sepultura e coisas escondidas debaixo da terra, sem aparência e ornamento corpóreo. E então vão fantasiando que Saturno comia todos os filhos varões, mas não as fêmeas, pois corrompe todos os indivíduos e conserva as raízes terrenas, suas mães; de maneira que com razão foi chamado “filho do Céu e da Terra”.

*Sofia* - E quem foi filho de Saturno?

*Fílon* - Muitos filhos e filhas atribuem os poetas a Saturno, como Cronos, que quer dizer “tempo determinado”, ou seja “período de tempo”, como é também o ano, que é a duração da órbita do Sol, que dizem ser filho de Saturno, pois o maior circuito temporal que o homem pode ver na sua vida, e o de maior duração, é o circuito de

Saturno, que, como disse, se realiza em trinta anos, já que os dos outros dois planetas se perfazem num tempo mais curto.

*Sofia* - Quem foi a mulher de Saturno, mãe de Cronos?

*Fílon* - Sua mulher, mãe de Cronos e dos outros filhos, foi a sua própria irmã, Ópis, filha de seu pai, Céu, e da Terra, sua mãe.

*Sofia* - Acaso entenderiam por Ópis outra coisa além da verdadeira mulher de Saturno, rei de Creta?

*Fílon* - A alegoria é que Ópis quer dizer “obra” e significa a labuta da terra, tanto na agricultura como na edificação de cidades e casas. Ela com razão é mulher e irmã de Saturno: irmã, por ser filha do Céu, o qual é primacial promotor da agricultura na terra e das habitações terrenas, de sorte que os parentes de Ópis (ou seja os pais) são os mesmos de Saturno, isto é, Céu e Terra; e é sua mulher, porque Saturno promove as edificações e a agricultura como agente, e Ópis como receptáculo paciente e material.

*Sofia* - Que outros filhos teve Saturno de Ópis?

*Fílon* - Plutão, que simboliza o centro da terra chamado “inferno”, e Neptuno, que significa o abismo do mar, porque Saturno tem domínio sobre ambos. Outros filhos atribuem-lhe os poetas; mas, voltando às coisas celestes que são o nosso objectivo, digo-te que Júpiter foi filho de Saturno, e Júpiter é o planeta mais baixo a seguir a Saturno: na ordem celeste sucede a Saturno da mesma maneira que Júpiter, rei de Creta, sucedeu a seu pai Saturno. Júpiter teve o nome deste excelente e benigno planeta, graças à sua propícia e nobre virtude, tal como seu pai pelas suas semelhanças, a que já me referi. E participando estes dois reis da natureza desses dois planetas, foram designados pelos seus nomes, como se aqueles celestes tivessem descido à Terra e se tivessem feito homens. Também se assemelharam a estes dois planetas nos casos ocorridos a cada um deles de per si, e a um em relação ao outro.

*Sofia* - De Saturno já falaste; fala-me agora de Júpiter, da alegoria dos casos em que interveio com seu pai Saturno, e dos seus próprios também.

*Fílon* - De que caso dele queres tu que eu fale?

*Sofia* - Do que contam de Júpiter quando nasceu e o esconderam de seu pai Saturno, que matava todos os filhos.

*Fílon* - A alegoria é que Saturno é destruidor de todas as belezas e excelências que dos outros planetas venham para o mundo inferior, e principalmente daquelas que procedem de Júpiter, que são as primei-

ras e as mais ilustres, como a justiça, a liberalidade, a magnificência, a religiosidade, o ornamento, o esplendor, a beleza, o amor, a graça, a benignidade, a liberdade, a prosperidade, as riquezas, as delícias, e outras semelhantes. De todas Saturno é demolidor e destruidor. É prejudicial para aqueles que no seu nascimento têm Saturno a sobrepujar Júpiter, e arruína neles todas estas nobrezas, ou ofusca-as, assim como Júpiter cretense, sendo jovem e débil de forças, foi escondido da malquerença de Saturno, seu pai, que o queria matar por ser mais poderoso que ele.

*Sofia* - E qual é a alegoria daquilo que contam: que, estando Saturno prisioneiro dos Titãs, seu filho Júpiter com bastantes forças o libertou?

*Fílon* - Querem dizer que, sendo Júpiter forte no nascimento de alguém, ou no início de algum edifício ou habitação ou grande obra, se estiver em bom aspecto a sobrepujar Saturno, o livra de toda a calamidade, miséria e prisão, reprime todos os seus infortúnios.

*Sofia* - E aquilo que dizem, que Júpiter, depois de haver libertado Saturno; o privou do reino e o confinou nos Infernos, o que significa?

*Fílon* - Em princípio, a história é que Júpiter, depois que libertou o pai da prisão dos Titãs, lhe tirou o reino e o constrangeu a fugir para Itália: ali reinou em companhia de Jano, dando origem a uma terra onde agora está Roma, e ali confinado morreu. Os poetas chamam “inferno” à Itália, não só porque naquele tempo era inferior a Creta e o rei desta a considerava inferior em relação ao seu reino, mas também porque, com efeito, a Itália é inferior à Grécia por ser mais ocidental, e o Oriente é superior ao Ocidente; mas a alegoria é que, quando Júpiter é mais poderoso que Saturno em qualquer pessoa ou acto, tira a Saturno o domínio nele e torna-o inferior em influência. Também significa em, geral que, embora Saturno reine primeiro no mundo da geração, conservando as sementes debaixo da terra e congelando o esperma no princípio da concepção dos animais, - todavia, na época do crescimento e aformoseamento das coisas nascidas, é Júpiter que reina e tem nisto um papel primacial, derrubando do poder o pai Saturno e desterrando-o para os Infernos, isto é, para os sítios escuros em que se escondem as sementes das coisas no princípio da geração: sementes, sobre as quais Saturno exerce domínio próprio.

*Sofia* - Concordo com estas alegorias dos casos ocorridos entre Júpiter e Saturno; e já que eles têm subtil significação, muito mais a terão aquelas coisas que se contam do valor e da vitória de Júpiter, e da sua justiça, liberalidade e piedade.

*Fílon* - Tal é ele, que dizem mostrou ao vulgo o modo de bem viver, proibindo-lhes muitos vícios que tinham, pois comiam carne humana e sacrificavam-na, e ele tirou-lhes esse hábito desumano. Isto significa que Júpiter celeste, por sua benignidade, proíbe aos homens toda a crueldade, toma-os piedosos, prolonga-lhes e preserva-lhes a vida, e defende-os da morte; por isso Júpiter em grego tem o nome de Zefs, que quer dizer “vida”. Dizem também que deu leis e religião e fundou templos, porquanto o planeta Júpiter proporciona tais coisas aos homens, tomando-os regrados, moderados e atentos ao culto divino. Dizem que conquistou a maior parte do mundo e o dividiu entre os seus irmãos, filhos, parentes e amigos, reservando para si unicamente o monte Olimpo, em que tinha a sua residência: lá iam os homens, a pedir os seus rectos juízos, e ele fazia razão e justiça a todo o agravado. Querem dizer que o planeta de Júpiter proporciona vitórias, riquezas e possessões com liberal distribuição aos homens jupiterianos, e que ele tem em si uma substância munda e natureza límpida, alheia a toda a avareza e fealdade, e toma os homens justos, amantes de virtudes e de rectos juízos: por isso na língua hebraica é chamado Sedech, que quer dizer “justiça”.

*Sofia* - Gosto de todas estas alegorias jupiterianas. Mas que dirás, ó *Fílon*, de seus amores, não só matrimoniais com Juno, mas também adulterinos, que mais respeitam ao nosso propósito?

*Fílon* - O sentido histórico é que Júpiter tem por mulher a Juno, sua irmã, filha de Saturno e de Ópis, ambos nascidos de um mesmo parto, e que ela nasceu primeira. Quanto ao sentido alegórico, alguns consideram Juno como Terra e Água, e Júpiter como Ar e Fogo, enquanto outros julgam serem Juno o Ar e Júpiter o Fogo, elementos entre os quais parece existir afinidade e ligação; outros tomam-na pela Lua, e cada um acomoda as fábulas à sua opinião.

*Sofia* - E tu, *Fílon*, que entendes por Juno?

*Fílon* - Entendo a virtude que governa o mundo inferior e todos os elementos, principalmente o ar, que é o que circunda e envolve a água, e que penetra a terra por todos os lados; pois o elemento do fogo não era conhecido nem admitido pelos antigos: antes, supunham que o ar fosse contíguo ao céu da Lua, embora aquela primeira parte,

devido à proximidade dos céus e ao contínuo movimento destes, seja a mais quente. Por conseguinte (dada a universal presença do ar em todo o globo que é mais apropriado a Juno) ela é a virtude que governa todo o mundo da geração e dos elementos, assim como Júpiter é a virtude que governa os corpos celestes; mas apropria-se ao planeta Júpiter, porque é o mais benigno e excelente, o mais alto depois de Saturno, que é o seu pai, isto é, o intelecto produtor da alma celeste, e depois de Ópis, sua mãe, que é o centro da Terra e a matéria primeira. Júpiter, como princípio e pai que é dos outros planetas e de Céu e da irmã Juno, fica no meio do espaço celeste que abarca tudo aquilo que existe do centro da terra até ao céu; e, sendo contíguos um ao outro, são chamados irmãos: diz-se que nasceram de um mesmo parto, para denotar que o mundo celeste e o elementar foram criados contemporaneamente pelo intelecto pai e pela matéria mãe, segundo afirma Anaxágoras; o que concorda com a Sagrada Escritura quando, a propósito da produção ou criação do mundo, diz que Deus criou o céu e a terra de um só princípio e de uma só semente das coisas. E dizem que Juno saiu primeira do ventre da mãe, porque entendiam que a formação de todo o universo começara do centro e fora assim sucessivamente subindo até a última circunferência do céu, como árvore que vai crescendo até ao cimo, conforme o dito do Salmista que reza: “no dia em que Deus criou terra e céu”, onde na ordem da criação antepôs o inferior ao superior corpóreo. E dizem-se juntos em matrimónio, porque (como acima te disse) o mundo celeste é verdadeiro marido do mundo elementar, que é a sua verdadeira mulher: um, agente, e outro receptor; e chama-se Juno porque adjuva, quase como derivação de Jove, porque ambos coadjuvam para a geração das coisas, um como pai e o outro como mãe. Juno é chamada também “deusa dos matrimónios” e Lucina das parturientes, porque ela é virtude que governa o mundo, consorcia os elementos e gera as coisas.

*Sofia* - Estou satisfeita pelo que toca à sua conjunção. Agora fala-me da sua geração: de Hebe, fêmea, e de Marte, varão.

*Fílon* - Fabulam que Apolo, estando em casa de Júpiter, seu pai, deu a comer a Juno, sua madrastra, alfaces silvestres entre outras coisas; pelo que ela, que dantes era estéril, engravidou subitamente e deu à luz uma filha, chamada Hebe, que pela sua beleza foi considerada deusa da juventude e desposou Hércules.

*Sofia* - Qual é a alegoria?

*Fílon* - Estando o Sol, que é chamado Apolo, em casa de Júpiter, seu pai, isto é em Sagitário (que é a primeira casa de Júpiter), e dali até Peixes, que é o segundo signo de Júpiter no zodíaco (e este período vai de meados de Novembro até meados de Março), devido ao grande frio e à muita humidade desses meses engravidou Juno, que é o mundo elementar; e entende-se isto, quando se diz que Apolo lhe deu a comer alfaces silvestres, que são muito frias e húmidas, duas qualidades que fazem engravidar a terra, ao passo que fora estéril no Outono precedente, e as raízes das sementes das coisas então começam a adquirir virtude germinativa que é verdadeira concepção; e ela vem a dar à luz na Primavera, que é quando o Sol passa de Peixes para Áries. Como nessa altura do ano toda a planta está florida e todas as coisas rejuvenescem, por isso é chamada “deusa da juventude”; pois efectivamente Bebe é a virtude germinativa da Primavera, que nasceu de Júpiter celeste e de Juno terrestre e elementar, por intercessão do Sol. E dizem que se consorciou com Hércules, porque se dá o nome de “Hércules” aos homens excelentes e famosos, por ser a fama desses homens sempre jovem e jamais morrer ou envelhecer.

*Sofia* - Quanto a Hebe, já sei. Fala-me do outro filho, Marte.

*Fílon* - Marte, como sabes, é planeta quente e produz quentura no mundo inferior: esta quentura, de mistura com a humidade, representada por Hebe, causa neste mundo inferior a geração, que é representada por Juno. De sorte que Juno teve de Júpiter celeste esta filha e este filho, com os quais depois se produzem todas as gerações inferiores. Também dizem que, como Bebe significa fecundidade universal do mundo, assim Marte, que é comburente e destruidor, significa a corrupção, que resulta principalmente do grande calor do Estio, que seca toda a humidade; de forma que estes dois filhos de Júpiter e de Juno são a geração e a corrupção das coisas, com que o mundo inferior se perpetua. E como a corrupção não deriva de princípio celeste senão por acidente, porque a própria obra e intenção é a geração, por isso dizem que Juno deu à luz Marte pela percussão da vulva, pois a corrupção provém da imperfeição e quebra da matéria, não já da intenção do agente.

*Sofia* - Agrada-me a alegoria do matrimónio e da legítima procriação de Júpiter e Juno. Gostaria de saber alguma coisa dos seus amores e suas procriações extraconjugais, como os que se referem a Latona, Alcmena, e outras.

*Fílon* - Dizem que Júpiter se apaixonou pela virgem Latona e que a engravidou. Juno, que recebeu desabridamente esta afronta, não só moveu contra ela todas as partes da terra, de maneira que nenhuma a acolhia, mas também a fez acossar por Piton, enorme serpente, que a expulsava de todos os sítios. Por isso ela, fugindo, foi parar à ilha de Delos, que lhe deu guarida, e lá deu à luz Diana e Apolo: Diana saiu primeira e ajudou a mãe fazendo o ofício de Lucina no nascimento de Apolo; e este, logo que nasceu, com seu arco e setas matou a referida serpente Piton.

*Sofia* - Diz-me a alegoria.

*Fílon* - Significa que durante o dilúvio, e também pouco depois, estava o ar tão espesso, por causa dos vapores da água que cobria a terra em virtude das grandes e contínuas chuvas que houve no dilúvio, que no mundo não aparecia luz lunar nem solar, porque os seus raios não podiam atravessar a densidade do ar. Por isso diz-se que Latona (que é a circunferência do céu por onde anda a Via Láctea) estava grávida de Júpiter, seu amante, e quando queria parir no universo o lume lunar e solar depois do dilúvio, Juno (que é o ar, a água e a terra), encolerizada por ciúmes daquela gravidez, com a sua crassidão e os seus vapores impedia o parto e a aparição do Sol e da Lua no mundo, fazendo o possível para que em nenhum lugar da terra fosse recebida ou pudesse ser vista. Além disto, a serpente Piton (símbolo da grande humidade que ficara do dilúvio) perseguia-a com a continua subida de vapores que, adensando o ar, não deixavam nascer nem aparecer os raios lunares, nem os solares; e apoda-se de “serpente” àquele excesso de humidade, porque era causa da corrupção das plantas e de todos os animais terrestres. Até que, enfim, na ilha de Delos (onde primeiramente se purificou o ar com a estiagem causada pela salsugem do mar), Latona deu à luz Diana e Apolo, já que os Gregos acreditam que foi em Delos que primeiramente, após o dilúvio, apareceram a Lua e o Sol. E diz-se que primeira nasceu Diana, porque primeiro se deu o aparecimento da Lua, de noite; e em seguida nasceu Apolo, aparecendo no dia seguinte; de sorte que a aparição da Lua predispôs a do Sol, como se ela tivesse sido Lucina da mãe no nascimento do irmão. E contam que Apolo, logo que nasceu, com seu arco e setas matou a serpente Piton; por outras palavras: o Sol, logo que apareceu, secou com os seus raios a humidade que impedia a geração dos animais e das plantas.

*Sofia* - Qual é o arco de Apolo?

*Fílon* - Poderia dizer-te que é a circunferência do corpo solar, da qual saem raios à maneira de setas, já que as setas pressupõem o arco. Na realidade, porém, o arco de Apolo é um outro mais próprio, que te explicarei quando falarmos dos seus amores. E eu poderia contar-te outra alegoria mais antiga, erudita e sábia, do nascimento de Diana e Apolo.

*Sofia* - Diz-ma, por favor.

*Fílon* - Indica o surgir deles na criação do mundo, conforme quase por inteiro com a Sagrada Escritura mosaica.

*Sofia* - De que modo?

*Fílon* - Escreve Moisés que Deus, ao criar o mundo superior celeste e o inferior terrestre (pois o terrestre, com todos os seus elementos, estava confuso e feito um abismo tenebroso e obscuro), soprando o espírito divino sobre a água do abismo produziu a luz; e foi primeiramente noite e depois dia, o primeiro dia. A fábula do parto de Latona significa o seguinte: Latona é a substância celeste; tendo-se Júpiter (que é o sumo Deus, criador de todas as coisas) apaixonado por ela, engravidou-a dos corpos lúcidos em acto, principalmente do Sol e da Lua; mas, como Juno (que é a massa dos elementos em confusão) se opunha, os corpos lúcidos não a podiam atravessar com os seus raios, que eram antes repelidos de todas as partes do globo. Além disso, o abismo da água (que é a serpente Piton) impedia que o céu parisse a sua luz do Sol e da Lua sobre a terra. Finalmente na ilha de Delos (parte descoberta da terra, que inicialmente não era grande, colocada dentro das águas à maneira de uma ilha) apareceram pela primeira vez, já que, não estando coberta pela água, o ar não era ali tão espesso. Por isso conta-se na divina criação que, depois do que foi criado no primeiro dia, no segundo foram criados a noite e o dia, e ainda estendido o firmamento etéreo, que resultou da separação do ar, da água e da terra; em seguida, no terceiro dia foi posta a descoberto a terra, dando início à produção das plantas; no quarto dia foi a aparição do Sol e da Lua sobre a Terra já descoberta, e esta é a significação do parto de Latona na ilha de Delos: neste parto nota-se ter-se dado a sua prenhez no primeiro dia, o parto e o aparecimento no quarto dos seis dias da criação. E dizem que primeiro veio à luz Diana, Lucina que ajudou no nascimento de Apolo, porque na criação a noite precedeu o dia e os raios lunares começaram a preparar o ar para receber os solares. Apolo matou Piton, que é o abismo, porque o Sol com seus raios foi enxugando e descobrindo cada vez mais a terra,



purificando o ar, escoando a água e consumindo aquela humidade grossa que ficara do abismo no globo todo, e que impedia a criação de todos os animais, embora não inibisse a das plantas por serem mais húmidas. Então no quinto dia da criação, que foi o que se seguiu ao aparecimento dos luminares, foram criados os animais voláteis e aquáticos, que eram os menos perfeitos; e no sexto e último dia da criação foi formado o homem, como o mais perfeito de todos os inferiores, quando o Sol e o Céu já tinham disposto os elementos e equilibrado a sua mistura de tal maneira, que se pôde fazer dela um ser animado em que se combinasse o espiritual com o corporal, o divino com o terrestre e o eterno com o corruptível, numa admirável composição.

*Sofia* - Gosto muito desta alegoria e da sua conformidade com a criação narrada na Sagrada Escritura mosaica, e daquela progressão da obra durante seis dias, um após outro; e é deveras para admirar como possa ocultar coisas tão grandes e elevadas sob o manto dos amores carnavais de Júpiter. Diz-me também se nos de Alcmena há alguma significação.

*Fílon* - A ficção reza que Júpiter se enamorou de Alcmena e teve relações com ela em figura de Anfitrião, seu marido. Dela nasceu Hércules, que entre os Gregos quer dizer “homem digníssimo e excelente em virtudes”, quais costumam nascer de mulheres de boa compleição, formosas e boas, como Alcmena, que foi honesta e formosa enamorada de seu marido: por essas mulheres costuma apaixonar-se Júpiter e insuflar nelas as suas jupiterianas virtudes, de modo que concebam principalmente dele, Júpiter. O marido dela quase que não passa de instrumento da concepção, e isto quer dizer que Júpiter usou com ela em forma de Anfitrião, seu marido, pois que o sémen de Anfitrião, se não fosse a virtude e influência de Júpiter, não estava à altura de poder gerar dela um Hércules, que, pelas suas virtudes divinas participadas de Júpiter, foi verdadeiro filho deste e, figural ou instrumentalmente, de Anfitrião; e assim se entende de todos os homens excelentes, os quais também se podem chamar Hércules, como aquele preclaro filho de Alcmena.

*Sofia* - Júpiter enamorou-se também de outras e teve delas muitos filhos. Diz-me alguma coisa a seu respeito.

*Fílon* - Muitos outros amores atribuem a Júpiter, e a razão é que o planeta Júpiter é de per si amorável, inclina os seus para a amizade e o amor, e, muito embora se trate de amor honesto, todavia, tendo na

natividade dos que nascem sob a sua influência (aos quais os poetas chamam filhos dele) relação com alguns dos outros planetas, torna-os amantes das coisas honestas, misturadas com as da natureza daquele planeta. Por isso, às vezes ele infunde um amor limpo, puro, claro, aberto e suave, conforme a sua própria natureza jupiteriana. Desta maneira imaginam que tivesse amado Leda, e a ela se unisse em figura de cisne, porque o cisne é branco, imaculado e claro, e dotado de canto suave: por tudo isto Leda o encantou, e depois, fascinada por sua vez, concebeu dele e pariu num parto Castor e Pólux, os quais se chamaram “filhos de Júpiter” por serem excelentes em virtudes, como ainda Helena pela sua luminosa formosura à maneira de cisne. Os dois irmãos foram convertidos por Júpiter no signo dos Gémeos, por ser essa a casa de Mercúrio que infunde a eloquência suave simbolizada pelo suave canto do cisne, a denotar que a pureza da alma com a doçura do falar é poderosa causa de amor e de amizade. Outras vezes Júpiter instila o seu amor honesto, não tão vistosamente manifesto, mas sim nebuloso, introvertido e coberto, e por isso dizem que amou a filha de Ínaco, possuindo-a em forma de nuvem. Se tem comércio com Vénus, Júpiter faz o amor tender para o deleitável: daí o imaginarem que amasse e possuísse Europa em figura de um formoso touro, já que o signo do Touro é casa de Vénus. E se tiver relações com Mercúrio, infunde um amor que tende para o útil, porque Mercúrio busca substâncias: por isso dizem que Júpiter amou e gozou Danae em forma de chuva de ouro, porque a liberal distribuição das riquezas toma o homem amado dos necessitados que a recebem como chuva. De conúbio com o Sol, dá amor de estado, senhorio e grandes alturas: é isto que significam, ao contar que amou e teve comércio com Astéria disfarçado de águia. De conjunção com a Lua, engendra um amor temo e dedicado, como o da mãe ou da ama para com a criancinha: assim dizem que amou e logrou Sémele, filha de Cadmo, tomando o aspecto da sua ama Béroe. Juntando-se a sua compleição com a de Marte, dá origem a um amor quente, fogoso e abrasador: assim dizem que amou e possuiu Egina em forma de raio. E fundindo-se com Saturno gera um amor misto de honesto e de disforme, em parte humano, intelectual, e em parte grosseiro e imundo: o que levou a imaginar que amou e possuiu Antíope em forma de sátiro, que tem as partes superiores de homem e as inferiores de cabra, porque o signo de Capricórnio é casa de Saturno. Mais ainda: quando Júpiter se encontra num signo feminino, gera amor feminino, e por isso dizem

que amou e possuiu Calisto em forma de mulher; encontrando-se em signo masculino, principalmente na casa de Saturno, isto é, Aquário, dá amor masculino, e por isso contam que amou o menino Ganimedes e o converteu em Aquário, signo de Saturno. De todos estes e mais amores de Júpiter, ainda poderia dizer-te mais completas alegorias, mas, não sendo muito importantes, deixo-as para não cair em prolixidade. Basta que saibas que todas as suas paixões exprimem modalidade de amores e amizades que dependem da influência de Júpiter nas pessoas em cujo nascimento ele predomina. Certas vezes, é ele só que exerce essa influência; outras vezes é acompanhado em diversos signos do céu, o que dá conta do grande número de seus diversos filhos e da história daqueles que por várias formas quinhoaram das virtudes de Júpiter, bem como das maneiras dessa participação.

*Sofia* - Já falámos bastante dos amores de Júpiter. Fala-me daquela famosa paixão de Marte, seu filho, por Vénus,

*Filon* - Já atrás tiveste notícia do nascimento de Marte pela percussão da vulva de Juno: isto significa que o planeta Marte é muito quente, pungente e estimulante à geração do mundo inferior chamado Juno, e é filho de Júpiter, porque é o planeta que lhe fica mais próximo, logo abaixo dele. Segundo os antigos, segue-se no meio o planeta Vénus, depois Marte, logo a seguir Mercúrio, depois o Sol e, a seguir, a Lua; mas os astrólogos mais modernos põem o Sol entre Marte e Vénus. A respeito de Vénus os poetas fantasiavam diversas coisas. Uma vez chamam-lhe “magna”, atribuindo-lhe as coisas mais excelentes da natureza, e dizem que é filha de Céu como pai e de Dia como mãe: dão-lhe por pai o céu por ser Vénus um dos sete planetas celestes, e por mãe O dia por ser muito clara, e prenunciar o amanhecer quando é matutina, prolongar o dia quando é vespertina. Dizem que de Júpiter pariu o gémio Amor e as três irmãs chamadas Graças, entendendo que nos inferiores o amor procede dos dois pais benignos, chamados “Fortunas”, de Júpiter (Fortuna maior) e de Vénus (Fortuna menor): Júpiter no lugar de pai, em virtude da sua superioridade e excelência masculina, e Vénus no de mãe, por ser mais pequena, mais baixa, e feminina. Acresce que o amor de Júpiter é honesto, perfeito e varonil, e o de Vénus é deleitável, carnal, imperfeito e feminino. Por tal motivo imaginam gémeo este amor nascido de ambos, por ser composto de honesto e de deleitável, e também porque o verdadeiro amor deve ser gémeo e recíproco nos

dois amantes. E juntos geram as Graças, já que nunca existe amor sem graça em ambas as partes. Dizem que a referida Vénus, ao vir a casa de Marte, provocou ali furores, e isto significa que quando, no nascimento de alguém, Vénus se encontra num dos seus signos, que são no céu casas de Marte, isto é, em Áries ou em Escorpião, gera amantes furiosos e de amor ardente, devido à quentura de Marte. E assim é quando Vénus se encontra em conjunção com Marte: representam-na cingida do cesto, no acto de ajustar noivados e bodas, para significar o estreito laço e vínculo indissolúvel que Vénus coloca entre aqueles que estão ligados no amor; dentre os animais consagram-lhe as pombas, por serem muito dadas aos ajuntamentos amorosos, e, das ervas, o mirto, tanto pelo seu cheiro suave, como por ser sempre verde, como o amor. E mais: porque no mirto as folhas se seguem juntas duas a duas, e o amor é sempre gémeo e recíproco; mas ainda: porque o fruto do mirto é negro, a denotar que o amor dá fruto melancólico e angustioso. Das flores, consagram-lhe a rosa pela sua beleza e pelo suave odor, e ainda por ser rodeada de espinhos agudos, pois o amor é rodeado de paixões, dores e tormentos lancinantes.

*Sofia* - É esta mesma aquela Vénus que pintam nua no mar, dentro de uma concha flutuante?

*Fílon* - Efectivamente, a Vénus humana foi uma só, filha de Júpiter e de Dione, e contam que foi casada com Vulcano, mas na realidade o foi com Adónis, e outros acreditam que primeiramente se tivesse consorciado com Vulcano e depois com Adónis. Esta foi rainha em Chipre, e tão dada ao amor concupiscível que mostrou e tornou lícito às mulheres que fossem públicas. Pela sua grande beleza e resplandecente aspecto foi chamada Vénus, à semelhança do resplendor daquele planeta, por se julgar que a Vénus celeste infunde nesta, não somente grande formosura, mas também uma ardente lascívia, conforme é sua natureza causar no mundo inferior vida deleitável e geração concupiscível. Por isso Vénus em Chipre foi primeiro adorada como deusa e honrada com templos; mas os poetas, sob o disfarce desta, têm dito muitas coisas figuradas que são parecenças da natureza, compleição e obras de Vénus celeste. As suas excelentes virtudes são representadas sob o nome de “Vénus Magna”, filha de Céu e de Dia, como já te disse; mas os poetas demonstram o seu estímulo à lascívia narrando outro processo do seu nascimento. Dizem que Saturno com uma foice cortou os testículos a seu pai Célio; e outros dizem que foi Júpiter quem os cortou a seu pai Saturno com a

sua própria foice e os lançou ao mar, e que do sangue deles, misturado com a espuma do mar, nasceu Vénus, e por isso a pintam nua dentro de uma concha, no mar.

*Sofia* - Qual é a alegoria desta sua estranha origem?

*Fílon* - Os testículos de Célio representam a virtude generativa que deriva do céu para a terra, e da qual Vénus é instrumento próprio, sendo aquela que propriamente dá o apetite e a virtude generativa aos animais. Dizem que Saturno os cortou com a foice, porque Saturno em grego quer dizer “Cronos”, que significa “tempo”. Este é causa da geração neste mundo inferior, cujas coisas temporais, não sendo eternas, é preciso que tenham princípio e sejam geradas; aliás o tempo corrompe as coisas que estão sob a sua alçada, e é forçoso que todo o corruptível seja gerado. De forma que o tempo, representado por Saturno, por intermédio de Vénus trouxe do céu a geração para o mundo inferior, que se chama “mar” pela sua contínua mutação de uma forma para outra, numa contínua geração e corrupção; e isto fez-se cortando os testículos com a foice, porque neste mundo é mediante a corrupção que surge a geração. Acresce que a própria natureza de Saturno é de corromper, assim como a de Vénus é de gerar, pois esta é do nascer e aquele do morrer: com efeito, se as coisas se não corrompessem, não haveria geração; e por isso dizem que Saturno com a sua foice, com a qual destrói e corrompe todas as coisas, cortou os órgãos genitais de Célio, seu pai, e os lançou a este mar mundano. Deles foi gerada Vénus, que dá aos inferiores virtude generativa, misturada com o poder de corrupção devido ao corte dos testículos de Célio. Aqueles que dizem que os testículos cortados foram os de Saturno, e que deles nasceu Vénus, entendem que Saturno proíbe a geração, já que, tendo-lhe Júpiter cortado os testículos, ficou incapacitado de gerar; mas os instrumentos generativos que faltaram a Saturno formaram a Vénus, que é a causa toda da geração. Significam também que Saturno é o planeta que primeiro, depois do coito, determina a concepção, porquanto é ele que causa a coalescência do esperma, e por isso predomina durante o primeiro mês da gravidez; mas logo depois Júpiter assume o comando do concebimento, formando a criatura durante o segundo mês, em que ele domina: é isto que quer significar o corte dos testículos do pai Saturno, que fora primeiro na concepção. Desses testículos se diz que nasceu Vénus, porque ela tem na geração um papel principal, e também porque predomina no quinto mês e toma perfeita toda a

formação e beleza da criatura: motivo por que dizem que se gerou do sangue dos testículos e da espuma do mar, o que quer dizer que o animal se gera do esperma do macho (que é o sangue dos testículos) e do esperma subtil da fêmea, que é uma espécie de espuma; a não ser que se entenda por espuma o esperma do homem, que é assim branco, e pelo sangue o da mulher, de que se alimenta a criatura. Representam-na nua, porque o amor se não pode disfarçar, e também porque ela é carnal, e os amantes devem encontrar-se nus; nada no mar, porque o amor generativo se estende por todo este mundo que continuamente muda como o mar; finalmente, porque o amor torna os amantes inquietos, desconfiados, titubeantes, tempestuosos como o mar.

*Sofia* - Já ouvi bastante sobre a origem e o nascimento de Vénus: é tempo de saber da sua paixão por Marte.

*Filon* - Dizem que Vénus foi casada com Vulcano, mas que, por este ser coxo, se enamorou de Marte, destemido e galhardo em armas; mas uma vez, que se encontrava em secreto e íntimo colóquio com ele, foi vista pelo Sol e denunciada a Vulcano, e este em segredo colocou invisíveis redes de arame em redor do leito em que os dois estavam deitados, e assim nus se encontraram cativos. Então Vulcano chamou os deuses (principalmente Neptuno, Mercúrio e Apolo) e mostrou-lhes Marte e Vénus nus e presos nas redes de ferro. Ante aquele espectáculo os deuses, cheios de vergonha, cobriram o rosto, mas unicamente Neptuno suplicou tanto a Vulcano, que, em virtude dos seus rogos, Marte e Vénus foram libertados. Após este episódio, Vénus odiou sempre o Sol e toda a sua descendência, a ponto que tornou adúlteras todas as suas filhas.

*Sofia* - Que me dizes ao cabo, *Filon*, de tanta lascívia e adultério entre os deuses celestes?

*Filon* - A alegoria desta fábula não é apenas científica, mas útil também, porque demonstra que o excesso de lascívia carnal prejudica não somente todas as energias e virtudes físicas do homem, como ainda causa enfraquecimento no próprio acto pela diminuição do vigor ordinário.

*Sofia* - Explica-me tudo isso em pormenor.

*Filon* - Vénus é o apetite concupiscível do homem, o qual procede de Vénus, e é grande e intenso, em conformidade com a eficácia da sua influência no nascimento. Esta Vénus é casada com Vulcano, o deus do fogo inferior, o qual é no homem o seu próprio

calor natural, que limita e actua a concupiscência, e como seu marido está-lhe sempre unido em acto. Contam que Vulcano era filho de Júpiter e de Juno, e que, expulso do céu por ser coxo, foi criado por Tétis; e é ferreiro de Júpiter, aquele que lhe fabrica os engenhos. Com isto querem dizer que o calor natural do homem e dos animais é filho de Júpiter e de Juno, porque tem algo de celeste misto com a materialidade, e, pela participação de Júpiter e do céu, representa as virtudes naturais, animais e vitais; e, por causa da sua mistura com a matéria, não é eterno como o calor efectivo do Sol e dos outros corpos celestes; menos ainda é sempre poderoso, nem tão-pouco se encontra sempre do mesmo modo no corpo humano, antes, como faz o coxo, cresce e depois encolhe, sobe e depois desce, consoante as diferentes idades e as disposições do indivíduo. É isto que quer significar o facto de ter sido expulso do céu por ser coxo, porque o calor e as outras coisas celestes são uniformes e não coxeiam como as inferiores; e ainda o facto de ter sido criado por Tétis, que é o mar: porque, assim no mar como na terra, este calor é alimentado pela humidade; esta mantém-no, e é tão intenso ou remisso, quanto é suficiente ou menos suficiente a humidade natural proporcionada. Dizem que é ferreiro e mesteiral de Júpiter, porque é o instrumento de tantas operações admiráveis e jupiterianas quantas existem no corpo humano. Sendo, pois, a concupiscência de Vénus acasalada e conjunta com o calor natural, enamora-se de Marte, que simboliza o fervente anelo da lascívia, - já que é ele que infunde a libido ardente, excessiva e desmarcada, e por isso dizem que não provém do sémen de Júpiter, nem compartilhou alguma das suas boas qualidades, mas resultou da percussão da vulva de Juno, que simboliza a peçonha do mênstruo de sua mãe (porque Marte com os seus ardentes estímulos faz sobrepujara potência da matéria de Juno sobre a razão de Júpiter); - de forma que a concupiscente Vénus costuma enamorar-se do ardente Marte, o que leva os astrólogos a admitir extrema amizade entre estes dois planetas, e a dizer que Vénus com o seu aspecto benigno corrige toda a malícia de Marte, e que, quando se excede em luxúria em consequência da mistura de ambos, o Sol (que é a esclarecida razão humana) os acusa a Vulcano, dando a conhecer que por causa daquele excesso vem a faltar o calor natural; e fala-se então nas cadeias invisíveis em que se encontram vergonhosamente presos os dois adúlteros, porque, mal se extingue o calor natural, também desfalece a potência da libido e os desejos excessivos encontram-se amarrados,

sem liberdade nem potência, efectivamente nus e humilhados com penitência. E assim humilhados os apresenta Vulcano aos deuses: quer dizer que faz sentir a quebra do calor natural a todas as potências humanas que por suas virtuosas operações se chamam divinas, mas que ficam todas deficientes com a falta do calor natural. Mencionam nomeadamente três deuses - Neptuno, Mercúrio e Apolo - que são três princípios das potências do corpo humano: Neptuno é a alma nutritiva, com as virtudes e potências naturais que vêm do fígado e que se formam com a abundância de humidade, à qual preside Neptuno; Mercúrio é a alma sensitiva, que contém o sentido, o movimento e a cogitação, procedentes do cérebro e próprias de Mercúrio; Apolo é a alma vital pulsativa, que dá os espíritos e o calor natural pelas artérias, e que tem origem no coração, pois o coração (como já te disse) é no corpo humano tal como Apolo no mundo. Em suma: o excesso de libido prejudica e envergonha o coração e suas virtudes, o cérebro e suas virtudes, o fígado e suas virtudes. Ninguém consegue aplacar Vulcano, nem remediar às suas deficiências, a não ser Neptuno, que é a virtude nutritiva, aquela que, com a sua humidade restaurada, pode compensar a consumpção do calor natural e restituir à liberdade a potência da libido. Dizem que Vénus tem ódio figadal à progénie do Sol e que fez adúlteras as suas filhas convertendo-as à sua própria natureza, porque o amor é inimigo da razão e a luxúria: contrária ao comedimento, pois não só lhe não obedece, como também prevarica e adultera todos os seus avisos e juízos, convertendo-os à sua inclinação, e julgando aquela e seus efeitos como bons e realizáveis, acaba por executá-los com a maior diligência.

*Sofia* - De Marte e Vénus ouvi bastante: por tudo isso os poetas devem dizer que destes dois géneros de amor nasceu Cupido.

*Fílon* - Assim é, pois o verdadeiro Cupido, que é paixão amorosa e pura concupiscência, se gera da lascívia de Vénus e do ardor de Marte: motivo pelo qual o representam menino, nu, cego, com asas e frecheiro. Pintam-no menino, porque o amor cresce sempre e é desenfreado, como o são os garotos; pintam-no despido, porque se não pode encobrir nem dissimular; cego, porque não é capaz de enxergar nenhuma razão que o contradiga, já que o cega a paixão; pintam-no alado por ser muito veloz, pois o amante voa com o pensamento, está sempre com a pessoa amada e vive nela; as setas são as armas com que trespassa o coração dos amantes, abrindo chagas



estreitas, profundas e incuráveis, que, as mais das vezes, são causadas pelos correspondentes raios dos olhos dos amantes, bem-parecidos com setas.

*Sofia* - Diz-me, ainda, como é que Vénus pariu de Mercúrio o Hermafrodito.

*Filon* - Fica sabendo que os poetas dizem que Mercúrio nasceu de Céu e Dia, e que é irmão de Vénus; na opinião de outros, seria filho de Júpiter, criado por Juno. Dizem que Mercúrio é o deus da eloquência, deus das ciências (principalmente Matemática, Aritmética, Geometria, Música e Astrologia), deus da Medicina, deus dos mercadores, deus dos ladrões, mensageiro de Júpiter e intérprete dos deuses, sendo as suas insígnias uma vara com uma serpente enroscada; e, com base nestas atribuições, muitas fábulas se contam dele. Na realidade, porém, o planeta Mercúrio insufla coisas dessas naturezas conforme a sua disposição quando do nascimento do individuo. Portanto, se ele se encontrar forte e com bom aspecto, infunde eloquência, uma fala elegante e suave, doutrina e pendor para as ciências matemáticas; como aspecto de Júpiter, forma filósofos e teólogos; com aspecto favorável de Marte, faz verdadeiros médicos, e com mau aspecto faz ladrões ou médicos ruins, principalmente quando está queimado pelo Sol (vem daí a fábula de que furtou as vacas de Apolo, e dizem que de Líquion gerou o salteador Autólico); com Vénus faz poetas, músicos e versejadores; com a Lua faz mercadores e homens de negócios; e com Saturno dá abismos de ciência e vaticínio de coisas futuras, porque é, de seu génio, mudável na natureza do planeta com quem se mistura: se se misturar com planeta masculino, é macho; se com feminino, é fêmea. Entre os homens, muitos foram chamados “Mercúrio”: nomeadamente alguns sábios do Egipto e médicos que quinhoaram das virtudes mercuriais. E por ser Mercúrio planeta luzente, fazem-no filho de Céu e Dia, porque participa da substância celeste com a luz diurna, pois a luz de todos os planetas vem do Sol, que faz o dia; é irmão de Vénus, porque os pais são comuns, os dois planetas estão juntos, e cada um deles percorre a sua órbita quase ao mesmo tempo (a saber, num ano), andam sempre junto ao Sol sem se afastarem demasiadamente dele, e por isso dizem que são irmãos. Outros consideram Mercúrio filho de Júpiter pela sua divina sabedoria e virtude, e dizem que foi criado por Juno, porque a sabedoria humana procede da divindade e se baseia nos escritos materiais, representados por Juno; chamam-no “arauto

de Júpiter”, porque anuncia e prediz as coisas futuras que o onipotente Deus pretende fazer, e por isso, assim como pela sua eloquência, " chamam “intérprete dos deuses”. A sua vara simboliza a rectidão do engenho que dá nas ciências, e a serpente que a envolve é o discurso subtil que anda em torno do recto engenho; ou então a vara é o intellecto especulativo da ciência, e a serpente o intellecto activo da prudência no campo das virtudes morais, pois a serpente, pela sua sagacidade, é símbolo de prudência, e a vara, pela sua rectidão e firmeza, é sinal de ciência.

*Sofia* - Ouvi dizer que a vara lhe foi dada por Apolo...

*Fílon* - A fábula reza que Mercúrio roubou as vacas de Apolo, e que, tendo sido visto por um indivíduo chamado Bato, lhe 'ofereceu uma vaca para que ficasse calado; mas, na dúvida, quis pôr à prova a lealdade dele: assumiu o aspecto de um outro, foi ter com Bato e prometeu-lhe um boi se revelasse quem tinha roubado as vacas. Bato disse-lhe tudo, e então Mercúrio, por medo de Apolo, converteu-o em pedra. Finalmente, como a verdade se tornasse manifesta a Apolo em virtude da sua divindade, este pegou no arco para alvejar Mercúrio, mas não conseguiu acertar-lhe por se ter tornado invisível. Em seguida, feitas as pazes entre ambos, Mercúrio deu de presente a Apolo a cítara, e este ofereceu-lhe a vara. Outros dizem que Mercúrio, tendo previsto a fúria de Apolo, à socapa lhe roubou as setas da aljava. Ao dar conta Apolo, embora estivesse irado, riu-se da astúcia de Mercúrio, perdoou-lhe, deu-lhe a vara e recebeu dele a cítara.

*Sofia* - Que quer significar esta fábula?

*Fílon* - Significa que os mercuriais são pobres, mas astutos quando se trata de alcançar com engano, dissimuladamente, alguma coisa da abundância e riqueza dos reis e dos grandes mestres, pois eles costumam ser administradores e secretários de reis pela habilidade mercurial que possuem: é isto que quer dizer o facto de Mercúrio ter roubado as vacas a Apolo, porque Apolo representa e torna poderosos os senhores; as vacas são as suas riquezas e abundâncias; e quando os príncipes estão irados contra eles por causa dos seus latrocínios, livram-se da ira deles com a astúcia mercurial, tirando-lhes os motivos dos quais lhes pode vir o castigo, e aplacando a fúria dos senhores conservam-se em sua boa graça. A sua baixa condição faz também que não sejam ofendidos pelas cóleras dos grandes mestres, porque lhes não opõem resistência. Com efeito, Mercúrio é o mais pequeno de todos os planetas, de maneira que os raios solares e seus ardores o

prejudicam menos que a qualquer outro planeta. Chegados a bom acordo, Mercúrio dá a cítara e Apolo dá-lhe em troca a vara: quer dizer que o sapiente mercurial serve o príncipe com afinada prudência e com suave eloquência, representadas pela cítara, e ao mercurial sapiente o príncipe concede poder e autoridade, proporciona crédito e reputação à sua sabedoria; o que leva Platão a dizer que o poder e a sapiência se devem entrelaçar, pois a sapiência norteia o poder e a potência favorece a sabedoria. Significa também que, se o Sol e Mercúrio estiverem de acordo em conjunção perfeita, em bom lugar de nascimento e em bom signo, fazem o homem mercurial literato ser poderoso, e o homem solar e grande mestre ser sapiente, prudente e eloquente.

*Sofia* - Muito me disseste sobre o nascimento de Mercúrio: já é tempo de me explicar o que te perguntei, isto é, como é que dele e de Vénus nasceu o Hermafrodito.

*Filon* - O que diz Ptolomeu no seu *Centilóquio* é o seguinte: quando, no nascimento de um indivíduo, Vénus se encontra em casa de Mercúrio, e Mercúrio em casa de Vénus, e muito mais se os dois estiverem corporalmente unidos, fazem-no inclinado a uma libido grosseira e não natural: há quem ame os machos e até se não envergonhe de ser sujeito activo e passivo juntamente, desempenhando o papel não só de macho, mas também de fêmea, por ser Mercúrio todo intelectual e Vénus toda corpórea; por conseguinte, quando se misturam as duas naturezas, fazem uma libido contrafeita e não natural.

*Sofia* - Falaste-me bastante dos amores, matrimónios e descendência dos deuses celestes e das suas naturezas, tanto do pai universal Demogórgon como dos pais celestes, Éter e Célio, e dos planetas que sucessivamente procederam deles, isto é, Saturno, Júpiter, Marte. Vénus e Mercúrio. Só me falta saber dos filhos de Latona e de Júpiter, ou seja; de Apolo e Diana, embora a respeito de Diana nada haja que indagar, pois, segundo dizem, ficou sempre virgem. Gostaria apenas de saber dos amores de Apolo com Dafne, a qual dizem que, ao fugir dele, foi convertida em loureiro.

*Filon* - Sobre a geração de Apolo e de Diana já acima ouviste tudo. Diana: fazem-na virgem, porque a excessiva frialdade da Lua dificulta o estímulo e o ardor da libido nas mulheres em cujo nascimento ela tem domínio. Chamam-lhe “deusa dos montes e dos campos”, porque a Lua tem grande influência na germinação das ervas e das árvores com que alimenta os animais selváticos. Chamam-na

“caçadora”, porque de noite auxilia os caçadores com o luar; e chamam-lhe também “guarda dos caminhos”, porque com a sua luz nocturna torna mais seguras as estradas para os caminhantes. Dizem que traz arco e setas, porque bastas vezes os seus raios são nocivos aos animais, principalmente quando entram, à guisa de setas, por buracos estreitos. Atribuem-lhe um coche puxado por veados brancos, para significar pela velocidade deles que o seu movimento é mais rápido que o de nenhum outro orbe, pois executa a sua volta num mês; e a brancura é a sua cor própria. É chamada Lua porque, quando nova, alumia no princípio da noite; e é chamada Diana porque, quando é velha, antecipa o dia iluminando a manhã antes do romper do Sol, e também porque muitas vezes aparece de dia.

*Sofia* - Dou-me por satisfeita acerca de Diana. Fala-me de Apolo e do seu enamoramento, pois dos amores dos deuses celestes só me falta este.

*Fílon* - Para os poetas, Apolo é deus da sabedoria e da Medicina, tem a cítara que lhe deu Mercúrio, e preside às Musas. Atribuem-lhe o louro e o corvo, e dizem que usa arco e setas.

*Sofia* - A significação é que eu quero.

*Fílon* - É deus da sabedoria, porque domina especialmente o coração e ilumina os espíritos, que são origem do conhecimento e da sabedoria humana; e também porque com a sua luz se vêem e se distinguem as coisas sensíveis, das quais procedem a cognição e a sabedoria. É deus da Medicina, porque a virtude do coração e o calor natural que dele se derrama pelo corpo todo conservam a saúde e curam as doenças; e também porque o calor moderado do Sol na Primavera cura as longas enfermidades que ficam do Inverno e do Outono, épocas em que, por serem frias, o calor do Sol é fraco e diminuto e por isso então surgem muitas enfermidades que se curam ao renovar-se o calor da Primavera. Atribui-se-lhe a cítara e dizem que é deus da Música, porque produz a harmonia das pulsações que procedem dos espíritos do coração por todo o corpo: harmonia que os médicos avisados conhecem pelo tacto. Também o é porque, resultando a harmonia celeste da diversidade dos movimentos de todos os orbes, que (segundo te disse) Pitágoras opina consistir também em concordância de vozes, é o Sol quem governa toda a harmonia, por ser o maior, o mais resplandecente e o mais importante entre todos os planetas, como capitão de todos eles. Por isso lhe atribuem a cítara, e dizem que a recebeu de Mercúrio, porque

Mercúrio dá a concordância e o equilíbrio da harmonia, mas é o Sol, dada a sua primazia, o maestro da música celeste. E não sem razão, visto que o seu movimento é mais regular que o de nenhum dos outros, segue constantemente pelo meio do zodíaco sem se afastar, sempre direito no seu movimento; por isso ele é medida dos movimentos dos outros, assim como é ele que dá luz a todos os outros: é este o significado do dizerem ser ele quem preside às Musas, as quais são nove, a indicarem os nove orbes celestes que compõem a harmonia e cuja universal consonância ele estabelece. As suas setas são os raios que frequentemente prejudicam por excesso de calor ou por peçonha do ar, motivo por que o fazem causador da peste. Dentre as árvores consagram-lhe o loureiro por ser quente, aromático e sempre verde, e porque com ele se coroam os sábios poetas e os generais triunfantes, os quais estão todos sujeitos ao Sol, que é deus da sabedoria e causa da exaltação dos impérios e das vitórias. Ainda por outro respeito lhe consagram o loureiro: é que Apolo, sendo deus da sabedoria, influi na adivinhação; por isso dizem que, logo que matou Piton, começou a dar oráculos em Delfos; e a propósito do loureiro escrevem que, se uma pessoa dormir com a cabeça rodeada de suas folhas, sonha com coisas verdadeiras e os seus sonhos contêm parcelas de adivinhação; inotivo por que lhe consagram o corvo, pois dizem que este tem sessenta e quatro vozes diversas, das quais se tiravam augúrios e auspícios divinatórios, mais do que de nenhum outro animal.

*Sofia* - Basta-me isto sobre a natureza e condição de Apolo.

Diz-me o que se refere ao seu amor por Dafne.

*Filon* - A poesia reza que Apolo, gabando-se em presença de Cupido da virtude do seu arco e das suas setas, com as quais tinha morto a Píton, hidra assaz peçonhenta, parecia quase menosprezar a forçado arco e das setas de Cupido, como armas de menino, impróprias para golpes tão terríveis. Então Cupido, abespinhado com a atitude, feriu Apolo com uma seta de ouro, e Dafne, filha do rio Peneu, com uma de chumbo; e assim fez que Apolo se apaixonasse pela virgem e andasse atrás dela como se persegue o ouro, e fez a Dafne pesar como chumbo o amor de Apolo e mantê-la em contínua fuga. Porém Dafne, ao ver-se perseguida e quase alcançada por Apolo, pediu socorro a seu pai Peneu e a outros rios, e estes, para a livrarem dele, a converteram em loureiro e Apolo, encontrando-a transformada em louro, ainda assim a abraçava, e ela tremia de medo. Finalmente Apolo

pegou em algumas das suas folhas, ornamentou delas a sua citara e a sua aljava, e tomou para si o loureiro como árvore própria: motivo por que Dafne ficou contente com ele.

*Sofia* - A fábula é bela: mas que significa?

*Filon* - Querem demonstrar quão grande e universal é a força do amor até no mais altivo e poderoso deus de todos os celestes, que é o Sol; por isso imaginam que ele se gloriava de, com seu arco e setas (que são os seus raios escaldantes), ter morto a horrível serpente Piton que tudo destruía; o que, como te disse, significa a aquosidade do dilúvio que ficou espalhada sobre toda a Terra e impedia a geração e criação dos homens e de todos os outros animais terrestres: aquosidade que o Sol enxugou com os seus raios mais ardentes e dardejantes, assim doando o ser àqueles que vivem sobre a Terra. E para que saibas, ó *Sofia*, o que é precisamente o arco de Apolo, além do seu curso e da circunferência solar com que eliminou o prejuízo do dilúvio e nos livrou do cruel Piton, vou dizer-te que é aquele verdadeiro arco de muitas cores, que se apresenta no ar frente ao Sol, quando o tempo está húmido e pluvioso: os Gregos chamam-lhe “*Iris*”. E significa o que narra a Sagrada Escritura no Génesis: que, passado o dilúvio e ficando dos homens apenas Noé, homem justo, com seus três filhos, que se salvou numa arca flutuante, juntamente com um macho e uma fêmea de cada espécie de animais terrestres, Deus assegurou-lhe que o dilúvio não continuaria mais e como sinal disso lhe ofertou aquele arco-íris que se origina das nuvens, quando choveu, o qual dá fé de que não haverá mais dilúvio. E como este arco se gera da irradiação da circunferência do Sol nas nuvens húmidas e densas, e a diferença de densidade origina a diversidade das suas cores conforme a diferente maneira de as nuvens a receberem, segue-se que o arco do Sol é aquele que por vontade de Deus garante firme e seguramente que não haverá mais dilúvio.

*Sofia* - De que modo o Sol, com o seu arco, nos dá tal garantia disso?

*Filon* - O Sol, quando faz o arco, não se imprime no ar subtil e sereno, mas sim na espessa humidade. Esta, se fosse de considerável densidade, suficiente para poder causar dilúvio pela grande quantidade de chuvas, não seria capaz de receber a impressão do Sol e formar o arco; por isso, o aparecimento desta impressão e do arco assegura que as nuvens não têm grossura bastante para poder fazer dilúvio. É esta a firme segurança que nos dá o arco a respeito do

dilúvio, e a causa deste facto é a força do Sol, que purifica a tal ponto as nuvens e as adelgaça de tal maneira que, imprimindo nelas a sua circunferência, as torna incapazes de desencadear um dilúvio. Portanto, com razão e prudência se tem dito que Apolo matou Piton com o seu arco e as suas setas; porém, embora por este feito Apolo andasse soberbo e altivo, conforme a sua natureza solar, nem por isso pôde livrar-se do tiro de arco e da seta de Cupido, porque o amor não só obriga os inferiores a amar os superiores, mas também leva os superiores a amar os inferiores: eis porque Apolo se enamorou de Dafne, filha do rio Peneu, símbolo da humidade natural da Terra, que provém dos rios que passam por ela. O Sol ama esta humidade e, mandando para ela os seus raios ardentes, procura atraí-la a si, exalando-a em vapores. E poderia dizer-se que o fim de tal exalação era a nutrição dos celestes, pois os poetas opinam que eles se sustentam dos vapores que se levantam da humidade do globo terrestre; porém, como isto é também metafórico, entende-se que principalmente o Sol e os planetas cumprem escrupulosamente a sua missão (que é governar e sustentar o mundo inferior e, consequentemente, a totalidade do universo) mediante a exalação dos vapores húmidos. E por isso ama a humidade, para a atrair a si e convertê-la na sua substância; mas ela foge do Sol, porque toda a coisa foge de quem a consome; também porque os raios solares fazem penetrar a humidade pelos poros da terra e fugir da superfície, motivo por que o Sol a dissolve; e, quando já está dentro da terra e não pode fugir mais do Sol, converte-se em árvores e plantas com a ajuda e influência dos deuses celestes geradores das coisas e com o auxílio dos rios que a restauram e protegem contra a perseguição e captura da parte do Sol. Dizem, segundo a fábula, que se converteu em loureiro, porque no loureiro - por ser árvore excelente, perene, sempre verde, odorífera e quente na sua geração - se manifesta mais que em qualquer outra árvore a mistura dos raios solares com o terreno húmido. Dizem que foi filha do rio Peneu, porque o terreno por onde este passa produz muitos loureiros. Dizem que Apolo ornamentou com as suas folhas a cítara e a aljava, para significar que os ilustres poetas, que são o plectro de Apolo, os capitães vitoriosos e os imperadores reinantes, que são a aljava do Sol (o qual é propriamente quem concede as luzentes famas, as poderosas Vitórias e os excelsos triunfos), são os únicos que costumam ser coroados de louros em sinal de eterna honra e gloriosa fama; pois, assim como o loureiro dura muito, assim é

imortal o nome dos sábios e dos vitoriosos; como o louro está sempre verde, assim a fama destes é sempre jovem e nunca envelhece nem seca; e como o louro é quente e odorífero, assim os ânimos ardentes destes desprendem suavíssimo olor em lugares distantes, pelas sete partidas do mundo. Por isso dá-se a esta árvore o nome de “louro”, por ser entre as outras como o “ouro” entre os metais; e ainda porque escrevem que os antigos o denominavam “laudo” em virtude dos seus louvores, e porque se coroavam com as suas folhas aqueles que eram dignos de louvores eternos: por tudo isto o loureiro é a árvore que se consagra ao Sol, dizendo-se até que a não pode ferir nenhum raio do céu, no sentido que o tempo não pode desfazer a fama das virtudes, nem tão-pouco os movimentos e as mutações celestes, embora estas firam todas as outras coisas do mundo inferior com o envelhecimento, a corrupção e o esquecimento.

*Sofia* - Dou-me por satisfeita com quanto me disseste sobre os amores dos deuses celestes, tanto dos orbes como dos sete planetas. Pelo que toca aos amores dos outros deuses terrenos e humanos, não quero que te afadigues mais, porque não interessam muito à sabedoria; desejaria ainda, porém, que me explicasses, sem fábulas ou ficções, o que os sábios astrólogos afirmam sobre os amores e os ódios que os corpos celestes e os planetas sentem particularmente entre si.

*Fílon* - Para ser breve, dir-te-ei uma parte daquilo que me perguntas, pois o todo seria coisa demasiado prolixa. Os orbes celestes que os astrólogos têm podido conhecer são nove: os sete próximos de nós são os orbes dos sete planetas erráticos; dos outros dois superiores há o oitavo, que é aquele em que estão fixas as grandes multidões de estrelas que se vêem; o nono e último é o diurno, que em um dia e em uma noite, isto é, em vinte e quatro horas, percorre toda a sua órbita e neste espaço de tempo faz girar consigo todos os outros corpos celestes. O circuito destes orbes superiores divide-se na medida de trezentos e sessenta graus, distribuídos por doze signos com trinta graus cada um, e este circuito chama-se zodíaco, que quer dizer “círculo de animais”, porque aqueles doze signos são representados em figura de animais, a saber: Áries, Touro, Gémeos, Câncer, Leão, Virgo, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Deles, três (a saber: Áries, Leão e Sagitário) são da natureza do fogo, quentes e secos, e três (isto é: Touro, Virgo e Capricórnio) têm natureza térrea; três (precisamente: Gémeos, Libra e Aquário) são da natureza do ar, quentes e húmidos, e três (Câncer, Escorpião e Peixes) são da natureza



da água, frios e húmidos. Estes signos têm entre si amizade e ódio, porque cada grupo de três de uma mesma compleição reparte o céu em terços e, estando afastados cento e vinte graus apenas, são por isso amigos perfeitos (como Áries com Leão e com Sagitário, Touro com Virgo e com Capricórnio, Gémeos com Libra e com Aquário, Câncer com Escorpião e com Peixes), pois a concordância de aspecto trino com a mesma natureza os harmoniza em perfeita amizade. E aqueles signos que dividem o zodíaco em sextos, e distam sessenta graus, têm meia amizade, isto é, uma amizade imperfeita (como Áries com Gémeos, Gémeos com Leão, Leão com Libra, Libra com Sagitário, Sagitário com Aquário e Aquário com Áries): estes, além da concordância do aspecto sextil, são conformes, por serem todos masculinos e todos de uma mesma qualidade activa, isto é, são quentes ou têm a sequidão da natureza ígnea, ou então possuem a humidade da natureza do ar, já que na realidade o fogo e o ar têm entre si mediana conformidade e amizade, embora sejam elementos. Esta mesma conformidade têm entre si os outros signos de natureza térrea e aquosa, já que eles também são medianamente conformes (precisamente, Touro com Câncer, Câncer com Virgo, Virgo com Escorpião, Escorpião com Capricórnio, Capricórnio com Peixes e Peixes com Touro), pois todos têm aspecto sextil de sessenta graus de distância e são femininos, de uma mesma qualidade activa, isto é, frios, embora na qualidade passiva divirjam de seco para húmido, tal como há diferenciação da terra em relação à água: por conseguinte, a sua amizade é mediana e imperfeita. Apesar disso, se no zodíaco os signos estiverem em oposição, à maior distância possível, que é de cento e oitenta graus, têm entre si plena inimizade, porquanto a situação de um é totalmente oposta e contrária à do outro: quando um sobe, o outro desce; quando um está por cima da Terra, o outro está por baixo; e muito embora sempre sejam de uma mesma qualidade activa (quer dizer, ambos quentes ou ambos frios), na passiva são sempre contrários, porque, se um é húmido, o outro é seco, e isto, junto com a distância que os separa e com o aspecto, torna-os inimigos capitais (como Áries com Libra, Touro com Escorpião, Gémeos com Sagitário, Câncer com Capricórnio, Leão com Aquário e Virgo com Peixes). E quando estão distantes um quarto do zodíaco, isto é, noventa graus, são meio inimigos, tanto por ser a distância metade da oposição, como por serem as suas naturezas sempre contrárias em ambas as qualidades, a activa e a passiva, pois se um é

ígneo quente e seco, o outro é aquoso frio e húmido, e se for signo aéreo quente e húmido, o outro é térreo e frio e seco (como é Áries com Câncer, Leão com Escorpião, Sagitário com Peixes, dos quais um é ígneo, o outro aquoso; e como são Gémeos com Virgo, Libra com Capricórnio, Aquário com Touro, dos quais um é aéreo e o outro térreo); ou então são contrários pelo menos na qualidade activa, porque, se um é quente, o outro é frio (como Touro com Leão, Virgo com Sagitário, Capricórnio com Áries, e assim Câncer com Libra, Escorpião com Aquário, Peixes com Gémeos), pois todos estes têm entre si oposição de qualidade activa com aspecto quadrado de mediana inimizada.

*Sofia* - Entendi perfeitamente de que modo entre os doze signos do céu se encontra o amor e ódio, perfeito e imperfeito. Desejaria agora que me dissesse se também se encontram entre os sete planetas.

*Filon* - Os planetas amam-se um ao outro quando se olham com aspecto benigno, isto é, trino, à distância de cento e vinte graus, que é um aspecto de amor-perfeito; ou então com aspecto sextil, de metade daquela distância, isto é, de sessenta graus entre um e outro: que é um aspecto de amor lento, de meia amizade. Mas tornam-se inimigos e odeiam-se um ao outro quando se olham de aspectos opostos, da maior distância possível no céu, ou seja, de cento e oitenta graus, e este é aspecto de ódio integral, de inimizada e oposição total; e também quando se olham de aspecto quadrado, da metade daquela distância, isto é, de noventa graus de um para o outro, é aspecto de meia inimizada e de ódio lento.

*Sofia* - Falando dos aspectos, disseste que o trino e o sextil dão amor, e que o oposto e o quadrado geram ódio. Diz-me se, quando estão em conjunção, estão em amor ou em desamor.

*Filon* - A conjunção de dois planetas é amorosa ou odiosa, conforme a natureza dos dois que se juntam, pois, se estiverem em conjunção os dois planetas benignos chamados “fortunas”, ou seja, Júpiter e Vénus, oferecem amor e benevolência um ao outro; se a Lua entra em conjunção com cada um deles, faz conjunção feliz e amorosa; e se com eles entrar em conjunção o Sol, faz conjunção nociva e inamistosa, porque os torna abrasados e de pouco valor, embora para o próprio Sol seja de certo modo boa, - não muito, porém, devido à combustão dos mesmos. Mercúrio com Júpiter faz conjunção feliz e amigável, e com Vénus fá-la amorosa, ainda que não muito digna; com

a Lua, é de mediana amizade, mas com o Sol fica abrasado e a sua conjunção é pouco amistosa, salvo quando se encontrarem em união sumamente perfeita e corporal, porque neste caso seria conjunção admirável e altamente amorosa, crescendo por ela o vigor do Sol como se no céu houvesse dois sóis. A conjunção do Sol com a Lua é muito odiosa, embora, no caso de estarem unidos inteira e corporalmente, alguns astrólogos a considerem amigável, principalmente em relação às coisas secretas; mas a conjunção de cada um dos dois planetas infortunosos, Saturno e Marte, com todos os outros, é odiosa, excepto a de Marte com Vénus, que faz lascívia amorosa e descomedida. A de Saturno com Júpiter é amorosa quanto a Saturno e odiosa quanto a Júpiter; mas a sua conjunção com o Sol, assim como é inamistosa para o Sol, também é prejudicial para eles, porque o Solos abrasa e lhes debilita a potência. Ainda em fazer mal a sua conjunção com Mercúrio e com a Lua é péssima, nem para eles próprios sendo proveitosa.

*Sofia* - Assim como as conjunções são desiguais no bem e no mal, segundo a natureza dos planetas conjuntos, os aspectos benévolos ou os malévolos de um em relação a outro são também tão diferentes, segundo as naturezas dos dois astros fronteiros?

*Filon* - Os aspectos benévolos e igualmente os malévolos variam mais ou menos, conforme são os planetas fronteiros, pois quando as duas “fortunas”, Júpiter e Vénus, se olham de aspecto trino ou de sextil, é óptimo aspecto; e se for oposto ou quadrado, olham-se como inimigos, sem todavia causarem algum mal, mas sim pouco bem e com dificuldade. E assim, quando cada um deles olha para a Lua e Mercúrio e o Sol com aspecto amoroso, significa felicidade do género a sua natureza; e se se olham com aspecto inamistoso, significa um bem minguido e obtido com dificuldade. Mas, se estas duas “fortunas” olham com bom aspecto os dois infortunosos, isto é, Saturno e Marte, proporcionam um bem mediano, ainda que eivado de algum receio e desgosto; e se os olharem com mau cariz, dão mal em forma de bem, excepto Marte com Vénus, os quais têm tão boa compleição que, quando se olham mutuamente com bom aspecto, são muito favoráveis, nomeadamente em coisas de amor. E também Júpiter com Saturno, quando se olham com bom semblante, fazem coisas divinas, elevadas e boas, remotas da sensualidade. Mais: Júpiter, afortunado, corrige a dureza de Saturno, e Vénus, bem colocada, corrige a crueldade e a malvadez de Marte; e Mercúrio, quando de bom aspecto com Marte, faz pouco bem a Saturno, e quando de mau, faz-lhe grande

mal, por ser convertível na natureza do planeta com que se mistura. Mercúrio com a Lua é bom, quando de aspecto bom, e é mau quando com mau; os dois infortunosos com a Lua, quando de mau aspecto, são péssimos, e quando de bom, não são bons, mas moderam os inconvenientes. Com o Sol, acontece a mesma coisa. O Sol com a Lua de aspecto amoroso são muito bons e corrigem todos os excessos e danos de Marte e de Saturno, mas estando de mau aspecto são difíceis e não bons. E aqui tens em resumo as diferenças de seus aspectos.

*Sofia* - Dou-me por satisfeita, *Filon*, com o que me disseste do amor e do ódio que sentem os doze signos entre si e os planetas. Diz-me, rogo-te, se também os planetas têm amor e ódio a um signo mais do que a outro.

*Filon* - Decerto que têm, porque os doze signos separadamente são casas ou domicílios dos sete planetas; e cada um tem amor à sua casa, pois quando se encontra naquele signo a sua virtude é mais poderosa e odeia o signo oposto à sua casa, porque a sua virtude se debilita quando se encontra nele.

*Sofia* - Por que ordem se repartem estes doze signos pelas casas dos sete planetas?

*Filon* - O Sol e a Lua têm no céu cada um uma casa: a do Sol é Leão, a da Lua é Câncer. Os outros cinco planetas têm cada um duas casas: Saturno tem por casas Capricórnio e Aquário; Júpiter, Sagitário e Peixes; Marte, Áries e Escorpião; Vénus, Touro e Libra; Mercúrio, Gémeos e Virgo.

*Sofia* - Diz-me se atribuem alguma causa à ordem dessas partições.

*Filon* - A causa e a ordem da posição dos planetas, segundo os antigos, está em que o mais alto, que é Saturno, devido à sua excessiva frialdade tomou por suas casas Capricórnio e Aquário, isto é, os dois signos em que, achando-se neles o Sol (que é desde meados de Dezembro até meados de Fevereiro), o tempo é o mais frio e tempestuoso de todo o ano: o que é próprio da natureza de Saturno. Júpiter, sendo o segundo, próximo de Saturno, tem as suas duas casas no zodíaco logo a seguir às duas de Saturno: Sagitário, antes de Capricórnio, e Peixes depois de Aquário. Marte, que é o terceiro planeta a seguir a Júpiter, tem as suas duas casas junto dele: Escorpião, antes de Sagitário, e Áries depois de Peixes. Vénus, que, segundo os antigos, é o quarto planeta, a seguir a Marte, tem as suas duas casas perto das dele, isto é, Libra, antes de Escorpião, e Touro, depois de Áries. Mercúrio, que é o

quinto planeta, a seguir a Vénus (segundo os antigos), tem as suas casas próximo das dele, isto é, Virgo, antes de Libra, e Gémeos, depois de Touro. O Sol, que os antigos põem em sexto lugar, a seguir a Mercúrio, tem uma única casa, antes de Virgo, principal casa de Mercúrio; e a Lua, sétimo e último planeta, tem a sua casa depois de Gémeos, que é a outra casa de Mercúrio. De maneira que aos planetas couberam as suas casas no zodíaco, não por acaso, mas sim por uma ordem certa.

*Sofia* - Gosto desta ordem, que é conforme com a posição dos planetas segundo os antigos, os quais colocavam o Sol por baixo de Vénus e de Mercúrio. Mas, segundo os astrólogos modernos, que o põem a seguir a Marte e acima de Vénus, esta ordem não será justa nem racional.

*Fílon* - Também segundo estes modernos a ordem seria justa, se, no entanto, se começar não por Saturno, mas pelo Sol e pela Lua e suas casas, por serem estes os dois luminares mais importantes do céu e os outros seus sequazes. Sol e Lua têm papel primacial na vida deste mundo.

*Sofia* - Esclarece-me isso um pouco.

*Fílon* - Assim como dantes começávamos por Capricórnio, que é o solstício de Inverno, quando os dias começam a alongar-se, assim comecemos agora por Câncer, que é o solstício de Verão, quando os dias, no fim do crescimento, são os mais longos do ano. Câncer, por ser frio e húmido, da natureza da Lua, é casa da Lua; e Leão, que se encontra a seguir, por ser quente e seco, da natureza do Sol, torna-se casa deste, até porque o Sol, quando está nele, é muito poderoso.

*Sofia* - Tu, portanto, colocas a Lua antes do Sol.

*Fílon* - Não te admires disso, porque na sagrada criação do mundo a noite precede o dia e, como te disse, Diana foi Lucina no nascimento de Apolo, segundo os poetas. De forma que com justa razão Câncer, casa da Lua, está antes de Leão, casa do Sol. A seguir a estes dois encontram-se as duas casas de Mercúrio, o qual está mais próximo da Lua, que é o primeiro planeta e o mais baixo; Mercúrio é o segundo, e as suas casas são Gémeos, antes de Câncer, e Virgo, depois de Leão. Vénus, que é o terceiro, está acima de Mercúrio e tem as suas casas próximo das deste: Touro, antes de Gémeos, e Libra, depois de Virgo. Marte, que é o quinto, está acima de Vénus e do Sol, e tem as suas casas perto das de Vénus: Áries, antes de Touro, e Escorpião, depois de Libra. Júpiter, que é o sexto, está acima de Marte e tem as

suas casas perto das dele: Peixes, antes de Áries, e Sagitário, depois de Escorpião. Saturno, que é o sétimo, mais alto, está acima de Júpiter e tem as suas casas próximo das deste: Aquário, antes de Peixes, e Capricórnio, depois de Sagitário; e vêm a ficar uma junto da outra, porque são os últimos signos opostos e mais afastados dos do Sol e dos da Lua, isto é, Câncer e Leão.

*Sofia* - Estou satisfeita com a ordem que têm os planetas na repartição dos doze signos como suas casas, e com o facto de cada um com razão ter amor à sua casa e odiar a contrária, segundo disseste. Mas gostaria que me disseses se essa oposição dos signos corresponde à diversidade ou contrariedade dos planetas que têm suas casas naqueles signos opostos.

*Filon* - Correspondem certamente, porque a contrariedade dos planetas corresponde à oposição dos signos que são suas casas: pois as duas casas de Saturno, Capricórnio e Aquário, são opostas às dos dois luminares, Sol e Lua, ou seja, a Câncer e a Leão, por ser "a influência e natureza de Saturno contrária à dos dois luminares.

*Sofia* - De que modo?

*Filon* - Porque, assim como os luminares são causa da vida deste mundo inferior, das plantas, dos animais e dos homens, fornecendo o Sol o calor natural e a Lua a humidade radical, já que com o calor se vive e com a humidade se sustenta a vida; assim Saturno é causa da morte e da corrupção dos inferiores, com as suas qualidades negativas de frio e de sequidão. E as duas casas de Mercúrio, Gémeos e Virgo, são contrárias às de Júpiter, Sagitário e Peixes, pela contrariedade das suas influências.

*Sofia* - Quais são elas?

*Filon* - Júpiter dá inclinação para a aquisição de abundantes riquezas, e por isso os homens jupiterianos são geralmente ricos, magnificentes e opulentos. Mercúrio, ao invés, com dar propensão para a investigação de ciências subtis e de doutrinas engenhosas, afasta o espírito da aquisição material. Por isso, na maior parte dos casos, os sábios são pouco ricos e os ricos pouco sábios, porque as ciências se adquirem com o intellecto especulativo e as riquezas com o activo; e sendo una a alma humana, quando se entrega à vida activa alheia-se da contemplativa, e quando se dedica à contemplação não estima os negócios mundanos. E esses homens são pobres por sua livre vontade, pois aquela pobreza vale mais que a ganância das riquezas. De maneira que com razão as casas de Mercúrio são opostas

às de Júpiter, e aqueles que no seu nascimento têm as casas de um a subir sobre a Terra, têm as casas do outro a descerem abaixo da Terra, a tal ponto que raramente o bom jupiteriano é bom mercurial e o bom mercurial é bom jupiteriano. Ficam as duas casas de Vénus, Touro e Libra, as quais são opostas às duas de Marte, Escorpião e Áries, devido à contrariedade de compleição que existe de um para o outro.

*Sofia* - Como, contrariedade?! Antes amizade e boa harmonia, porque (corno tu próprio disseste) Marte é enamorado de Vénus, e ambos se dão bem, juntamente.

*Filon* - A contrariedade da sua influência não é como a de Júpiter a Mercúrio, mas reside na compleição, como a de Saturno em relação aos luminares, embora estes sejam também contrários em influência, como te disse. Mas Marte e Vénus são contrários só em compleição qualitativa, porque Marte é seco, quente e abrasante, enquanto Vénus é temperadamente fria e húmida: não tanto como a Lua, que em frialdade e humidade é excessiva. Por isso eles (Marte e Vénus) se dão bem, como dois contrários de cuja mistura provém temperado efeito: sobretudo nos actos nutritivos e generativos, pois um dá calor, que é causa activa em ambos, e o outro fornece humidade temperada, que neles é sua causa passiva; e muito embora o calor de Marte seja excessivo em ardor, a frialdade moderada de Vénus tempera-o e torna-o proporcionado para tais operações: de modo que na tal contrariedade consiste a harmonia' amorosa de Marte e de Vénus, só por ela tendo as suas casas opostas no zodíaco.

*Sofia* - Apraz-me esta causa da oposição dos signos pelo ódio, ou seja contrariedade dos planetas de que são casas. Diz-me, por favor, se na ordem e na oposição aparece também algo do seu amor e benévola amizade, tal como aparece o ódio e a contrariedade.

*Filon* - Aparece sim, principalmente nos luminares. Tanto assim que, sendo Júpiter a "fortuna maior", nenhuma das suas casas olha com aspecto inamistoso as casas dos dois luminares, Sol e Lua; assim como, sendo Saturno "infortúnio maior", nenhuma das suas casas olha com aspecto benévolo as dos dois luminares, antes pelo contrário, pois é absolutamente hostil. Mas a primeira casa de Júpiter, precisamente Sagitário, olha com aspecto trino de completo amor para Leão, casa do Sol (luminar maior), e a segunda, isto é, Peixes, olha Câncer, casa da Lua (luminar menor), com aspecto igualmente trino de amor-perfeito. Também nenhuma das casas de Mercúrio tem aspecto hostil à casa do Sol e à da Lua, por ser seu perfeito familiar: antes, a sua primeira casa

(que é Gêmeos) olha com aspecto sextil de mediano amor a Leão, casa do Sol; e a sua segunda (que é Virgo) olha semelhantemente Câncer, casa da Lua, com aspecto sextil amigável. Restam as casas de Vénus, “fortuna menor”, e as de Marte, “infortúnio menor”: assim como estes planetas são conformes numa influência, assim igualmente as suas casas têm mediana amizade às do Sol e da Lua; porque Áries, primeira casa de Marte, tem aspecto trino com Leão, casa do Sol, por serem ambos os planetas e ambos os signos de uma mesma compleição quente e seca, e têm aspecto quadrado de meia inimizade com Câncer, casa da Lua, por Marte e a sua casa Áries (que são quentes e secos) serem de qualidade contrária à Lua e à sua casa Câncer, que são frios e húmidos. E Escorpião, segunda casa de Marte, tem aspecto trino de perfeito amor com Câncer, casa da Lua, porque ambos são signos da mesma compleição, frios e húmidos; mas com Leão, casa do Sol, tem aspecto quadrado, devido à contrariedade do quente e seco, como é Leão, ao frio e húmido, como é Escorpião. Mais ou menos desta maneira se comporiam as casas de Vénus com as dos dois luminares: porque Touro, primeira casa de Vénus, olha Câncer, casa da Lua, com aspecto sextil amigável (e são ambos frios), e com aspecto quadrado de meia inimizade olha Leão, casa do Sol, que lhe é contrário por ser quente; analogamente Libra, segunda casa de Vénus, olha Leão com aspecto sextil amigável, porque ambos são quentes, e Câncer (por ser frio) com aspecto quadrado de meia inimizade. De modo que estes dois planetas, Marte e Vénus, são médios entre Saturno e Júpiter, e portanto as suas casas são mistas de amizade com as do Sol e da Lua. Muitas outras correlações te poderia apresentar, *Sofia*, sobre as amizades e inimizades celestes; mas prefiro não falar nelas, porque torná-íamos demasiado longa e difícil a nossa troca de ideias.

*Sofia* - Sobre esta matéria quero somente que me digas se os planetas têm outra espécie de amizade e ódio aos signos, além de serem casas contrárias às deles ou, pelo contrário, de favorável disposição.

*Fílon* - Claro que têm. Primeiro, em virtude da exaltação dos planetas, pois cada um tem um signo em que tem potência de exaltação: o Sol em Áries, a Lua em Touro, Saturno em Libra, Júpiter em Câncer, Marte em Capricórnio, Vénus em Peixes, Mercúrio em Virgo, embora seja uma das suas casas. Ainda, possuem autoridade de triplicidade, que pertence a três planetas em cada signo: Sol, Júpiter e Saturno nos três signos de fogo, que são dos seis masculinos, isto é,



Áries, Leão e Sagitário; Vénus, a Lua e Marte têm autoridade nos signos femininos, isto é, nos três signos térreos (Touro, Virgo e Capricórnio) e nos três aquosos (Câncer, Escorpião e Peixes); Saturno, Mercúrio e Júpiter têm triplicidade nos restantes três signos masculinos: Gémeos, Libra e Aquário. Não vou dizer-te em pormenor as causas de tal distribuição, para me não alongar mais. Digo-te apenas que nos signos masculinos têm triplicidade os três planetas masculinos, e nos signos femininos três planetas femininos. Os planetas têm igualmente amor às suas faces, e cada dez graus do zodíaco é face de um planeta: os primeiros dez graus de Áries são, de Marte; os segundos, do Sol; os terceiros, de Vénus; e assim sucessivamente por ordem de planetas e de signos, até aos últimos graus de Peixes, que vêm a ser também face de Marte. Têm ainda os planetas, excepto o Sol e a Lua, amor aos seus termos, porque cada um dos restantes cinco planetas tem em cada signo certos graus de termos. Mais: todos os planetas têm amor aos graus luminosos e favoráveis, e ódio aos obscuros e desprezíveis; e têm amor às estrelas fixas, quando se encontram em conjunção com elas, principalmente se forem das grandes e resplandecentes, isto é, da primeira grandeza ou da segunda, e têm ódio às estrelas fixas que são de natureza contrária à deles. Ora parece-me que dos amores e dos ódios celestes te tenho dito tanto que basta à nossa conversa.

*Sofia* - Fiquei largamente informada acerca dos amores celestiais. Agora gostaria de saber, ó *Fílon*, se aqueles espíritos, ou intelectos espirituais celestes, estão também, como todas as outras criaturas corporais, sujeitos ao amor, ou se, por estarem desprendidos da matéria, ficam libertos dos laços amorosos.

*Fílon* - Embora o amor se encontre nas coisas corporais e materiais, nem por isso é próprio delas; antes, tal como o ser, a vida, o intelecto e qualquer outra perfeição, bondade e beleza depende dos elementos espirituais e transporta-se dos imateriais para os materiais, de modo que todas estas excelências se encontram primeiro nos espirituais que nos corporais, assim o amor, primeiro e mais essencialmente se encontra no mundo intelectual, e deste inclina-se para o corpóreo.

*Sofia* - Diz-me a razão.

*Fílon* - Tens tu, porventura, alguma em contrário?

*Sofia* - Aqui está uma, para começar: tu demonstraste que o amor é desejo de união, e a quem deseja falta-lhe aquilo que deseja;

mas nos seres espirituais não existe falta, antes esta é própria da matéria; portanto, neles não se deve encontrar amor. Até porque os seres materiais, como imperfeitos que são, costumam desejar unir-se com os espirituais, que são perfeitos; mas os perfeitos como podem desejar unir-se com os imperfeitos?

*Filon* - Os seres espirituais têm-se amor não só um ao outro, mas também amam os corporais e materiais; por outro lado, aquilo que tu dizes, que o amor denota desejo e que o desejo denuncia falta, é verdade: mas não há inconveniência em que, existindo nos espíritos ordens de perfeições, um seja mais perfeito que outro e de mais clara e sublime essência, e que o inferior, de menos préstimo, ame o superior e deseje unir-se com ele. Portanto, todos amam principal e sumamente o supremo e perfeito Deus, fonte da qual promana todo o ser e o bem deles: a união com essa fonte é de todos desejada com profundo afecto e todos a buscam sempre com seus actos intelectivos.

*Sofia* - Concedo-te que os espirituais se amem um ao outro [e que amem Deus, mas não o inverso]!, porque o inferior ama o superior, mas não o superior ao inferior; e menos ainda, que os espirituais amem os corporais, ou materiais, porquanto eles são mais perfeitos e não lhes fazem falta os imperfeitos, não podendo por isso desejá-los nem amá-los, como disseste.

*Filon* - Já estava para te responder a este segundo argumento, se tivesses sido paciente. Fica sabendo que, assim como os inferiores amam os superiores, desejando unir-se com eles em vista daquilo que lhes falta da sua maior perfeição, assim os superiores amam os inferiores e desejam uni-los a si, para ficarem mais perfeitos. Tal desejo pressupõe naturalmente falta, não já no superior que deseja, mas sim no inferior necessitado, porque o superior, amando o inferior, deseja suprir com a sua superioridade o que falta de perfeição ao inferior: é deste modo que os espirituais amam os corporais e materiais para suprir com a sua perfeição a falha deles, para os unir a si e tornar excelentes.

*Sofia* - E tu qual amor tens por mais verdadeiro e completo, o do superior ao inferior, ou do inferior ao superior?

*Filon* - O do superior ao inferior e do espiritual ao corporal.

*Sofia* - Diz-me a razão.

*Filon* - Porque um é para receber, o outro para dar: o espiritual superior ama o inferior como faz o pai ao filho, e o inferior ama o superior, como filho ao pai; e tu sabes também quanto é mais perfeito

o amor do pai que o do filho. Além disso, o amor do mundo espiritual ao mundo corporal é semelhante àquele que o macho tem à fêmea, e o do corporal ao espiritual parece-se com o da fêmea ao macho, como já te expliquei anteriormente. Tem paciência, ó *Sofia*, que mais perfeitamente ama o varão que dá, do que a fêmea que recebe; e entre os homens, os benfeitores amam aqueles que recebem os seus benefícios mais do que os beneficiados aos benfeitores, porque aqueles amam pelo ganho e estes pela virtude: um amor funda-se no útil e o outro é todo honesto. E tu sabes quanto o honesto se avanta ao útil; de maneira que não sem razão te disse que nos espirituais o amor para com os seres corporais é mais excelente e perfeito do que nos corporais para com os espirituais.

*Sofia* - Estou satisfeita com o que me disseste, mas ainda me ocorrem duas outras dúvidas. Uma é que o desejo pressupõe privação: deve ser falta da coisa desejada em quem deseja e ama, e na falta de perfeição do amante na coisa amada, como parece que estás a dizer, isto é, que a falta esteja no inferior desejado e amado pelo superior. A outra dúvida é a seguinte: entendi que as pessoas amadas, porquanto amadas, são mais perfeitas que os amantes, porque o amor é pelas coisas boas e a coisa amada é fim e intento do amante, e o fim é o mais nobre; como pode, portanto, o imperfeito ser amado pelo perfeito, segundo dizes?

*Filon* - As tuas dúvidas têm um certo peso. A solução da primeira está em que, na ordem do Universo, o inferior depende do superior e o mundo corpóreo do espiritual: por conseguinte, a deficiência do inferior acarretaria deficiência ao superior de que depende, já que a imperfeição do efeito é sinal de imperfeição da causa. Como, pois, a causa ama o seu efeito e o superior o inferior, aquele deseja a perfeição do inferior e uni-lo a si para o livrar do defeito, porque, libertando-o, salva-se a si próprio da falta e da imperfeição; de sorte que, quando o inferior não chega a unir-se ao superior, não só fica ele deficiente e infeliz, mas também o superior fica maculado com a quebra da sua excelsa perfeição, pois o pai não pode ser um pai feliz se o filho for imperfeito. Por isso os antigos dizem que o pecado põe mácula na divindade e ofende-a, assim como o justo a exalta. Logo, com razão, não só o inferior ama e deseja unir-se ao superior, mas também o superior ama e deseja unir a si o inferior, para que cada um deles seja perfeito, sem falhas no seu grau, e para que o universo se una e ligue sucessivamente com o laço de amor que une o mundo físico com o

espiritual e os inferiores com os superiores. Essa união é o principal fim do sumo Opífice e onipotente Deus na produção do mundo, com diferenciação ordenada e pluralidade unificada.

*Sofia* - Estou a ver a solução da primeira dúvida. Resolve-me agora a segunda.

*Filon* - É Aristóteles que a resolve: porque, depois de ter provado que quem move eternamente os corpos celestes são almas intelectivas e imateriais, diz que os movem em vista de algum fim e intento das suas almas, e diz que tal fim é mais nobre e mais excelente que o próprio motor, porque o objectivo da coisa é mais nobre do que ela mesma; e que das quatro causas das coisas naturais, que são a material, e formal, a causa agente (que faz ou move a coisa) e a causa final (que é o fim que leva a agente a actuar), de todas a material é a mais baixa, a formal é melhor que a material, a agente é melhor e mais nobre que as duas, porque é causa delas, e a causa final é a mais nobre e excelente de todas as quatro, ainda mais que a causa agente, já que a agente actua em vista do fim; daí que o fim se chame “causa de todas as causas”. Por tudo isto se conclui que aquilo que é o fim, para o qual a alma intelectiva de cada um dos céus move o seu orbe, tem maior merecimento do que não só o corpo do céu, mas também a própria alma. Aristóteles diz que, como esse fim é amado e desejado pela alma do céu, por amor dele esta alma intelectual, com desejo firme e afeição insaciável, move eternamente o corpo celeste a ela atribuído, amando-o e vivificando-o, se bem que seja dos dois o menos nobre e inferior a ela, porque ele é corpo e ela intelecto; e fá-lo principalmente pelo amor que tem ao seu amado, superior e mais perfeito do que ela, desejando unir-se eternamente com ele e por essa união tornar-se feliz como uma verdadeira amante com o seu amoroso. Por isto poderás, ó *Sofia*, compreender que os superiores amam os inferiores, e os seres espirituais os corporais, pelo amor que têm a outros que lhes são superiores, e para consumir a união com eles amam-nos e, amando-os, beneficiam os seus inferiores.

*Sofia* - Diz-me, por favor, quem são esses mais eminentes que as almas intelectivas que movem os céus, dos quais estas podem ser amantes e desejar a sua união para assim se tomarem felizes, e que em vista desta põem tanto desvelo em mover eternamente os céus respectivos. E também é preciso que me digas de que modo os superiores, amando os inferiores, gozam a união dos seus superiores, porque a razão disto para mim não é evidente.

*Filon* - Quanto à tua primeira pergunta, os filósofos comentadores de Aristóteles procuram saber quem seriam estes seres tão excelentes, que são finos e mais sublimes do que as almas intelectivas que movem os céus; e a primeira academia árabe, Alfarrabi, Avicena, Algazel, e o nosso rabi Moisés, do Egipto, no seu Moreh, dizem que a cada orbe estão ordenadas duas inteligências, uma das quais o move segundo causas eficientes - e é a alma intelectual motora daquele orbe, - e a outra move-o segundo causas finais, pois é o fim pelo qual o motor, isto é, a inteligência que anima o céu, move o seu orbe: esta é amada pela outra como inteligência mais excelente, e, desejando unir-se com o objecto do seu amor, eternamente move o próprio céu.

*Sofia* - Como se poderia defender, então, a ideia dos filósofos acerca do número dos anjos, ou seja inteligências distintas movedoras dos céus, que são tantos quantos os orbes que movem, e não mais, se, na opinião destes árabes, as inteligências seriam em número o dobro dos orbes?

*Filon* - Dizem que se inculcam por si próprios esta afirmação e este número de cada uma dessas duas espécies de inteligências, as motoras e as finais, porque é forçoso que as inteligências motoras sejam tantas quantos os orbes, e tantas as inteligências finais quantos aqueles.

*Sofia* - Na verdade, ao duplicarem o seu número alteram aquela afirmação antiga. Mas que dirão eles do primeiro motor do céu supremo, que acreditamos ser Deus? É afinal impossível que Ele tenha por fim outro melhor que Ele.

*Filon* - Estes filósofos árabes sustentam que o primeiro motor não é o sumo Deus, porque neste caso Deus seria alma apropriada a um orbe, como o são as outras inteligências motoras: apropriação e igualdade que seriam bastante incongruentes em Deus. Então dizem que o fim pelo qual actua o primeiro motor é o sumo Deus.

*Sofia* - E esta opinião é aceita por todos os outros filósofos?

*Filon* - Claro que não, porque Averróis e os outros que depois comentaram Aristóteles pensam que são tantas as inteligências quantos os orbes, e não mais, e que o primeiro motor é o sumo Deus. Averróis diz que não há inconveniência em Deus ser apropriado ao orbe, como alma ou forma que dá o ser ao céu superior, visto que tais almas estão separadas da matéria, e, como o seu orbe é o que contém e abarca todo o universo e com o seu movimento move todos os outros

céus, a inteligência que o enforma, o move e lhe dá o ser, por força é o sumo Deus, e não outro; já que Ele, por ser motor, não se toma igual aos outros, antes fica muito mais alto e sublime, assim como o seu orbe está mais alto que os das outras inteligências. E assim como o céu d'Ele compreende e abarca todos os outros, assim a sua virtude contém a virtude de todos os outros motores; e se, por ser chamado “motor” como os outros, fosse igual a eles, também (segundo os primeiros) fora igual às outras inteligências finais, por ser, como elas, fim do primeiro motor. E, em conclusão, diz Averróis que admitir mais inteligências do que aquelas que a força da razão filosófica leva a admitir, não é próprio de filósofo, pois não se pode ver de outro modo senão aquilo que nos demonstra a razão.

*Sofia* - Mais limitada me parece esta opinião que a dos primeiros. Mas que dirá este comentador sobre o que afirma Aristóteles (e a razão com ele), que o fim do motor do orbe é mais excelente que o próprio motor?

*Filon* - Diz Averróis que Aristóteles entende que a mesma inteligência que move é fim de si própria no seu movimento ininterrupto, porque move o orbe para realizar integralmente a sua própria perfeição: isto, na opinião dele, é mais nobre por ser fim do movimento do que por ser causante dele. Portanto, esta afirmação de Aristóteles é mais uma forma de comparação entre as duas espécies de causalidade que se encontram em uma mesma inteligência, isto é, a efectiva e a final, que de comparação de uma inteligência com outra, como dizem os primeiros.

*Sofia* - Parece-me estranho que, a propósito disto, Aristóteles diga que uma mesma inteligência é mais perfeita que ela própria.

*Filon* - A mim também me parece sem razão que uma asserção tão absolutamente comparativa, como esta de Aristóteles, se deva entender relativamente a uma mesma inteligência; e, muito embora esta sentença de Averróis seja verdadeira (e de modo precípua em relação ao primeiro motor, que, sendo Deus, é forçoso que seja fim do seu movimento e da sua acção), e também seja verdade que a causa final é mais excelente que a eficiente, nem por isso parece que seja intenção de Aristóteles inferir tal parecer naquela afirmação.

*Sofia* - Então, qual te parece a ti que era?

*Filon* - Demonstrar que o fim de todos os motores dos céus é uma inteligência mais sublime e superior a todas, amada por todos

com desejo de se unir a ela, e na qual consiste a sua felicidade suprema; e este é o sumo Deus.

*Sofia* - E tu pensas que é Ele o primeiro motor?

*Fílon* - Seria longo expor-te o que sobre isto se pode dizer, e porventura seria arrojado sustentar uma opinião de preferência a outra; mas, mesmo que eu te conceda ser opinião de Aristóteles que o primeiro motor é Deus, não deixarei de te dizer que ele pensa, sim, que Deus é o fim de todos os motores e mais excelente que todos os outros, aos quais é superior, mas não diz que é mais excelente do que ele próprio, ainda que n'Ele seja mais importante o ser causa final de todas as coisas, porque um é o fim para o qual o outro se dirige.

*Sofia* - E negas que os outros motores movem os céus para alcançar a plenitude da sua perfeição, que desejam fruir, como diz Averróis?

*Fílon* - Não nego. Digo-te, pelo contrário, que desejam a união com Deus para rematar a sua perfeição, de maneira que o seu último fim e intento é a sua perfeição; mas como esta consiste na sua união com a divindade, segue-se que o seu fim último está na divindade, e não em si própria. Por isso diz Aristóteles que esta divindade é fim mais alto que o deles, não já a sua própria perfeição imanente neles, como julga Averróis.

*Sofia* - Então a beatitude das almas intelectivas humanas e o seu fim último estariam, afinal, na união divina por semelhante razão?

*Fílon* - Não, certamente, porque a sua última perfeição, o fim e a verdadeira beatitude não residem nessas mesmas almas, mas sim na sua elevação e união com a divindade; e por ser o sumo Deus fim de todas as coisas e beatitude de todos os seres intelectivos, nem por isso se exclui que a sua própria perfeição seja o seu fim último, por isso que, no acto da felicidade, a alma intelectiva já não está em si própria, mas em Deus, que a torna bem-aventurada pela sua união: é aí que reside o seu fim último, a sua felicidade, e não em si própria, enquanto se não realize esta beatífica união.

*Sofia* - Gosto desta subtiliza, e fico satisfeita quanto à minha primeira pergunta. Vamos à segunda.

*Fílon* - Tu queres que eu te explique de que modo a inteligência, amando e movendo o orbe celeste corpóreo, que é inferior a ela, possa engrandecer-se e elevar-se no amor do sumo Deus, e chegar à sua feliz união.

*Sofia* - Isso mesmo gostava eu que me explicasses.

*Fílon* - A dúvida vem a ser ainda maior, porque o acto próprio e essencial da inteligência separada da matéria é o entender-se a si própria, e em si entender todas as coisas conjuntamente, porque nela resplandece a essência divina em clara visão, como o Sol num espelho, e esta contém as essências de todas as coisas, e de todas é causa. Neste acto deve consistir a sua felicidade, o seu fim último, não já em mover um corpo celeste, que é coisa material e acto extrínseco à sua verdadeira essência.

*Sofia* - Agrada-me ver que me fazes sangrar a ferida para depois a curares melhor. Venha, pois, o remédio.

*Fílon* - Já noutra ocasião me ouviste afirmar, ó *Sofia*, que todo o universo é um indivíduo, isto é, como que uma pessoa, e que cada um destes entes corporais e espirituais, eternos e corruptíveis, é membro e parte deste grande indivíduo, sendo o todo, e cada uma das suas partes, produzido por Deus para um fim comum no todo, juntamente com um fim próprio em cada uma das partes. Segue-se que o todo e as partes são perfeitos e felizes na medida em que recta e inteiramente cumprem as tarefas para as quais estão destinados pelo sumo Opífice. O fim do todo é a perfeição conjunta do universo inteiro, planeada pelo divino arquitecto, e o fim de cada uma das partes não é somente a perfeição da parte em si, mas também que com ela colabore directamente na perfeição do todo, que é o fim universal, o primeiro intento da divindade. E para este fim comum, mais que para o próprio, cada parte foi feita, ordenada e destinada, de tal forma que, faltando parte de tal sujeição nos actos atinentes à perfeição do universo, ser-lhe-ia maior defeito e viria a ser mais infeliz do que se lhe faltasse o seu próprio acto: assim se torna mais ditosa pelo comum do que pelo próprio, à maneira de um indivíduo humano, em quem a perfeição de uma das suas partes, como o olho ou a mão, não consiste só, nem principalmente, em serem lindos os olhos ou bela a mão, nem no ver muito dos olhos, nem ainda em fazer a mão muitas habilidades, mas sim, antes de mais e principalmente, consiste em que os olhos vejam e a mão faça aquilo que convém ao bem da pessoa toda, tornando-se mais nobre e excelente pelo acertado serviço que presta a toda a pessoa, já que a própria formosura é acto próprio; e por isso acontece muitas vezes que, para salvar a pessoa toda, instintivamente a parte se apresenta e expõe ao próprio perigo, como costuma fazer o braço que se interpõe à espada para salvar a cabeça. Sendo, portanto, esta lei sempre observada no universo, a inteligência sente-se mais feliz em



mover o orbe celeste (que é acto necessário ao ser do todo, ainda que seja acto extrínseco e corpóreo) do que na sua intrínseca inteligência essencial, que é o próprio acto: é isto o que entende Aristóteles, quando diz que a inteligência move para um fim mais alto e excelente, que é Deus, cumprindo a sua tarefa no universo; de forma que, amando e movendo o seu orbe, colabora na união do universo, pela qual propriamente consegue o amor, a união e a graça divina que unifica o mundo e constitui o seu fim último, a sua almejada bem-aventurança.

*Sofia* - Gosto; e creio que por esta mesma causa as almas espirituais intelectivas dos homens se juntam a corpo tão frágil como o humano, para alcançarem a ordem divina na coligação e união do universo todo.

*Filon* - Disseste bem, e assim é na verdade, pois que, sendo as nossas almas espirituais e intelectivas, da frágil e corruptível comunidade corpórea nenhum bem lhes poderia advir que não ficassem muito melhor com o seu acto intelectual intrínseco e puro; mas juntam-se ao nosso corpo só por amor e serviço do sumo Criador do mundo, trazendo a vida, a cognição intelectual e a divina luz do mundo superior eterno para o inferior corruptível, a fim de que esta parte mais baixa do mundo não fique, por seu turno, privada também da graça divina e da vida eterna, e para que este soberano animal não tenha parte alguma que não seja viva e inteligente como todo ele. E a nossa alma, operando destarte a união de todo o mundo universal segundo a ordem divina, que é comum e primacial fim na criação das coisas, frui directamente o amor divino e chega a unir-se com o sumo Deus depois da separação do corpo, e esta é a sua felicidade suprema. Mas, se errar naquela cooperação, faltar-lhe-á este amor e esta união divina: suma e eterna pena para a alma, porque, podendo subir ao excelso Paraíso pela rectidão do seu governo no corpo, por sua iniquidade fica nas profundezas infernais, banida para sempre da união divina e da sua própria bem-aventurança, se tão grande não fosse já a divina misericórdia que lhe proporciona maneira de poder salvar-se.

*Sofia* - Deus nos livre de semelhante erro e nos faça rectos cumpridores da sua santa vontade e da sua divina ordem!

*Filon* - Deus o permita! Mas tu, *Sofia*, já sabes que se não pode fazer sem amor.

*Sofia* - Realmente o amor, no mundo, não só é comum a todas as coisas, mas ainda é extremamente necessário, visto que ninguém pode ser bem-aventurado sem amor.

*Filon* - Se faltasse o amor, não só faltaria a bem-aventurança, mas nem o mundo teria ser, nem coisa alguma se encontraria nele, se não houvesse o amor.

*Sofia* - Tantas coisas, porquê?

*Filon* - Porque o mundo e as suas coisas tanto têm amor, quanto todo ele está unido e enlaçado com todas as suas coisas à guisa de membro de um indivíduo; de outro modo, a divisão seria causa da sua total perdição; e como não há nada que faça unir o universo com todas as suas diversas coisas, a não ser o amor, segue-se que o amor é causa do ser do mundo e de todas as suas coisas.

*Sofia* - Diz-me como o amor vivifica o mundo e de tantas coisas diversas faz uma só.

*Filon* - Pelo que já se disse o poderás compreender facilmente. O sumo Deus com amor produz e governa o mundo e ajunta-o em união, porquanto, sendo Deus uno em unidade extremamente simples, é forçoso que o que procede d'Ele também o seja em total unidade; porque do uno, uno provém, e da pura unidade uma perfeita união. Mais ainda: o mundo espiritual unifica-se com o mundo corporal mediante o amor; nem jamais as inteligências separadas, ou anjos divinos, se uniriam com os corpos celestes, nem os enformariam, nem seriam as almas que lhes dão vida, se os não amassem; nem as almas intelectivas se uniriam com os corpos humanos para os tornarem racionais, se as não obrigasse o amor; nem se uniria esta alma do mundo inferiores unem-se com os seus superiores, o mundo corporal com o espiritual, o corruptível com o eterno e o universo todo com o seu Criador mediante o amor que Lhe tem e o desejo de unir-se com Ele e santificar-se na sua divindade.

*Sofia* - Assim é, porque o amor é um espírito vivificante que penetra todo o mundo e é um laço que une todo o universo.

*Filon* - Visto que é esta a tua opinião acerca do amor, já não é preciso dizer-te mais a respeito da sua universalidade, sobre a qual falámos hoje exaustivamente.

*Sofia* - Ainda te falta falar-me do nascimento do amor, conforme me prometeste, pois da sua universalidade no universo todo e em cada uma das suas coisas me disseste bastante, e vejo claramente

que no mundo não tem ser quem não tem amor. Falta-me somente saber a sua origem e algo dos seus efeitos bons e maus.

*Fílon* - Quanto ao nascimento do amor estou em dívida para contigo, mas a exposição dos seus efeitos seria pedido novo. Nem para uma coisa, nem para outra haveria tempo, porque já é tarde para iniciar matéria nova: pergunta-mo num outro dia, quando te parecer. Mas diz-me, ó *Sofia*, como é que o amor embora tão comum, se não encontra em si.

*Sofia* - E tu, *Fílon*, amas-me realmente muito?

*Fílon* - Bem o vês, ou bem o sabes!

*Sofia* - Uma vez que o amor costuma ser recíproco e de duas pessoas (conforme te ouvi dizer tantas vezes), é forçoso que, ou tu simules comigo o amor, ou então que o simule eu contigo.

*Fílon* - Ficaria contente se tanto de falácia tivessem as tuas palavras, quanto as minhas de verdade; mas eu receio que tu não digas a verdade como eu a digo, isto é, que o amor se não pode disfarçar nem negar por muito tempo.

*Sofia* - Se tu sentes amor verdadeiro, eu não posso estar privada dele.

*Fílon* - O que não queres dizer para não mentires, queres que eu o acredite por conjectura de argumentos. Eu afirmo-te que o meu amor é sincero, mas que é estéril, visto que não pode produzir em ti o seu semelhante, e chega para me agrilhoar a mim, mas não para te prender a ti.

*Sofia* - Porque não? Não tem o amor a natureza de Iman, que une os diversos, aproxima os distantes e atrai os corpos pesados?

*Fílon* - Embora o amor tenha mais poder de atracção que o íman, todavia para quem não quer amar é muito mais pesado e relutante que o ferro.

*Sofia* - Mas tu não podes negar que o amor une os amantes...

*Fílon* - Sim, quando ambos são amantes; mas eu sou apenas amante, e não amado, e tu és apenas amada, e não amante: como queres tu que nos una o amor?

*Sofia* - Quem jamais viu um amante não ser amado?

*Fílon* - Eu! E creio ser para contigo um outro Apolo em relação a Dafne.

*Sofia* - Queres dizer, portanto, que Cupido a ti te feriu com seta de ouro e a mim com a de chumbo.

*Fílon* - Eu não quisera dizê-lo, mas estou a vê-lo, porque o teu amor é por mim desejado mais que o ouro, e o meu é para ti mais pesado que o chumbo.

*Sofia* - Se eu fosse para contigo Dafne, mais depressa seria convertida em louro pelo temor que me causam as tuas palavras, do que ela pelo medo das setas de Apolo.

*Fílon* - Pouca força têm as palavras, porque não podem fazer aquilo que somente os raios dos olhos costumam fazer com um só olhar, isto é, acender o amor mútuo e a recíproca afeição. E, no entanto, com esse resistir-me eu te vejo transformada em louro, tão irremovível do lugar e imutável de propósito, tão difícil de te poder atrair ao meu desejo, por muito que mais e mais me aproxime do teu; e assim és sempre como o loureiro, verde e fragrante, em cujo fruto nenhum outro sabor se encontra senão amargo e acre, misturado com sumo azedo para quem o prove. De maneira que, para mim, estás feita louro em tudo; e se quiseses ver o sinal da tua conversão em louro, olha para a minha surda cítara, que não tangeria se não fosse ornada com as tuas belíssimas frondes.

*Sofia* - Que eu te ame, ó *Fílon*, não seria honesto confessá-lo, nem justo, afinal, negá-lo. Acredita aquilo que a razão considera mais conveniente, se bem que tenhas medo do contrário. E, uma vez que tempo já nos convida ao repouso, será bom que cada um de nós, vá tomar. Tornaremos a ver-nos em breve. Entretanto procura descansar, e lembra-te da promessa.

A D E U S

**Mestre João Faras**

**CARTA DE VERA CRUZ**

27 de Abril de 1500

## Mestre JOÃO FARAS

Bacharel em artes e astrólogo, viveu durante os séculos XV e XVI. Físico e cirurgião de Dom Manuel I.

Seguiu na armada de Pedro Álvares Cabral que descobriu oficialmente o Brasil. Além de ter realizado as primeiras observações astronómicas em terras brasileiras, no dia 27 de Abril de 1500, Mestre João Faras foi o autor da carta, datada de 10 de Maio do mesmo ano, em que relatou essas observações, e na qual incluiu um desenho da região do céu próximo ao pólo austral, onde identificou as estrelas do Cruzeiro do Sul e  $\alpha$  e  $\beta$  do Centauro, que foi o primeiro a descrever e a representar graficamente.

Durante a travessia entre o Brasil e a África, Mestre João registou, ainda, a observação de um brilhante cometa.

MJG

## **Carta de Santa Cruz**

(27 de Abril de 1500)

Senhor,

O bacharel Mestre João, físico e cirurgião de Vossa Alteza, beija vossas reais mãos. Senhor, de tudo o que aqui passou, largamente escreveram a Vossa Alteza, Aires Correia assim como todos os outros, somente escreverei sobre dois pontos.

Senhor, ontem, segunda-feira, 27 de Abril, descemos em terra, eu, o piloto do capitão-mor e o piloto de Sancho de Tovar; tomamos a altura do sol ao meio-dia e achamos 56 graus, e a sombra era setentrional, pelo que, segundo as regras do astrolábio, julgamos estar afastados da equinocial por 17 graus e, em consequência a altura do pólo antártico em 17 graus, segundo está manifesto na esfera. E isto é quanto a um dos pontos, pelo que saberá Vossa Alteza que todos os pilotos vão tanto adiante de mim, que Pero Escobar vai adiante 150 léguas, e outros mais, e outros menos, mas quem diz a verdade não pode-se certificar [que] em boa hora chegaremos ao cabo de Boa Esperança e, ali saberemos quem estar certo, se eles com a carta, ou eu com a carta e com o astrolábio. Quanto, Senhor, ao sítio [posição] desta terra, mande Vossa Alteza trazer um mapa-mundi que tem Pero Vaz Bisagudo e por aí poderá ver Vossa Alteza o sítio desta terra; mas aquele mapa-mundi não certifica se esta terra é habitada ou não; é mapa antigo e ali achará Vossa Alteza escrita também a Mina. Ontem quase entendemos por acenos que esta [terra] era [uma] ilha, e que eram quatro, e que doutra ilha vem aqui almadias a pelejar com eles e os levam cativos.

Quanto, Senhor, ao outro ponto, saberá Vossa Alteza que, acerca das estrelas, eu tenho trabalhado o que tenho podido, mas não muito, por causa de uma perna que tenho muito mal, que de uma caça dura se me fez uma chaga maior que a palma da mão; e também por causa de este navio ser mui pequeno e estar muito carregado, que não há lugar para coisa nenhuma. Somente mando a Vossa Alteza como estão situadas as estrelas do sul, mas em que grau está cada uma não o

pude saber, antes me parece ser impossível, no mar, tomar-se altura de nenhuma estrela, porque eu trabalhei muito nisso e, por pouco que o navio balance, se erram quatro ou cinco graus, de modo que se não pode fazer, senão em terra. E quase outro tanto digo das tábuas da Índia, que se não podem tomar com elas senão com muitíssimo trabalho, que, se Vossa Alteza soubesse como desconcertavam todos nas polegadas, riria disto mais que do astrolábio; porque desde Lisboa até às Canárias desconcertavam uns dos outros em muitas polegadas, que uns diziam, mais [do] que outros, três e quatro polegadas, e outro tanto desde as Canárias até às ilhas de Cabo Verde, e isto, tendo todos cuidado [para] que o tomar fosse a uma mesma hora; de modo que mais julgavam quantas polegadas eram, pela quantidade do caminho que lhes parecia terem andado, que não o caminho pelas polegadas. Tornando, Senhor, ao propósito, estas Guardas nunca se escondem, antes sempre andam em derredor sobre o horizonte, e ainda estou em dúvida que não sei qual de aquelas duas mais baixas seja o pólo antártico; e estas estrelas, principalmente as da Cruz, são grandes quase como as do Carro; e a estrela do pólo antártico, ou sul, é pequena como a do Norte e muito clara, e a estrela que está em cima de toda a Cruz é muito pequena. Não quero alargar mais, para importunar a Vossa Alteza, salvo que fico rogando a Nosso Senhor Jesus Cristo que a vida e estado de Vossa Alteza acrescente como Vossa Alteza deseja. Feita em Vera-Cruz no primeiro de Maio de 1500. Para o mar, melhor é dirigir-se pela altura do sol, que não por nenhuma estrela; e melhor com astrolábio, que não com quadrante nem com outro nenhum instrumento. Do criado de Vossa Alteza e vosso leal servidor.

Johannes - artium et medecine bachalarius



**João de Lisboa**

**TRATADO  
DA AGULHA DE MAREAR**

## JOÃO DE LISBOA (c. 1450-1525?)

Um dos pilotos portugueses mais instruídos e famosos de quinhentos. Navegou durante muitos anos nos mares dos Açores, do Brasil e da Índia. Supõe-se (por informação veiculada pelo cosmógrafo-mor de Espanha, Alonso de Santa Cruz) que tenha participado na primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, em 1497-1499.

Esteve mais de uma vez no Brasil, cujas costas explorou e, diversas vezes na Índia, tendo adquirido muita experiência nessas derrotas. O seu nome foi atribuído a um rio do litoral Norte brasileiro, a uma angra situada cerca de 12° de latitude Sul, na costa ocidental da África, e a uma pequena ilha no oceano Índico, a leste do extremo sul de São Lourenço, na ilha de Madagascar. João de Lisboa julgou ter resolvido o problema do cálculo da longitude no *Tratado da agulha de marear*, datado de 1514 (Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1903 [cod. 61 M – Casa Palmela]). Aí estabeleceu o “meridiano vero”, passando pela Ilha de Santa Maria nos Açores, no qual não há desvio da agulha magnética, ficando sempre fixa no Pólo do Mundo. Fora desse meridiano, a agulha ou, nordesteia ou noroesteia e a variação (crescendo até um máximo de 90° e diminuindo em seguida até novamente se anular no meridiano vero) é proporcional à longitude.

Porém, as suas teorias haviam de ser contestadas pelas observações de Dom João de Castro, o qual constatou, durante a travessia do Brasil para o Cabo da Boa Esperança, em 1536, que “a variação que fazem as agulhas não é por diferença de meridianos”.

Para evitar os cálculos matemáticos os navegadores utilizaram profusamente uma regra expedita, a que Fontoura da Costa (*A Marinharia dos Descobrimentos*, p. 274) chamou “Regra de João de Lisboa”, por se encontrar transcrita no *Livro de Marinharia* deste piloto. Tal procedimento recorre ao número de pontas e de juntas dos dedos de uma mão, num total de 19, para o cálculo do áureo número e, conseqüentemente da epacta.

Aqui se começa o tratado da agulha de marear, achado por João de Lisboa o ano de 1514; pelo qual se pode saber, em qualquer parte que homem estiver, quando é arredado do meridiano vero pelo variar das agulhas.

Item. Primeiramente hás-de saber que as agulhas todas, assim genovesas como flamengas, nordesteam e noroesteam, segundo os lugares onde estão; porque, se forem do meridiano vero para o oriente, fazem conhecimento para o nordeste, tanto quanto vos dele afastais; e sendo do meridiano para o ocidente, fazem conhecimento para o noroeste; e isto se diz noroestar e nordestear.

E porém has de saber que umas fazem mais afastamento do que outras, por serem feitas umas mais orientais e outras mais ocidentais; e porque os antigos não sentiram esta variação, andavam mudando os ferros das agulhas fora da flor-de-lis, para que naqueles meridianos onde as cevavam fossem fixas nos pólos do mundo; e por esta razão achamos nas cartas todas as costas falsas por uma quarta e por duas. E para isto se haver de emendar, era necessário navegar pela verdade; ainda que na costa, enquanto não for emendada [a carta], não navegareis senão pelo costumado, porque com o falso se há-de navegar o falso, e com o verdadeiro o verdadeiro.

## Capítulo I

### *Do comprimento da agulha de marear para verdadeiramente saberes a diversidade das agulhas*

Item. Para verdadeiramente saberes a diversidade das agulhas, é necessário fazer-se uma agulha a maior que se puder fazer, e há-de se bem compassada; e em a flor-de-lis se hão de pôr os ferros sem tomar de nordeste nem de noroeste; porque costumavam alguns, como dito é, (tirá-los) fora da flor-de-lis por uma quarta e duas e mais, segundo era fora do meridiano fixo, o que eles não sentiam; mas a verdade disto é serem assentadas na dita flor-de-lis.

## Capítulo II

### *Da maneira como se há-de fazer a caixa*

Item. Esta caixa ha-de ser terçada toda por dentro da redondeza, por cima e por baixo, em 32 partes iguais, para que estas quartas respondam às quartas da rosa, a saber, rumo com rumo e quarta com quarta; e não respondendo, como dito é, será falsa, e por ela não se pode fazer verdadeira operação, mas antes, será tudo falso.

E esta rosa há-de ser tamanha que ande junta com a extremidade da caixa, para bem apontar pelas quartas que são feitas ao longo da redondeza da caixa.

## Capítulo III

### *Como se há-de traçar a caixa de fora*

Item. Esta caixa de fora há-de ser repartida em quatro partes iguais, a saber, norte, sul, leste e oeste; e em os dois pontos do norte sul há-de andar um semi-círculo ou mostrador, para por ele [se] bornear a estrela à maneira de quadrante; e assim nesta caixa há-de ser uma esfera, e há-de ser firme sobre os outros dois pontos de leste [e] oeste.

E esta caixa há-de ser bem direita, que não penda mais a uma banda do que a outra, para que esteja tudo em uma linha direita, porque assim como borneares ao norte bornearás ao sul, e assim também quanta parte te nordestear, outra tanta te vem o sul ao sudoeste; e dando a agulha estas partes iguais, o instrumento é igual e verdadeiro. E para melhor haveres de meter a caixa por linha direita com o semi-círculo, lançar-lhe-ás por baixo do espelho uma linha ou fio de arame que divida a caixa e a rosa em duas partes iguais; e esta linha se meterá sempre em uma linha com o mostrador; por ali hás-de bornear a estrela.

## Capítulo IV

### *Para saberes como se deve tomar a estrela do Norte pela agulha de marear*

Item. Quando houveres de tomar a estrela do norte, para verdadeiramente estar em linha direita com os pólos do mundo hás-de

(38) aguardar que as guardas estejam na linha do nordeste ou do sudoeste; porque nestes dois lugares está a estrela do norte em linha direita do norte e sul com o pólo do mundo, a saber: estando 3 graus e 1/2 (39), por linha direita, [e] neste tempo hás-de ver a diferença de tua agulha; assim mesmo, estando as guardas na linha do sudoeste, está o norte acima do pólo 3 graus e 1/2 por linha direita, [e] então verás a diferença que faz tua agulha.

Assim, é nestes dois lugares que hás-de ver tua agulha, porque nos outros seis que ficam para o cumprimento dos oito, o norte declina, ora ao oriente, ora ao ocidente do pólo do mundo; e portanto faz a operação nos ditos dois lugares.

Para melhor saberes onde está o norte, te é necessário ter conhecimento de uma estrela que se chama Meca; e esta anda junta com o norte, e andam ambas em uma linha; esta Meca e o norte andam das guardas nove horas, assim que estando o norte e a Meca em linha, estão as guardas em linha; e por esta maneira verás onde está a Meca; e ali em aquela linha verás o norte, e nisto não há dúvida.

## Capítulo V

### *Conhecimento em que se declara como haveis de tomar a Estrela do Sul*

Item. Porque nos é necessário, quando andamos da parte do Sul da equinocial, sabermos mesmo assim a verdade das agulhas, e assim saber quanto vos afastais da linha direita, que é o meridiano vero, ordenei de experimentar da parte do Sul, e achei conforme ao pólo ártico; e a regra é a que se segue.

#### Regimento do Cruzeiro do Sul

Quando navegares da parte do Sul da linha equinocial, te é necessário que tenhas conhecimento das estrelas, a saber a Suhail e Salabar ou de as que são mais propínquas ao pólo; mas por escusar trabalho, que ora indo vós sem mim estareis duvidoso de as conhecer, determinei fazer declaração sobre o Cruzeiro, por ser [o] mais claro sinal de que todos têm conhecimento; o qual por muitas vezes Pêro Anes, que Deus tem, e eu experimentámos muitas vezes com o norte, e [os] achámos, estando em parte que bem viamos ambos os ditos sinais, em uma linha com os pólos do mundo, isto por uma agulha, estando em Cochim. E por este Cruzeiro ser o mais manifesto sinal dos

navegantes, e em ele não haver nenhum embaraço determinei de sobre ele fazer declaração, como fiz ao norte.

Item. Saberás que neste Cruzeiro do Sul andam cinco estrelas, as quatro delas são grandes, da segunda grandeza, e uma da quinta grandeza; esta é mortificada em respeito das outras. E esta figura do Cruzeiro conhecerás por uma esfera plana, na qual assinei as ditas estrelas na latitude que tinham do pólo, e assim as caratulas dos sinais, segundo são afiguradas.

Item. Quando houveres de tomar este Cruzeiro hás-de aguardar que seja feito, a saber, que esteja direito, e esteja estrela da cabeça com a do pé em uma linha perpendicular; então estão esta estrela do pé e a da cabeça em uma linha com o pólo do mundo, a saber, estão nortesul; então hás-de tomar altura, e, estando assim, está a estrela do pé afastada do pólo do mundo 30 graus, e tem de declinação da linha equinocial 60 graus; e estando assim direita, como dito é, então farás tua operação propriamente como fizeste ao norte; e se caso for que o Cruzeiro desalinhar, logo o verás pela figura [...] que será acostado [...], [e] é falso, o qual se bem vê muito melhor que o norte; se não for bem direito não o tomes, porque é fora de linha com o pólo. E assim que hás-de entender que quanto a agulha tomar do sudoeste ou do sueste pelas quartas da caixa já dita, outro tanto tomará a flor-de-lis opositamente da parte do norte, assim quanto tomar de uma parte, tanto se tomará da outra ao contrário.

#### Do Cruzeiro do Sul

Item. Hás-de saber que por este Cruzeiro verás quanto estás afastado da equinocial verdadeiramente, e assim hás-de saber se és debaixo dela, e isto mais sem trabalho que pelo Sol. E este Cruzeiro é necessário a todos os navegantes, porque às vezes se enleiam no cambar das sombras, o que não fariam se tivessem conhecimento [da estrela] do sul, porque esta lhes diria onde são; e assim às vezes temos o Sol perpendicular e não nos podemos aproveitar da altura do Sol, [e] então [é] muito melhor tomar a estrela, por ser bem grande e clara. A qual tem de declinação do pólo do mundo 30 graus, como dito é. E a estrela da cabeça, se a quizeres tomar, também a podes tomar, [e o mesmo das dos braços], sabendo dos seus movimentos circulares, a saber: a da cabeça tem de afastamento 35 graus, e as dos braços, a de leste tem 34 graus, e a de oeste tem de afastamento 33 graus; e isto se entende do pólo do mundo austral.

Quando houveres de tomar altura pelo Cruzeiro, tomarás pela estrela do pé, por ser mais propínqua ao pólo; e não podendo haver esta, tomarás pela da cabeça; e tomando a do pé verás quantos graus são os que tomares, e se tomares 30 estarás na linha equinocial; e não tomando os 30 graus, como dito é, os que menos forem de 30 serás apartado ao norte da equinocial, sendo tomada altura em 35 graus ou mais, os que passarem de 30 graus serás apartado da linha equinocial para sul. E isto porque, quantos graus forem tomados mais de 30 graus sois ao sul equinocial, e quantos menos forem de 30 sois da equinocial [para o norte]; e por esta razão sabereis pelo Cruzeiro quanto sois afastado da equinocial.

E assim se pode este Cruzeiro tomar em todos os outros lugares, dando-lhes nas linhas 15 graus, acima ou abaixo, e em os braços nada, segundo o lugar onde estiver; e por esta maneira, que dita é, fareis com o Cruzeiro como com o norte.

## Capítulo VI

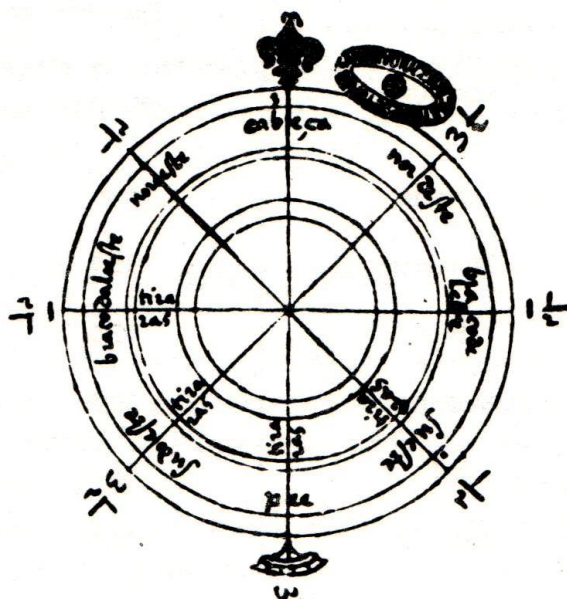
### *Em que se declara como hás-de ter a agulha nas mãos*

Ao tomar esta agulha na mão, hás-de olhar que a tenhas sempre ao nível, porque estando acostada é falsa, e não se fará [por ela] a verdadeira conta. E assim mesmo hás-de ver que o seu círculo não jaza acostado, mas antes do zénite (102) dele caia uma linha com chumbo pelo meio da rosa; e, vindo assim, então está [preparada] para se fazer verdadeira operação. Então bornearás pelos furos do semi-Círculo [o] pé do Cruzeiro, até que seja metido pela abertura; então verás onde aponta a flor de liz da agulha, pelas quartas que vão ao longo da caixa, e onde apontar, aquela é a diferença de tua agulha; e assim verás o afastamento, se é para o oriente ou para o ocidente; e assim verás o paralelo em que estás, para saberes quanto hás-de dar por quarta, porque as quartas não são iguais em léguas, por respeito da estreitura da esfera.

Estes são os paralelos, e quanto vale cada quarta da agulha que te noroestear ou nordestear:

Item. Na equinocial vale a quarta da agulha que noroestear ou nordestear.

Item. A cinco graus da equinocial vale a quarta Item. A dez  
 graus da equinocial vale a quarta Item. A quinze graus da equinocial  
 vale a quarta Item. A vinte graus da equinocial vale a quarta  
 Item. A vinte e cinco graus da equinocial vale a quarta  
 Item. A trinta graus da equinocial vale a quarta  
 Item. A 35 graus da equinocial vale a quarta  
 Item. A 40 graus da equinocial vale a quarta  
 Item. A 45 graus da equinocial vale a quarta  
 Item. A 50 graus da equinocial vale a quarta  
 Item. A 55 graus da equinocial vale a quarta  
 Item. A 60 graus da equinocial vale a quarta  
 Item. A 65 graus da equinocial vale a quarta



Roda com o Regimento da Estrela do Norte (Polar)  
 João de Lisboa



## [Capítulo VII]

### *Regra para saberes cevar a tua agulha de marear*

350 léguas 347 léguas 342 léguas 336 léguas 329 léguas 320  
léguas 304 léguas 280 léguas 264 léguas 249 léguas 226 léguas 203  
léguas 175 léguas 164 léguas

Saberei que para cevar [a] agulha de marear perfeita[mente], conforme aos padrões de Portugal, há-de ter os ferros da rosa no meio da flor-de-liz, e não afastados dele coisa alguma, como têm algumas que se fazem em Flandres, que não são certas, como isto está sabido por certa experiência; para serem as agulhas verdadeiras convém terem os ferros na flor-de-lis, como já disse.

E para saber bem cevar a minha agulha de marcar, tomarei a pedra de cevar a qual com um relógio mo tira bem ao norte da dita pedra; e depois de o ter achado, olharei a marca que tem a pedra para o norte [e tocá-la-ei] com a ponta do ferro da rosà, em tanta maneira que veja ficar no ferro muitas barbas da virtude da pedra; e como assim estiver feito, saberei estar bem cevada a minha agulha, em o qual cevamento está muita parte de ser verdadeira, como é necessário.

## Capítulo VIII

### *Que declara a causa do noroestear e nordestear das agulhas*

Convém saber: o mundo é redondo, como ele mesmo se mostra e por muitas experiência[s] é sabido; e os pólos sobre que estes céus [do mundo] se movem são dois, pólos ártico e antártico.

E temos sabido que a dita agulha de marcar tem um ferro de norte e sul; e sendo este ferro cevado na pedra de cevar, assim o [seu] pólo norte como o [seu] pólo sul são tão sujeitos aos pólos ártico e antártico do mundo, pelo dito cevamento da pedra, por Nosso Senhor influir nela uma tão singular virtude, que em nenhuma parte repousa nem descansa, senão quando diretamente [os ferros] com a flor de liz se enfiem em direito com os ditos pólos do mundo.

E quando a dita agulha se acha em parte onde se diante põe a redondeza da terra e mar entre a agulha e pólo, pelos desejos naturais que tem o dito pólo, se inclina aquela onde [o pólo] lhe é mais propínquo, o que lhe causa o seu noroestear e nordestear. E quando faz este movimento, tendo o dito pólo à sua vista em muita altura,

também se lhe causa esta diferença da muita influência que recebe do dito pólo.

E se no Cabo das Agulhas, que está junto do Cabo da Boa Esperança, 28 léguas a leste dele, e no Cabo de Santo Agostinho, e em outra alguma parte a dita agulha está com os pólos do mundo fixa, é porque ali está de todo recebendo seu descanso, tirada dos acidentes já ditos, por ser mui alongada do dito pólo.

E posto que neste caso possa haver outras considerações, esta aprovo por mui boa, por a ter já imaginada por muitos dias que (112) me tenho dado à sua contemplação.

### Capítulo IX

*Em que se declara onde havemos de tomar este meridiano vero, e assim a quantidade da quarta; e depois das outras, começando da equinocial para os pólos do mundo*

Item. Hás-de-saber que este meridiano vero, onde as agulhas verdadeiramente ferem o pólo do mundo ártico, divide a Ilha de Santo Maria e a Ponta da Ilha de São Miguel, que são nas Ilhas dos Açores; e divide a esfera em duas partes iguais, e passa entre as Ilhas de Cabo Verde, por cima da Ilha de São Vicente, e assim passa entre o Cabo da Boa Esperança e o Cabo Frio. E aqui, neste merediano achei sempre as agulhas fixas no pólo do mundo, e quando dele me saía logo as agulhas faziam conhecimento. E porque nunca fui em parte que achasse conhecimento de outro meridiano, não faço declaração senão deste, e porque todo o al será opinião [e não observação], ainda que a esfera sólida o manifeste.

### Capítulo X

*[Para saberes quantas léguas estás arredado do meridiano vero]*

Item. Se quiseses saber quanto estás arredado do meridiano vero dos pólos fixos, a saber, de 30 graus até os 45 de entre ambos os pólos, saberás que em qualquer quarta que vai fora do meridiano, releva por quarta 250 léguas; e assim vai em todas as quatro quartas que não é mais larga nem baixa [conta], nem para leste nem para

oeste, que as ditas 250 léguas, e isto desde o meridiano até chegar às quatro quartas, quer para a parte de leste quer para a parte de oeste; porque só chega às quatro quartas, e logo torna a buscar seu meridiano de grau em grau, assim no modo e maneira que subiu.

E há deste meridiano a este pólo móvel 2000 léguas, e deste meridiano até o outro meridiano há 4000 léguas por esta altura dos 30 graus até os 45 graus de norte-sul; também vem pela outra parte pela mesma guisa. Se tiveres dúvida toma uma agulha em cima da esfera, que diga pólo com pólo, a saber, o norte da agulha com o pólo (norte) da esfera; e anda com a agulha em cima da esfera, andando tudo juntamente, e ali verás a diferença de quantas quartas quizeres; as quatro quartas é o mais alto, e dali logo vai buscar o seu meridiano e desfaz o que subiu, assim como desce assim sobe, como se manifesta.

Item. Saberás que desta cidade de Lisboa [a] 62 léguas e  $\frac{1}{2}$  está o meridiano vero dos pólos fixos, onde ali, naquele lugar, as agulhas ferem justo na metade do norte, e a razão é esta: se em cada quarta releva 250 léguas, [o] que releva em  $\frac{1}{4}$  de quarta, que a agulha nesta cidade [de] Lisboa nordesteia, soma 62 léguas e  $\frac{1}{2}$ ; e assim multiplicarás por toda a parte, onde quer que te achares. O Sol ao Sul [é] meio dia, e também ao norte [é] meio dia, quando andares entre os pólos; porém, para saberes a verdade quanto estás afastado do meridiano [vero], marca o norte pela agulha, e a diferença que tem o instrumento que sabes, e conhecerás a diferença de quanto estás arredado do meridiano [vero], porque estando tu no meridiano justo, a agulha fere no pólo, nem mais nem menos. E quando [fores] dali em fora, logo diz a diferença do seu peso, como faz a balança, que quando põem mais a uma parte do que a outra, logo [a] prejudicam em seu equilíbrio.

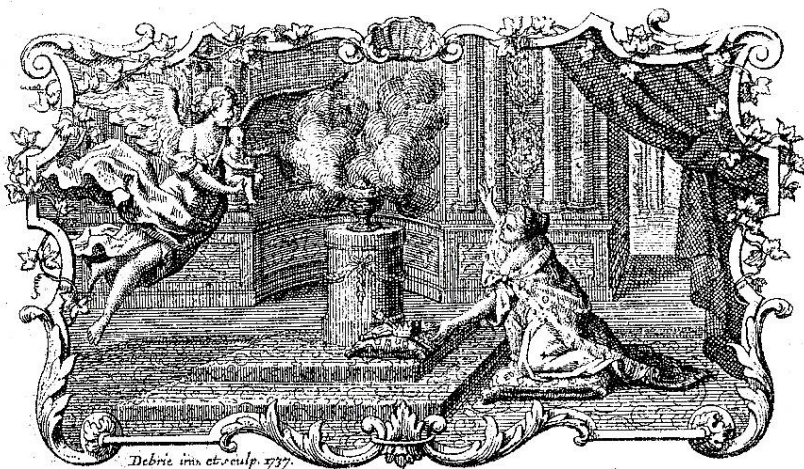


**Manuel J. Gandra**

**OS HORÓSCOPOS DE  
DOM SEBASTIÃO  
(1554-1578?)**

*O Desejado* à luz da Astrologia judiciária





### A PRINCESA D. JOANA, MÃE DE D. SEBASTIÃO, TEM A VISÃO DE UM ANJO QUE LHE TRAZ O FILHO DO CÉU

A ideia da predestinação do *Desejado* deduz-se deste cabeção gravado por Debrie (1727) que ocorre no primeiro tomo das *Memórias para a História de Portugal que compreendem o governo del Rey D. Sebastião* (1736) de Diogo Barbosa Machado.

O nascimento de D. Sebastião, “às oito horas da manhã pouco mais ou menos”, do dia 20 de Janeiro de 1554 (apenas 18 dias volvidos sobre o falecimento do Príncipe Dom João, seu pai) foi tido por milagroso <sup>94</sup> e, de acordo com o verso de Diogo de Teive, desejado de toda a gente (*Ut expetitus uotis fuit*): [com o seu nascimento] “enxugou Nosso Senhor nossas lágrimas, dando-nos novos espíritos e nova esperança”.

Conta-se, para dar ênfase ao carácter miraculoso e providencial do nascimento, que, quando a princesa D. Joana, mãe do *Desejado*, se

---

<sup>94</sup> Francisco de Andrada dá o nascimento como ocorrido “às oito horas da manhã pouco mais ou menos [...]”. Cf. *Crônica de D. João III* (ed. M. Lopes de Almeida), Porto, 1976, p. 1192. Já as 7 h e 18 m adoptadas por João Baptista Lavanha, na Carta do Céu que levantou, são mais fidedignas, uma vez que sendo ele astrólogo e cosmógrafo, estaria ciente da necessidade de exactidão do processo de cálculo. Ver *infra*.

achava em trabalho de parto, ter-se-á manifestado um anjo a D. Catarina, o qual lhe terá dito:

"Não tenhas susto nem cuidado, porque da parte de Deus vos venho certificar que a princesa parirá um filho varão que será o assombro do mundo. Três vezes passará ele a África. Da primeira vez nada fará, da segunda ficará perdido e da terceira destruirá tudo" <sup>95</sup>.



#### **ARMADA CRUCIFORME E EXÉRCITO ANTROPOMÓRFICO, NO CAMPO DE ALCÁCER**

*Armada em forma de Cruz e Exército antropomórfico no campo de Alcácer*

Desenhos de Francisco de Holanda consignados, em 1571, no *Da Fabrica que falece ha Çidade de Lysboa* (fl. 44r-44v). Nessa obra o artista convida o soberano a passar a África para levar a cabo a *Santa Empresa* que o "forte nome de Sebastião promete" (fl. 45r).

Uma vez garantida a sucessão dinástica e salvaguardada a independência nacional, o carisma providencialista, antes apanágio do Príncipe D. João, seu pai, transferir-se-ia para D. Sebastião que jamais o enjeitaria.

---

<sup>95</sup> . D. Sebastião deslocou-se a Marrocos, em 1571, uma primeira vez, e a segunda no ano de 1578... Cf. os dois desenhos de Francisco de Holanda consignados no *Da Fabrica que falece ha Çidade de Lysboa* (1571): *Armada em forma de Cruz* e *Exército antropomórfico* (fl. 44r-44v).



Segundo uma das testemunhas de acusação de António de Gouveia, padre, alquimista, astrólogo e médico, este prognosticara, já em 1557, que:

“[...] el rei nosso senhor este novo havia de ter uma enfermidade em idade de onze anos e que se escapasse dela, chegando a catorze, reinaria em Fez [capital do Reino de Marrocos]” <sup>96</sup>.

O *Memorial* de Pedro Roiz Soares é neste particular determinante para a caracterização das reacções da opinião pública lisboeta, testemunhando o paroxismo profético, apocalíptico e messiânico do nem sempre discreto activismo joaquimita que a Inquisição não lograria silenciar <sup>97</sup>.

D. Aleixo de Meneses, aio de D. Sebastião, recebeu de um pajem, no próprio dia em que iniciou as suas funções, um papel, verificando, ao abri-lo, que continha uma inscrição dizendo: “Se Vossa Mercê quizer ver, e saber, avida e espantosos sucessos desse príncipe que hoje lhe entregaram, leia esse papel” <sup>98</sup>.

Era insistentemente invocado um presságio adaptado dos capítulos I e II do *Oráculo Profético*, supostamente oferecido por um anjo a São Cirilo e, originalmente, interpretado como reportando-se ao conflito entre as casas de Anjou e de Hohenstaufen:

“No ano de 1554 [o do nascimento de D. Sebastião] nascerá um sol, no dia de S. Fabião e Sebastião, e se eclipsará, e será pisado com um aguilhão de muito desprezo numa como cova ou casa pequena de três ou quatro sobrados, cercada de grades. Andará sujeito ao azorrague, e depois, brevemente, senhareará o Mundo.”

O próprio monarca havia de dar sinal, em 1570-1571, do seu empenho no movimento das ideias joaquimitas coetâneas. E fá-lo-ia justamente no período em que se efectiva a autonomização do seu

---

<sup>96</sup> ANTT: Inq. Lisboa, proc. 12870, fl. 22v-23r. Cf. Manuel J. Gandra, *O Químico-Hermético Português António de Gouveia (1528-1575), e os seus dois processos inquisitoriais (transcritos por Pedro A. Azevedo)*, Mafra, 1998.

<sup>97</sup> Ed. Manuel Lopes de Almeida, v. 1, Coimbra, 1953, p. 385-386.

<sup>98</sup> Cf. Christopher C. Lund, *Anedotas Portuguesa e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista*, Coimbra, 1980, p. 32. D. Aleixo não leu o papel, queimando-o, alegadamente para evitar que a criação de D. Sebastião estivesse “livre de tremores, e sobressaltos de maus agouros, e que Deus dispusesse dele o que mais fosse servido”.

projecto político face à regência, quando concebe retomar a conquista do Norte de África, alegada chave para a resolução de todos os problemas ingentes do Império português.



#### **MEDALHA COMEMORATIVA DA ADOPÇÃO DE EMPRESA PRIVATIVA POR DOM SEBASTIÃO**

Em 1570, o monarca decide transpor o tópico do Império para a sua empresa particular, cunhando medalha comemorativa (cobre, Ø 45 mm), onde aquela se observa no reverso: um peixe preso a uma concha (bivalve), a flutuar sobre as águas do mar. No campo, do lado direito em cima, a Lua em quarto crescente, sete estrelas (*Ursa Minor* ou *Stella Polaris*) e a divisa SERENA CELSA FAVENT. Associada às águas e à lua, a concha (concepção) simboliza o berço daquele que nasce segunda vez (ressuscitado), no caso vertente, o peixe (Cristo) ou Cristão (D. Sebastião) favorecido pelos Céus e por eles guiado ou predestinado. No anverso, acha-se figurado o próprio monarca, meio corpo de frente, em cabelo, junto de uma mesa sobre a qual repousam um breviário e uma esfera armilar (reprodução invertida da gravura de Cook, de 1561), e a inscrição circundante em linha dupla: SEBASTIANUS D[omi]ni G[ra]tia REX PORTUGALLIAE ARABIAE IN. / ANNO AETATIS XVI / DIAE ET AFRICAE.

Documentando essa faceta pouco explorada do imaginário sebástico que precedeu a batalha de Alcácer Quibir, tem-se a medalha supra <sup>99</sup> e o retrato marcial, de meio corpo, de *D. Sebastião como DUX*

<sup>99</sup> Os exemplares autênticos dela são raríssimos (da colecção de D. Luís, subsiste um no Palácio dos duques de Bragança, em Vila Viçosa), sendo conhecidas, no entanto,

(*Vingador e Restaurador do Cristianismo*), extraordinária ilustração retórica da Monarquia Cristã e Universal, à semelhança dos retratos de Carlos V pintados por Ticiano. Com efeito, emulando a pose imperial dos Habsburgos, da mesma maneira que Carlos V imitara Maximiliano I, Dom Sebastião é retratado como *miles christianus* (cavaleiro cristão), de armadura, a mão direita no quadril e a esquerda no punho do *gladium mundi*, insígnia do poder supremo, distintivo por excelência do defensor da fé (*cultor gladii*). O cão lebréu à dextra, também inspirado na iconografia de Carlos V (retrato pintado por Jakob Seisenegger, em 1530), denuncia o carácter gibelino (antipapal) do projecto sebástico. Certamente, esse o motivo por que o retrato não terá sido conservado no Vaticano, acabando por ser adquirido num antiquário romano pelo conde de Penha Longa e oferecido ao Museu Nacional de Arte Antiga, em 1909<sup>100</sup>.

Sabe-se, por intermédio de duas cartas da rainha D. Catarina ao embaixador português em Roma, que foi ela quem tomou a iniciativa da encomenda e a pagou e que o destinatário da obra era o Sumo Pontífice, o papa Pio V (1566-1572), em pessoa<sup>101</sup>.

Todavia, a importância deste retrato advém-lhe da circunstância de manifestar uma semântica que ultrapassa largamente o mero objectivo de dar a conhecer a fisionomia do indivíduo representado.

Trata-se, com efeito, de um retrato emblemático.

É que D. Sebastião, tal como Carlos V, seu avô<sup>102</sup>, e Filipe II, seu tio, haviam feito, quis ser retratado como Monarca Universal, o

---

diversas cópias realizadas por meio da galvanoplastia. A reprodução que consigno consta do *Sylloge Numismatum elegantiorum quae diversi Imp. Reges Principes comites respublicae diversas causas...* (1620) [BPNM].

<sup>100</sup> Óleo sobre tela (990 x 850 mm) [MNAA: Pintura, inv. 1165]. Superiormente, a legenda: *Rex Portugal rum et Algarbiorum XVI*. Cf. João Loureiro de Figueiredo, *A Armadura de el-rei D. Sebastião no retrato atribuído a Cristóvão de Moraes*, in *Belas Artes*, n. 4-6, 1984, p. 147-148; *Catálogo 17<sup>a</sup> Exposição*, MNAA, p. 175.

<sup>101</sup> O retrato foi encomendado a 4 de Abril de 1571, pago adiantadamente, em 13 de Maio, e só concluído no final do ano. Ver Fernando António Baptista Pereira, *O Retrato de D. Sebastião do Museu Nacional de Arte Antiga: uma leitura iconológica*, in *Prelo*, n. 11 (Abr.-Jun. 1986), p. 53-66 e *O Retrato do Rei Sebastião como Cavaleiro do Graal*, in *Cavalaria Espiritual e Conquista do Mundo*, Lisboa, 1986, p. 61-81.

<sup>102</sup> Carlos V fora pintado com o lebréu por Jakob Seisenegger, em 1530, certamente influenciado pelo seu chanceler Mercurino Gattinara, leitor atento da *Monarquia* de Dante, que aconselhou o imperador a apresentar-se como herdeiro de César e cabeça coroada da *Monarquia Universal*. Ver Ramon Menendez Pidal, *Ideia imperial de*

"Cinquecento diece e cinque" (515), DVX (aliás, DXV) ou Veltro (cão lebréu = galgo), agente da *Tribulatio* e da *Renovatio* e, de acordo com a tradição gibelina assimilada pelo joaquimismo, enviado por Deus para aniquilar "a meretriz e o gigante que delinque com ela" <sup>103</sup>, i. e., Roma.

Um trecho da *Divina Comédia* de Dante serve apropriadamente de legenda ao retrato:

“Olha esta fera por que me voltei;  
e me protege, ó sábia personagem,  
que em veias e em pulsos vacilei.  
Pois te convém fazer outra viagem,  
me respondeu quando chorar me viu,  
se fugir queres tal lugar selvagem:  
que esta fera, que ao grito te impeliu,  
ninguém deixa passar por sua via,  
até matar, de tanto que impediu;  
natura tão malvada e vil afia,  
que não mais enche o apetite bruto  
e após comer mais fome a insacia.  
A muitos animais dá coito hirsuto  
e mais serão ainda, té o Lebréu  
chegar que a vai fazer morrer de luto.  
Não sendo estanho ou terra o cibo seu,  
sapiência será, e amor, virtude,  
e seu país será de céu a céu.  
Aquela humilde Itália a salvo escude,  
[...].  
Há-de este dar-lhe caça em toda a vila,  
Até voltar a pô-la lá no inferno,  
lá de onde foi a inveja a desferi-la” <sup>104</sup>.

---

Carlos V, Madrid, 1941, p. 18 e 28 e Marcel Bataillon, *Charles Quint Bon Pasteur, selon Cipriano de Huerga*, in *Bulletin Hispanique*, v. 50 (1958), p. 398-406. Cf. soneto *Al Rey Nuestro Señor* de Hernando de Acuña e a balada *Incitamiento y conducta contra el gran Turco a toda la Cristandad* (in *Cancionero de Romances*, 1550). Américo Castro, *La Realidad Histórica de España*, México, 1962, p. 52-53.

<sup>103</sup> *A Divina Comédia*: Purgatório, XXXIII, 43-45.

<sup>104</sup> *Idem* (trad. Vasco Graça Moura), Lisboa, 1995, Inferno, I, 88-111, p. 35-37. Existe em Portugal um único códice dantesco [BN: Iluminados 55], que se crê possa remontar ao último quartel do séc. XIV (doação do bispo de Beja, D. frei Manuel do Cenáculo Vilas-

Sabido que o *Veltro* manifesta o DVX e que o vocábulo italiano que o designa (*cane*) se aproxima foneticamente de *Khan* (Senhor), título que os europeus atribuíam aos soberanos orientais de raça mongol e turco-tártara a quem conferiam, por confusão com o Preste João, a função de Rei do Mundo <sup>105</sup>, foi reivindicando-se da prerrogativa hierático-real de Melquisedeque (como encarnação dos dois Poderes nele sintetizados) que D. Sebastião se fez retratar como *Vingador e Restaurador* da autoridade Imperial <sup>106</sup>.

De facto, acompanham essa sua imagem como *Senhor Universal*, detentor dos dois Poderes (*Rex et Sacerdos, lex animata in terris*), os atributos inerentes ao cargo imperial (a Paz e a Justiça) que, na visão gibelina, são a manifestação de um carisma indefectível e ahistórico, fonte do direito natural e divino. Ostenta-os, respectivamente, na disposição peculiar dos anéis nos dedos de Júpiter (indicador) e Mercúrio (mínimo) da mão direita, ou da *Misericórdia* (aquela que abençoa: “in dextera, tanquam digniore, qua sacrae benedictiones impenduntur”), insígnias da aliança ou *Mysticus Coniunx* do Esposo com a República, da investidura na dignidade e jurisdição próprias à *Autoridade Espiritual* (ideia que o galgo ou cão

---

Boas, em Março de 1797). Segundo Rodrigues Lapa a influência de Dante manifesta-se entre nós, “no período galego-castelhano, mas vai-se acentuando cada vez mais até que no último quartel do séc. XV dá lugar a uma forma de poesia”, que foi comunicado a Portugal por intermédio de Juan de Mena e do Marquês de Santillana, tornando-se evidente na *Tragédia de Ia Insigne Rainha D. Isabel* do condestável D. Pedro e nas produções alegóricas do *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* (1516), da autoria de Duarte de Brito (v. 1, p. 337-368), D. João Manuel (v. 2, p. 37-40 e 58-75), Luís Henriques (v. 3, p. 93-96), Diogo Brandão (idem, p. 44-52), Garcia de Resende (v. 5, p. 357-364) e de Henrique Mota (idem, p. 217-224). Cf. *Dantismo e Petrarquismo*, in *Lições de Literatura Portuguesa: época medieval*, Coimbra, 1956, p. 418-420. Henrique de Campos Ferreira Lima regista igualmente influências em Bernardim Ribeiro (*Éclogas e Menina e Moça*), Camões (*Redondilhas, Sonetos, e Os Lusíadas*) e Gil Vicente (*Trilogia das Barcas*). Cf. *Dante em Portugal e no Brasil: ensaio bibliobionográfico*, in *Estudos Italianos em Portugal*, n. 4-5 (1941) e Giacinto-Manuppella, *Dantesca Luso-Brasileira*, Coimbra, 1966, p. 12-18. Dante canta “Il calavrese abate Giovacchino / Di spirito profetico dotato”, no Paraíso, XII, 140-141.

<sup>105</sup> Julius Evola, *Le Mystère du Graal et l'Idée Imperiale Gibeline*, Paris, 1974, p. 72-78.

<sup>106</sup> Consultem-se: René Guénon, *O Esoterismo de Dante*, Lisboa, 1978; Lima de Freitas, *Le 515 de Dante retrouvé au Portugal*, in *Les Templiers, le Saint-Esprit et l'Âge d'Or*, Tomar, 1985, p. 65-80, *Os Painéis (talvez) de Nuno Gonsalves, o Duplo Paraclete e o 515*, in *Via Latina*, n. 3, (Mai. 1991), p. 45-50 e 515 - *Le lieu du miroir: art et numérologie*, Paris, 1993.

lebréu, do mesmo lado, reafirma)<sup>107</sup> e na colocação da mão esquerda, a do *Rigor (Poder Temporal)*, no punho da espada (arma tradicionalmente associada à noção de Justiça: *Gladium mundi*)<sup>108</sup>.

A astrologia, designadamente a *mundial*, alimentada pelos meios joaquimitas nacionais, mas também a *judiciária*, havia de coadjuvar tais expectativas.

Convém recordar que, apesar de a astrologia *judiciária* ser condenada pela Igreja e a sua prática alvo de censura, por infringir o dogma do “Livre Arbítrio” humano<sup>109</sup>, as *Ordenações do Reino*<sup>110</sup>, que prescreviam penalidades contra quantos se dedicassem a adivinhar futuros contingentes, ressalvavam delas os astrólogos: “Porém isto não haverá lugar nas pessoas que, vendo primeiro as nascenças das pessoas, disserem alguma coisa segundo seu juízo e regra da dita Ciência”.

Com efeito, no final da Idade Média a astrologia granjeara uma aceitação quase generalizada, sendo legião os seus adeptos. Reis, príncipes, e áulicos mantinham astrólogos nas suas cortes, eles próprios aderindo frequentemente à arte.

Portugal não foi excepção.

---

<sup>107</sup> Donde a castidade (não a misoginia, ou a aversão a mulheres!) e a relutância em casar (não a repugnância pelo casamento!), salvo "con provecho de mis Reinos", como confessava em carta à mãe. Ernest H. Kantorowicz, *The King's two Bodies*, Princeton, 1957 e Marc Bloch, *Les Rois Thaumaturges*, Paris, 1983 (liv. II, cap. II, p. 159-183) sublinham o valor dos anéis reais como talismãs profiláticos denominados entre nós *sortelha* ou *sortela das virtudes*. Teixeira de Aragão, *Anéis: estudo*, Lisboa, 1887, p. 15, trata da liturgia de recepção e do simbolismo do anel episcopal.

<sup>108</sup> Dom Sebastião recebeu duas espadas (*gladium mundi*) ofertadas pela Santa Sé, alusão à sua investidura como *cultor glaudii*, i. e., defensor da Fé: em Setembro de 1567 e em Outubro de 1574, respectivamente.

<sup>109</sup> Cf. Fr. António de Beja, *Contra os Juízos dos Astrólogos*, Lisboa, 1523, ou a edição de J. de Pina Martins, *Fr. António de Beja contra a Astrologia Judiciária*, Lisboa, 1962. Ver também a *Bula Terrae et Coeli Creator* (1586) de Sisto V. O cronista Cristóvão Rodrigues Acenheiro terá, decerto, pregado no deserto quando adversa a astrologia *judiciária*: "Nom deixo d'escrever que hu Estroleguo saiba a vertude dos Planetas más, ou boas de suas influencias pro suas regras Astrologais naturalmente: o Senhor Deos he sobre natural, e ussa de sua piadade como o que fêz milagrosamente: Deos atero, que todo vê amte sim, e Estroleguo vê por pineiras, como sol cris [eclipsado]; e asim que fica emguanado com seu saber, como se vê cada dia ao olho". Cf. *Chroncias* [sic] *dos Senhores Reis de Portugal*, in *Collecção de Inéditos de História Portuguesa*, Lisboa, 1936, v. 5, p. 363.

<sup>110</sup> Título III, livro 5.

A dinastia de Avis e o seu círculo áulico foram muito permeáveis à astrologia, porquanto se Dom João I <sup>111</sup>, os Infantes Dom Pedro <sup>112</sup> e Dom Henrique <sup>113</sup>, Dom Manuel I <sup>114</sup> lhe eram muito afeiçoados, a Afonso V se atribui um tratado, hoje perdido, sobre a *Constelação do Cão Maior*, alegadamente regente da nação lusíada por intermédio da estrela *Sirius* <sup>115</sup>.

A título de exemplo, Francisco de Holanda colocaria a astrologia entre as ciências que convêm ao pintor no *Da Pintura Antiga* <sup>116</sup>.

Por outro lado, as sucessivas edições do *Repertório dos Tempos* e do *Tesouro de Prudentes*, bem como o sem número (manuscrito ou impresso) de efemérides e tábuas náuticas <sup>117</sup>, prognósticos, lunários, almanaques, sarrabais, juízos sobre eclipses e tratados acerca de cometas, ou até o *Memorial* de Pedro Roíz Soares <sup>118</sup>, constituem um

---

<sup>111</sup> A propósito da caça ao porco-montês, cita o “grande livro de astronomia” do astrólogo João Gil, a par de Albumasar, Ptolomeu e Ali Aben Ragel. A invencibilidade de Dom Nuno Álvares Pereira, vaticinada pelo cálculo horoscópico realizado por Mestre Guedelha, a pedido do próprio pai e grão-mestre do Hospital em Portugal, Dom Álvaro Gonçalves Pereira, seria corroborado por Mestre Tomás. Do mesmo modo, as crónicas da época prognosticavam, fundadas em fontes astrológicas, a morte de Dona Filipa de Lencastre (idem, p. 110).

<sup>112</sup> Infante D. Pedro, *O Livro da Virtuosa Benfeitoria*, Porto, 1946, p. 158 e 162.

<sup>113</sup> Zurara, considerado “nobilis Astrologus” por Mateus Pisano, baseia toda a acção do Infante Dom Henrique na carta celeste deste príncipe, a quem foi atribuída por Bartolomeu Gallardo (*Ensayo de una Biblioteca de libros raros y curiosos*, v. 2, 1866, col. 553) a redacção de *O Segredo dos Segredos de Astrologia* (ms. pertencente a Fernando Colón), e em cuja corte se contavam cinco físicos astrólogos. Cf. *Crónica da Guiné*, Lisboa, 1937, p. 64.

<sup>114</sup> Damião de Góis, *Crónica do felicíssimo rei D. Manuel*, v. 4, Coimbra, 1949-54, cap. 84: “[...] foi muito dado à astrologia judiciária, em tanto que no partir das naus para a Índia, ou no tempo que as esperava [...]”. Em 1513, nomeou Mestre João para o cargo de *astrologo*, “[...] com a tença em cada um ano de doze mil réis, os quais queremos que lhe sejam assentados e pagos em nosso armazém da Índia [...]”.

<sup>115</sup> Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*.

<sup>116</sup> *Da Pintura Antiga*, I, 8.

<sup>117</sup> A astronomia náutica bebeu nos ensinamentos astrológico-astronómicos tudo quanto foi susceptível de sustentar a sua construção enquanto sistema. Esse *corpus*, constituído em Portugal e durante algumas décadas preservado, mercê da política nacional de sigilo, havia de ser difundido pela Europa, e adoptado pelos seus navegadores e exploradores, os quais, até ao século XVIII, se guiaram pela cosmografia oriunda de Lisboa.

<sup>118</sup> Augusta Gersão Ventura, *Estudos Vicentinos. I. Astronomia-Astrologia*, Coimbra, 1937; Ernesto Soares, *Almanaques, prognósticos, lunários, sarrabais do século XVIII em Lisboa*, Lisboa, 1946; Francisco Bethencourt, *Astrologia e Sociedade no século XVI: uma primeira abordagem*, in *Revista de História Económica e Social*, n. 8 (Jul.-Dez. 1981), p. 43-76.

acervo não negligenciável para aquilatar da extraordinária receptividade desta disciplina hermética <sup>119</sup>.

Os comentários negativos e as censuras podem, do mesmo modo, constituir um valioso auxiliar nessa tarefa.

---

<sup>119</sup> Cf. Manuel J. Gandra, *Astrologia em Portugal: dicionário Histórico-Filosófico*, Lisboa, 2010.



## TEMAS NATAIS E PROGNÓSTICOS ASTROLÓGICOS DE D. SEBASTIÃO

1. No próprio dia do seu nascimento, 20 de Janeiro de 1554, o doutor Fernan Abarca Maldonado, médico salmanticense que veio para Portugal integrado na comitiva da progenitora de D. Sebastião, D. Joana de Áustria <sup>120</sup>, e que terá assistido ao parto, imediatamente levantou o tema natal do recém-nascido.

*Nascimento del rei Dom Sebastião nosso Senhor  
tirado pelo [doutor Fernan Abarca] Maldonado*

Não achando neste nascimento dia nem ao sol nem à lua nem ao senhor da oposição precedente a esta nasçença em lugares próprios para seu significador da vida, o atribuo ao ascendente o qual como principal significador de vida, pela doutrina de Ptolomeu, será necessário dirigir ao corpo e raios malignos de planetas que contrariam a vida o qual se poderá fazer em tempo e em lugar, pelo presente é necessária ver da criação [fl. 40r] A criação deste senhor será difícil e trabalhosa porque três planetas estão em a dozena casa e o sol uma delas está em a oposição da sua casa conjunto com Marte e a lua em a sexta casa e o ascendente com Saturno; todavia estando

---

<sup>120</sup> Maldonado usufruiu de uma tença vitalícia de 40\$000 anuais concedida por D. João III, em 12 de Fevereiro de 1554, pelos serviços prestados a Dona Joana ("minha filha"). Faleceu em Portugal durante o mês de Outubro de 1574. Cf. José Maria de Queirós Velloso, *D. Sebastião, 1554-1578*, Lisboa, 1935, p. 14 e Sousa Viterbo, *Notícia sobre Alguns Médicos Portuguezes*, Lisboa, 1895, p. 46-47. Ver, ainda: Harold B. Johnson, *A Horoscope cast upon the birth of King Sebastian of Portugal (1554-1578)*, on-line, 2001.

Vénus quase a direito da planeta sobre o ascendente bem-disposta e em favorável resguardo daquele ascendente e de Júpiter seu senhor e mais o sol no trono de Júpiter e Vénus levando os raios deste Júpiter a Saturno; todas as quais coisas dão tal socorro a vida deste nascido que poderá passar os anos de criação posto que haja a dificuldade que digo.

Mercúrio e a Lua estando em signos fixos e movimento tardo inclinam a vontade deste nascido a ser constante e firme nas coisas que propuser de fazer e lhe dão segurança de justiça e mais estando Mercúrio na casa de Saturno com algumas estrelas fixas de sua natureza o fazem de bom entendimento e excelente conselho; todavia esta significação será algumas vezes trocada a mal como será enganar e trás tocar o determinado; o que está confirmado por Saturno constituído do ascendente, o qual lugar eu inclino a enganar e ser pertinaz em avarícia e doado de coração muito grande com intento de grandes e altas empresas, coisa boa a príncipes e principalmente para pobres. O aspecto sextil de Vénus nas partes interiores do ascendente dá graça às condições; Saturno também em aspecto favorável de Vénus lhe doa boa memória, paciência, deleitação às letras e a toda razão; que todo este prazer dá Vénus [fl. 40v] estando bem-disposta; digo que este nascido será muito dado a seus prazeres como a mulheres, instrumentos musicais, vestidos, cantigas, cheiros e cavalos o que é testemunho disto Vénus estando no signo do Capricórnio e assim será inclinado e dado a todas as coisas significadas por Saturno e Vénus donde aquecerá que algumas vezes será extremamente alegre e muito melancólico o que lhe procederá pelas temperança[s] do corpo de que agora falarei.

A temperança do corpo será frio e húmido que se chama fleumático porque assim o testemunha o ascendente e os raios sextiles de Vénus; este, todavia, participará mais de secura pela presença de Saturno no mesmo ângulo do ascendente e a Lua em a sexta casa na oposição do aspecto de Mercúrio donde aquecerá que será preto e de pequeno corpo e todavia formosura e raça por razão dos ditos raios sextiles de Vénus no ascendente e Saturno que é achado na casa de Júpiter; este Saturno no dito lugar dá alguma deformidade no rosto mas o aspecto de Vénus o tira e o diminui.

As doenças lhe virão porque a Lua estando na sexta casa onde caem os raios opostos a Mercúrio mostram fraqueza e compleição fraca e mal na parte do corpo que é significada do signo do Leão. A

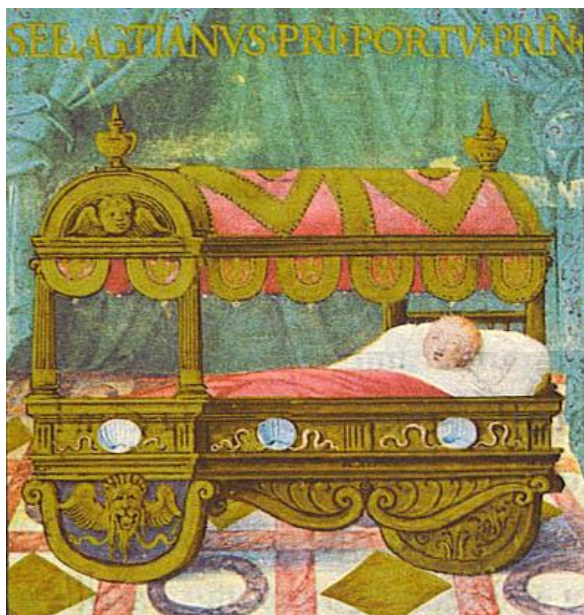
Lua é como seja o coração o costado e o estômago; a significação também de ter alguma fraqueza nos olhos por razão que a Lua está na sexta casa na casa do sol e o ascendente com a constelação e o sol com ascendente do Capricórnio [fl. 41r] Saturno dá dor na orelha direita e no osso e na bexiga as quais coisas lhe virão na primeira idade.

O estado e vida de mais que é significado e às nascenças ordinárias por Vénus são muito melhores e ditosas que as dos pais que são representadas pelo Sol, na nascença este Sol estando infortunado de três grandes infortúnios mostra o pai ser morto ou que em breve morrerá ou que cairá em algum grande infortúnio se a bondade de nosso Senhor lhe não socorre.

A Lua estando com uma estrela no meio do coração do Leão promete muito grande autoridade e poder para mandar o que está seguro por Júpiter senhor do ascendente e da decimal e Saturno na primeira casa o mostra primeiro nascido por natura ou por morte de seus irmãos se os tivesse. A nobreza lhe será muito mais cara que o povo porque Júpiter é senhor do ascendente e do coração do céu donde aquecerá que experimentará algumas sedições do povo à causa da oposição de Mercúrio e da Vénus na onzena casa o enche de confiança e esperança de poder haver tudo o que ele desejar e muito grandes riquezas em aquisição das quais será muito intento porque Júpiter significador das riquezas é resguardo de Vénus. A Lua em a quarta parte oriental diz que ele será casado em sua mocidade e será sua mulher boa e honesta que é significada por Júpiter em a sétima casa. E Vénus em trino aspecto da casa sétima nota que ser aborrecedor de companhia de mancebos, porque a lua e Vénus são livradas de corrupção e aspecto de todos infortúnios. Ainda que Vénus no signo de Capricórnio lhe dá inclinação grande nas coisas venéreas. Ainda que isto será com legítimo matrimónio o tempo do qual se achará pelas direcções e as encerra Vénus e na onzena casa promete filhos o que está firmado pela cabeça do dragão de Júpiter [fl. 41v] e de Marte em a quinta casa e serão estes filhos nobres formosos e bem fortunados, estando no signo de Libra Júpiter em a sétima casa demonstram que a criação e conversação ordinária deste nascido será em casa real constituída sobre negócios públicos.

A cidade de Lisboa lhe será cómoda porque é sujeita ao signo de Libra onde Júpiter se acha e serão em geral cómodos e próprios os becos [?] que são sujeitos aos signos dos Peixes e do Sagitário e também aqueles que são debaixo de Júpiter e Vénus desta nascença.

Os lugares incômodos e que deve evitar são estes que são debaixo dos senhores dos signos da sexta oitava e doze casa de Saturno e Marte porque estes são muito incômodos e contrários para neles habitar, mas sede seguros disto pelo presente; o resto das eleições e também das direcções e revoluções que são muito necessários para ele e inteligências do tempo e acidentes nós o remetemos a outro tempo de mais vagar <sup>121</sup>.



#### D. SEBASTIÃO, O RECÉM-NASCIDO PREDESTINADO

Iluminura manuscrita (1554-1555) de António ou Francisco de Holanda (?), que integra as *Sentenças para a Ensinança e Doutrina do Príncipe* (1554). As legendas latinas nas cartelas aludem ao carácter providencial do nascimento de Dom Sebastião, como garante do Império português, porventura legitimado pelo teor da *Écloga* IV de Virgílio. Existe na mesma obra (fl. 53) outra iluminura representando um Rei de Armas a cavalo com o estandarte das Quinas e legenda igualmente alusiva à mesma ideia: “Non deficiet sceptrum cui cecidit salutare signum”. No Canto XXI (fl. 207) do *Sucesso do Segundo Cerco de Diu* “Mostra-se em profecia o nascimento do invictíssimo Rei D. Sebastião. Declara-lhe algumas coisas que ainda estão por vir”.

<sup>121</sup> BN: Res 8920, fl. 39v-41v.

**2.** Não obstante, a sua posição crítica face à astrologia, nas palavras de Pedro Nunes, "crendice vã [...], que emite juízos sobre a vida e a fortuna [...]" <sup>122</sup>, o cosmógrafo, a acreditar em Barbosa Machado, terá exposto a D. Catarina as preocupações que lhe haviam sido suscitadas pela leitura do horóscopo de D. Sebastião:

Se el-Rei tomasse a regência da monarquia no dia, que estava destinado, seria o seu Reinado infeliz e pouco durável, e posto que os prognósticos não fossem infalíveis, e a vida dos soberanos como a estabilidade dos Impérios estivessem colocados nas mãos de Deus, contudo se deviam respeitar as causas segundas como mudos intérpretes da sua Divina vontade <sup>123</sup>.

**3.** O astrólogo bolonhês Hércules della Rovere, no horóscopo de D. Sebastião que calculou, em 1576 ou 1577, traçou um prognóstico catastrófico, no qual previa a perdição e ruína de toda a fidalguia Portuguesa na jornada africana. O vaticínio, realçando o papel nefasto do cometa de 1577 e que não deixou ninguém indiferente, foi remetido a Dom Sebastião pelo Papa Gregório XIII, na tentativa de o dissuadir dela <sup>124</sup>.

---

<sup>122</sup> Pedro Nunes, *De Crepusculis*, in *Obras*, v. 2, Lisboa, 1943, p. 149. Cf. Luís de Albuquerque, *Nota sobre a crítica à Astrologia em Portugal no século XVI*, in *Crónicas da História de Portugal*, Lisboa, 1987, p. 107-111 e Eugénio Garin, *O Zodíaco da Vida: a polémica sobre a astrologia do século XIV ao século XVI*, Lisboa, 1988.

<sup>123</sup> cf. *Memórias para a História de Portugal*, parte 3, livro 1, cap. 1.

<sup>124</sup> Escreveu Barbosa Machado a este respeito: "Os efeitos calamitosos do Cometa prognosticou evidentemente Hercules de Rovere, insigne Astrólogo, natural de Bolonha, afirmando no juízo, que fez, a perdição, e ruína de toda a Fidalguia Portuguesa, e a morte de Rainha D. Catarina, como tudo se verificou; e mandando a Santidade de Gregório XIII este prognóstico a El Rei D. Sebastião para o dissuadir da Jornada de África, persistiu inflexível na sua resolução com tanta cegueira, que muitas vezes repetia lisonjeando-se destas vozes sinónimas: *O Cometa diz que acometa*". Cf. *Memorias para a Historia de Portugal, que comprehendem o governo del Rey D. Sebastião*, Lisboa, 1736, parte 4, liv. 1, cap. 20.

O cometa de 1577 foi visto pela primeira vez às cinco horas da tarde de 7 de Novembro, atingindo três dias depois o seu tamanho definitivo, 10<sup>o</sup>, mantendo-se assim até 21 de Dezembro; começou depois a diminuir até desaparecer, em 12 de Janeiro de 1578.

Apareceu próximo de Vénus, na 7.<sup>a</sup> casa, entre os Trópicos, 28<sup>o</sup> de Sagitário e 28<sup>o</sup> 52' de declinação meridional, entre as estrelas que estão no pé do Serpentário e as do arco de Sagitário.

Frei Manuel dos Santos descreveu-o “ígneo e caudato, estendido para o Meio-Dia, aonde é África” <sup>125</sup>.

Originou “muitos juízos” e prognósticos <sup>126</sup>, ficando indelevelmente associado a D. Sebastião:

“[...] começou de aparecer no céu um Cometa grandíssimo em demasia, com um rabo tão comprido, muito claro e resplandecente e aparecia logo à boca da noite, nascendo sobre Nossa Senhora do Monte e com o rabo direito a Sesimbra, e assim vinha rodeando aquele rabo para a banda do nascente, até as onze da noite que o rabo vinha direito a Sesimbra e então se transpunha e por esta ordem saía todas as noites sem errar nenhuma até véspera de São Tomé que foram 20 de Dezembro da dita era, e durou por esta conta mês e meio; este sinal fez tanto espanto em todos, principalmente nas pessoas Doutas que logo disseram que era muito ruim sinal para a ida de el-rei a África e que não achavam escrito aparecer outro sinal no Céu senão quando Deus quis destruir Jerusalém [...]” <sup>127</sup>.

---

<sup>125</sup> Cf. *História Sebástica*, p. 374-375.

<sup>126</sup> O cometa de 1577 foi aquele que maior número de observações concitou e sobre o qual mais livros se escreveram. Sobre o cometa de 1577 escreveram-se cerca de 140 obras, incluindo tradução e reedições, assim distribuídas: Alemanha - 54; Áustria - 3; Boémia - 9; Dinamarca - 5; Espanha - 3; França - 21; Hungria - 3; Inglaterra - 3; Itália - 18; Países Baixos - 6; Polónia - 5; Suécia - 1 e Suíça - 3. Nunca antes cometa algum, dera azo a tão vasta bibliografia.

<sup>127</sup> Registo alguma da produção nacional sobre o cometa de 1577: Anónimo, *Miscellanea Curisiodades* [sic] [BN: BPA 527 (259<sup>o</sup>)] Posterior a 1656. Colige notícias sobre cometas observados durante os reinados de D. Afonso IV (fl. 313v-314), D. Sebastião (fl. 314) e Filipe II (fl. 313v). Trata da origem dos cometas e dos eclipses solares; Anónimo,

Impressionado com o fenómeno, D. Sebastião, que se achava em Vila Franca, discutiu vivamente o seu significado, ao jantar com os convivas.

Duas interpretações ganharam corpo, então: a que previa malefícios e desgraças e a que vaticinava incitamento à acção. Os adeptos desta acrescentavam, para alegria de D. Sebastião, que a extremidade do cometa voltada para África indicava “ser esta região o heróico teatro em que havia de alcançar gloriosos triunfos”, circunstância que induziu o monarca a afirmar: “Diz o cometa que acometa”.

E por esta ordem saía [cometa de 1577] todas as noites sem errar nenhuma até véspera de São Tomé que foram 21 de Dezembro da dita era e durou por esta conta mês e meio. Este sinal fez tanto

---

[Documento relatando o aparecimento de um cometa observado em Salamanca em 1577], in *Documentos sobre moedas e inscrições epigráficas sobretudo romanas* [BN: cod. 425, fl. 83]; Anónimo, *Noticia relativa ao cometa de 1577* [BGUC: Ms. 581, fl. 210] Faz referência à Jornada africana de D. Sebastião; Anónimo, *Noticias relativas ao cometa de 1577* [BGUC: Ms. 475, fl. 152-152v] Faz referência à Jornada africana de D. Sebastião; Anónimo, *Lembrança do portentoso, e grande Cometa que apareceu no Ceo o Anno de 1680 e de hum Discurso Académico, que fez em Milam o Gram Piscatori de Sarraval sobre o seu Pornostico* [sic], *entitulado Trombete Celeste* [BGUC: cod. 8600, p. 71-105] Faz referência à Jornada africana de D. Sebastião em conexão com o cometa de 1577; André do Avelar, *Repertório dos tempos*, Coimbra, 1590 [A p. 132v-133, correlaciona o cometa de 1577 com “a morte del Rey dom Sebastião em África, destruição do seu exército e translação do Reino à Monarchia de Castella”]; Soror Maria de Jesus [Abadessa do Convento de Santa Clara da Castanheira], *Discurso sobre o cometa que appareceu no ano de 1578* [Manuscrito perdido, considerado “o mais douto e aplaudido entre todos os que se fizeram na Corte”, segundo Frei Fernando da Soledade, in *História Seráfica*, v. 4, Lisboa, 1705-1721, p. 162. Citado por Barbosa Machado, in *Biblioteca Lusitana* (v. 3, p. 417-418)]; Kepler no *Libellus tertius de significationibus cometarum que anno MDCVII conspectus est* (Augustae Vindelicorum, 1620), apresenta como exemplo do presságio do cometa de 1577 o sucedido ao Rei de Portugal: “Atque hic tempus esset, exemplis ex historiis allatis illustrare negotium [...]. Adscribatur Cometa anni 1577 et obstinatio Regis Portugalliae in proposito belli Mauris inferendi” (p. 128-129). Nos antípodas, acha-se Francisco Sanches, *Carmen de Cometa anni M.D.LXXVII.*, Lião, 1578 [O único exemplar conhecido da edição *princeps*, acha-se na Houghton Library (anexa à Harvard College Library), tendo sido adquirido, em 1944, à Biblioteca Heberiana. Edições: *Carmen de Cometa anno MDLXXVII* (Lisboa, Papelaria Fernandes, (s. d.); facsimilada); Artur Moreira de Sá com o título *O cometa do ano de 1577* (Lisboa, 1950 [BN: SA 15756 V]), incluindo reprodução facsimilada e respectiva tradução. Advoga o valor nulo dos prognósticos retirados da aparição de cometas, refutando as opiniões daqueles que neles creem, com 12 razões]. Cf. Manuel J. Gandra, *Ob. cit. e Cometas em Portugal*, Mafra, 2013.

espanto em todos principalmente nas pessoas doutas que logo disseram que era muito ruim sinal para a ida de El-Rei a África e que não achavam escrito aparecer outro tal sinal no céu senão quando Deus quis destruir Jerusalém e houve logo muitos Juízos tirados deste cometa para perdição de El-Rei e além disso de Roma veio um prognóstico tirado do mor homem dessa ciência que no mundo havia que o papa mesmo o mandou a El-Rei. E eu o vi e tive na mão antes muitos dias de El-Rei partir para a desventurada Jornada o qual ponto por ponto lhe dizia sua perdição morte e cativo de toda sua gente e Monarquia de fidalgos e senhores que consigo levava e que os efeitos daquele cometa haviam de durar passante de dezasseis anos e todos haviam de ser malignos e contagiosos assim para Portugal como para quase toda [a] cristandade e ainda mal porque tudo isto saiu tão verdadeiro sendo ainda mores males em dobro do que este astrólogo por nome Mestre Hércules de Rovere, boloniense, disse e mandou escrito e nada disto bastou para desviar El-Rei deste triste Jornada <sup>128</sup>.

**4. João Baptista Lavanha (1555-1624) <sup>129</sup>, o segundo Cosmógrafo-mor português, bolsheiro de Dom Sebastião, em Roma, de onde regressou como professor de matemáticas e letras humanas, calculou, em data desconhecida,**

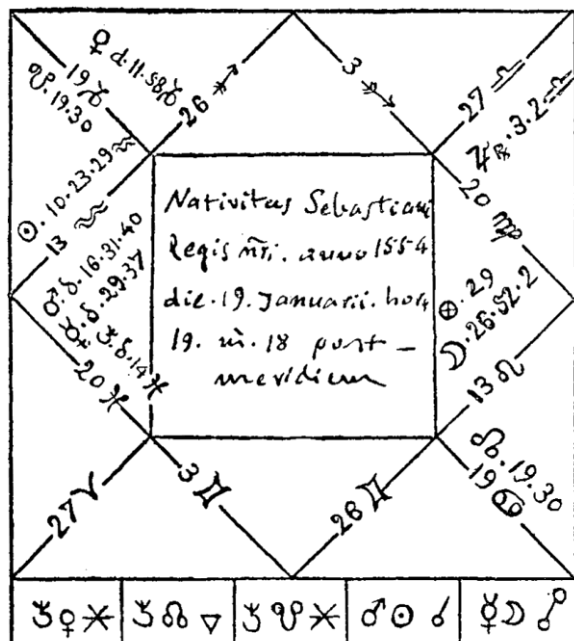
---

<sup>128</sup> Cf. Pero Roiz Soares, *Memorial*, v. 1, Coimbra, 1963, cap. 38, p. 90-91.

<sup>129</sup> Durante a monarquia dual, foi professor de matemáticas de Filipe II, Filipe III e Filipe IV, contando-se entre os seus discípulos Cervantes e Lope de Vega. Por nomeação de Filipe II (25.12.1582), leccionou cosmografia, geografia e topografia, na corte espanhola e leu "as matemáticas", cargo que começou a exercer em 1 de Janeiro de 1583. Em 4 de Novembro de 1586, tornou-se engenheiro-mor e, em 13 de Fevereiro de 1591, cosmógrafo-mor, em substituição de Tomás de Orta, incapacitado de exercer as suas funções. Durante o período (1591-1599), residiu em Lisboa, tendo-se deslocado à Flandres, onde voltaria, em 1601, para realizar pesquisas de natureza histórica, na sua qualidade de cronista-mor. Em 1609, não obstante os seus ascendentes judaicos, professou na Ordem de Cristo, apadrinhado por Felipe III (10 de Abril de 1607), tendo-lhe sido adjudicada a comenda de Fornelos (Ponte de Lima, Viana do Castelo). Figura de primeiro plano no mundo científico e técnico do seu tempo, foi detentor de profundos conhecimentos de história sagrada e profana e, igualmente, cartógrafo consumado. Deixou vasta obra. Cf. Manuel J. Gandra, *Astrologia em Portugal: dicionário histórico-filosófico*, Lisboa, 2010.



eventualmente ca. 1577, o seguinte mapa da Fortuna do *Desejado* <sup>130</sup>:



Horóscopo levantado para dia 19 de Janeiro, às 19 h e 18 m, *post-meridiem*, i. e., de facto, para as 7 h 18 m do dia 20. Os aspectos desarmónicos de Saturno e do Sol entre si, revelam a má Fortuna de D. Sebastião.

5. Baseado no prognóstico de della Rovere, e com o intuito de tentar dissuadir D. Sebastião da jornada africana, relativamente à qual o cometa constituía, para a generalidade dos observadores, um “muito ruim sinal”,

<sup>130</sup> Cf. *Relação das cousas principaes que succederão em Portugal em tempo del Rey D. Sebastião* [BN: cod. 887].

escreveu o bispo do Porto, Aires da Silva, o seguinte *Discurso sobre o cometa que appareceo em Lisboa a 7 de Novembro de 1577*, o qual, no entender de Barbosa Machado, “não foi conforme ao gosto de El-Rei, [e] de algum modo lhe refreou a liberdade, com que desprezava os sinais do Céu, anunciadores de funestas consequências, os quais não pôde evadir por estar decretada a fatal ruína deste Reino, e de sua Real Pessoa” <sup>131</sup>.

“Que nas matérias de Astrologia houvera antigamente alguns Filósofos tão cegos, que todas as acções humanas attribuíam aos corpos celestes, dizendo que influíram, e obravam nos inferiores com necessidade inevitável; opinião ímpia, indigna de entendimento Católico, e como tal condenada por herética. Outros, que fugindo deste extremo, deram em outro pouco menos perigoso, e igualmente reprovado, os quais negavam terem os Céus, e Planetas actividade alguma nas coisas deste Mundo inferior, afirmando, que Deus por si só, sem intervenção de causas médias, obrava o que no Mundo sucedia; não reparando, que suposto Deus dispor todas as coisas por si mesmo, como Causa primeira, todavia para se manifestar mais às criaturas inferiores, concedeu em certo modo a execução de seu Governo aos Céus, e Corpos celestes, dando-lhes particulares virtudes de influências, que absolutamente lhe tira quem nega neles estas acções.

Porém, que entre estes dois extremos reprovados havia um meio Católico, e verdadeiro, e como tal seguido dos Santos, e Teólogos, que nem concede, que os Planetas exercitem todos o primeiro, nem lhe nega totalmente suas actividades como o segundo. Mas concedendo, que com suas influências dispõem, inclinam, fazem as criaturas prontas para obrar salva, e livre da sua jurisdição a liberdade do alvedrio humano, que Deus isentou de toda a influência superior, fazendo a cada qual absoluto senhor da sua vontade; e assim em nós é Deus quem immediatamente move, e excita nossa vontade, o Anjo quem a clarifica, e alumia, e os corpos celestes os que inclinam a obrar; e que

---

<sup>131</sup> Cf. Barbosa Machado, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo del Rey D. Sebastião*, Lisboa, 1736, parte 4, liv. 1, cap. 20.

assim como fora erro intolerável crer, que o cometa, e aparecimento de gente armada, que também se forma da mesma matéria, podiam obrigar, ou incitar vontades humanas, para que inevitavelmente seguissem os males, que prognosticavam; assim também não aprovava tê-las em tão pouco, que se entendessem serem produzidas da natureza sem grande significação, e mistério, nem permitidas de Deus senão para algum fim, e aviso muito necessário, e importante. Porque demais de muitos Santos dizerem, que são indícios de mortes de Reis, mudanças de Reinos, e presságios de notáveis acontecimentos, e calamidades, Cristo Redentor nosso o ensinou a seus Discípulos, dando-lhes para sinal da ruína de Jerusalém, e ainda do fim do Mundo, sinais do Sol, Lua, e Estrelas, e mais Corpos celestes, e elementais, ensinando-os com isto a respeitar, e temer o castigo da sua mão divina, quando por meio de semelhantes prodígios nos avisa da sua indignação, e que não era coisa inaudita o aparecimento de gente armada na região do Ar, pois a escritura sagrada no liv. 2 cap. 5 dos Macabeus contava, que antes das grandes crueldades, e tiranias, que El-Rei Antíoco fez em Judeia, se viram por espaço de quarenta dias contínuos tropas de vária cavalaria em Jerusalém, armada com arneses dourados, lanças, e escudos; viram-se romper uns aos outros, ouviram-se o rumor, e golpes dos escudos, e feria claramente na vista o resplendor, vislumbre das armas; e que S. Gregório Papa na Homília 5. sobre o capítulo II de S. Lucas afirmava, como testemunha de vista, que antes de Átila, Rei dos Hunos, entrar assolando Itália, se viram publicamente no ar Companhias de gente armada, significadora das cruéis guerras, que se seguiram, e do muito sangue, que se derramou; e pela relação de Josefo se sabia, que antes da final destruição do povo judaico apparecera sobre Jerusalém um cometa de feição de espada, que durara espaço de um ano inteiro; e que nossos pais alcançaram outro, que annunciara a perda de Constantinopla, e miserável fim do Império Grego; e o mesmo Josefo, livro 7 de *Bello Judaico*, cap. 12, escreve, que alguns dias antes, que a cidade de Jerusalém fosse sitiada, e expugnada por Tito, general das Armas romanas, foram vistos no ar Batalhões, que arrastaram nuvens, e homens de armas pelejando com disciplina militar. Tritémio na sua *Crônica* escreve, que no ano de 867 umas cruces vermelhas, que de noite apareceram no ar, prognosticaram a grande efusão de sangue, com que os normandos inundaram as terras de seus inimigos. Pouco tempo antes, que os Turcos se apoderassem de Constantinopla foi vista à boca da noite

sobre a cidade de Como na Lombardia grande multidão de cães, e depois muitas manadas de ovelhas, daí muita Infantaria, e Cavalaria, guiada por um homem de extraordinária estatura, e formidável aspecto, e que tudo ficou envolto nas sombras da noite. A invasão dos húngaros em Itália, e o saque, que os sarracenos deram à cidade de Génova foram anunciados pelo rio de sangue, que por espaço de um dia inteiro inundou as terras contíguas ao Bordigoto, ano [de] 935. Outras sanguinolentas inundações precederam a expugnação de duas cidades britânicas, e ao estrago de oitocentos mil romanos, ano de 931. E muitos outros antigos, e modernos sinais, que se poderão referir com semelhantes sucessos, dos quais o maior, e mais perigoso efeito faria sempre a obstinação, e incredulidade dos Príncipes, e Reinos, a quem principalmente ameaçavam; e assim concluía, que nem se desse tanto crédito, e autoridade ao cometa, e aos mais aparecimentos, que se tivessem seus efeitos por inevitáveis nem tão pouco, que se deixassem de temer, e remediar os danos, que ameaçavam”<sup>132</sup>.

**6. Nascimento do Senhor Rei D. Sebastião (que foi no ano de 1554 a 20 de Janeiro), traduzido do Italiano em Português, o qual foi feito por Joam Carco [aliás, Carlo Lauro] famoso Matemático, em Roma no ano de 1598. Juízo Sumário do Sereníssimo e afortunado nascido D. Sebastião Rei de Portugal. Prognóstico**<sup>133</sup>.

[fl. 115r] Ainda que eu não conheça, nem tenha revelação alguma da pessoa nascida, do nascimento que foi dado com suas constelações e planetas naquele Fatrasponto [?] e correntes como acima na Figura se vê [falta no original] em juntamente calculados e dispostos. Pelo que estava determinado de não escrever coisa alguma.

---

<sup>132</sup> *Idem*.

<sup>133</sup> DCL: P – 163- 40, fl. 115r-118r. Atualizei a ortografia e a pontuação para melhor compreensão do texto. Prognóstico publicado por Frei José Teixeira, com o título *Nativité du Serenissime Dom Sebastian Roy du Portugal recerché par l'unique et très excelente Astrologue Carlo Lauro, au mois de Mars l'na MDC à Rome*. Cf. *Adventure Admirable par dessus toutes les autres des siecles passez et presente*, [Paris], 1601, p. 82-87. Reproduzi *infra* em facsimile.

Todavia, por ser tal genitura e sua disposição assaz singular, admirável e muito extrema, assim no mal, como no bem, e para dar satisfação àqueles que desejam saber e ouvir a eficácia das influências celestes e verdade da ciência astrológica não quis deixar de julga-la e declará-la brevemente segundo suas próprias significações que são as seguintes:

[fl. 115v] Primeiramente digo que sendo verdadeiro este Nascimento no tempo dado junto à meia-noite dos 20 de Janeiro de 1554, que a vida do nascido vem significada e governada, principalmente, da Lua, e por ser luminar nocturno e melhormente acondicionado e disposto, que não é o Sol, nem outro algum significador vital, o qual se acha debaixo dos opostos raios de Mercúrio, de Marte e do Sol, e em signo a ela inimigo e cruel, as quais causas verdadeiramente denotavam cruelíssimos casos, perigos, fadigas, servidões, retenções, cativoiro, grandes perdas e miserabilíssimas calamidades, a sua pessoa, vida, estado e total fortuna particular. E maximamente do ano 24 *in circa* de sua idade até o ano 51, se bem entre o fim e meio do ano 48, poderão começar os seus grandes males e a aplacar-se as suas coisas e a tomarem bom princípio. Contudo, pela Lua se achar em lugar forte e predominada da benéfica estrela de Júpiter, sempre se significa persuasão e liberação da vida até o último seu termo, o qual propriamente se demonstra até o número dos anos 48 e porventura todo o ano. 81. Contanto que não despreze a cura do seu bom governo: Mercúrio forte e angular direito e vespertinamente aparente depois do Sol em domicílio de Saturno fortemente configurado com a Lua e com o ascendente significa manifestamente a Pessoa do nascido ser disposto e apto a empresas grandíssimas e gloriosas e ser de grande ânimo, generoso e magnânimo, prudente, sagaz, solícito e de grandíssimo conselho, mas sempre ocupado de nojíssimos e gravíssimos pensamentos e algumas vezes ambíguo, suspeito e duvidoso e, portanto, poucas vezes, dar [sic] feliz, porém finos seus pensamentos, pelo que terá muitas vezes necessidade de conselho alheio. [fl. 116r] Será de costumes nobilíssimos e régios, extrénuo, magnífico e munífico. Isto é, esplêndido e liberalíssimo, de grande mente e fé, continente, modesto, paciente, muito casto, devoto das Coisas Divinas, pio, justo e quase de vida religiosa, amador das coisas bem feitas e da verdade; gratíssimo e mui[to] apto para o governo e regimento das coisas próprias e alheias. E por estes seus boníssimos costumes será sempre geralmente amado e desejado dos povos e também da maior parte da nobreza e depois de

seus grandes trabalhos e assinaladas calamidades será favorecido e ajudado dos povos e de muitos grandes, Príncipes e também da Divina Bondade e Misericórdia Soberana, milagrosamente. Portanto, há-de viver e estar constante e alegremente até apraza ao Senhor Deus chamá-lo. Este planeta significa também a qualidade de seu fim, isto é: a espécie de morte, a qual será natural e na propriação por causa de doenças de velhice, dores, cólicas ou verdadeiramente ilíacos, isto é, ilharga com ofensa do bofe e partes peitorais de humores catarrais que descerão do miolo, do qual então muito padecerá e serão os ditos catarros e males causados dos muitos trabalhos, fadigas, paixões e mudanças de lugares. Significa também esta dita Estrela alguma boa disposição para gerar filhos e no progresso da idade alguma alegria de um legítimo herdeiro que dele nascerá e instituirá.

Vénus matutina directa em quadrado de Júpiter, em sextil de Saturno é bonissimamente disposta, [se] bem [que] em poder de maléfica Estrela esteja e cadente e pela qual razão haverá diferido e porventura por isso o difere ainda o matrimónio e quase toda a ordinária alegria e contentamento e satisfação com mulheres e descen[den]tes. Todavia, depois que serão passados os seus impedimentos maiores causados da dita cadência que será depois de seus anos medíocres [fl. 116v] que são *in circa* 48 lhe tornarão a ressarcir todo o tempo passado perdido e lhe concederá uma mulher nobilíssima de alta e régia geração, a qual cuida que será sua parenta com algum grau de afinidade e será muito rica de bens estáveis e de menor idade do Nascido, ingenhosíssima e sábia, não muito bela e quase religiosa e, porventura a tomará [?], por grande necessidade de aquietar-se com seus adversários, dos quais também el porventura poderá ser parente de afinidade de sangue e por esta mulher não cuidará de desfazer-se do dote, nem de fazer muito custo ou gasto com ela, e ficará com ódio notável com outras pessoas que de boa vontade se quererão aparentar com ele. E, geralmente, este Nascido há-de tratar geral e castamente os negócios de mulheres, porque por elas, verdadeiramente, pela maior parte de sua vida ao menos por todo o seu dito ano de 48, não lhe denotam adversidades e inimizades. Semelhantemente esta Estrela ameaça com alguns ódios e adversidades de Pessoas Religiosas, Potências ou verdadeiramente com elas e de algumas Repúblicas casualmente ou por má informação ou suspeita das quais, contudo, em o progresso de pouco espaço de

tempo se informarão e arrependerão e finalmente os ódios todos, depois do dito ano 48 se converterão em amizades e favores.

O Sol em seu detrimento andando a conjunção de Marte afortunado significa grandíssimos extremos, perigos violentíssimos em guerra, fogo e armas e de outros trabalhos e calamidades de toda a maneira, prisão, cativeiros, inimizades, desafios, feitos de armas públicos ou verdadeiramente universais, caimento de Estado próprio e privação de domínio por longo tempo, mas morte também e destruição da maior parte de seus domínios mais principais e mais poderosos em vida do mesmo Nascido e semelhantemente [fl. 117r] significa brevidade de vida à própria mulher. Marte combusto e não pouco infortunado significa infelicidade em guerra e pouca felicidade em armas, cavalos, ministros, criados e faz o Nascido muito precipitoso, isto é, arremetido e ameaça também tradimentos [traições?] e males ocultos, grandíssimos perigos de ar contagioso ou pestilento e também de mezinhas, comeres venenosos, ao que este Nascimento se acha verdadeiramente disposto. Portanto é necessário guardar-se de todo modo, via e meio, que isto lhe possa acontecer.

Júpiter benéfico e bonitamente disposto significa à pessoa do nascido geral saúde e liberação de todos os males, recuperação e aquisição [sic] de bens e aumento e abundância de bens e riquezas Régias e grandíssima e suma felicidade na velhice, com muitos contentamentos e comodidades e muitas boas ajudas de potentíssimos amigos e além disso o assegura da morte violenta e lhe concede a sua antiga herança e também algumas mais de pessoas estranhas. Saturno significa na mocidade perda de património e na velhice lho restitui; ameaçava na mocidade perigos de água, precipícios, doenças, largas e difíceis, fleumáticas e melancólicas, perda e retenção violenta e longa da própria fazenda, de inimigos e de pessoas suas parentas; lutas e grandes trabalhos por adquirir sua fazenda perdida, mas no fim boas ajudas e favores e recuperação por benefício de mulheres e Princesas potentíssimas.

A segunda ametade do ano 47 de sua idade se lhe mostra algum tanto favorável que consiste do princípio de Agosto de 1600 até o princípio de Fevereiro de 1601 e semelhantemente a primeira [fl. 117v] ametade de seu ano 48 subsequente que consiste entre o princípio de Fevereiro de 1601 e o fim de Julho do mesmo ano, começará o Céu a descobrir a sua verdade e ignorância e o grande merecimento da sua pessoa por ajuda, meio e favores de alguns seus bons amigos e

fidelíssimos que o ajudarão em escritos, testemunhos, sinais e com favoráveis orações em público e privadamente, que por ele farão e buscarão de interceder favores de grandes Príncipes e de seus Embaixadores e ainda de valorosos advogados e razões jurídicas, principalmente em Novembro e Dezembro de 1600 e depois em Fevereiro e Março de 1601, nos quais dois últimos meses acima ditos ele sentirá alguma notável alegria de favores e ajudas em suas coisas e entre as mais se tratará então da boa sorte da sua total liberação de todos os seus males e perigos em que se pudesse achar e ouvirá algum grande trabalho ou perigo e ruína de seus inimigos; e se não fosse o perigo da próxima revolução ou impedimento daquele 48 acabado e o ano 49 acabado até todo o Maio do ano 50 haverá quase sempre de andar em contrastes, impedimentos, defesas e ofensas, ou verdadeiramente em guerras com seus adversários, Embaixadores e Ministros e particularmente me parece que há-de passar perigos de testemunhas falsas e de pessoas vis e baixas; quero dizer que chegarão suas causas a tratar-se por semelhantes pessoas e a elas quererão dar orelhas.

Em o 4º mês [sic] que será de Maio para Junho de 1601 novamente terá grande perigo de doença contagiosa, ou venenosa, ou inetrída [?], por tanto não deve neste tempo muito bem e sempre de usar medicamentos violentos e de comer e iguarias más e de contínuo se esforce de viver castamente e com prudência não lhe esquecendo sempre de fazer solicitar os seus melhores amigos e parentes, nos quais se pode mais fiar e principalmente na Divina [fl. 18r] Bondade, da qual pende todo o de cima e de baixo e fazendo assim não somente será livre de todos os males, traições passadas e presentes, mas também com muita glória chegará a alcançar tudo aquilo que justa e honestamente pudesse esperar e ainda muito mais.



NATIVITE' DE SERENIS-  
SIME DOM SEBASTIAN  
Roy de Portugal.

*Recerchée par l'vnique & tres excellent Astro-  
logue CARLO LAVRO, au mois de  
Mars l'an MDC. à Rome.*

*Traduite d'Italien en François.*

AV LECTEUR BIENVVEILLANT.

**S**UR la premiere verification & commune reco-  
noissance qui se fit de la personne de Dom Se-  
bastian Roy de Portugal, vn Gentilhomme estât  
à Rome l'an du Iubilé MDC; curieux, non de  
onder les desseings de Dieu, ni voir dans les secrets de la  
volonté diuine (les motifs de ses œuvres sont incompre-  
hensibles, & luy debuons sousmettre nostre ingement &  
discours) mais seulement, de sçauoir si la disposition des  
astres apporteroit quelque chose de conforme aux bruits  
communs (qui des-jà passoyent en certaine verité) entant  
que cette science peult par signes & coniectures appre-  
hender ce qui concerne les corps & l'exterieur des per-  
sonnes: S'en alla trouuer vn tres expert Astrologue de ce  
siecle; & sans luy denommer aucun, le requit de vouloir  
en sa faueur dresser la natiuité d'un homme né l'an 1554. le  
20. Ianvier, heure de minuit. Et parce qu'elle correspond  
entierement à ce que nous auons veu depuis ladicte re-  
cherche iusqu'à present, & que nous esperons encor deb-  
voir aduenir, selon que les choses s'y disposent: Nous  
auons estimé ne vous faire point chose desaggreable en  
la vous communiquant. Receuez la doncque en bonne  
part, vous tous qui vous condeulez, & par cõmune com-  
passion sentez en vos ames les afflictions & mesaduentu-  
res d'autrui. Notamment de ceux qui pour vn bon &  
louable sujet sont auourd'huy spoliez de leurs Estats.  
A Dieu.

83.  
S O M M A I R E I V G E M E N T D E  
l'estre & fortune du personnage  
dont est question.

**C**O M B I E N que nous ne conoissions, & qu'on ne nous ait aucunement descouuert le personnage duquel on nous a fait entendre la naissance, dont les constellations & planetes concurrentes au point d'icelle, se voyent iustement calculees & disposees en sa figure; & que pour la mesme cause ne fussions pas deliberez d'y donner aucune response: toutesfois pour estre cette geniture, & sa disposition tres-singuliere, admirable, & du tout estrange tant en bien qu'en mal; pour donner aussi contentement à ceux qui desirerent apprendre l'efficace des influences celestes, & la verité de la science Astrologique; Nous en auons bien voulu dire nostre iugement, & la declarer en peu de paroles selon ses plus propres significations, qui sont telles.

**P**R E M I E R E M E N T ie di, que la natiuité du Personnage dont est question se reuictrant à la mi-nuict du 20. iour de Ianuier 1554. la Lune domine & gouerne principalement la vie d'iceluy, pour estre ce luminaire nocturne, mieux conditionné & disposé que le Soleil & tous autres. Le significateur vital se trouue sous les opposez rayons de Mercure, de Mars, & du Soleil; en vn signe ennemi dudit personnage, & cruel. Lesquelles choses denotoyent certes de tres-cruels accidens, perils, fatigues, tranerses, seruitudes, retention, captiuité, destresses, & trescalamiteuses calamitez à la personne, vie, estat & fortune de l'homme d'oit est question. particulièrement & sur tout en l'an 24. ou enuiron de son aage, iusques à la fin de sa cinquanteuiesme annee. bien qu'enuiron la fin & le milieu de sa Quarantehuitiesme ses grandes aduersitez pourrôt commencer à s'accoiser; & ses attentes à prendre bon pli. Neantmoins parce que la Lune se trouue en lieu fort, où l'estoille benigne, & fauorable de Iupiter luy predomine; elle luy denonce tousiours preservation & deliurance de sa vie iusques à son dernier terme, qui se demontre proprement au nombre de Septantehuiet, & peult-estre encore pour toute l'annee Quatrevingts & vn. Mais que pourtant il ne

L ij

mesprise point le soing de se bien gouverner.

**M E R C U R E** & angulaire direct, & paroissant sur le vespere apres le Soleil au domicile de Saturne fortement configuré avec la Lune & l'ascendant, signifie manifestement, que le Personnage est de grand cœur, genereux & magnanime; hault de courage, disposé à de tresgrandes & glorieuses entreprinſes. prudent, sagace, soucieux, & de grand conseil: mais toujours occupé de trespelans & tresgraues penſers; aucunes fois suspens, ou douteux. & pour ce, peu souvent d'heureuse issue en ses desseins; & aura mesme besoin du conseil d'autrui. de tresnobles & belles mœurs, vaillant, magnifique. c. honorable & tresliberal. de tresbonne ame & foy entiere; continent, modeste, patient, fort-chaste, deuotieux és choses diuines, tresaimable, pie & iuste, voire quasi de vie religieuse, amateur des choses bien faittes & de la verité, tresaggreable & tresapte à regir & gouverner les choses propres & d'autrui; & qui tant pour les tresbonnes susdites & autres vertus, sera toujours generalement aimé & desiré des peuples, voire mesme de la plus grande partie de la Noblesse. Et apres ses longues & signalées calamitez, il aura la faueur & l'assistance des peuples, & de plusieurs bons Princes; & qui plus-est, de la bonté diuine & supernelle miraculeusemēt. Pour ce doit-il viure & se maintenir cōstamment & avec allegresse iusques à ce que le plaisir du Seigneur soit de l'appeller à soy. Ce planete signifie en-outre la qualité de sa fin. c. l'espece de sa mort, qui sera pourtant naturelle & dans son propre liēt, causée par maladies de vieillesse & douleurs coliques ou iliaques avec offense de poulmons & parties pectorales, d'humeurs caterreuses qui luy descendront du cerueau, & luy feront beaucoup souffrir pour l'heure. & seront iceux caterres & maux causez de plusieurs fatigues, passions & changemens de lieux. Ladite estoille signifie d'abondant quelque bonne aptitude à engendrer des enfans; & sur le progrez de son aage, quelque allegresse & ioye au moyen d'un legitime heritier qui naistra d'iceluy, & l'establira.

**V E N U S** matineuse directe au quarré de Iupiter & sextil de Saturne, receuë & fort bien disposée, quoy qu'elle eschée en la puissance de malfaisantes estoilles, qui luy fe-



ront paradyanture dilayer son mariage, & passer presque toute l'allegresse & contentement qu'il pourroit prendre avec les Dames : toutefois apres que ses empeschemens nuptiaux seront passez, lesquels prouvenoyēt de sa preditte cheute, qui sera depuis ses mediocres anneex, sçavoir est enuiron quarantehuit ans : Elle luy recompensera tout le temps passé & perdu, luy donnant vne femme tresnoble, de haulte & royalle lignee, laquelle i'estime qu'elle aura quelque degre d'affinite avec luy, & sera fort riche en biens de corps & d'esprit, moins aagée que luy, tresingenieuse, sage, non-pas fort belle, mais presque religieuse : & peult-estre la prendra-il par grāde necessite pour auoir paix avec ses aduersaires, desquels elle pourroit bien estre coniointe d'affinite de sang. Et ne se souciera point de capituler pour le douaire de cette femme, ni d'entrer en beaucoup de despense, & demeurer en quelque haine notable avec d'autres personnes qui se voudroyent volōtiers apparenter avec luy. En somme ce Personnage doit caute-ment traiter les affaires des femmes ; d'autāt qu'il est menacē de malheurs & d'inimitiez. Pareillement cet aistre luy attire quelques malvueillances & trauerses de personnes religieuses, puissantes, tāt avec elles qu'aucunes Republiques, pour estre mal-informees, ou pour auoir soupçon de luy. lesquelles neantmoins par le progres de temps s'en informeront mieux ; & finalement toutes haines posees depuis sadite Quarantehuitiesme annee, se conuertiront en amitez & faueurs.

Le Soleil en son dettriment fallant conioindre avec Mars l'infortunē, signifie au Personnage de tres-grands, tresviolēs & du tout extremes dangers de guerres, de feux d'armes, & autres calamitez de toutes manieres ; prisons, captiuitē, inimitiez & combats d'armes publiques, de ruines vniuerselles, cheute de son propre Estat, & priuation de son domaine pour long temps : Mais d'ailleurs, mort & destruction de la plus grand part de ses principaux & plus puissants aduersaires durant sa vie.

Mars ardent & non peu infortunē, signifie malheur en guerre, & peu d'heur en ses armes, cheuaux, ministres, seruiteurs ; rend le personnage bien-souuent trop precipiteux, & le menace de trahisons & de maulx occultes,

L. iij

de tresgrands dangers d'air contagieux ou de pestilence; & mesme de medecines, viandes, ou bruuages empoisonnez, auxquels cette naissance se trouue certes fort disposée. Et pourtant qu'il s'en donne garde avec le plus de preuoyance qu'il pourra.

**I V P I T E R** bienfaisant & fauorablement disposé denote au Personnage santé generale & deliurâce de toutes maladies, recouurance & acquisition de moyens, augmentation & abondance de richesses royales & tresgrandes, souveraine felicité en sa vieillesse avec beaucoup de contentement & de commoditez, & plusieurs bons secours de trespuissans amis. Dauantage, il le guarantit de mort violente, & luy concède son ancienne heredité; & qui plus est, quelque autre de personnes estrangeres.

**S A T V R N E** demontre perte de son patrimoine en sa ieunesse; & le luy rend en sa vieillesse. Il le menaçoit de dangers en l'eau, de precipices, de longues, difficiles, flegmatiques & melancoliques maladies; de perte & detention violente & longue de son bien propre par ses ennemis, de procez, quereles & trauaux avec ses proches. à l'occasion de son bien: mais en fin, de grands biens, assistences, faueurs & recouurance par le moyen de Dames & trespuissantes Princeesses.

La seconde moitié de la Quarãtesepiesme année de son age se môtte aucunement fauorable, laquelle consiste du commencement d'Aoust 1600. iusques au commencement de Fevrier 1601. & la fin de Iuillet prochain-venant. dauant que le Ciel commencera de descourir la verité de son fait, son innocence & grand mérite, par l'aide, moyé & faueur d'aucuns siens bons & tresfideles amis qui travailleront par escript, tesmoignages & fauorables prieres publiques & particulieres pour luy, & tascheront de faire interceder les faueurs de grands Princes, & de leurs Ambassadeurs, voire mesme de tresbraues Aduocats & raisons iudiciaires. particulierement en Nouembre & Decembre 1600. puis en Fevrier & Mars mil six cens vn. Esquels deux derniers mois il sentira quelques notables refoiuyssances, faueurs & soulagemens en ses affaires. Entr' autres on traittera avec bon succez de sa deliurance de tous ses maux & mesaises, & sentira quelques

grands travaux ou ruines de ses ennemis. Et si n'estoit l'empeschement de la prochaine & bonne reuolution de ses Quarante-huit & quaranteneufiesme annees, avec l'accomplissement de la Cinquantiesme; il auroit à viure quasi tousiours en contrastes & traueses, en offenses & deffenses, ou bien en perpetuelle guerre avec ses ennemis & leurs ministres particulierement. Encore me semble-il qu'il ait à passer le peril de faux tesmoignages & de personnes viles. c.manier ses affaires par leurs mains. En son quatriesme mois, qui sera celuy de May 1601. il se trouuera en grand danger de maladie contagieuse, ou de poison. Pource, qu'il se donne bien garde alors & depuis tousiours, d'vser de medicamens violents, de viandes & bruuages dangereux. & qu'il s'efforce continuellement de viure cautelement & prudemment: & ne laisse de faire tousiours solliciter ses meilleurs amis & consanguins esquels il peut auoir le plus de confiance. principalement & sur-tout la diuine bonté. Car ainsi faisant il sera non seulement & sans doubte deliuré de toutes ses afflictions passees & presentes: mais aussi acquerira avec beaucoup de gloire tout ce qu'il peut iustement & honnestement desirer.

CARLO LAVRO.

## 7. Segue-se outra Figura que levantou o Físico-mor denominado O Caldeirão, no ano de 1599 134

O Caldeirão Físico-mor morador na Praça de Cascais foi chamado por Miguel de Moura sendo Governador de Portugal e estando na vila de Almada e outros governadores no tempo do mal contagioso (de que Deus nos livre), no ano de 1599, para efeito de lhe levantar Figura sobre a pessoa que se dizia estava no Senado de Veneza, dizendo-lhe o dito Físico que sua mulher lhe tinha retirado [?] os livros da Judiciária e logo o dito Miguel de Moura lho mandou pedir pelo Licenciado António Rodrigues de Queiroz que assistia na vila de Cascais por Almotacé-mor e alojados daquele presídio que lá estava de castelhanos e portugueses.

E depois de lhe darem os ditos livros lhe mandou o dito Miguel de Moura que fosse em certo dia que lhe assinou a Sacavém, para onde ele dito Miguel de Moura se foi, e indo lá o dito Caldeirão lhe mandou Miguel de Moura se metesse em uma câmara com os seus livros e ali fizesse a diligência que lhe tinha dito, recomendando-lhe muito o negócio. E depois de fazer sua diligência lhe disse o dito Caldeirão que aquela Personagem que estava represada naquele Senado era o mesmo senhor Rei Dom Sebastião que havia de vir a ser Rei de Portugal, mas que primeiro se haviam [de] passar muitos anos e mandando-lhe o dito Miguel de Moura que levantasse segunda Figura, abonando-o a fazer, lhe ratificou outra vez tudo o que tinha dito a respeito da Primeira Figura e o dito Miguel de Moura o despediu, mandando-lhe que tivesse segredo.

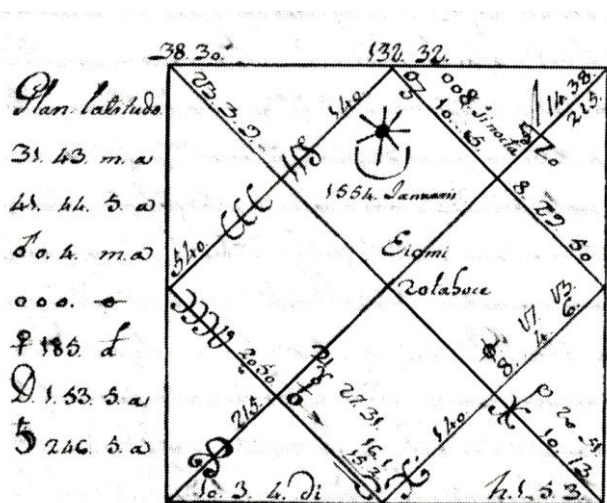
Do que foi causa afirmar-se em Lisboa que de Veneza mandara o dito Senhor Rei D. Sebastião por um calabrês, depois de estar no Senado de Veneza, um maço de cartas ao dito Miguel de Moura e se soube que no dito tempo se andaram por sua ordem buscando cartas do dito Senhor Rei para se fazer comparação e exame sobre a letra e seu sinal como se afirmou se fizera e se achara ser tudo uma mesma coisa. E o dito Caldeirão, naquele mesmo dia, vindo dormir a Lisboa, a casa de Lopo Vaz de Almada escrivão da Casa da Índia, disse ali o mesmo. E acrescentando mais que primeiro que o dito Senhor Rei viesse, havia de haver em Lisboa *Cessatio a Divinis* e que enquanto se

---

<sup>134</sup> DCL: P-163-40, fl. 118r-119v. Actualizei a ortografia e a pontuação para melhor compreensão do texto.

não visse isto, não esperassem por ele e que em havendo não tardaria muito.

Em Dezembro de 1617 disse um Ministro da Santa Inquisição que ao Bispo Inquisidor-mor mandara o Coleitor de Roma, o traslado de uma Carta que sua Santidade Paulo V escrevera a El-Rei Filipe III de Castela sobre largar Portugal ao dito Senhor Rei D. Sebastião e que um seu escrevente a trasladara.



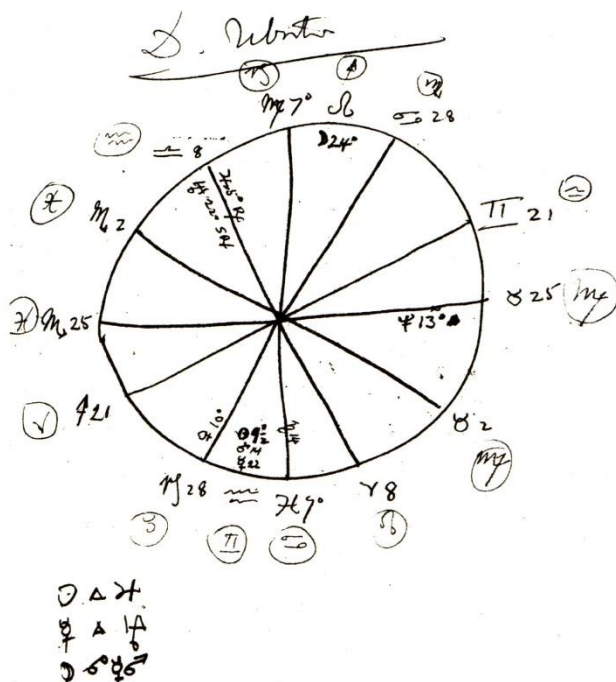
**8.** Mapa Astrológico Matemático das disposições dos Planetas e Signos no instante em que se diz nascido o Senhor Rei D. Sebastião 16<sup>o</sup> de Portugal com a explicação das suas influências. Assentando por sem dúvida que D. Sebastião 16<sup>o</sup> Rei de Portugal nasceu aos 20 de Janeiro de 1554, se deve também ter por infalível que nascendo pela meia-noite se achavam naquele instante os astros na configuração ou figura seguinte <sup>135</sup>.

<sup>135</sup> *Collecção curiosa das profecias e controversias sebasticas* v. 2, Lisboa, 1766 [Baancroft Library, Berkeley v. 145, fl. 351- MS UBC 143]. Cf. Ruth Mackay, *The Baker who pretended to be the king of Portugal*, Chicago – Londres, 2012, p. 3.





9. Esboço de *Mapa do Céu* de D. Sebastião, por Fernando Pessoa <sup>136</sup>



Fernando Pessoa anota alguns dos aspectos astrológicos mais relevantes do horóscopo: trígonos de Sol e Júpiter e de Mercúrio e Úrano e as oposições entre Lua e Mercúrio e entre Lua e Marte.

<sup>136</sup> BN: E3/Sinais, 4-14 a 17. Publicado por Paulo Cardoso, *Mar Português e a Simbólica da Torre de Belém*, Lisboa, 1990, p. 90 e Paulo Cardoso / Jerónimo Pizarro, *Fernando Pessoa – Cartas Astrológicas*, Lisboa, 2011, p. 94-97.

**António Pais Ferraz**

**DISCURSO ASTROLÓGICO**  
**das influências da Maior conjunção**  
**de Júpiter e Marte,**  
**que sucederá neste ano de 1660, a 8 de Agosto,**  
**observada e calculada para o Meridiano**  
**desta Corte, cabeça de Portugal.**

**Nele se trata da exaltação de Portugal,**  
**dos princípios de seu Império e de suas**  
**felicidades**

Transcrito e anotado por Manuel J. Gandra



## ANTELÓQUIO

Barbosa Machado chama a António Pais Ferraz douto nas faculdades de Filosofia, Teologia e Matemática.

Natural de Lisboa, a este expoente da Astrologia Mundial, do qual tudo o mais se desconhece, são creditadas, além desta que ora se edita, as seguintes obras:

*Prognostico, e lunario do anno de 1653, com todos os aspectos de Lua com o Sol e alteraçõens do ar* (Lisboa, António Alvarez, 1652);

*Prognostico, e lunario do anno de 1654 [...]* (Lisboa, J. Alvarez de Leão, 1654);

*Prognostico, e lunario do anno de 1656, com as conjuncoes. & mais aspectos da lua com o sol, & mudancas do tempo. E alguns avisos muy importantes para os lavradores. Calculado ao meridiano de Lisboa [...]* (Lisboa, João Alvarez de Liao, 1655 [BN: Res 5923 (11° P)]);

*Prognostico, e lunario do anno de 1660* (Lisboa, Domingos Carneiro, 1659).

Quanto ao *Discurso Astrologico das influencias da mayor conjunção de Júpiter e Marte, que succederá a 8 de Agosto de 1660 observado, e calculado para o Meridiano de Lisboa: nelle se trata da exaltação de Portugal, dos principios do seu Imperio e de suas felicidades* (Lisboa, Domingos Carneiro, 1661 [BA: 55-IV-27 (4°); BN: Res 1659 (7°) V]), trata-se de um manifesto apologético de Dom Afonso VI (1643-1683), monarca reinante entre 1656 e 1668, cognominado o *Vitorioso* e identificado pelo autor como o *Encoberto* manifestado.

Hemiplégico e débil mental, Dom Afonso VI herdou o trono aos dez anos por morte do irmão, Dom Teodósio, tendo sido aclamado aos treze anos incompletos. O controlo efectivo do poder coube a D. Luís de Vasconcelos e Sousa, 3º Conde de Castelo Melhor, que foi provido no cargo de escrivão da puridade.

António Pais Ferraz não anda desacompanhado na proposta que ensaiou, porquanto diversos outros a adoptariam.

Antônio Vieira comunicaria por carta a D. Rodrigo de Meneses (3 de Março de 1664) que o jesuíta Francisco Guedes, tomando "por problema dos futuros contingentes se havia de vir ou não el-rei Dom Sebastião", afirmara ser este monarca "o verdadeiro Encoberto profetizado". Noutra ocasião o próprio Antônio Vieira o apresentaria como *Encoberto* (*Defesa do Livro intitulado Quinto Império*), tal como Cosme Ferreira de Brum (*Catálogo dos Reis de Portugal*, obra apenas conhecida por intermédio da *Biblioteca Histórica* de José Pinto de Sousa" que afirma: "Na Dedicatória ao Senhor Afonso VI enuncia ser este Monarca o Príncipe de Portugal, encoberto na conformidade de uns inculcados vaticínios").

Em 1669 os sebastianistas sustentavam que o monarca deposto "não descansa, de dia e noite, de clamar por El-Rei Dom Sebastião, seu tio, que acabe de chegar a dar-lhe a sua liberdade e seu Reino" (cf. *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*, v. 2, Barcelos, 1939, p. 61).

Também o freire professo da Ordem de Cristo, Doutor João Correia Peixoto, aplicaria a este monarca duas estâncias do *Primeiro Corpo das Trovas* de Bandarra e, designadamente a estância 100 (cf. *Oração fúnebre nas Exéquias reais [...] del Rei D. João IV na insigne colegiada de Ourém em Dezembro de 1656*, Coimbra, 1657, p. 12). Por seu turno, o brasileiro Suassuna, em *A Pedra do Reino*, atribui a Dom

Afonso VI um papel escatológico no advento do Império Universal profetizado pelos milenaristas da *Pedra Bonita* (Brasil).

No que concerne aos critérios da presente edição, quero apenas sublinhar que a modernização ortográfica (e moderadamente da pontuação) a que procedi teve ainda a preocupação de corrigir as muitas gralhas tipográficas de que enfermava o original impresso.

MJG

Senhor,

Aos Reais pés de Vossa Muito Alta e Poderosa Majestade ofereço este breve discurso Astrológico que por duas razões tem vossa Majestade Sereníssima obrigação, não só de o aceitar, mas de o ilustrar, e favorecer com suas reais magnificências. A primeira é ser fundado na Astrologia, ciência que só compete aos grandes Príncipes, pois é a mais nobre de todas as que têm por objecto o Material, segundo Aristóteles, Príncipe dos Filósofos, no I. *Livro dos Meteoros* e VIII. [da] *Física* e in II. [do] *De generatione et corruptione*. Sobre a proeminência, que os Astros e Orbes Celestes têm nos inferiores, e dela se prezaram os mais levantados Príncipes, e antigos do Mundo. A origem de todos foi nosso primeiro Pai Adão, depois dele Noé, Abraão e os mais de seus descendentes, que faziam tanta estima desta ciência, que quanto mais sábios nela, maiores Príncipes se consideravam, e por tais eram venerados: como o Senhor D. Manuel, Rei de Portugal, que por esta ciência senhoreou as partes do Oriente e do Ocidente. Nesta altura prosseguia o mais Sábio por Estrela, o Sereníssimo Príncipe Dom Teodósio, que Deus tem em Glória, Irmão de Vossa Majestade.

A segunda razão, que obriga a Vossa Majestade Sereníssima para favorecer este papel, é tratar das glórias, felicidades e exaltação do Império Lusitano, não só prometido por Cristo ao primeiro ascendente de Vossa Majestade, naquelas palavras -- *Volo enim in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire* (1) -- e por Profecias de Varões Santos e virtuosos; mas ainda conjecturado das influências das conjunções dos Planetas superiores, pois Vossa Majestade há-de ser a origem e o principal fundamento desta Coroa Imperial.

Portanto favoreça Vossa Majestade com sua Real grandeza estes felizes anúncios aplicados com a pena, e estudo deste seu fiel vassalo, para zelar e engrandecer com ânimo fidelíssimo as glórias de Vossa Majestade, cuja vida e Império sempre Deus aumente e prospere.

De Vossa Majestade Vassalo fidelíssimo,

F. T. M. António Pais Ferraz.





## **Discurso astrológico das influências da Maior conjunção de Júpiter e Marte, que sucederá neste ano de 1660**

Posto que no meu Prognóstico deste ano de 1660 (2) não fiz menção da conjunção de Júpiter e Marte, que sucederá a oito de Agosto, foi a causa de falar sobre ela em particular, como aqui faço, não só para mostrar por conjecturas astrológicas a exaltação, e aumentos de Portugal, mas juntamente para desengano de alguns tímidos e perplexos. Falo *Physicè, et secundum dispositiones causarum secundarum; Logicè enim, et respectu primae causae*. Será o que Deus for servido e assim tudo o que disser neste papel, submeto com toda a submissão de humilde filho da Igreja Romana, à correcção e juízo dos Senhores Dom Inquisidores e Ministros de Sua Majestade.

### **§ 1**

#### **Dá-se notícia das conjunções dos três Planetas superiores e de suas influências**

Várias são as opiniões dos astrólogos e, por esta causa, se [des]encontram em seus escritos no eleger do almutem (3) das figuras, que observam por cada um seguir a doutrina daquele autor a quem mais se afeiçoa, sendo que as experiências mais contínuas, e quotidianas são as que mais podem acertar; pois os efeitos das causas celestes, são futuros: *Eorum enim causae tantummodo a posteriori cognoscuntur; V. test axioma Astrologicum*.

Os planetas errantes são sete, convém a saber (começando de cima para baixo) Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vénus, Mercúrio e a Lua (4). Destes sete, os três a que chamamos superiores são Saturno, Júpiter e Marte, porque estão acima do Sol. Destes três planetas se formam certos congressos, ou conjunções, cujos nomes são conjunção Máxima, Maior e Magna: *a positivo enim (Magnus) tantummodo formatur comparativus (Maior) et superlativus (Maximus)*. Uns dão quatro conjunções a saber, Máxima, Maior, Média, ou Magna e ainda estes, que concedem estas quatro, se [des]encontram, porque uns

dizem que a conjunção Máxima se forma de Saturno, Júpiter e Marte; a Maior, quando Saturno e Júpiter se encontram, digo se juntam. A Magna ou Média, quando Saturno e Marte têm congresso e a Mínima quando Júpiter e Marte se encontram. Outros dizem que a conjunção Máxima se forma de Saturno e Júpiter e tiram a Marte e que esta se há-de fazer em triplicidade (5) contrária, e sendo em diversa não totalmente oposta, se chama Magna, ou Média, e sucedendo em a mesma triplicidade, se diz Mínima.

Sem embargo do que dizem esses astrólogos, digo eu que a conjunção de Júpiter, Saturno e Marte é universal e que tem influência sobre toda a terra. E este domínio universal sómente tem Cristo Senhor Nosso e depois seu Vigário, o apóstolo São Pedro e por sucessão os Sumos Pontífices, e esta conjunção raramente sucede.

A Máxima é a que se faz de dois planetas quaisquer dos superiores em algum dos quatro signos cardeais (6), como sucedeu no ano de 1453, em que o Turco alcançou o Império de Constantinopla, que se fez de Júpiter e Marte, em Capricórnio.

A Maior é a que sucede de dois destes planetas em qualquer dos signos fixos (7) e sucedentes aos cardeais e esta influi sobre Monarquias que dominam Reinos que lograram Reis naturais.

A conjunção Magna é a que se faz dos ditos planetas em qualquer dos signos cadentes (8) e sua influência é sobre Reinados e Potentados.

Por outro modo tirado das palavras de Ptolomeu na palavra 64 do *Centilóquio* -- onde se diz: *In Alchirer minori (idest magna) est divisa alchiren media (hoc est maior) et in media divisa est maior (scilicet maxima)* -- se podem considerar estas conjunções, a saber, que sucedendo algum dos três planetas em qualquer signo do zodíaco, se dirá Magna, e no fim da sua duração suceder outra cujas influências esforçarem e corroborarem as da conjunção precedente, esta se chamará Maior; a terceira depois destas se chamará Máxima, cujos influxos continuarem com os das duas precedentes.

## § 2

### **Das circunstâncias necessárias para as influências de qualquer das conjunções sobreditas sortir efeito**

As circunstâncias necessárias para qualquer conjunção dos três planetas superiores influir seus efeitos são as seguintes. A primeira é que o almutem de alguma das quatro partes do ano seja algum dos três planetas superiores. A segunda que tenha precedido congresso, ou o venha a ter no mesmo ano com outro superior. A terceira, que o senhor da sétima casa (9) esteja mais poderoso, que o do horóscopo. A quarta, que neste tempo estejam acabados os efeitos das influências da conjunção precedente, aliás faltando algumas destas circunstâncias, o congresso será baldado e de nenhum efeito para a mudança; antes influirá firmeza e aumento do precedido. E declaro-me com o seguinte.

No ano de 1580, em que este Reino se atenuou com a morte do senhor cardeal D. Henrique, que Deus tem, foi senhor da primeira parte do ano Saturno, porque o Sol nela entrou nesta Corte a 10 de Março às 8 horas e 11 minutos da manhã, no primeiro ponto de Aries; Saturno se achou em 13 graus e 48 minutos de Aquário com Marte em 7 graus 6 minutos do mesmo signo, os quais planetas tiveram congresso a 2 de Março, segundo consta de Stadio em suas *Efemérides* (10). E porque nesta figura se acharam todas as quatro circunstâncias sobreditas, por esta causa (e *volente Deo*) el-Rei Filipe ocupou este Reino e porque pela conta duodecatenária dos graus, em que Saturno se achou, caiu no signo de Câncer, contando de Aquário para Câncer vão seis signos, que somam 60 anos, os quais juntos aos 1580 fazem 1640, e assim tanto tempo haviam de durar suas influências como duraram, (*Loquor physicè*) e dentro deste tempo nenhuma outra conjunção que houvesse podia ter efeito antes do ano de 1640. E se não vejam-se as *Efemérides*, quantas conjunções precederam antes do ano de 1640 sem até esse tempo se sentirem suas influências.

No ano de 1640 na entrada do Sol em Aries nesta Corte, que foi a 19 de Março às 9 horas e 26 minutos da tarde, foi almutem do ano Júpiter; este se achou em 5 graus de Capricórnio, acompanhado de Marte, com o qual teve congresso, antecedentemente em 5 graus do dito signo a 16 de Março do mesmo ano, e porque esta conjunção tinha todas as circunstâncias necessárias como a sobredita do ano de 1580 e juntamente porque se acabava o tempo das influências da precedente

conjunção no de 1640, por esta razão houve a mudança -- considere-se que aqui em tudo falo fisicamente e segundo a ordem e disposição das causas segundas (11) -- na felicíssima aclamação de el-Rei Dom João IV, que Deus tem em glória, e porque doze vezes cinco fazem 60 cai a conta em Aquário, que são dois signos e somam 20 anos, os quais juntos aos 1640 fazem 1660 e posto que alguns imaginem que as influências da conjunção de 1640 por esta conta se acabam neste de 1660 e que haverá mudança pela conjunção deste ano, enganam-se. Antes se corroboram as influências precedentes e se aumentam com as da conjunção deste ano de 1660, pelas razões que abaixo aponto.

### § 3

#### **Da Maior conjunção de Júpiter e Marte, que sucederá este ano de 1660**

Neste ano de 1660 sucederá a Maior conjunção de Júpiter e Marte, em 7 graus do signo da Virgem, a 8 de Agosto às duas horas e quase 25 minutos da manhã. Este aspecto é indiferente, porque observando-se a figura deste aspecto por si só considerado não mostra coisa que se haja de notar, mais que somente, sobre as alterações do ar e mudanças do tempo, havendo sempre respeito ao dominador da parte do ano em que sucedem estes, e outros aspectos. E porque se achará Câncer no horóscopo, Júpiter, Lua, Marte e Vénus na terceira casa celeste, o Sol e Mercúrio na segunda, Saturno na quinta. E segundo a opinião de Magino (12) na proeminência das casas, fica sendo senhor desta conjunção o Sol, que influirá grandes calmas, vários fogos no elemento do Ar e outras constelações. Porém, para o mais é necessário observar a figura da quarta do ano e seu dominador e considerar as circunstâncias necessárias que acima aponte.

Primeiramente, considerando e notando a figura da segunda parte deste ano, que entra a 20 de Junho quase às 9 horas da tarde, é senhor dela Júpiter, *per transitum Lunae*. Este se acha em o signo da Virgem e Marte no signo de Leão e porque dentro desta parte do ano, tem conjunção a 8 de Agosto, vem a ser a segunda circunstância, porque a primeira é ser almutem da quarta Júpiter, que é um dos três planetas superiores. Faltam-lhe as duas para haver mudança, como sucedeu no ano de 1580 e no de 1640, porque está o senhor da sétima casa mais fraco, que representa amigos descobertos, que o senhor da

primeira. E que em vez de se acabarem os influxos da conjunção de 1640 tornam a começar (e por melhor dizer continuarão com maior aumento as mesmas influências da conjunção de 1640, porque juntando-se uma conjunção Magna com outra da mesma qualidade, como são as do ano de 1640 e a deste ano de 1660 fazem uma Maior, da qual se pode conjecturar princípios de aumentos e exaltação de Portugal. E ainda que depois desta conjunção deste ano, sucedam outras, não surtirão efeito suas influências, enquanto durarem as desta conjunção, que se dilatam por espaço de 30 anos, que é até ao ano de 1690. E esta consequência tiro dos antecedentes, porque a conjunção que sucedeu no ano de 1580 de Saturno e Marte, que influíu o cativo deste reino ao Ibero, tinha a duração de 60 anos e assim as conjunções que sucederam neste tempo não podiam surtir efeito, como se tem visto, e muitas houve assim na mesma triplicidade, como em diversas.

#### **§ 4**

#### **Notam-se as influências desta Maior conjunção**

Primeiramente, esta conjunção de Júpiter e Marte sucede na segunda parte deste ano e para vermos que efeitos influirá nos primeiros 30 anos, que tanto tempo se dilataram, é necessário observemos a figura da entrada do Sol no signo de Câncer, nesta Corte cabeça deste Reino de Portugal, o qual entra a 20 de Junho às 9 horas e 30 minutos da tarde -- como notei no meu prognóstico particular deste ano de 1660 -- no ascendente se acha Aquário, a Lua e Saturno em Escorpião, no meio do Céu (13), Marte e Vénus no Ocidente, em Leão, o Sol e Mercúrio em Câncer, na sexta casa do Céu, Júpiter no oitavo domicílio, no signo da Virgem. É formada esta figura pela doutrina dos árabes. Considerando a postura e ordem dela, temos cinco planetas dominadores e almutens destes 30 anos, que começam a 8 de Agosto deste ano de 1660 e durarão até o de 1690 a respeito da conjunção.

Em primeiro lugar, e como almutem principal, e mais geral dominador, é Júpiter senhor da conjunção e destes 30 anos, assim como Marte o foi dos 20 que começaram em Dezembro de 1640 e da conjunção que sucedeu a 16 de Março do dito ano. E assim como Marte influíu guerras no espaço dos 20 anos passados, também

Júpiter nos influi daqui por diante não só sossego nas armas, mas ainda pazes com os maiores inimigos nossos.

O planeta Júpiter por si só considerado dizem os astrólogos que é de natureza temperado, qual se acha no cáldo e húmido, o que lhe vem por ter seu movimento entre Saturno e Marte, segundo quer Ptolomeu no *Quadripartito* (14), e seu comentador -- e não como pareceu a Jarco (15), Alquinda (16), e outros --, atribuindo a tal natureza a cada um dos planetas, conforme se achavam ficar um sobre o outro em seus lugares. Porque está claro que quando Ptolomeu fez observação em Júpiter comparando-o com o Sol e Lua, logo nos ensinou que seu influir neste mundo inferior, era um meio entre grande frialdade, que faz Saturno, e excessiva quentura, que causa Marte, e este é o entendimento daquelas palavras (*Qua propter simul calefacit, et humectat*) e assim fica em boa razão sendo quente e húmido; porque como a quantidade de seu orbe, ou corpo seja grande, e tenha muito lume, faz que atraindo a si alguns humores, ajuda mais a que seja húmido, menos porém do que quente. É planeta feliz, benéfico, saudável, fecundo e que sempre ajuda, favorece, e aumenta, de modo que quando Júpiter é dominador sobre os inferiores, influi neles geralmente aumento, prosperidade, melhoramento e abundância nas coisas necessárias para o ministério dos viventes. Tudo isto nos dá a entender o Príncipe dos astrólogos, Ptolomeu no livro segundo de seu *Quadripartito*, quando diz: *Jupiter solus nactus dominium generaliter incrementa rebus confert; sed peculiariter cum eventus inhumanum genus exeunt: largitur gloriam, amicitias, tranquillitatem, pacem, rem familiarem auget, corpus animumque componit, etc.* Nos frutos da terra influi fertilidade, liberalidade nos Príncipes, aumentos em seus vassalos. Tudo isto e muito mais influi Júpiter por sua boa natureza, singular temperamento e bondade de seus influxos e por esta causa lhe puseram o nome de fortuna maior. Bem o mostrou Almançor (17) na proposição 13 onde disse que o homem que em seu nascimento tivesse a Júpiter por almutem da figura, nunca seria pobre, nem sentiria falta das coisas necessárias para a vida humana: *Nunquam erit pauper* (diz o autor) *et inops, cujus nativitatis dominus fuerit Jupiter*, mas Deus é o que governa.

Todas estas boas influências logrará este Reino de Portugal por espaço de 30 anos: será abundante, feliz, rico e pomposo; seus naturais bem afortunados, descansados, gozarão de felicidades, haverá boas navegações, tudo será um mar de bonança; as terras serão férteis

e abundantes em seus frutos, (falo em geral, e a respeito da conjunção deste ano) os comércios felizes. E, finalmente, será Portugal um jardim pomposo e seu princípio será no ano de 1663 em que os mais dos Príncipes da Europa estarão em paz com este Reino e ainda o maior inimigo nosso e Deus sobretudo.

## § 5

### **Da exaltação de Portugal, e do princípio de seu Império na Real pessoa de D. Afonso VI, nosso Senhor**

*Nihil est tam difficile, et arduum, quod non humana mens vincat, et in familiaritatem perducat meditatio.* Assim diz Sêneca e o confirma Cícero. Mas eu digo com Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Tomás: *Quod omnia potest Deus, quae posse potentia est.* Algumas conjecturas principais entre muitas acho, que influem e demonstram a exaltação de Portugal e os princípios de seu Império na Real pessoa de Sua Majestade D. Afonso VI, nosso Senhor, que Deus guarde.

A primeira é a conjunção de Saturno e Júpiter, que sucedeu no ano de 1603, a 24 de Dezembro, às 10 horas quase da manhã -- desta faz menção Bocarro em seus *Anacephaleoses* (18). As influências deste congresso se dilatam até o ano de 1643, porque sucedeu em 9 graus 36 minutos do signo de Sagitário e a Lua se achou a esse tempo em 21 graus do signo de Virgem. A conjunção no meio do Céu sobre esta Corte. No horóscopo o signo de Peixes e a Lua no ângulo ocidental e pela conta duodecatenária cai no signo de Peixes que tem domínio sobre Portugal e de Sagitário a Pisces somam 40 anos. Estes juntos aos 1603 fazem 1643 e no dito ano surtiu efeito a influência desta conjunção com outra que sucedeu no mesmo ano de 1643 no signo de Peixes, que se achou no horóscopo do congresso precedente, no Real nascimento de Sua Majestade D. Afonso VI, nosso Senhor, segundo a doutrina de Alchibicio (19) no seu breve tratado que fez das conjunções dos Planetas (20). E posto que nele diga que sucedendo conjunção de Saturno e Marte em Aquário, *Homo tunc nascetur, de quo gaudium magnum erit in populo, cui gentes plurimae subjicientur.* E se deve entender a respeito não só da conjunção, mas também das quatro qualidades, que nela se acham para a geração do Príncipe, que diz: a mesma razão milita e digo que maior se acha nesta

conjunção de 1603, porque não somente nela se acham todas as quatro qualidades para a geração deste Príncipe soberano, mas também que o congresso é de Saturno e Júpiter, que são superiores a Marte, e das sobreditas palavras de Alchibicio conjecturo que sua Majestade, que Deus guarde, nasceu para dominar a maior parte do mundo. E, por consequência, em sua Real Pessoa, terá cumprimento o Império Lusitano, há tantos anos prometido e profetizado.

A segunda conjectura é a conjunção de Júpiter e Marte que sucederá este ano de 1660, como acima notei. E posto que alguns astrólogos em seus escritos fazem grandes admirações sobre ela, dizendo que é semelhante à que sucedeu no ano de 1640, dando com isto motivo não só aos ignorantes, mas aos indiferentes para andarem perplexos e arriscarem-se alguns com esta ocasião ao que experimentaram os do ano de 1641, que bem o disse muitos anos antes Bandarra naqueles seus versos:

*Trinta dois anos e meio  
Haverá sinais na terra  
A Escritura não erra,  
Que assim faz o conto cheio*

*Um dos três que vem arreio  
Demonstra grande perigo  
Haver açoite e castigo  
A gente que não nomeio (21).*

De sorte que aqueles trinta dois anos e meio foram oitenta, juntos esses oitenta aos 1560, fazem 1640, assim quer dizer o Autor que em um dos três que *vem arreio*, se há de entender no ano de 1641, como mais claramente o diz o mesmo Autor no verso 144:

*Vejo quarenta e um ano  
Pelo correr do Cometa,  
Pelo ferir do Planeta  
Que demonstra ser grão dano (22).*

Porque nesse ano grave perigo estava eminente e bem se viu o açoite e castigo que nele houve. Não acho nos ditos astrólogos razão alguma e, se é que o entendem, deviam explicar-se, ou não falar na



dita conjunção para evitar inconvenientes ignorantes, ou a perfídia sujeitos. Eu lhes concedo que esta conjunção é semelhante à de 1640. Assim por ser feita dos mesmos planetas, como na mesma triplicidade do signo. Porém são muito diversas nas influências, porque a conjunção de 1640 influiu na mudança do Reino do cativo do Ibero para a liberdade Lusitana e restauração de Portugal, na feliz aclamação de el-Rei D. João IV, que Deus tem, e a conjunção deste ano de 1660. E a continuação delas com maior aumento e prosperidade e não mudança, ou alterações contrárias à conjunção precedente, como consideram alguns inconsiderados. Provo o sobredito, com os antecedentes, ou precedentes congressos.

No ano de 1580, sucedeu a conjunção de Saturno e Marte, em 14 graus e 44 minutos de Aquário a 20 de Março, de cujas influências resultou o cativo e sujeição deste Reino ao domínio de Castela, porque tinha as circunstâncias que atrás no § 2 aponto; foram continuando estes influxos até o ano de 1590, onde tornaram estes mesmos planetas a juntar-se a 17 de Maio (no ano antigo que pela reformação foi a 27), em 16 graus 4 minutos de Geminis da mesma triplicidade de Aquário, e, contudo, não se sentiram as influências desta conjunção. Vamos adiante. No ano de 1598 tornaram estes mesmos planetas a ter congresso a 17 de Agosto e pela reformação a 27 em 4 graus de Libra, da mesma triplicidade, não sortiram efeito, foi continuando o cativo. *Urget argumentum*, no ano de 1610 a 3 de Maio se juntaram os sobreditos planetas em o mesmo signo de Aquário, onde tiveram congresso no ano de 1580, que deviam alterar os influxos e, contudo, os mesmos foram continuando até o ano de 1640, em que se diversificaram com as influências da conjunção de Júpiter e Marte, em Capricórnio, e outras muitas que sucederam, assim no intervalo daqueles 60 anos de cativo, como nestes 20 de liberdade Lusitana, cujas influências até agora se não sentiram. Logo que razão para que esta de Agosto influa como a de 1640 não a acho pelo modo que alguns a consideram, senão pelo que abaixo noto.

A esta conjunção de Agosto, chamam alguns astrólogos Magna, outros lhe chamam Máxima, porém segundo o que temos dito no § 1 acerca das conjunções e pelo que diz Ptolomeu acima citado, se chamará Média, ou Maior, que é entre a Magna e a Máxima porque a conjunção de 1640 foi Magna e a conjunção que se há-de seguir depois desta de 1660, se dirá Máxima, que vem a ser como auge e apogeu! *Secundum axioma Astrologicum*, das influências de todas as 3

conjunções e quando estas conjunções se dividem em Magna, Maior e Máxima é quando a segunda e terceira se assemelham com a primeira que sucedeu e assim se deve interpretar aquelas palavras do *Quadripartito* de Ptolomeu, palavra 64: *In Alchiren minori (hoc est magna) divisa est Alchiren media (scilicet maior) et in media divisa est maior (id est maxima)*. Porque diversificando-se, em tal caso se não dá a dita divisão, mas começa em diversos influxos a segunda conjunção e não se dirá senão Magna, pois as influências da primeira se extinguirão.

Suposto isto, se a conjunção de 1640 influiu a restauração deste Reino (*Loquor Phisicè*) com todas as suas pertenças e com as mais felicidades que se viram que influirá a conjunção deste ano de 1660 que é Maior, pois combinam seus influxos com os da primeira? Eu digo que dobradas felicidades e princípio do Império Lusitano: *Tunc enim datur augmentum, quando aliquid de novo jungitur ei, quod possidetur*. A propósito o traz Firmico (23): *Si Jupiter, et Mars in unum simul fuerint collocati in eodem signo pariter constituti, aequabili societatis potestate jungantur Maxima decernit insignia dignitatum, et maximam conferunt licentie potestatem; faciunt enim homines magnarum civitatum, aut magnarum regionum officia gubernantes, et in populis maximis gloriosae licentiae potestates, etc.* Por estes efeitos, que diz este autor, influem uma conjunção de Júpiter e Marte; que efeitos influirão duas conjunções da mesma qualidade? Que princípios de Império? E na terceira conjunção, que suceder destes mesmos planetas? Complemento do dito Império Lusitano. A qual conjunção sucederá no ano de 1690, no signo de Aries de Júpiter e Marte, e no dito ano este Reino será Império, segundo as palavras de Cristo ditas a el-Rei Dom Afonso Henriques: *Volo enim in te et in semine tuo mihi imperium stabilire*. E que el-Rei Dom Afonso VI nesse ano há-de ser o primeiro Imperador deste Império de Cristo. Provo com esta conjectura astrológica, *a simili*. No ano de 1604 nasceu Sua Majestade, que Deus tem em glória, Júpiter e Saturno se acharam em Sagitário, Júpiter senhor da Lua, *per sui transitum*. Estava impedido do Sol em Peixes, para onde caminhava; Sagitário tem de longitude quase 26 graus, estes juntos aos 1604 com os dez do orbe de Júpiter, fazem 1640 em cujo ano lhe influiu esta conjunção o reinado e no dito senhor a liberdade Lusitana, como sucedeu. No ano de 1643 nasceu Sua Majestade, que Deus guarde, também Júpiter foi almutem da Lua, aquele se achou em Aries com Saturno (e segundo o

que digo no § 5) influi Império este congresso e porque Marte, senhor de Aries, se achou em o signo da Virgem, que se alonga a quase 47 graus, estes 47 graus juntos aos 1643 somam 1690 e nesse ano será Sua Majestade o primeiro Imperador deste Império Lusitano, *volente Deo*.

E se confirma com o entendimento das mesmas palavras de Cristo, *scilicet: Volo enim in te, e in semine tuo mihi Imperium stabilire*, nas quais nos dá a entender que assim como dava este Reino ao primeiro Rei, que se chamava Afonso, faria este mesmo Reino Império em outro Afonso, que sucedesse depois do complemento da profecia do Santo Ermitão: *Respiciet, et videbit, etc.* Que é sua Majestade, finalmente, por estas conjecturas temos provado, que o princípio das glórias e aumentos de Portugal, será este ano de 1660 na Real pessoa de Sua Majestade, que Deus guarde; no que toca às causas segundas, porque a primeira e principal, *Qui est Deus optim. maxim.* fará o que for servido. Concluamos no § seguinte.

## § 6

### Conclusão deste discurso Astrológico

Temos mostrado como a conjunção Maior de Júpiter e Marte que sucederá este ano de 1660 influi aumentos e exaltação de Portugal e princípio de seu Império prometido por Deus: *Ego enim aedificator, et dissipator Imperiorum, et Regnorum sum. Volo enim in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire*. Em que aquela palavra *in te*, mostra a Real Pessoa de el-Rei Nosso Senhor. Dom Afonso VI, *in te, hoc est in altero Alphonso*, que assim como Deus deu este Reino ao primeiro Rei D. Afonso Henriques, que lançou os Mouros dele, para fazer assento e pedra fundamental à Fé de Jesus Cristo, assim também este Império, há-de ser tomado aos próprios Mouros por outro Afonso, que é el-Rei nosso Senhor, como se colhem das palavras de Bandarra segundo a verdadeira interpretação:

*De quatro Reis o segundo  
Haverá toda a vitória (24).*

*Hoc est*, que o segundo Rei depois da Restauração de Portugal, terá a vitória e alcançará este Império, que se entende Sua Majestade,

filho de el-Rei Dom João o IV, que Deus tem, verdadeiro encoberto de quem fala Bandarra quando diz:

*Já o tempo desejado  
É chegado,  
Já se chegam os oitenta  
Que se ementa  
Por um Doutor já passado  
Rei novo alevantado*

*Já dá brado:  
Já assoma sua bandeira  
Contra a Grifa parideira  
Logomeira,  
Que tais prados tem gozado (25).*

Aqueles oitenta juntos aos 1560 em que morreu o autor fazem 1640 e o mesmo combina com o que dizem outros papéis, que em lugar do verso *Já se chegam os oitenta*, tem, *Já se cerram os quarenta*, em que sucedeu a felicíssima aclamação de Sua Majestade, que Deus tem. E a *Grifa parideira* se entende Castela, que gozava os prados de Portugal (26). E não el-Rei D. Sebastião, que não foi verdadeiro encoberto, por não ter as seis circunstâncias, ou sinais, que Bandarra aponta em seus versos. A primeira, *O Rei novo é levantado* (verso 87) diz que é Rei novo; a segunda, que será Rei eleito e não só por sucessão (verso 100): *O Rei novo é escolhido e elegido*; a terceira que é Infante, como se lê no verso 88: *Saia, saia esse Infante, bem andante*; a quarta que o encoberto se chamará Dom João (verso 88): *O seu nome é Dom João*, e seis vezes fala o Autor neste nome, de que tanto gostou e de quem tomou a sua teima, como se vê nos versos 25, 38, 44, 55, 88, 93; a quinta que terá um irmão bom Capitão (verso 102): *Este Rei tem um irmão, grão Capitão*; ultimamente, diz que este Rei será aclamado e alevantado quando se cerrarem os 40 anos como consta do verso 87 que acima aponteí. Antes todos estes sinais evidentemente se acharam em el-Rei Dom João o quarto que Deus tem em glória, verdadeiro encoberto e o Rei de quem Bandarra tomou sua teima no verso 72:

Este Rei tão excelente

*De quem tomei minha teima (27).*

O Império maometano se ergueu no ano de 1453 em que sucedeu a Máxima conjunção de Júpiter e Marte, em Capricórnio. A Restauração de Portugal no ano de 1640 em que sucedeu a própria conjunção. Nunca se viu uma balança erguer, sem se abaixar a outra. Estas duas conjunções de 1640 e de 1453 representam as balanças: a de Portugal começou [a] erguer-se, a do Turco começará a baixar-se e *per consequens*, no Império maometano porá Portugal seu Estandarte. *Volo enim in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire.* Também tem concordância, o que diz Bandarra acerca do Império Lusitano nos seguintes versos:

*Um grande Leão se erguerá  
E dará grande gemido:  
Seu brado será ouvido  
Que a todos assombrará.  
Correrá, e andará,  
E fará mui grandes danos,  
E os Reinos Africanos  
A todos subjugará (28).*

Este grande Leão, se entende o segundo Rei dos quatro, que governaram depois da Restauração, que acima notei. A palavra se *erguerá*, se entende, por embravecer e assanhar; e assim o dá a entender o mesmo autor dizendo:

*Mas acho que o Sanhudo  
Mui sisudo,  
Arrepelará o gato,  
E far-lhe-á murar o rato  
Do seu fato.  
Deixando-o todo desnudo (29).*

A palavra *Sanhudo*, é a mesma que assanhado e embravecido, mas o gato que este Leão há-de arrepelar considere o Leitor que nação é e para menos trabalho olhe para a palavra *Desnudo*, que língua soa e logo virá em conhecimento do intento do Autor. No domínio de Sua Majestade, que Deus guarde, apareceram e se descobriram os Santos

Mártires no elemento da terra; no Céu apareceu uma nova Estrela a 21 de Dezembro do ano de 1659, segundo observou o padre Valentim Estancel da Companhia de Jesus, Lente das Matemáticas no Colégio de Santo Antão (30). Estes sinais e conjecturas são indícios e prognósticos de grandes felicidades, aumentos e exaltação deste Reino de Cristo, no domínio da Real Pessoa de Sua Majestade e da Rainha nossa Senhora que veja e logre todas estas felicidades na vida de seu muito amado Filho, Rei e Senhor nosso.

FIM

# DISCURSO ASTROLOGICÒ

DAS INFLUENCIAS DA MAYOR  
conjunçam de Jupiter, & Marte, que succederà  
nesto anno de 1660. a 8. de Agosto.

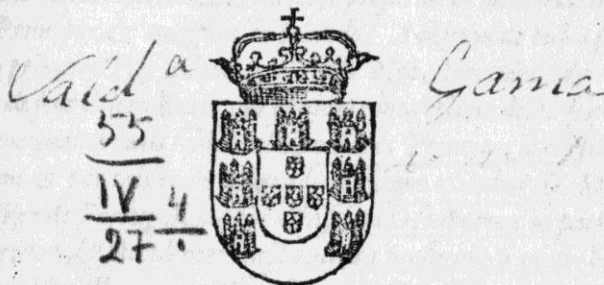
OBSERVADA, E CALCVLADA PERA  
o Meridiano desta Corte, cabeça de Portugal.

NELLE SE TRATA DA EXALTACAM DE  
Portugal, dos principios de seu Imperio; & de suas felicidades.

OFFERECIDO

AO MVITO ALTO, E PODEROSO MONARCHA  
de Portugal.

D. AFFONSO VI. N.S.



POR ANTONIO PAES FERRAZ  
Theologo, Philosopho, & Astrologo, natural  
da mesma Corte.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias. Por Domingos Carneiro. Anno 1661.

## NOTAS

- (1) Trata-se de uma das passagens cruciais do *Juramento de Ourique*. Cf. Manuel J. Gandra, *Ourique como categoria escatológica da portugalidade*, in *Da Face oculta do Rosto da Europa*, Lisboa, 1997, p. 27-65 e *A Cristofania de Ourique: mito e profecia* (no prelo).
- (2) *Prognostico, e lunario do anno de 1660*, Lisboa, Domingos Carneiro, 1659.
- (3) Chama-se almutem ao planeta mais influente no horóscopo.
- (4) O autor reporta-se ao sistema geocêntrico. Ver diagrama.
- (5) Existem quatro triplicidades, congregando cada uma três signos caracterizados pelo mesmo elemento: de fogo (Carneiro, Leão e Sagitário), da água (Caranguejo, Escorpião e Peixes), da terra (Touro, Virgem e Capricórnio) e do ar (Gêmeos, Balança e Aquário).
- (6) São signos cardeais: Capricórnio (270°), Carneiro (0°), Caranguejo (90°) e Balança (180°).
- (7) São signos fixos: Touro, Leão, Escorpião e Aquário.
- (8) São signos cadentes, comuns ou mutáveis: Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes.
- (9) Nesta perspectiva (a da astrologia mundial), a sétima casa reporta-se às sociedades, acordos ou desacordos económicos, sociais ou políticos, eleições, guerras, litígios ou conflitos abertos.
- (10) Juan Stadio, *Tabulae Bergensis acqualibus et adparentis motus orbium coelestium*, Colónia, 1560.
- (11) A causa primeira, Deus, age por si mesma, independentemente de quaisquer outras causas. Já as causas segundas agem na dependência de outras superiores.
- Giovanni António Magini de Bolonha (1555-1617).
- (13) O Meio do céu corresponde ao grau culminante da eclíptica.
- (14) Título latino do *Tetrabilos* de Ptolomeu.
- (15) Não logrei identificar este autor.
- (16) Alkindi, aliás Abu Yusuf Ibn Isaac (800-873).
- (17) Averróis, aliás Abu'l-Walid Mohammed ibn Aymad ibn Mohammed Hafid ibn Rusd (1126-1198), comentador de Ptolomeu.
- (18) *Anacephaleoses da Monarchia Luzitana*, Lisboa, Antonio Alvarez, 1624 [BN: Res 1077 P] e, novamente, Tipografia Lacerdina, 1809 [BN: L 3403 P]. Preparo nova edição comentada, a qual será publicitada brevemente.
- (19) Alcabitio, aliás, Abdel Aziz, representado num fresco de Pelegrino Tibaldi, no Escorial.
- (20) Cf. *De coniunctionibus*.
- (21) Trovas XCVII e XCVIII. *Trinta e dois anos e meio* =  $32 + 16 = 48$ ; *Conto cheio* = números perfeitos: 30, 40, 50...
- (22) Trova CXLIV. *Cometa* = cometa de 1618 (17 de Novembro a 15 de Junho de 1619), ao qual Nicolau de Cusa atribuiu (*De Regno et Domo*) presságios funestos para Espanha. Fernão Homem de Figueiredo interpreta esta trova e a CXLV como significativas da destruição de Castela (p. 92-94). *Ser grão dano* = variante: *sem grão dano* (António Vieira).
- (23) Firmico Materno.
- (24) Trova XCV. O *Jardim Ameno* (1636) interpretara-a: desbaratada a casa de Meca, terá fim a reputação de Mafoma (fl. 67v). *De quatro Reis o segundo* = Rei duas vezes dado (*Jardim Ameno*, fl. 55). *Será paz em todo o Mundo* = variante: *Fará paz em todo*



o mundo. Nesta distinção entre *Será* e *Fará* funda Sampaio (Bruno) a sua tese segundo a qual "o sebastianismo coincide com o filosofismo", visto que a paz anunciada surge vinculada à operação filosófica de ascender do erro para a verdade (*O Encoberto*, Porto, 1904, p. 379). Fernando Pessoa afirma que "a paz que o Bandarra diz que haverá em todo o mundo, será a paz de não haver diferenças religiosas [...]", sublinhando que "no Quinto Império haverá a reunião das duas forças separadas há muito, mas de há muito aproximando-se: o lado esquerdo da sabedoria - ou seja a ciência, o raciocínio, a especulação intelectual; e o seu lado direito - ou seja o conhecimento oculto, a intuição, a especulação mística e kabalística. A aliança de D. Sebastião, Imperador do Mundo e do Papa Angélico figura esta íntima aliança, esta fusão do material e do espiritual, talvez sem separação [...]. Não é pois para uma absorção mística que avançamos, sendo para a conjugação clara dos dois poderes da Força, dos dois lados do Conhecimento [...]. Daí ser o Império Português ao mesmo tempo um império de cultura e o mesmo império universal, que é outra coisa." (*Sobre Portugal* [Esp 125 A-33], p. 146).

(25) Trova LXXXVII. *Tempo desejado* = cf. Daniel, VII (*Jardim Ameno*, fl. 63v-64r). *Rei novo* = O Rei Encoberto (*Jardim Ameno*, fl. 55). Esta trova, tal como a 88 foram frequentemente interpretadas numa perspectiva brigantina. *O Rei novo é alevantado*, / *Já dá brado* = alusão ao que a Sibila Eritreia ou Cassandra diz com palavras equivalentes (*Jardim Ameno*, fl. 63v-64r). *Segundo o firmal assenta* = variante: *Segundo o Primal assenta* (António Vieira); *Já se cerram os quarenta* = variante: *Já se chegam os oitenta*; Profecia cumprida = Revolução de 1640, conforme 2 versões: 1. *Já se cerram os quarenta*; 2. 1560 (óbito alegado de Bandarra) + 80. A referência aos quarenta gerou enorme controvérsia desde o século XVI, para o que terá contribuído o prognóstico do cometa de 1540, o qual se manifestou no ano seguinte. D. João de Castro escreve: "onde ponho oitenta [1580?] têm muitos originais quarenta e outros noventa". António Veloso de Lira afirma que o Conde de Villa Mediana jamais tirava da boca a frase "Con el ano de quarenta, no quiero cuenta" (*Espelho de Lusitanos*). O Ermitão de Monserrate profetiza: "Começará la ventura / Del Imperio mas luzido / Deste Infante esclarecido / Que promete la Escritura / Se se apura / 40 x 40 / Si la cuenta / Pelos annales he visto / Del Nascimento de Christo / Juntos com outros quarenta" [40 x 40 + 40 = 1640] (cf. Macedo, *Sebastianistas*, v. 1, p. 63). Frei Francisco de Torregonsillo regista na sua *Centinella contra Judeos* (trad. port. Pedro Lobo Correia, 1748, p. 110 e ss.) que "dois judeus, um galego, natural de Santiago e outro castelhano, natural de Segóvia, tidos em opinião de profetas, profetizaram que no ano da Criação do Mundo de 1545 veriam os judeus daqueles dias um certo sinal da vinda do Messias e sucede que estando em suas sinagogas, vestidos de branco, apareceu sobre a cabeça de cada um, uma cruz vermelha, com que o Céu lhes mostrou sua grande cegueira". Ver António Vieira, *Sermão da Baía* de 6 Janeiro 1641. Para D. João de Castro, o *Doutor já passado* é o profeta Jeremias. *O Rei novo é alevantado* = acerca desta trova ver Nicolau Monteiro, *Vox Turturis*, Lisboa, 1649, p. 84-86 [D. João IV].

(26) *Grifa* = África (*Jardim Ameno*, fl. 64r); Leão de Castela e Águia alemã, i. e., a Casa de Áustria (*Lusitânia Liberata*, p. 735-737). *Grifa parideira* = casa de Habsburgo, provavelmente muito fértil.

(27) Trova LXXII. *Casta Goleima* = os Alemães (António Vieira). O *Jardim Ameno* aplicaria esta trova a D. Sebastião: filho de Príncipe e neto de Reis e Imperadores, primo e parente de todos os Reis da Cristandade e antes de ser Rei sucedeu no título de Príncipe ao Príncipe D. João seu Pai que faleceu no ano de 1553" (fl. 60v-61r).

(28) Trova LXXXVIII. João Lopes Caixeiro abordou Bandarra em casa do livreiro João de Biblis sobre o sentido desta trova, a qual vem transcrita no processo inquisitorial do

profeta, embora com variantes. O Leão é o animal real da tribo de Judá (à qual David, figura de Cristo, e José, seu pai, pertenciam), símbolo da Encarnação, da Ressurreição e da Caridade de Cristo: da Encarnação, porque apaga as suas pegadas com a cauda quando se sente perseguido, como Cristo escondeu a sua divindade para enganar o diabo, seu perseguidor; da Ressurreição, porque com o seu rugido despertou os recém-nascidos do seu sono semelhante à morte três dias depois, como Cristo saiu do túmulo passados três dias; da Caridade, porque poupa o adversário, como Cristo com o pecador arrependido. A alegoria do Leão dormente surge em *Genesis* (XLIX, 9), *Números* (XXIII, 24), *Job* (XL, 20-24), *Apocalipse* (V, 5), nas *Trovas* de Pedro de Frias e na *Profecia de Merlin* (trad. redondilhas da *Crónica* de Rodrigo Yannes).

(29) Trova LXXXIX. António Vieira considera esta trova a de mais difícil interpretação. *Não acho ser deteúdo* = não governar durante muito tempo. *O agudo* = O Rei atenuado, ou 16ª geração de Afonso Henriques, consoante o *Juramento de Ourique* (*Jardim Ameno*, fl. 55r e 64r); *Lanudo* = Conde de Aveiro (António Vieira); *o gato* = Estado da Índia (*idem*). *Lanudo* = variante: *Sanhudo* = assanhado e embravecido.

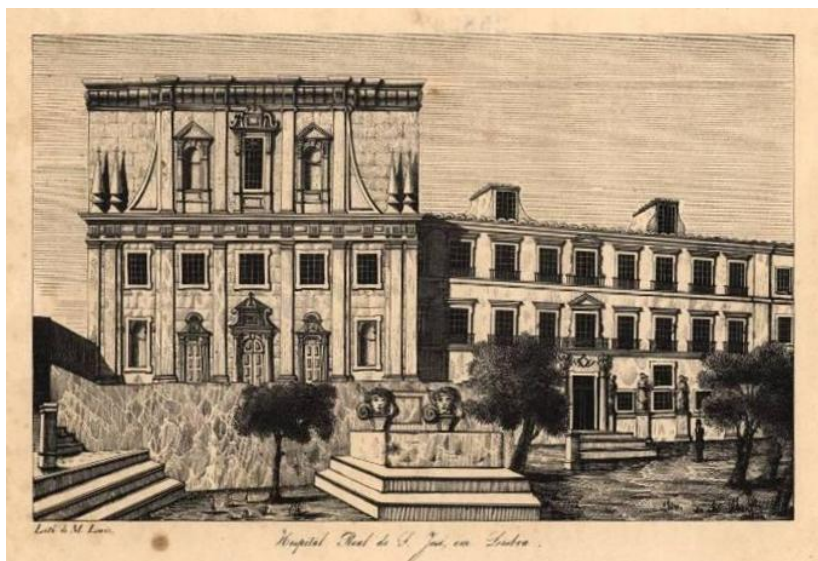
(30) Natural da Boémia, o padre Estancel chegou a Portugal pouco depois de 1650. Tendo iniciado o seu magistério em Évora, tornou-se professor da Aula da Esfera, no colégio de Santo Antão (Lisboa), cerca de 1660, cuja cátedra ocupou até 1663, ano em que partiria para S. Salvador (Brasil), onde havia de falecer, em 1715, com idade avançada. Reuniu as suas lições dedicadas à arte de navegar no *Tiphus Lusitano ou Regimento Nautico Novo o qual ensina a tomar alturas, descubrir os meridianos e demerçar as variações da agulha a qualquer hora do dia e da noite* [BN: cod. 2264], cujo texto é integralmente dedicado à descrição de dois instrumentos que concebera e com os quais supunha, sem razão, ser possível solucionar problemas da náutica astronómica, tais como a determinação das latitudes e longitudes, da declinação da agulha, da hora diurna e nocturna, etc. O padre Estancel publicara várias obras, antes da sua vinda para Portugal, sob cujo céu produziria ainda as seguintes: *Orbe Affonsino ou Horoscópio Universal*, Évora, Impressão da Universidade, 1658 [BPNM: 2-40-1-9; obra dedicada a Afonso VI, na qual expõe a descrição de um relógio universal, que Luís Serrão Pimentel criticaria: “o livrinho do *Orbe Afonsino* não é grande coisa, sobre ser um Relógio que traz o padre Mário Betino nos *Apiários* que o autor tomou e quiz vender por seu; e sobre isto propondo-o como muitos erros crassos, dos quais emendou alguns por advertência minha [...]” (cf. Sousa Viterbo, *Dicionário de Arquitectos, Engenheiros, Construtores Portugueses*, v. 3, p. 403)]; *Uranophilus coelestis peregrinus sive mentis Uranicae per mundum sidereum peregrinantis extases*, Gandavi e Antuérpia, 1685, *Discurso astronomico sobre o estupendo e fatal cometa, ou anuncio pela Divina Provida visto a primeyra ves a 6. De Novembro de 1689, ao romper da aurora, neste horizonte de Pernambuco, altura de 8 graos, no signo de Escorpião, autor o Padre Estancel da Companhia de Jesus e Relaçam que certo mathematico formou sobre o juizo e figura q levantou em razam do aparecimento dos gafanhotos, q o anno de 639, aparecerão sobre a Cidade de Lixª e de 2 cometas que tambem forão vistos* [ms.; BCongressoWashington: P-208-181]; *Juizos astronomicos pelo Padre Estancel da Companhia de Jesu Assistente no Brazil* [sobre um cometa que apareceu em 6 de Maio de 1684; DCL: P-209-182].

**Manuel J. Gandra**

***A AULA DA ESFERA***  
e o ensino da ASTROLOGIA  
no Colégio Jesuítico de Santo Antão



Os padres da Companhia de Jesus ensinaram astrologia judiciária no Colégio de Santo Antão, cujo corpo docente produziu algumas obras sobre o tema que chegaram a correr impressas, de entre as quais merecem destaque as primeiras *Efemérides* regulares e metódicas editadas em Portugal.



Frontispício do Colégio de Santo Antão, antes do terramoto de 1755

A razão da adopção daquela designação para as lições de cosmografia ministradas no dito curso prendeu-se, decerto, com a circunstância de ele se basear no *Tratado da Esfera* de João de Sacrobosco, o mais difundido e, indubitavelmente, o compêndio cosmográfico mais imitado em toda a Europa, até setecentos. Em Portugal, por exemplo, seria impresso três vezes em língua portuguesa, entre 1509 e 1537, não contando com os inúmeros comentários e as adaptações de que foi objecto, inclusivamente por parte de professores do Colégio de Santo Antão.

Tem-se admitido, também, que o nome do curso possa ter sido sugerido pelas “Matemáticas” que o cosmógrafo-mor, por cláusula consignada no regimento, já então era obrigado a ler aos pilotos, cartógrafos, construtores de instrumentos náuticos e marinheiros.



Painel azulejar relativo à didáctica da *Geometria* e sua aplicação à *Náutica* e à *Cosmografia*, no Salão Nobre do Colégio de Santo Antão

De resto, constata-se que alguns dos primeiros professores do Colégio se aproximaram bastante do plano de estudos prescrito para os pilotos, sem embargo de privilegiarem a vertente teórica e especulativa dos temas das suas lições, em detrimento da orientação eminentemente prática, subjacente ao ensino ministrado pelo cosmógrafo-mor ou até por André de Avelar, na Universidade de Coimbra.

A parte das lições dedicadas à arte de navegação abarcava todos os tópicos referidos no regimento do cosmógrafo-mor (elementos de cosmografia; regras de astronomia náutica; construção da carta de

marear; uso do astrolábio, do quadrante e da balestilha; agulha de marear; etc.), mas com desenvolvimento e comentários críticos que seriam decerto considerados dispensáveis num ensino só para pilotos.



Outro painel azulejar didático do Salão Nobre do Colégio de Santo Antão

Todavia, se nos primeiros tempos do Colégio o programa da Aula de Esfera foi por vezes coincidente com o da cadeira do cosmógrafo, com o decorrer dos anos havia de sofrer alterações, divergindo dessa orientação mais prática.

Leccionaram na *Aula da Esfera* de Santo Antão diversos professores portugueses e estrangeiros, salientando-se:

Padre Francisco Costa (1595-c. 1602)  
Padre Cristóvão Griemberger (1601-1602)  
Padre João Delgado (1600?-1612)  
Padre Francisco Machado (1605-1614)  
Padre Sebastião Dias (?-1617)

Padre Cristóvão Galo (1619-1627)  
Padre Cristóvão Bruno (1627-1630)  
Padre Inácio Stafford (1630-1635)  
Padre Simão Fallónio (c. 1635-1642)  
Padre Henrique Uwens (1642-1646)  
Padre John Roston (1652-1654)  
Padre Thomas Barthono  
Padre João da Costa  
Padre Bartolomeu Duarte (1654-1660)  
Padre Valentim Estancel (1660-1663)  
Padre Jorge Gelarte (?-1686 e 1690?)  
Padre Francisco Xavier Schiedenoffen (1686-1690)  
Padre Luís Gonzaga (c. 1700-1702?)

Além da náutica e da astronomia, o currículo do Colégio de Santo Antão contemplava disciplinas como a arquitectura, a catóptrica, a astrologia, a gnomónica, a quiromancia, etc.

Em virtude da posição da Igreja acerca da licitude da astrologia, quando um professor leccionava Astrologia na Aula de Esfera, não deixava de expor, previamente, os considerandos justificativos de tal decisão. Foi o fizeram o Padre João Delgado (curso de 1607 [BN: cod. 2130]), e o Padre Simão Falónio (no de 1638 [BN: cod. 2127]).

Aquele concluiria de forma algo inesperada que “o saber a verdadeira astrologia, como o das demais ciências, sempre he e sempre foi lícito”, não se inibindo de incluir um capítulo sobre “os nascimentos” no seu curso.

Para o Padre Francisco da Costa, também a Astrologia era uma ciência “de qualidade”, por oposição à Astronomia, ciência “de quantidades”. Não obstante, excluía todos os factos dependentes do livre alvedrio humano, porquanto escreveu no seu *Tratado 1.º Dos principios da Astrologia* que ela “não é outra coisa que uma ciência, a qual, perante as regras e preceitos fundados em razão natural, e juntamente com larga experiência, ensina a julgar e a prognosticar (conjecturalmente) de efeitos meramente naturais, dependentes de causas superiores e celestes, os quais neste mundo sublunar acontecem”.

O magistério da Companhia de Jesus no âmbito astronómico tornar-se-ia determinante para a sua aceitação na China e, com ela, da religião cristã, consoante a constatação do padre Ferdinand Verbiest,



em finais de setecentos: “[...] pela astronomia fora introduzida na China; pela astronomia foi sempre chamada do desterro, a que por vezes a condenaram, e restituída com honra à primeira dignidade, e agora, acompanhada de todas aquelas ciências, encontra mais facilmente entrada em toda a parte [...]”.



Outro painel azulejar didático do Salão Nobre do Colégio de Santo Antônio

De resto, o destino das observações astronômicas realizadas pela missão jesuítica no Observatório de Pequim, seriam muito contestadas em consequência da sua utilização para caucionar o cálculo astrológico dos dias faustos ou infaustos do calendário chinês. Com efeito, também Frei Paulo da Trindade (*Conquista Espiritual do Oriente*, parte III, Lisboa, 1967, p. 499), reportando-se aos chineses, diria: “são grandes astrólogos e notam os eclipses do sol e da lua com muita certeza, de que fazem seus livros e os mostram aos do povo”.



**PRINCIPAIS MESTRES**  
**DA *AULA DA ESFERA***  
e respectiva Obra Astrológica

*Acrónimos institucionais*

ACL: Academia das Ciências de Lisboa  
ANTT: Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
BA: Biblioteca da Ajuda  
BGUC: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra  
BM: British Museum  
BN: Biblioteca Nacional  
BNCR: Biblioteca Nazionale Centrale di Roma  
BNM: Biblioteca Nacional de Madrid  
BPE: Biblioteca Pública de Évora  
BPMP: Biblioteca Pública Municipal do Porto  
BPNM: Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra  
DCL: District of Columbia Library (Biblioteca do Congresso)  
FBN (RJ): Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro)

## **Padre Francisco da COSTA (1567-c. 1602)**

Natural de Pinhel. Ingressou na Companhia de Jesus em 1583, com 16 anos. Estudou latim, gramática e matemáticas, em Coimbra, até 1588. Concluiu o curso de filosofia, em 1592, na Universidade de Évora. Entre 1591 e 1594, ensinou matemática, latim e filosofia no Colégio de Santo Antão, como professor substituto, tornando-se titular da Aula da Esfera, nos anos de 1594 a 1596, 1598 a 1600, e 1602 a 1604, ao suceder aos Padres João Delgado, António Leitão e Cristóvão Grienberger, respectivamente. Faleceu, em Lisboa, vítima de tuberculose.

### *Obra do Padre Francisco da Costa*

*Tratado astrológico dos cometas*, in *Lições de Astrologia* [BA: 46-VIII-18 e 49-III-19; BM: ms. Egerton 2063, fl. 2-17v]

O tratado compreende 24 capítulos, numerados de I a XXV (tendo sido omitido o XVIII na transcrição): 1. Que coisa seja cometa e como se geram; 2. Do movimento dos cometas; 3. Do tempo e lugar em que se geram; 4. Da variedade que há de cometas; 5. Da diversidade e da vista do cometa; 6. Como se saberá o lugar verdadeiro do cometa na eclíptica com ajuda de algum instrumento; 8. Do lugar aparente ou aviso; 9. Como se saberá a diversidade da vista que o cometa tem em sua longitude; 10. Como se saberá a latitude aparente do cometa, se alguma houver; 11. Como se saberá a distância do cometa ao centro do mundo e da vista; 12. Como se saberá a grandeza do cometa; 13. Se o cometa tiver cauda, como se saberá o seu comprimento; 14. Pergunta-se se os cometas são sinais ou causas de fomes, pestes e guerras; 15. Como se há-de prognosticar pelos cometas; 16. Da significação dos cometas em os doze signos; 17. Dos prognósticos dos cometas conforme os planetas dominantes; [18. Do cometa do predomínio de Saturno]; 19. Do cometa do predomínio de Júpiter; 20. Do cometa de Marte; 21. Do cometa solar; 22. Do cometa de Vénus; 23. Do cometa mercurial; 24. Do cometa lunar; 25. Das exaltações dos cometas sobre as estrelas erráticas e suas significações.

A posição assumida pelo Padre Francisco da Costa está mais ou menos de acordo com a orientação geral sobre os prognósticos retirados dos cometas (cf. Título 14): “Dúvida é entre graves Auctores celebres, e de doutos julgada por dificultosa, se porventura os Cometas são cauzas ou sinaes das cousas que commumente dizem que elles pronosticão. Aos philosophos contenta a parte negativa; moidos muy particularmente por Artes, e tratando tão largamente dos Cometas, não se metem pouco nem muito nos pronosticos ou significação que aos Cometas commumente se atribuem. Ceatigno (?) exercito 79, distan

(?) 2, afirma não serem os cometas sinaes ou causa das mortes dos principes e destruição das prouincias; seu fundamento he porque apparecendo muitos cometas em seus tempos, não se seguiu em toda Europa algum dano [...]. Podesse confirmar esta opinião dos philosophos com as regras seguintes. Primeiramente não ha razão porque os Cometas significam mortes de pessoas illustres ou guerras, porque igualmente apparecem na terra do proue e do rico, do Rei, principe e grandes senhores, que nas terras que de taes pessoas carecem, e assi tanto ouuerão de ser pronosticos das mortes de huns como dos outros; secundariamente, ou o Cometa he causa de taes mortes e guerras ou effeito ou sinal; não se pode chamar causa pois não he efficiente, formal, material ou final, e assi entre as causas não se pode com direito contar; nem se lhe pode dar o nome de effeito porque este necessariamente segue sua causa, o qual no Cometa se não acha em comparação delas (?), pois nem sempre quando ha guerras ou mortes de Reis apparecem Cometas; pois não se hauer de chamar sinal das taes cousas [...], porque sinal ha de ter conueniencia com a cousa de que he sinal que significa, o qual no Cometa falta; e mesmo (?) que alguns Cometas significassem inflicidades, não ha razão porque a todos se attribuição, porque sendo a natureza dos Cometas conforme a dos Planetas que nelles praedominão, não sendo os planetas todos de natureza, ou por melhor dizer, de effeitos maleficos, [...] serão logo os cometas em que estes planetas praedominão sinaes de bonança e prosperidades.”

*Tratado primeiro dos princípios da Astrologia*, 1601-1602 [BM: ms. Egerton 2063, fl. 25-42v e 43-57v (duas cópias)]

Sumário: Cap. 1: Que cousa seja astrologia e como se distingue da astronomia; Cap. 2: Se se pode saber alguma coisa por astrologia; Cap. 3: Se é lícito levantar figura, e de que coisas se pode levantar, e de que coisas não; Cap. 4: Dos planetas, e em particular da sua natureza; Cap. 5: Dos effeitos que costumam causar os planetas; Cap. 6: Das dignidades essenciais dos planetas; Cap. 7: Das dignidades accidentais dos planetas; Cap. 8: Dos signos do zodíaco, e em particular de suas naturezas; Cap. 9: De algumas divisões do zodíaco; divisão segundo os quatro tempos do ano; Cap. 10: De outras divisões dos signos; Cap. 11: Dos signos imperantes e obedientes, e dos signos rectos e oblíquos ou antícios; Cap. 12: Da natureza e qualidade das estrelas mais insignes [seguido de um parágrafo sobre as casas celestes].

Nos capítulos 1 e 2 do primeiro destes tratados o Padre Francisco da Costa define com clareza a sua posição face à Astrologia. Esta, segundo ele diz no Cap. 1, “não é outra cousa que huma sciencia, a qual, perante as regras e preceitos fundados em resam natural, e iuntamente com larga experiência, ensina a julgar e a prognosticar (conjecturalmente) de effeitos meramente naturais, dependentes das causas superiores e celestes, os quais, neste mundo sublunar acontecem”. Esta definição marca a diferença entre astrologia e astronomia; à astronomia “pertence tratar especulativamente dos céus, das

estrelas e dos planetas, fundando-se em demonstrações certas de Aritmética e Geometria”. Em suma: a astronomia é uma ciência da quantidade, enquanto a astrologia uma ciência de qualidade. No capítulo 2.<sup>o</sup> autor sustenta a legitimidade das práticas astrológicas, contra os “invejosos e inimigos da sabedoria”, com base no axioma escolástico: “assim como a potência do ver [...] se estende a toda a cousa visível, assim o entendimento se pode estender ao seu, que é toda a coisa intellectiva [...]”. A única restrição que o Padre Francisco da Costa coloca à aceitação da astrologia, é a de não poder intervir nos actos que dependem do livre arbítrio do homem.

*Tratado terceiro dos nascimentos* [BM: ms. Egerton 2063, fl. 59, 89 e 122 (três cópias)]

Sumário: Cap. 1: Da figura da concepção e dos nascimentos; Cap. 2: Como pelo tempo do nascimento se poderá vir em conhecimento da concepção; Cap. 3: Da alfridaria ou governo do planeta; Cap. 4: Do juízo que se formará acerca dos efeitos dos planetas na concepção da criança; Cap. 5: Como se rectificará a figura do nascimento; Cap. 6: Do almutem ou 8or do nascimento; Cap. 7: Do Hilec e Alcochodem; Cap. 8: Da forma, figura, composição, estrutura e qualidades corporais do que nasce; Cap. 9: Da “filosomia” do nascido, a saber, formas, figura e estatura, etc.; Cap. 10: De algumas coisas que deveriam respeitar nos juízos de “filosomia”; Cap. 11: De algumas regras para o juízo das enfermidades.

[Tratado de Geografia], 1595 [BA: 46-VIII-18]

Constituído por: “Que couza sseja geographia, comosse destingue da cosmographia, Topografia, Corografia e Hydrographia. Capit 1<sup>o</sup>” (fl. 75v): Incipit: “A geographia 2<sup>o</sup> Ptolomeu he hua hymitassão da pintura a qual nos Representa E poem diante dos olhos o globo dos dous enferiores Ellem[en]tos 2.<sup>o</sup> sua superficie exterior em que habitamos”; “Dos Circollos q[ue] se ão de himaginar na superficie Do globo da terra capit. 2<sup>o</sup>” (fl. 76 v.): “Das Zonas suas larg[u]ras e co[m]plim[en]tos E como todos São Abitaeus [sic] Capitollo 3.<sup>o</sup>” (fl. 77); “Como se çabera em q[ue] Zona fica q[ua]lquer cidade ou lugar Capitollo 4.<sup>o</sup>” (fl. 77v): “Se hua mesma cidade pode estar en diuerças Zonas Capitollo 5<sup>o</sup>” (fl. 78); “Dos climas E seus parallelos Capitollo 6<sup>o</sup>” (fl. 78); “Da Compleção ou Collidade das Zonas e climas Capitollo 7.<sup>o</sup>” (fl. 79); “Da longura e Larg[ura] dos lugares E seus parallelos Capite 8.<sup>o</sup>” (fl. 81); “Capitollo 9.<sup>o</sup> em que diz ser mais ossidental o lugar ondem mais oras seacharem E mais oriental o em que menor mudando tudo ao contrario” (fl. 82v); “Capit 10 [sem título]” (fl. 83); [capítulo 11 não detectado]; “Como pellas lomg[u]ras e larg[u]ras se acharão nos Mappas os lugares Capo 12” (fl. 86); “[...] lomg[u]ra E larg[u]ra de q[ua]l quer lugares [sic] como ssesabera as lenguas que a de hu[m] ao outro Capitollo 13.” (fl. 86v); “Comosse sabera a elleuasão do polo De q[ua]lquer lugar Capit. 14” (fl. 87); “Comesse preparara hua Carta com

meridianos e parallelos Esse pora nella toda a terra. Capitollo 15” (fl. 87); “Comosse farão Cartas de Cidades e Reinos [...] Capit. 16” (fl. 89v); “Dos Antypodas [ ... ] Capitollo 17” (fl. 99v); [Cap. 18 ilegível] (fl. 100); “Da deferença q[ue] ha entre jlha Pininsullas isthmo, E comtinent Capit. 19” (fl. 100); “Da diuizão Da terr[a] en suas p[ar]tes premssipais Capitollo 20” (fl. 100v); “Da deuizão da la p[ar]te da terra en suas tres p[ar]tes prensipais e dos termos de cada hua. Capitollo 21” (fl. 100v); “De europa, sen nome forma e deuisão. Capit. 22” (fl. 101v).

Existe outra cópia incompleta no British Museum [Egerton ms. 2063], a qual tem junto: [Arte de Navegar], 1596; [Compêndio de Cosmografia], 1601-1602; [Tratado da Esfera], 1601-1602; [Tratado Astrológico], 1601-1602: “Proemeal do Curço das Scienssias Mathematicas en o qual se trata Da Astronomia, theoricas de Planetas, Da oitava e quarta e desima e esphera, Cosmotheorica, Geographia Hydrographia a Arte de Navegar Problemas gostosos aos ouuintes, a materia dos rellogios e como se achara a linha Meridiana a qualquer ora e tempo, Tratarsea da Prospeitiua, Arquiteitura, Astrollogia, Astrophilogia, pratica vista com tudo o que toca a náutica” (fl. 1). Constituído por: [Capítulos 1.º, 5.º-9.º] (fl. 1); “Primera [Par]te do curso das Scienssias Mathematicas en a qual se trata da Arithmetica asi espicullativa como pratica (fl. 8); “Liuro primeiro da Arithmetica espiculatiua E pratica” (fl. 9); “Liuro segundo da Astronomia en o qual se tracta da sphaera Artificial en comum E se da prensipio a Theorica do mundo” (fl. 17v); “Liuro 3.º da Astronomia em o q[ue] sse trata do n[ume]ro E ordem das p[ar]tes do mundo solunar” (fl. 31); “Liuro quarto da Astronomia en que se trata dos Dous elem[en]tos enferiores terra E Augua” (fl. 39v); “Liuro 5.º Da Astronomia em que sse trata da Geographia ou descripção de toda a terra” (fl. 75). Inclui ilustrações: duas figuras com símbolos dos signos do zodiaco (fl. 25); figura representando superfície da água e torre (fl. 41 v.), figuras com representação de níveis da terra e da água (fl. 42v, 43, 43v), e outras figuras (fl. 50, 52, 53, 55). “Os 5 liuros do compaço geometrico Astronomico e nautico” (fl. 105 v); “Da musica qual fose sua origen” (fl. 142); “Roteiro e synais de [...] até as Índias do mar oceano no mundo norte” (fl. 146). Ilustrações relativas ao Tratado de Geografia representando a superfície da esfera terrestre com divisões em cinco partes (fl. 77), desenho geométrico de circunferência da esfera terrestre, em fragmento de papel acrescentado posteriormente (entre fl. 85-86).

[Tratado de Hidrografia [1595] [BA: 49-III-19]

Constituído por: “Tratado 1º Dos princípios cumonus [sic], cuja intelligencia se requiere përa a Hydrographia” (fl. [1]), subdividido em capítulos: “capitulo 1.º Em q[ue] se da hua breue noticia das linhas, angulos e círculos.” (fl. [1]); “Capitulo 2º Dasse húa noticia dos círculos da Esphera” (fl. [2]); “Capitulo 3º Qual seja a figura do mar (fl. [3v]); Cap. 4º Fabricasse e declarasse a Carta de marear e os Rumos nauticos e uentos (fl. [5]); “Cap. 5º Declarasse a natureza e



uzos da agulha de marear (fl. [11]); “Cap. 6º Tratasse da agulha demarear, e de outros modos p[ar]a se saber a declinação da agulha náutica (fl. [13v]). Texto incompleto.

Existe uma cópia deste tratado no Museu de Greenwich [NMM: ms. NVT/7 (Editado in *Duas obras inéditas do Padre Francisco Costa*, Lourenço Marques, 1968; idem, Lisboa, 1970 e Macau, 1989)]. Tem junto, em letra de várias mãos: “A Geometria” (fl. 17-18); [Sobre Cosmografia] (fl. 25-28v): “Fabrica do angulo plano” (fl. 29-33); “Da Cartografia” (fl. 34-52) no fl 49v: “De Antonio Domíngues”: “Tratado da Cosmografia” (fl. 53-59); “Tratado da Cosmografia” (fl. 61-67); “Livro P.º dageographia” (fl. 70v-71); [Apontamentos de Corografia] (fl. 72-76v); [Apontamentos de Geografia] (fl. 77-82); “Breue Compendio das fortalezas” (fl. 85-104); “Breue compendio da Architectura militar de Pedro Sardo...” (fl. 108-110); “Capitolo p.ro das couzas da Re Nautica” (fl. 111-120v), “Compendio da Geometria especolatiua e pratica” (fl. 121-158v), que inclui: “A Hidrografia...” (fl. 129-158v), texto repetido na fl. 1-14; “Tratado Do Compax da proporção [sic]” (fl. 159-168); “Breue explicação dos uzos do Compasso de Proporção” (fl. 169-180v): “Fazer todas as fig[ur]a[s] regulares...” (fl. 182-183); “Breve Compendio Da Arte Militar” único tratado que tem fl. de rosto, sem autoria (fl. 185-208v): [Tratado de Náutica] (fl. 209-215). Ilustrações representando os círculos da Esfera (linhas, ângulos e círculos), à pena, a sépia. Inclui tabelas das latitudes de diversos lugares (fl. [13]).

## Jan CIERMANS

Também conhecido por COSMANDER.

Padre matemático e engenheiro flamengo, que em Portugal adoptou o nome de João Pascásio Cosmander (1602-1648). Professor da *Aula da Esfera* do Colégio de Santo Antão e Mestre do Príncipe Dom Teodósio.



## **Padre João DELGADO (c.1553-1612)**

Natural de Lagos. Ingressou na Companhia de Jesus com cerca de 21 anos. Estudou Matemática e Teologia em Roma (1576-1585), na Academia de Matemática do *Collegio Romano*, sendo, segundo alguns dos seus biógrafos, discípulo de Christoph Clavius. Na Primavera de 1585, regressa a Lisboa, com o objectivo de se dirigir ao Brasil, para onde, todavia, não viajou por motivos de saúde. Doravante, lecciona em Coimbra, primeiro na residência dos jesuítas um curso privado apenas para alunos da Companhia (1586 -1587) e nos dois anos seguintes no Colégio de Jesus. Parte em seguida para Lisboa, onde, em 1590, funda o curso de Matemática na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, actividade a que se havia de dedicar, até à data do seu falecimento, com algumas interrupções (nomeadamente, 1591-1592 e 1598-1599), para cumprimento das obrigações inerentes ao cargo de arquitecto da província jesuíta de Portugal. Foi autor de várias obras de astronomia. Como arquitecto merece destaque a direcção dos trabalhos de Santo Antão-o-Novo, do Noviciado da Cotovia (depois Escola Politécnica, em Lisboa), cuja planta será de sua traça, e do Colégio das Artes em Coimbra.

### *Obra do Padre João Delgado*

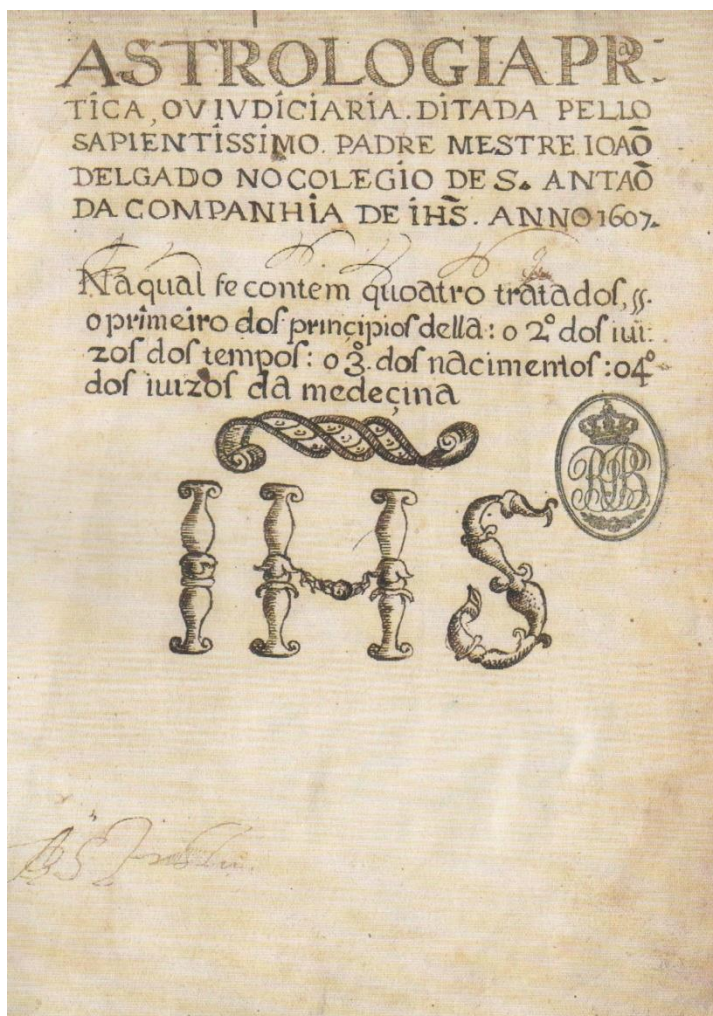
*Explanationes in spheram Ioannis de Sacrobosco* [...] [Anno salutis 1587] [BGUC: Ms. 1184]

Tem junto: *Explanationes in spheram Ioannis de Sacrobosco* [...]; *Ad astror. Iudicia facilis introductio* Claudio Darioto Pomar censi medico autore (fl. 77-117); *De morbis et diebus criticis ex astro. motu cognoscendis* Cláudio Darioto Pomar censimedico autore (fl. 124-159); *Quomodo erigenda sit figura per ascensiones rectas et obliquas* (fl. 165-168v); *De predominio* [...] *signi et planetæ in humano corporeo Et de planetæ qualitibus* (fl. 171-187v)

### *Lições de cosmografia e de teórica dos planetas*

Compreende as lições ditas desde 3 de Outubro de 1605 ao final de Julho de 1606, transcritas por um aluno [BPMP: Ms.664]

*Esphera do mundo: Tratado sobre o Céu empireo té o concavo da lua* [...] no ano de 1606 [ACL: M.S.V. 491]



*Astrologia practica, ou judiciaria, na qual se contem quatro Tratados: o 1º dos principios della, o 2º dos juizos dos tempos, o 3º dos Nascimentos, o 4º dos juizos da Medecina [ms. procedente da*

Biblioteca dos Teatinos; BN: cod 2130; cod 6353 (com variantes de linguagem); BNM: cod. 8931].

Datado de 1607 e constituído por: “Proemio” (fl. 1-1v); “Tratado pr[imeir]o dos principios da astrologia pratica” (fl. 1v-38v); “Tratado 2º dos Juizos dos tempos” (fl. 38v-78v); “Tratado 3.º dos nacim[en]tos” (fl. 78v-115); “Tratado 4º e ultimo pera os Juizos da medeçina” (fl. 115v-120v). Índice-resumo: “Index de tudo o que se nestes quatro tratados da Astrologia pratica se conte[m]”, com texto a duas colunas (fl. 121-126v).

*Compendio judiciario, Ou Astrologia practica, Dictada pello Padre João delgado no Colégio De S. Antão o nouo. - Começou en 8. de Janeiro De 607 Anos [BNM: Ms./8931]*

## **Padre Cristóvão GALO (1586-1643)**

Johann Chrysostomus Gall. Natural de Konstanz (Alemanha). Ingressou na Companhia de Jesus em 1605. Estudou Filosofia em Ingolstadt (1608-1611), tendo-se dedicado ao ensino do Latim num colégio da Baviera (1611-1614). Estudou Teologia nos anos seguintes, novamente em Ingolstadt, onde observou e registou fenómenos astronómicos, na qualidade de assistente do astrónomo Jean Baptiste Cysat (1588-1657). Transferiu-se para Lisboa (1619 ou 1620), para leccionar Matemática e Astronomia na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, desempenhando o cargo ininterruptamente até 1627, ano em que o Padre Cristóvão Bruno (1583-1632), lhe sucedeu na cátedra. Parte para Goa, a 3 de Abril de 1629, tendo realizado observações de fenómenos físicos no decurso da viagem. Dirige o Colégio de Bacay entre 1634 e 1641, falecendo, em Tanah, dois anos depois.

### *Obra do Padre Cristóvão Galo*

Tratado Sobre A E[s]phera Material, Celeste, E Natvral Por o Padre Mestre Christovão Galo Da Comp[anh]a De Iesvs Natvral De Alemanha. Em L[i]x[bo]a, no Anno de 1625. Escrita Por Afro<sup>o</sup> [?] de Melo (Lisboa, 1625 [BN: cod. 1869])

Constituído por: “Primeiro Tractado.” (fl. [1-13v]), Relativo A Questões Gerais Sobre Esfera; “Tractado 2<sup>o</sup>. Sobre A Esphera Ov Globo Caeleste.” (fl. [14-18v]); “Tractado 3<sup>o</sup>. Sobre A Esphera Ov Globo. Terrestre” (fl. [19-35]); “Tractado 4<sup>o</sup>. Sobre A Esphera Natvral. [1<sup>a</sup> Parte]” (fl. [36-58v]); “Parte 2.<sup>a</sup> Da Esphera Natvral” (fl. [59-92]). Inclui 55 desenhos geométricos a sépia ilustrando o texto, dos quais dois de página inteira, representando o sistema solar (fl. [84v] e fl. [85v]), e dois diagramas móveis. O primeiro tratado conclui com uma série de sete proposições de geometria esférica remetendo Gall para as demonstrações nas Esféricas de Teodósio. O segundo tratado termina com um capítulo dedicado ao uso do globo celeste na resolução de problemas astronómicos simples. Por exemplo: “Uzo L Saber quais estrellas ou signos em qualquer hora do dia ou noite fica sobre o Horizonte ou debaixo d'elle”, etc. A segunda parte é particularmente notável porque contém um capítulo dedicado ao fenómeno das refracções em geral, com a descrição de cinco experiências ópticas, três das quais com “vidros concavos” ou “conuexos”. Os argumentos desenvolvidos serão depois aplicados ao capítulo seguinte sobre as “refracções coelestes” (fl [79 r]). O texto refere o telescópio (“óculo astronómico”) e as novas observações que com ele haviam sido feitas, e discute os vários sistemas

cosmológicos: de Ptolomeu, de Copérnico e de Tycho Brahe. O terceiro tratado trata do globo terrestre, dos climas e de geografia. O quarto tratado aborda as questões da constituição física do mundo, o globo terráqueo e a teoria das marés. A este propósito apresenta também “instrumentos” que permitem determinar as horas da maré.

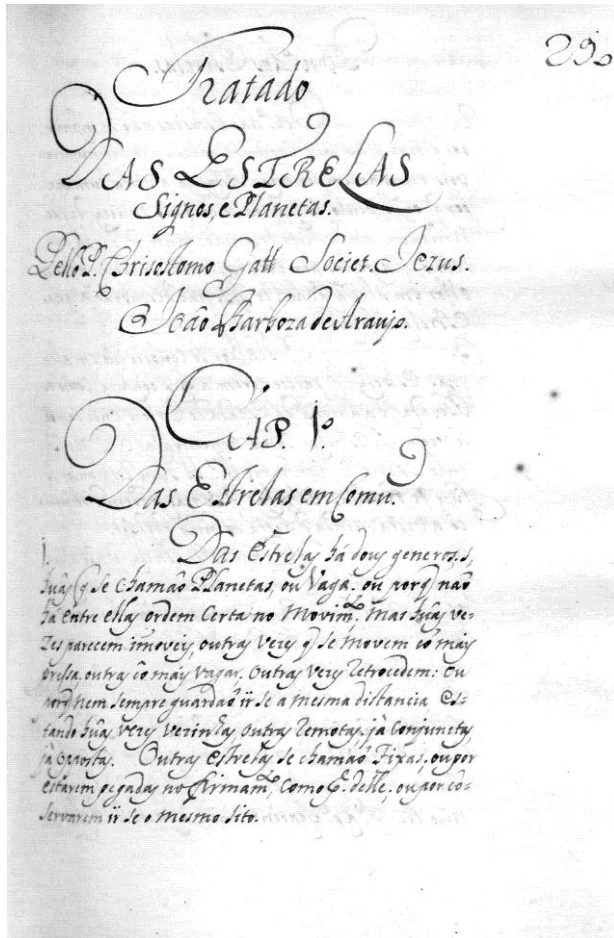








*Grisostomi Gal ex Societate Iesu in Sphaeram Ioanis de Sacro Bosco  
commentarius* (Lisboa, 1621 [BGUC: ms. 192])



*Tratado das Estrelas Signos e Planetas* [copiado por] João Barboza de Araújo [entre 1705 e 1711] [BN: cod. 5173(6º)]

Constituído por: “CAP. 1º Das Estrelas em comu[m]” (fl. 290); “CAP. 2º Das Estrelas em particular” (fl. 297); “CAP. 3º Dos Signos” (fl. 305); “CAP. 4º Dos Planetas” (fl. 310). As ilustrações desdobráveis, relativas a este tratado, encontram-se nos fl. 332-350, na sequência das que se reportam aos outros tratados contidos no códice. Dezoito desenhos de página inteira, à pena e aguarela cinzenta, representando eclipses, constelações e figuras referentes a quiromancia; o número de cada ilustração foi acrescentado, à margem, junto da parte respectiva do texto. Falta o desenho da fl. 336. Tem junto: Tratado 1º Da Aritmetica / [Copiado por João Barbosa de Araújo], Alcobaça anno de 1705 (fl. 1-24v); Tratado Da Geometria Pratica / [Copiado por João Barbosa de Araújo] (fl. 25-54 v); Elementa Geometriae Planae. / Auctore P. Andrea Tacquet, Societ[at]is Jesu, [copiado por] Joannes Barbosa de Araújo, 19 Jan. an[o] 1711 (fl. 55-132); Descrição da Sphera Terraquea Pello M. R. P. M. João Garção da Compa[nhi]a de Jesus. Em L[i]x[bo]a No Coll[egi]o de S. Antão. an[o] d[e] 1707; [copiado por] João Barboza de Araujo. – Lisboa, 1707 (fl. 133-230-1ªv); Sphera Terraquea Tratado Geographico Pello M. R. P. M. Hyeronimo do Carvalho Lente de Mathematica no Colljegi]o de S. Antão, Em L[i]x[bo]a anno de 1709, [copiado por] João Barboza de Araujo. Lisboa, 1709 (fl. 230-2.ª-289). Os desdobráveis com ilustrações referentes aos outros tratados encontram-se nos fl. 316-323 (Tratado de Geometria), fl. 324-325 (Tratado da Sphera Terraquea), fl. 326-330 (Tratado da Sphera Terraquea do Padre Jerónimo de Carvalho), e fl. 332-350 (Tratado das Estrelas Signos e Planetas).

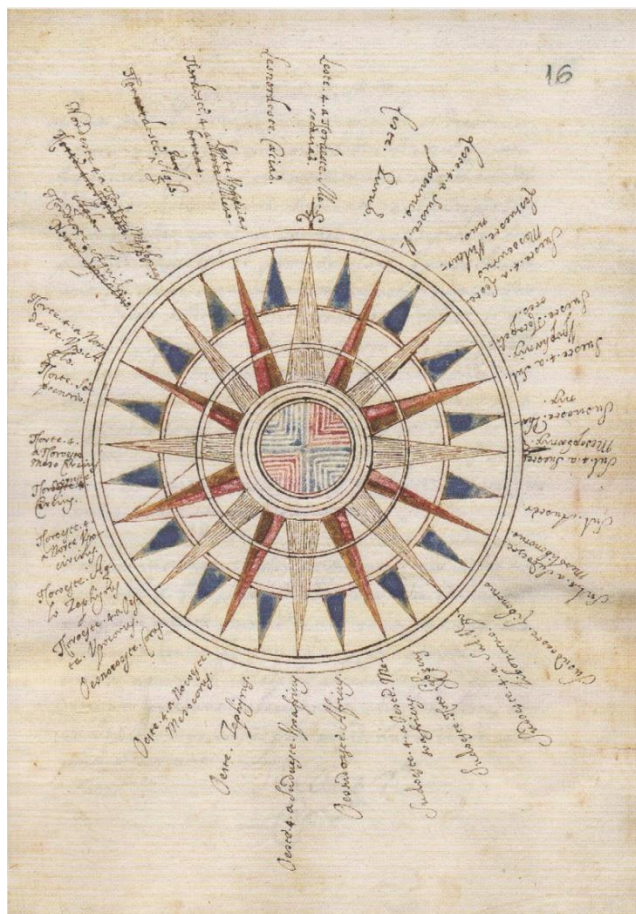
## **Padre Cristóvão BRUNO, (1583-1632)**

Também conhecido por Cristoforo BORRI.

Natural de Milão, professou na Companhia de Jesus em 1601, egredindo dela no ano de 1631. Ensinou matemática no colégio de Mondovi (1607 a 1610) e, posteriormente, Filosofia e Matemática em Milão (entre 1611 e 1614). Em 1615, chegaria a Lisboa, de onde rumou ao Extremo Oriente. No período compreendido entre 1617 e 1622, dedicou-se à missão na Cochinchina. Em 1626, regressa a Portugal, empreendendo observações astronômicas em Coimbra, mercê de um telescópio e de outros instrumentos pertencentes a Dom André de Almada. Entretanto, ensina matemática e astronomia na lusa Atenas, tendo as suas lições sido transcritas por Inácio Nunes, finalista de Artes no período de 1626 e 1627 [BN: ms. 2378]. Em 1628, já em Lisboa, dita, na Aula de Esfera do Colégio de Santo Antão, *Astronomia e Arte de Navegar*. Ocupar-se-ia do problema da Arte de Leste-Oeste, com base na declinação da agulha de marear (bússola), tendo elaborado uma das primeiras cartas isógonas, não obstante o fracasso do seu intento. Aderiu à teoria da fluidez dos céus (em oposição ao universo fechado ptolomaico), tendo sido o primeiro a expor as ideias de Copérnico em Portugal (*Collecta astronomica*, 1631) e a explicar o método de construção de uma luneta (canóculo). A discussão que sustentou com os mestres de Coimbra e Lisboa influuiu decisivamente na divulgação do novo paradigma. Apesar de ter abandonado o heliocentrismo para aceitar a hipótese mista de Tycho Brahe, em obediência às determinações cardinalícias de 1616, foi criticado pelo Geral da Ordem, o qual havia de receber a sua justificação por carta (cf. Domingos Maurício dos Santos, *Vicissitudes da obra do Padre Cristóvão Bruno*, in *Anais da Academia Portuguesa de História*, s. 2, v. 3, 1951, p. 119-150). No entender de Cristóvão Bruno, a astronomia devia explicar não só as "aparências antigas", mas também as "novas aparências", reveladas por Galileu, como as fases de Vénus e Mercúrio e a existência dos satélites de Júpiter. O diferendo fê-lo egredir da Companhia de Jesus, aderindo à Regra cisterciense, após o que regressou a Itália, tendo falecido no anonimato.

*Obra do Padre Cristóvão Bruno*

*De Astrologia Universa tractatus* (1612) [BNCR: Ms. Ges. 587]



*Compendium problematum, meteoror[um], et paruo[rum] naturalium. Et trac[tat]us aliquot De Mathem[atic]a Disciplina /*

traditi à P[atr]e Christophoro Brono e Socie[ta]te IESV ; [copiado por] Ignati[us] Nunes. - [1627-1629] [BN: cod. 2378]

Constituído por: “De Problematis[us]” (fl. [1-6]); “Pro Meteoris” (fl. [7-26v]); “In lib[rum] de memoria et reminiscencia” (fl. [27-30]); “In lib[rum] de somno e uigilia” (fl. [31-34v]); “In libr[um] de somnijs” (fl. [35-36v]); “In lib[rum] de diuinatione p[er] somnium” (fl. [37-37v]); “In lib[rum] de respir[at]io[n]e” (fl. 38-41); “In lib[rum] de iuuentute et senectute” (fl. [42-45]); “In lib[rum] de uita e morte” (fl. [46-49]); “In lib[rum] de lon[git]udine, e breuitate uitae” (fl. [50-50v]); “Quaestio unica Num mathem[atic]ae discipl[in]ae u[er]ae sci[enti]ae nomen induant?” (fl. [52-59]); “Sphaera mundi” (fl. [60-90v]); “De Sphaera mundi, quo ad eam p[ar]tem, q[uae] est de figura et magnitudine corpor[um] uniuersoru[m]” (fl. [91-107]).

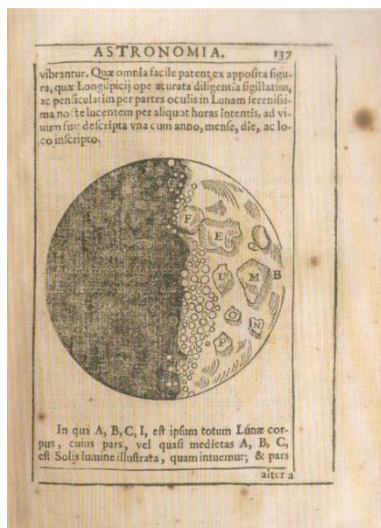
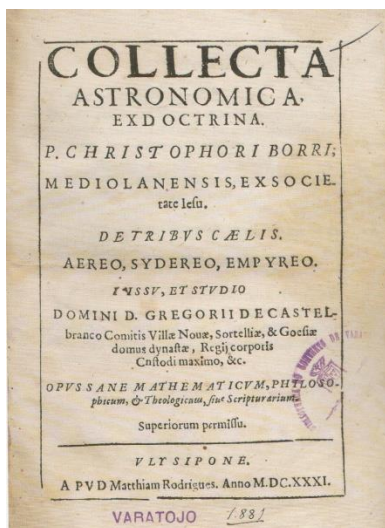
Consigna as lições de Astronomia e de Matemática do padre Borri no Colégio de Coimbra, em 1626-1627, ou 1626-1629. Os problemas meteorológicos tratados brevemente nas primeiras páginas destas notas dizem respeito ao mundo sublunar, e, sobretudo, aos fenómenos atmosféricos produzidos nos elementos terra, água, ar e fogo. Incluem estes fenómenos os cometas (fl. 11v), a estrela de Belém (fl. 12v), o arco-íris (fl. 14r), os ventos (fl. 15), as trovoadas e raios (fl. 10r, 10v), como também os terramotos (fl. 24v).

*Arte de navegar e em particular de Leste Oeste* (19 de Março de 1628) [BGUC: ms. 44 (ed. A. Fontoura da Costa, Lisboa, 1940)] ou *Tratado da Arte de Navegar* [BPE: cod. CXXVI/1-17]

Tem junto: *Nova Astronomia* (1627-1628). Na qual se refuta a antiga da multidão de 12 Ceos pondo so tres. Aéreo, Cidereo, e Impireo (fl. 65-87v) (foliação original: 1-23v): 2.<sup>a</sup> Parte da nova astronomia que he das novas apparencias que no ceo se observaraõ nestes nossos tempos (fl. 89-143v) (foliação original: 1-55v); *Arte da memoria* (1627-1628). Prologo (fl. 144-153v) (foliação original: 56-64v).

Contém várias gravuras em madeira, do impressor Matias Rodrigues, usadas na *Collecta Astronomica*.

*Collecta Astronomica, ex doctrina P. Christophori Borri, Mediolanensis, ex Societate Iesu. De Tribus Caelis Aereo, Sydereo, Empyreo. Iussu, et Studio Domini D. Gregorii de Castelbranco Comititis Villae Nouae, Sortelliae, e Goesiae domus dynastae, Regij corporis Cnstodi [sic] maximo, &c. Opus Sane Mathematicum, Philosophicum, e Theologicum, siue Scripturarium*, Lisboa, Matias Rodrigues, 1629 (Joaquim de Carvalho fornece o índice integral da obra: *Galileu e a Cultura Portuguesa sua contemporânea*, in *Obra Completa*, v. 2, p. 466-469)



*Regimento que o P. Christovam Bruno da Comp. de Jesus, por ordem de S. M., da aos pilotos das naos da India para fazerem as experiências sobre a invenção de navegar de leste a oeste (depois de 1633) [FBN (RJ): ms. 1-12, 3, 6, fl. 185-191]*

## **Padre Inácio STAFFORD (1599-1642)**

Natural do condado de Staffordshire (Grã-Bretanha). Ingressou na Companhia de Jesus, em Villagarcia (Galiza), no ano de 1618, tendo professado no 1624. Entretanto, realizou estudos no Colégio Inglês de Valladolid, entre 1620 e 1625. Neste ano seria enviado para Lisboa como confessor, tendo leccionado Matemática na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão de 1630 a 1636, data do seu regresso a Castela. Posteriormente, havia de acompanhar numa missão ao Brasil o vice-rei, Dom Jorge Mascarenhas (?-1652), tendo regressado com ele a Portugal no ano seguinte (1641).

### *Obra do Padre Inácio Stafford*

*Da Fabrica e Vzoz dos Globos Cosmographicos Celestes, e Terrest[r]es* [copiado por Francisco de Melo]. - [1633] [BN: cod. 1868 (1º)]

Tem junto: *Tratado da Fabrica e usos do Glob[o] Geografico*. do padr[e] mestr[e] In[a]lsio Estaford. da companhia de iewsus. Ano de 1633 anos No colle[g]io de S. Antão Escrita p[or] fr[ancisc]o de Melo ([2] 11 fl.); [Questão: em qual dos equinócios teve o Mundo o seu princípio] ([6] fl.); *Tratado 3º Da Astrometria* / [Simon Fallon] copiado por Francisco de Melo] (40 fl.). Inclui uma “Taboada” no final, relativa ao Tratado 3.º, depois ao dos Globos Celestes e finalmente ao do Globo Geográfico. O primeiro parágrafo deste códice (fl. 3r) clarifica o propósito dos dois tratados seguintes (cod. 18681 e cod. 18682): tratam dos “globos cosmographicos”, que são por um lado o “globo celeste” e por outro lado o “globo terrestre”. Este primeiro tratado [cod. 18681] é dedicado ao globo celeste (também chamado astronómico pelo autor) cujas partes são evocadas num primeiro capítulo: o corpo esférico provido das posições estelares, os círculos máximos com as suas graduações (eclítica, equinocial) dois calouros, e seis círculos de latitude) e os círculos não máximos (trópicos e polares), os pólos da eclítica e do equinocial. O segundo capítulo explica brevemente como se verifica que um globo celeste está bem feito: recorrendo às “taboadas mais reformadas” das estrelas “quais são as do padre clauio e de Tiquo” (Christoph Clavius e Tycho Brahe). O terceiro capítulo descreve sucintamente o modo de fabricar um globo. Seguem-se, depois, os usos do globo (capítulo 4 até ao capítulo 31) que explicam a resolução de problemas astronómicos desde a determinação do Sol no zodíaco, até à construção de relógios de Sol.

*Tratado da Fabrica e Vsos do Glob[o] Geografico.* do padr[e] maestr[e] In[a]sio Estaford. da companhia de iesus. Ano de 1633 anos No colle[g]io de S. Antão Escrita p[or] Fr[ancisc]o de Melo. - [Lisboa], 1633 [BN: cod. 1868(2º)]

Tem junto: *Da Fabrica e Vzos dos Globos Cosmographicos Celestes, e Terrest[r]es [...]*; copiado por Francisco de Melo] ([2], 43 fl.); [Questão: em qual dos equinócios teve o Mundo o seu princípio] ([6]; Tratado 3º Da Astrometria / [Simon Fallon; copiado por Francisco de Melo] (40 fl.); "Taboada" no final, relativa ao Tratado 3.º, depois ao dos Globos Celestes e finalmente ao do Globo Geográfico. Descrição sucinta da estrutura de um globo terrestre e descreve treze operações simples que se podem fazer com este instrumento, excluindo os usos que são comuns aos globos celestes e os pertencentes à navegação.





*Tratado Da natureza e uso das paralaxes [...].* - [1633], fl. [1-28] [BN: cod. 4323(1º); Cota antiga: P-2-45]

Outros textos copiados na mesma letra: cfr. PBA. 240, cod. 1864, cod. 4256.

Tem junto: *Tratado da Milicia* / [Ignace Stafford]. 1633, fl.33-75v [BN: cod. 4323(2º)]

*Tractado das Theoricas das Estrellas Fixas e Errantes [...].* [1633], fl. [77-124v] [BN: cod. 4323(3º)].

Expõe os argumentos a favor e contra um “céu duro” ou “ceu fluído”, que parece ter sido uma controvérsia da época. Discute as correspondentes implicações a propósito de diferentes hipóteses teóricas. A um breve prefácio, seguem-se três lemas que expõem as opiniões de autores antigos e “modernos” sobre a dureza dos orbes celestes. Depois começa a primeira teórica: a do Sol “porque esta estrella por ser a maxima, a mais luzida, a mais ferosa, e a mais poderosa, meresse o 1º lugar”. Não entra em conta aqui a hipótese copernicana: fl. 89v “Não quis impugnar em algum lem[ma] em particular a Impia, é absurda imaginação de Aristarco Samio que Copernico, e seus sequazes porfiadam[en]te renouarão nestes tempos”. No entanto, o autor não pode ser considerado conformista porque não receia opor-se a conclusões de Christoph Clavius e Tycho Brahe (por exemplo: f. 96 v.). Este tratado acaba abruptamente depois de ser introduzida a teórica do Sol de Antonio Magino, em que o apogeu do Sol não tem movimento circular.

*Tratado das theoricas das estrellas fixas, e errantes; datadas [i. e., ditadas] pello P. M. Ignacio Stafford, em o Colegio de Santo António [Antão?].* Descritas [i. e.] Escriptas J por António [Francisco?] de Mello. - Anno de 1637 [ACL: M.S.V. 587]

*Los usos de la regla ordinaria, o escala que acompaña el pantometra Ingles [...].* - [1633], fl. [125-136] [BN: cod. 4323(4º)].

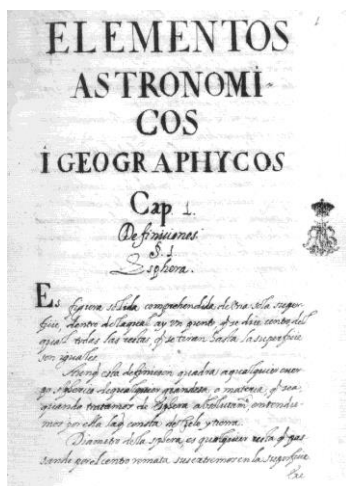
*Varias Obras Mathematicas* compvestas por el. [...] mestre de mathematica En el Colegio de S. Anton de la Cornpafia de IESVS Y no acavadas por cauza de la muerte deI dicho Padre. - Lisboa, Anno 1638 [BN: PBA 240]

Constituído por: “Tabla de las obras contenidas en este libro.” ([fl. 1-8v]); “Arithmetica Practica Geometrica Logarithmica” (p. 1-277); “Dimension de Figuras Planas, y Solidas” (p. 279-319); “La Optica” (p. 321-348); “Tratado da Natvresa, e Vso dos Paralaxes” (p. 351-393); ilustrações p. 399-404); “Apologia contra certo avtor tocante a los rumbos Nauticos” (p. 405-432); “Compendio de Problemas Astronomicos, Geographicos y Hydrographicos”

(p. 435-452); “Tratado da Milicia” (p. 459-500); “La Architectvra Militar” (p. 505-642).

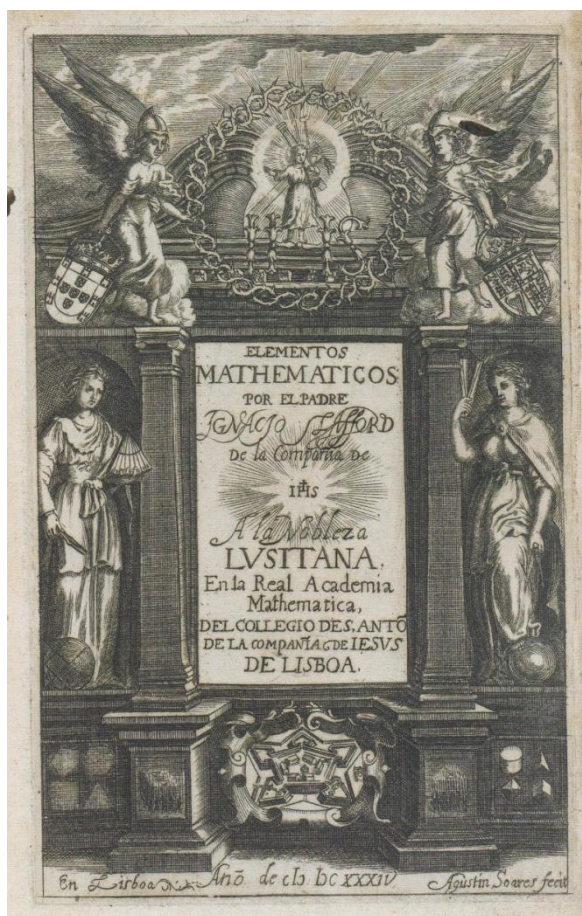
*Elementos Astronomicos, e Geographicos* [...]. - [ca 1638] [BN: cod. 4256]

Constituído por quatro partes, subdivididas em “capítulos” ou “problemas”: [Primera Parte] sobre “Esphera” (16 capítulos) (fl. [1-41]); “Segunda Parte” sobre “elementos geographicos” (12 capítulos) (fl. [41-62]); “Tercera parte. Los usos del globo Astronomico” (37 problemas) (fl. [62-104v]); “Quarta parte. Los usos del Globo terrestre” (27 problemas) (fl. [105-117v]). A primeira parte contém definições e explicações sucintas acerca dos círculos celestes e das suas subdivisões remetendo para Teodósio quanto às demonstrações. Na segunda parte) sobre “elementos geographicos”, Stafford afirma apresentar os seus capítulos sem demonstrações) as quais remete para os seus “Theoremas selectos) que tengo entre manos” (fl. 41r). Tem especial importância o capítulo 10) sobre “Los Rumos”, onde Stafford discute vários problemas de navegação teórica e da teoria dos rumos. Na terceira parte) o autor explica que não é o lugar de apresentar a “fábrica” do globo astronómico) nem a maneira de examinar o seu acabamento (assuntos que constam de outros tratados, por exemplo o cod. 1868) indica, no entanto, as partes essenciais do globo, e explica o seu uso.



*Elementos Astronomicos I Geographycos* [ca. 1638] [BA: 49-II-80]

Constituído por: “Cap. 1-[16]” (fl. 1-47); “Segunda Parte. Cap. 1-[12]” (fl. 47v); “Tercera Parte Los usos del globo astronomico”, dividida em 37 Problemas (fl. 72); “Quarta Parte Los usos del globo terrestre”, dividida em 27 Problemas (fl. 121). Contém desenhos à pena, a sépia: estrelas) estrela polar, primeira estrela da cauda da Ursa Maior) linha para cálculo da posição do pólo (fl. 102); duas ilustrações de página inteira com legendas: “Relox scioterico horisontal para 39. grados”, “Relox scioterico vertical austral para 39. grados” (fl. 111) ilustração com legenda “Reloxvertical boreal para 39. gr.” (fl. 111v).



## **Padre Simão FALÓNIO** (c. 1604-1642)

Natural de Gaura (Irlanda). Ingressou na Companhia de Jesus em 1619. Estudou Retórica e Filosofia em Coimbra e Évora. Em 1627, encontrava-se em Bragança, a leccionar Literatura Latina. Em Coimbra, deu aulas de Matemática, no Colégio dos Jesuítas (1630-1633). Em Lisboa, leccionou Matemática e Astronomia na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão (pelo menos, no período entre 1638 e 1640, desconhecendo-se se assegurou igualmente o curso de 1640-1641, visto ter-se extraviado o catálogo relativo a esses anos, no Arquivo da Companhia de Jesus, em Roma). Simão Falónio desempenhou igualmente funções técnicas no âmbito da fortificação do Alentejo, tendo sido “[...] mandado reconhecer e desenhar as fortificações necessárias a Setúbal, Arrábida e Sesimbra” (cf. Gastão de Mello de Mattos). Presume-se que tenha deixado de leccionar apenas alguns meses antes de falecer.

### *Obra do Padre Simão Falónio*

*Tratado 3º da Astrometria* [copiado por Francisco de Melo; ca. 1633] [BN: cod. 1868(3º)].

Tem junto: *Da Fabrica e vzos dos Globos Cosmographicos Celestes, e Terrest[r]es* / [Ignace Stafford; copiado por Francisco de Melo] (fl. 1-42); *Tratado da Fabrica e Vsos do Glob[o] Geografico. do Padr[e] Mestr[e] In[a]sio Estafor[d]. da Companhia de Iesus. Ano de 1633 anos No colle[g]io de S. Antão Escrita p[or] fr[ancisc]o de Melo ([2], 11 fl.)* [Questão: em qual dos equinócios teve o Mundo o seu princípio] ([6] fl.). Inclui uma “Taboada” no final, relativa ao Tratado 3.º, depois ao dos Globos Celestes e finalmente ao Globo Geográfico.

*Materias Mathematicas nas quais se contem Astronomia, Astrologia, e Outronometria* [sic] / Dictadas pelo R. P. M. Symão Falonio [Esriptas por Ant[oni]o de Melo. - Anno de 1628 [i. e., 1638] [BN: cod. 2127]

Constituído por: “Astrometria tiorica prop[r]ia das estrellas fixas” (fl. 1-85); “Astrologia pratica” (fl. 86-177v): “Cemtronomia [i. e., Centronometria]. Pratica he Especolativa” (fl. 178-218); este último com espaço para os desenhos deixado em branco. Inclui no final (fl. 219-241v) um “Tratado sobre a Theoreca dos Planetas”, em letra de mão diferente. Desenhos à pena, a sépia, representando figuras e projecções geométricas, tabelas para cálculos

astronômicos e esferas, quatro diagramas móveis (fl. 52v, fl. 53v, fl. 153r e fl. 172r): título na fl. de rosto com decoração caligráfica, enquadrado em moldura a sépia.



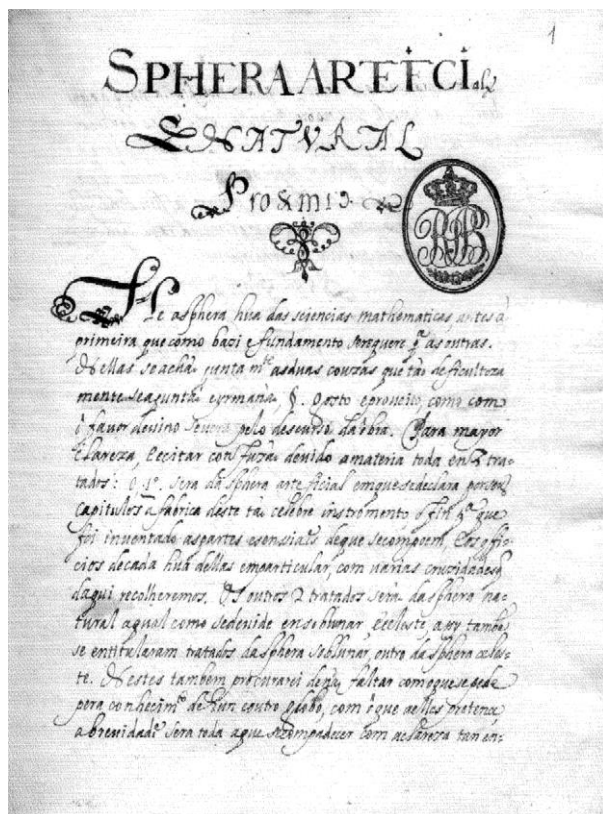
*Sphaera artificial e natural* [BN: cod. 2258 (1639)]

No cap. 12 do tratado segundo segue a opinião do Padre Cristóvão Bruno, acerca da natureza dos cometas, a qual fora condenada pelo Geral da Ordem.

*Astrologia prática* [BN: ms. 4246]

A secção quarta do tratado segundo intitula-se: “Como os cometas causam e significam mudança de tempo”.

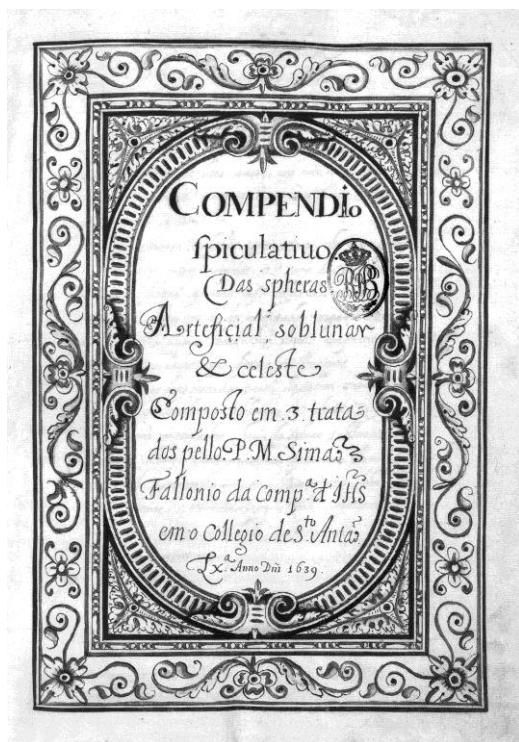
*Compe[n]dio Astrologico e iudiciario*. Pello P. M. Simão Fallonio da companhia de JHS. Em o collegio de s.to Antão. Lx,- Anno. 1639 [ANTT: M.L. 2642]



*Sphera Artificial e Natural* [1639] [BN: cod. 2125]

Constituído por: “Proemio” sob O título da obra, seguido de “Preludio 1.º-4.º” e “Taboada dos sennos tangentes e seccantes de cada grao” (fl. [1-9]); “Tratado 1.º Da sphera Artificial”, em treze capítulos (fl. [9-57v]); “Tratado 2.º Da

sphera sublunar, e que couza seja”, em treze capítulos (fl. [58-127v]) e “Tratado terceiro da sphera celeste”, em oito capítulos (fl. [128-161v]).



*Compendio spiculatiuo. Das sphaeras. Arteficial, soblunar e celeste*  
*Comp[osto] em 3. tr[atados] p[er] P. M. Simão Fallonio da Comp[anhia] d[e] Ih[esu]s*  
*em o Collegio de S[an]to Ant[ônio]. - L[i]x[bo]a Anno D[omi]ni 1639 [BN: cod. 2258]*

Constituído por: “Sphera Artificial e natural. Proemio” (fl. 1), seguido de quatro prelúdios: “Taboada Dos senos tangentes, e seccantes de cada grao” (fl. 6v-7); “Tratado Primeiro Da sphera Artificial” (fl. 8-42v); “Tratado 2º Da sphera sublunar” (fl. 42v-91); “Tratado 3º Da sphera celeste” (fl. 92-114v). Ao longo do códice contam-se vários desenhos a sépia, por vezes coloridos a lápis de cor, talvez posteriormente (fl. 99), representando construções geométricas

para cálculos astronómicos, esferas projectadas em plano para determinação das posições, trajectórias e distâncias relativas dos astros no sistema planetário, etc. Texto (com cópia no COD. 2125) dividido em três tratados respectivamente sobre a esfera artificial, sub lunar, e celeste. No segundo tratado é de salientar o capítulo 9 “Por que circulos se nauega, ou se mouem quaisquer corpos peizados no elemento da Agoa” (p. 66v-75v), em que se analisam problemas de rumos e se reproduz uma figura loxodrómica. Inclui também uma teoria das marés, e do arco-íris. No terceiro tratado destaca-se a discussão em torno de questões cosmológicas, a descrição dos fenómenos em contradição com Ptolomeu (fases de Vénus e de Mercúrio, observáveis pelo “canoculo” p. 102v), resultados do *Sidereus nuncius* de Galileu, como, por exemplo, os vales e montes da Lua, etc.





*Astrologia. Iudiciaria* / Composta pello padre Simão fallonio mestre da mathematica no collegio da Companhia de Jh[esu]s de Santo Antão. Escrita por Manoel da Costa. - No Anno de 1640 [BN: cod. 4246]  
Constituído por: “Astrologia Iudiciaria. Questão Promial. Que coisa Seia Astrologia Judiciaria e se he licita necessaria E proueitosa pera a Republica” (fl. 1-10); “Tratado Primeiro Da Figvra Celeste” (fl. 11-46); “Tratado Segvndo Dos Precipios geraes donde Se Forma o juizo Astrologico” (fl. 46-65v), “Tratado 3º Do Jvizo Astrologo dos tempos” (fl. 66-107v): “Tratado Qvarto dos Nasimentos” (fl. 107v-121); “Tratado Qvinto. E ultimo das direções profeções anuas E Reuoluções” (fl. 121v-131). A secção quarta do tratado segundo intitula-se: “Como os cometas causam e significam mudança de tempo”. Tratado de Astrologia prática dividido em cinco tratados e antecedido por um proémio sobre a Astrologia em geral. O primeiro tratado apresenta vários métodos de “levantar a figura do ceu”, isto é, a divisão do céu em doze casas utilizando ou um globo, ou o astrolábio, ou por analema, ou ainda pelas ascenções rectas ou oblíquas. Este tratado é seguido por tabelas das ascenções rectas e oblíquas, uma tabela das coordenadas de 37 estrelas conforme Copérnico e conforme Tycho Brahe (fl. 38r). O terceiro tratado debruça-se (no capítulo 3) sobre os eclipses solares, com alguns parágrafos sobre a paralaxe. Desta obra existem quatro manuscritos na BN: cod. 4331 (ca. 1640) [faltam o quarto e o quinto tratados]; cod. 4246, datado de 1640 e com autoria expressa do padre Simão Falónio, facto que contribuiu para identificar o presente manuscrito como sendo de sua autoria; e os cod. 5161 [Inclui “Pera a Inteligentia das Ephemerides” (repaginação 1-8, no final)] e A.T./L. 9 (códice proveniente da Livraria Tarouca), ambos sem indicação de autor e datáveis de cerca 1640.

## **Padre John ROSTON (?-?)**

Jesuíta e professor no Colégio de Santo Antão no período compreendido entre 1652 e 1654.

As lições que ditou na Aula da Esfera acham-se transcritas num manuscrito subordinado ao título *Curso Matemático* [BN: Pombalina 54], organizado em três partes, subdivididas em Proposições: *1ª Parte*: Da esfera do mundo e suas divisões; *2ª Parte*: Dos círculos que se descrevem na esfera artificial; da Proposição 19ª à 30ª ocupa-se do zodíaco; *Proposição 19ª* Definição, centro e pólos do zodíaco; *Proposição 20ª* Como se achou que o caminho do Sol era [na] circunferência do círculo máximo; *Proposição 21ª* Da maior declinação do zodíaco e da distância de seus pólos dos pólos do mundo; *Proposição 22ª* Do lugar do zodíaco; *Proposição 23ª* Da repartição do zodíaco; *Proposição 24ª* Das causas da divisão do zodíaco em doze signos; *Proposição 25ª* Da ordem e repartição dos doze signos; *Proposição 26ª* Da origem dos nomes dos signos; *Proposição 27ª* Examina-se o fundamento da triplicidade dos signos; *Proposição 28ª* De quantos modos se toma cada signo; *Proposição 29ª* Dos ofícios dos signos ou linha eclíptica; *Proposição 30ª* Da declinação do zodíaco; [...]. *3ª Parte*: Da Trigonometria. Nos capítulos sobre o zodíaco há informações de natureza astrológica, acompanhadas de figuras.

## **Padre Valentim ESTANCEL (1621-1705)**

Natural da Boémia, chegou a Portugal entre 1656 e 1657. No prefácio do seu *Orbe Afonsino ou Horoscopio Universal* (Évora, 1658), confessaria a pressa que tinha em partir para a China. Não tendo seguido viagem, manteve o seu magistério em Évora, tornando-se professor da Aula da Esfera, no Colégio de Santo Antão (Lisboa), cerca de 1660. Ocupou essa cátedra até 1663, ano em que rumaria a S. Salvador (Brasil), onde havia de falecer, em 1715, com idade avançada. As suas observações astronómicas (dos cometas aparecidos em 1664 e 1665, na Baía de Todos os Santos, e do planeta Mercúrio) foram citadas por Newton nos *Principia*. O padre Estancel publicara várias obras, antes da sua chegada a Portugal (*Cursus philosophicus*, Praga; *Diopuica geodesica*, Praga, 1653; etc.), onde havia de produzir extensa bibliografia.

### *Obra do Padre Valentim Estancel*

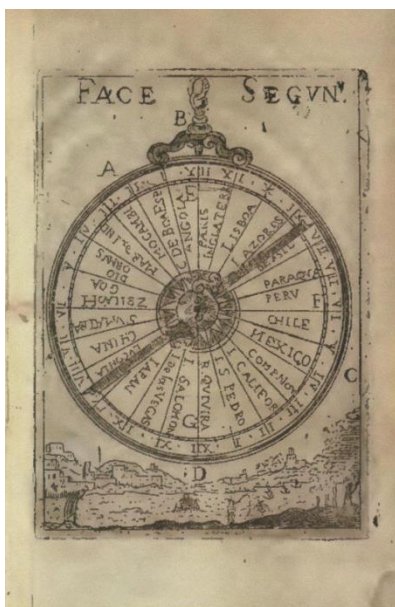
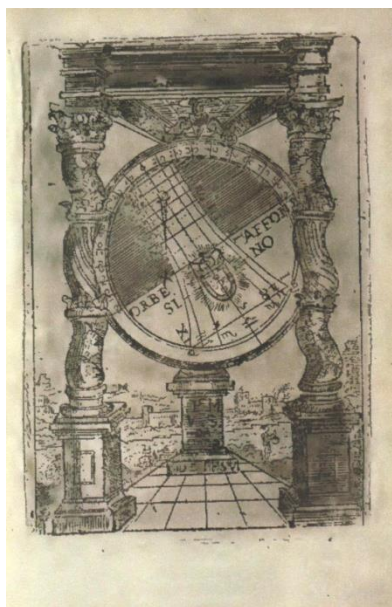
*Orbis Alfonsinus siue Horoscopium Sciothericum Vniuersale, in quo Per umbrae vsae extremos apices, e mobilis orbitae circumlationem Quota ubiuis Terrarum sit Hora Linea Meridiana. Aequatoris, et Poli altitudo, Ortus, et occasus Solis, ejusdemq[ue] parallelus diurnus, Diei, et Noctis quantitas e [caetera], facili plana[ue] methodo inuestigantur* [ca. 1658] [BN: cod. 2136]

Constituído por: “[Orbis Alfonsini] Facies Prima” (fl. [7-11 v.])j “Orbis Alfonsini Facies altera” (fl. [12-27]), incluindo uma tabela alfabética das latitudes dos principais lugares do Mundo em graus e minutos (fl. [20-22]). Descrição de um relógio de Sol universal) dedicada ao rei D. Afonso VI. O prefácio ao leitor explica que se trata de um epitome de explicações mais amplas (com diagramas) que está a ser preparado numa *Gnomonica universalis* em três livros (fl. 5v -6r). De facto, o presente texto não tem figuras e dá apenas brevíssimas indicações sobre a constituição das duas faces e das suas respectivas partes. Descrevem-se os seus múltiplos usos a partir do fl. 13v.

*Orbe Affonsino ou Horoscopio Universal*, Évora, Impressão da Universidade, 1658 [BPNM: 2-40-1-9]

Obra dedicada a Afonso VI, na qual expõe a descrição de um relógio universal, que Luís Serrão Pimentel criticaria: “o livrinho do *Orbe Afonsino* não é grande

coisa, sobre ser um Relógio que traz o padre Mário Betino nos *Apiários* que o autor tomou e quiz vender por seu; e sobre isto propondo-o como muitos erros crassos, dos quais emendou alguns por advertência minha [...]” (cf. Sousa Viterbo, *Dicionário de Architectos, Engenheiros, Construtores Portugueses*, v. 3, p. 403)]; o poeta satírico Gregório de Matos, alcunhado o *Boca do Inferno*, ridiculariza o jesuíta no soneto *A El Rey D. Pedro II com um astrolábio de tomar o Sol, que mandou o Padre Valentim Stancel dedicado ao renascido monarca*: “Este, Senhor, que fiz leve instrumento / Para pesar o Sol a qualquer hora, / Dedico a aquele Sol, a cuja aurora / Já destinam dois mundos rendimento. / Desta minha humildade, e desalento, / Que a sua quarta esfera não ignora, / subindo a oitavo céu, pretende agora / A estrela achar no vosso firmamento. / Eu, que outro Sol no seu zênite pondero / Aos do nascido Soberanos Raios, / Pesando-me eu a mim me desespero. / Mas vós, Águia Real, esses ensaios / Entre os vossos levai, pois considero, / Que nunca em tanta sombra houve desmaios”.



*Tiphys Lusitano ou Regimento Navtico novo o qual ensina tomar as alturas, descobrir os meridianos, e demarcar as uariaçoens da*

*agulha a qualquer hora do dia, e noite, com hum discurso practico sobre a nauegação de leste a oeste* [depois de 1663] [BN: cod. 2264]

Compêndio das lições dedicadas à arte de navegar, cujo texto é integralmente dedicado à descrição de dois instrumentos que concebera e com os quais supunha (sem fundamento, aliás), ser possível solucionar problemas da náutica astronômica, tais como a determinação das latitudes e longitudes, da declinação da agulha, da hora diurna e nocturna, etc.

Constituído por: “Proemio ao Leitor amigo E curioso. Sobre a fabrica do nouo instrumento” (fl. [6-8]); “Forma Do Instrumento primeiro Polímetro”, encimando o respectivo desenho (fl. [10]); “Elementos Geocosmicos ou noticias necessarias da fabrica, e construcção dos Circulas imaginados nas duas Esphas do Mundo) a saber na do Ceo, e na da terra, e mares” (fl. [11-12v]); “PARTE PRIMEIRA. CAPITVLO I. Declaração da fabrica do Instrumento prim[ei]ro” (fl. [12v-18]); “CAPÍTVLO II. Muitos, e agradaueis uzos deste instrumento.” (fl. [18-29]); “PARTE II. Theorico-Practica. CAPITVLO I. Dase hũa breue noticia das couzas pertencentes ao Segundo modo de tomar as Alturas) a que chamarei Especulatiuo-practico.” (fl. [29-30]); “CAPITVLO II Sabida a Declinação ou o lugar do Sol no Zodiaco pellas Regras antecedentes) por uia de duas sombras e duas Alturas do mesmo Sol descobrir a Altura do Pala) ou da linha fora do meyo dia?” (fl. [30-32]); “CAPITVLO III. Achada a Altura do Pala, logo se sabe tambem a linha Meridional, e pello conseguinte a uariação da Agulha” (fl. [42-40v]); “PARTE III. Practica. CAPITVLO I. Descreuese a fabrica do jnstrumento segundo” (fl. [43-44]); “CAPITVLO II. Tomar a Altura da Linha ou do Polo por uia deste jnstrumento 2º a qualquer tempo.” (fl. [43v-44]); “CAPITVLO III. Demarcar o meridiano e a uariação da Agulha” (fl. [44-44v]); “CAPITVLO IV. Conhecer a altura do Polo de noite a qualquer tempo pellas Estrellas.” (fl. [44v-46v]); “CAPITVLO V. Declaração de algumas couzas, que tocão ao Regimento Nautico” (fl [46v-51v]); “CAPITVLO VI. Em que trato das variações da Agulha, que os Pilotos modernos, Portuguezes, Ingreses e Olandeses, e os PP. Missionarios da Comp[anh]ia de JESV tem obseruado em uarias alturas.” (fl [51v-54v]); “Capitulo 7º. Problema Curioso. Sabida a variação da Agulha ou não a hauendo conhecer a Eleuación do Polo) ao nascer, ou ao por do Sol fora da linha.” (fl. [54v-56v]); “CAPITVLO VIII. Discurso curioso, e util, sobre a Nauegação de Leste a Oeste E dos uarios modos, que os curiosos inuentarão nesta materia” (fl. [56v-70]). A dedicatória define o “Tiphis Lusitano, nouo Instrumento de tomar a Altura do Sol a qualquer hora do dia” e o proémio refere a “fabrica do nouo jnstrumento” (fl. 6r). O instrumento combina uma bússola e um relógio de Sol côncavo esférico (representado no fl. 14r). Depois de uma descrição da estrutura e graduação da esfera, a primeira parte trata dos usos deste instrumento. A segunda parte apresenta um segundo modo de tomar “a altura do polo” assim como a estrutura dos vários outros instrumentos, como por exemplo a “bosseta magnética”. O tratado aborda problemas variados de navegação. É muito

extensa a lista de “variações da agulha” (declinação magnética) de dezenas de lugares (fl. 52v-54r). O tratado é concluído por cinco “Questões” ou problemas de Náutica. Joaquim de Carvalho publicou os cap. 6, 8, bem como as 5 Questões ou problemas de Náutica (cf. *Galileu e a Cultura Portuguesa sua contemporânea*, in *Obra Completa*, v. 2, p. 442-466)

*Mercurius brasiliensis, sive de coeli et soli brasiliensis aeconomica Zodiacus divini dolotis, sive Orationes duodecim de Christi patiente*, Évora, 1675.

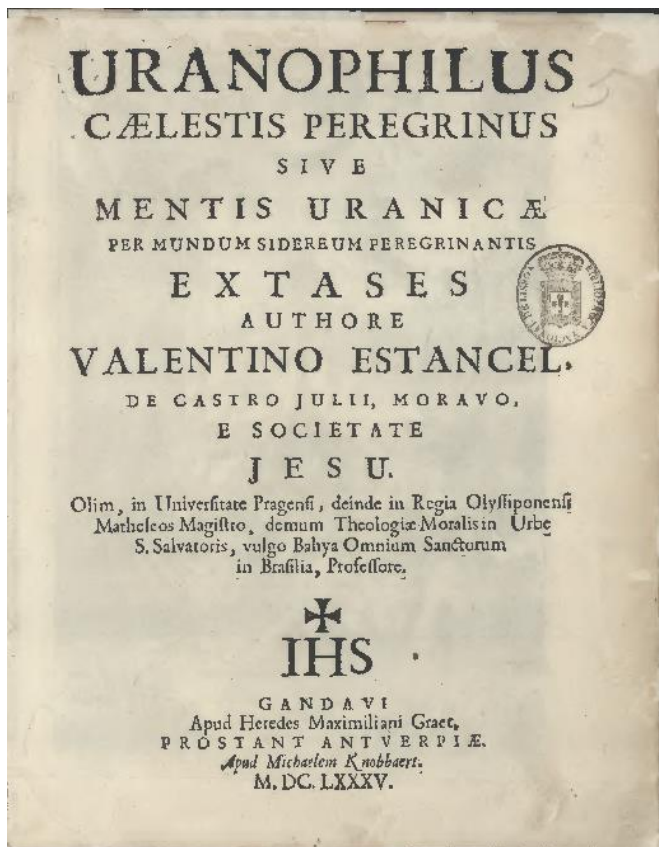
*Legatus Uranicus ex Orbe Novo in Veterem, hoc est observationes americanae comatarum factae, conscriptae ac in Europam missae* [...], Praga, 1683

Obra redigida em 1665, cujo manuscrito circulou pela Europa até ser editado pelos jesuítas de Praga; transcende o mero rol de observações de cometas, discutindo as doutrinas contemporâneas, sobre a composição, natureza e trajetórias desse tipo de astros, cotejando-as com os seus cálculos e observações

*Juizos astronomicos pelo Padre Estancel da Companhia de Jesu Assistente no Brazil* [sobre um cometa que apareceu em 6 de Maio de 1684; DCL: P-209-182].

*Uranophilus coelestis peregrinus sive Mentis Uranicae per Mundum Sidereum Peregrinantis Extases*, Gante e Antuérpia, Michaellem Knobbaert, 1685 [BN: SA 1763 V; SA 4755 A]

*Uranophilus coelestis peregrinus sive mentis Uranicae per mundum sidereum peregrinantis extases*, Gandavi e Antuérpia, 1685, *Discurso astronomico sobre o estupendo e fatal cometa, ou anuncio pela Divina Provid<sup>a</sup> visto a primeyra ves a 6. De Novembro de 1689, ao romper da aurora, neste horizonte de Pernambuco, altura de 8 graos, no signo de Escorpião, autor o Padre Estancel da Companhia de Jesus e Relaçam que certo mathematico formou sobre o juizo e figura q levantou em razam do aparecimento dos gafanhotos, q o anno de 639, aparecerão sobre a Cidade de Lix<sup>a</sup> e de 2 cometas que tambem forão vistos* [ms.; DCL: P-208-181]



*Discurso astronomico sobre o estupendo e fatal cometa, ou anuncio pela Divina Provid<sup>a</sup> visto a primeyra ves a 6. De Novembro de 1689, ao romper da aurora, neste horizonte de Pernambuco, altura de 8 graos, no signo de Escorpião [DCL: P-208-181; BN: Ms. PBA, 484<sup>22</sup>, fl. 170-177v (Descurço Astronomico sobre o estupendo e fatal Cometta ou Nuncio [sic] pella Divina providencia enviado aos mortaes. O qual foy visto a primeira vez a 6 de Dezembro do Anno de 1689 ao romper da Aurora neste nosso Orizonte Oriental Pernanmbuco na altura Austral 8 graos no signo de Escorpião)]* Derradeiro texto desta

natureza composto pelo jesuíta, dedicado ao aparecimento do cometa de 1689, só publicado em 1914 (in *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, n. 16, p. 63-73)

Escreve Estancel a propósito do cometa de 1689, o qual se formara no signo de Escorpião, numa conjunção de Saturno com o Sol: "A opinião comum é, que os Cometas seguem aquele Astro, ou Planeta, de que se geraram levados por uma virtude magnética, ou simpática. Esta opinião não tem lugar no novo Cometa, porque concedendo-se que este Cometa foi gerado de Saturno, e do Sol, pergunto de qual dos dois é levado, e movido? Na verdade que não foi de Saturno, porque o movimento do novo Cometa foi diverso do movimento de Saturno totalmente, porque Saturno nunca se aparta da Eclíptica para o sul, mais que 2 graus e 49 minutos. Não foi levado pelo Sol, porque este nunca dá Eclíptica, e este novo Cometa 50 graus para o sul se apartou da Eclíptica: pelo que digo com muito fundamento, e razão, que este Cometa foi movido por algum Anjo, como aquela Estrela que guiou aos Magos à presença do Divino Rei, e tanto que chegou ao lugar onde estava a Divina Majestade se extinguiu: este nosso Cometa feito um quase pregoeiro, ou núncio de novo Rei, chegando ao Cruzeiro expirou, e não sem mistério: porque nova Estrela diz Ptolomeu novo Rei" (fl. 176). Assim assumiria que este cometa não poderia ter sido gerado nem pelo Sol, nem por Saturno, porquanto não se enquadrava no esquema explicativo que propunha, i. e., apresentava uma componente completamente inédita: dois movimentos, acompanhando o movimento geral dos céus e aproximando-se do Pólo. De facto o cometa não seguiria a trajetória do Sol nem a de Saturno, afastando-se da Eclíptica, passando pelo Cruzeiro do Sul e acabando por desaparecer no Círculo Polar. Estancel adianta, ainda, cálculos simples sobre a sua distância ao centro da terra, a dimensão da cauda e a respectiva velocidade. O Discurso Astronómico conclui com uma exposição alegórica em que o autor pergunta à Urânia pelo significado do cometa, que passara pelas constelações do Escorpião, do Lobo e de Centauro: "Estes monstros me respondeu Urânia são uns emblemas, ou hieroglíficos; o 1º que é o Escorpião, do contágio venenoso, o Lobo da esterilidade, e fome; o Centauro da guerra: aos quais monstros para que melhor se descobrissem ao mundo submergido em tantas trevas, foi necessária a assistência deste cometa" (Estancel, 1914, p. 71). Mas a musa não restringe seu discurso a essas interpretações, ela apresenta ao autor um livro de emblemas chamado *Os segredos do Céu* em que estariam estampados diversos emblemas. O jesuíta descreve rapidamente dez destes emblemas. Fechando o texto, Urânia apresenta a Estancel o vaticínio em oito frases latinas de linguagem muito alegórica em que se trata da política europeia do final do século: revolução inglesa, guerra aos turcos, etc. O Discurso encerra com o trecho latino: "Os elementos nos movem, os elementos são movidos pelos astros. Prepare-se, o mundo, e tema a Deus, que rege os astros". Concluindo com a sentença: "Deus dirige os astros, estes dirigem os elementos



e, finalmente, os elementos dirigem os homens". Em carta remetida a D. Teodósio de Melo, em 3 de Julho de 1665, António Vieira dá conta de ter tido acesso ao *Discurso* de Estancel, sobre o qual ironiza: "Do Brasil me veio um famoso papel sobre os dois cometas, escrito pelo padre Estancel, mestre que foi da matemática em santo Antão, que não remeto a V. Senhoria por obscuríssimo, feito de propósito debaixo de metáforas e enigmas de nomes gregos, os quais eu tenho bastantemente decifrado, e reservo esta fábula, que não tenho por fabulosa, para quando eu esteja em estado de poder passar duas horas entre as canas ou debaixo das oliveiras. Por maior digo que os cometas parece que anunciam mudanças de tempos e das coisas, e todas para bem e bem de todos".

Recuperando a teoria que os cometas são exalações da matéria planetária, ou solar, excitada pelas conjunções, Estancel sustentava que os cometas eram fenómenos celestes (apenas uma ínfima parte sublunares) que resultavam de causas naturais, de diferentes conjunções celestes que os provocavam naturalmente, sendo movidos, não como opinava Kepler, por uma "virtude magnética" (associada aos planetas que os causavam), mas por anjos, materializando uma mensagem divina: "Duvidoso fiquei como diz Séneca se mais me devia admirar, ou temer; admirar deste tão soberbo fenómeno que ainda no berço era já tio grande, tio resplandecente, e tio desusado: temer porque é tão admirável do Excelso Deus Omnipotente, o qual pela maior parte por estes prodígios, como por línguas Celestes ao mundo fala, ou ameaça [...], ou declara espantosas mudanças de Impérios, Reinos e Reis". A partir de 1703, no seu Curso da Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, o Padre Estancel deixaria cair a tese da natureza elementar dos cometas adoptada cerca de uma centúria antes pelo seu confrade Padre Francisco da Costa, na mesma Aula, optando por sugerir que "cada um siga o que melhor lhe parecer".

## **Padre Inácio VIEIRA (1678-1739)**

Natural de Lisboa. A 30 de Julho de 1692 ingressou a Companhia de Jesus. No ano de 1700, com 24 anos, e jesuíta há oito, estudava Matemática em Évora. Ensinou Matemática no Colégio das Artes de Coimbra (1705-1708). Transferido para o Colégio de Santo Antão, em 1709, substituiu (muito provavelmente) Jerónimo de Carvalhal na cadeira de Matemática. No ano lectivo de 1711-1712 dirige um curso de Quiromancia. Permanecerá no Colégio de Lisboa até ao final do ano lectivo de 1719-1720, data em que será rendido por Manuel de Campos (1681-1758), tendo seguido para Coimbra, como mestre de noviços (durante quatro anos), e depois para Roma, onde havia de permanecer outros tantos, na qualidade de ajudante do secretário-geral da Companhia de Jesus. Desempenhou o cargo de reitor dos seminários de São Patrício e do Colégio de Lisboa, e pregador na Casa Professa de São Roque. Segundo António Ribeiro dos Santos, foi confessor do infante D. Pedro, filho de Dom João V.

### *Obra do Padre Inácio Vieira*

*Tratado da Astronomia*. [...] Lente de Mathematica no Real Colégio de S. Antão. Em L[i]x[bo]a An[o] de 1709. [Copiado por] João Barbosa de Araújo, Lisboa, 1709 [BN: cod. 2111]

Constituído por: “1.<sup>a</sup> Parte Da Astro[no]mia elementar id est, Da Sphera” (fl. 2-89); “2.<sup>a</sup> P[art]e Da Astronomia Pratica em q[ue] se trata do globo material e outras couzas a elle pertencentes” (fl. 90-129); “3.<sup>a</sup> P[art]e Da Astronomia Theorica” (fl. 130-276). Extenso curso de Astronomia, em três partes. Partindo das noções e definições mais simples, o texto vai-se desenvolvendo progressivamente até serem abordados, na terceira parte, consagrada à Astronomia teórica, temas muito avançados e complexos (por exemplo, de teoria da Lua).

*Hyd[r]ographia, ou Arte de Navegar (1712?)* [BN: cod. 5171]

Constituído por: “Hydrograhia ou Arte de Navegar. Argumento”, “Questões preliminares” (p. 3), desenvolvido em nove questões (até à p. 142). Seguem-se os seguintes capítulos, subdivididos em secções: “Cap. 1.<sup>o</sup> Do uzo dos Circ[ul]os Na Navegação” (p. 142); “Cap. 2.<sup>o</sup> Dos instrom[en]tos de q[ue] se uza na Navegação” (p. 161); “Cap. 3.<sup>o</sup> De alguas propozic[ões] congruentes as observaçoens pellos instrom[en]tos” (p. 210); “Cap. 4.<sup>o</sup> Dos ventos, e fabrica da Agulha, e o mais q[ue] lhe pertence” (p. 220); “Cap. 5.<sup>o</sup> Como se deue achar

a latitud[e], ou alt[ur]a do pollo, e a longitud[e] do Logar” (p. 278); “Cap. 6º Das cartas de marear” (p. 352); “Cap. 7º “Das Loxodromicos [sic]” (p. 445); “Cap. 8º Do rezumo dos probl[ema]s nauticos, como se pode nauegar por cir[cul]o Max[im]o ou pella sphaera” (p. 477); “Appendix De Algũas questõens coriozas, e dos portos mais celebres” (p. 493), “Nota pratica” ao conteúdo da obra (p. 528). Desenhos à pena, a sépia, representando instrumentos para medição astronómica e seis galeões, nas margens do texto. Um dos mais completos e exaustivos cursos de Hidrografia (Marinharia e Arte de Navegar) alguma vez produzido por autor português.

*Astronomia* (1710) [ANTT: M.L. 2044]

Tem junto, na mesma letra: Tratado Mathematico Astronomico: Declarase o que pertence à Lua. - [1710?], [p. 367 (?)-457 na paginação seguida do código]; Tractado dos eclipses Lunares. - [1720?] (p. 92-93); Discripção do ceo estrelado, 1720 (p. 129-138).

*Tractado da Astrologia*, fl. 1-94v: *Tractado da Chirumansia*, fl. 95-265 [ANTT: M.L. 2132]

*Conclusoens Mathematicas de huma, e outra Esfera, e Architectura Militar Munitoria, e Expugnatoria*. Preside o P. M. Ignacio Vieyra da Companhia de Jesus; defende Antonio Gomes de Faro na Aula dos Estudos Reaes do Collegio de Sancto Antão da Companhia de IESU aos 15 deste mez de tarde. - [Lisboa]: na Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1710 [BN: cod. 1601 (33º)].

## **Padre Manuel de CAMPOS (1681-1758)**

Ingressou na Companhia de Jesus, em 26 de Novembro de 1698, na cidade de Évora, em cuja Universidade realizou todos os seus estudos. Leccionou latim em Elvas e matemáticas em Évora, de 1709 a 1711. Foi pregador em Setúbal e em Lisboa (S. Roque), a partir de Maio de 1716. Em Abril de 1720, depois da Páscoa, substituiu, na Aula de Esfera do Colégio de Santo Antão, o professor Inácio Vieira, transferido para Coimbra. No mesmo ano participou na fundação da Academia Real de História Portuguesa. Partiu para Roma, em 9 de Maio de 1721, na companhia do Cardeal Dom José Pereira, bispo do Algarve, tendo permanecido na Cidade Eterna até Dom João V ordenar, em 1728, a saída dos portugueses dos Estados Pontifícios. Na viagem de regresso, de passagem por Madrid, seria convidado a leccionar matemáticas no Real Colégio dos Nobres, onde com o aval do *Magnânimo*, havia de iniciar as suas aulas, em Janeiro de 1729. Entretanto, assume o cargo de cosmógrafo-mor para o qual é nomeado por Filipe V, monarca que, inesperadamente, o expulsaria de Espanha no mês de Fevereiro de 1733. Muda-se para Lisboa onde volta a leccionar na Aula da Esfera, no período compreendido entre 1733 e 1742. Os seus *Elementos de Geometria Plana e Sólida* (1735) qualificam-no como um estudioso da filosofia newtoniana.

### *Obra do Padre Manuel de Campos*

Escreveu, entre outras obras: *Tratado dos eclipses lunares* (1720) e *Trigonometria plana e esférica* (1737).

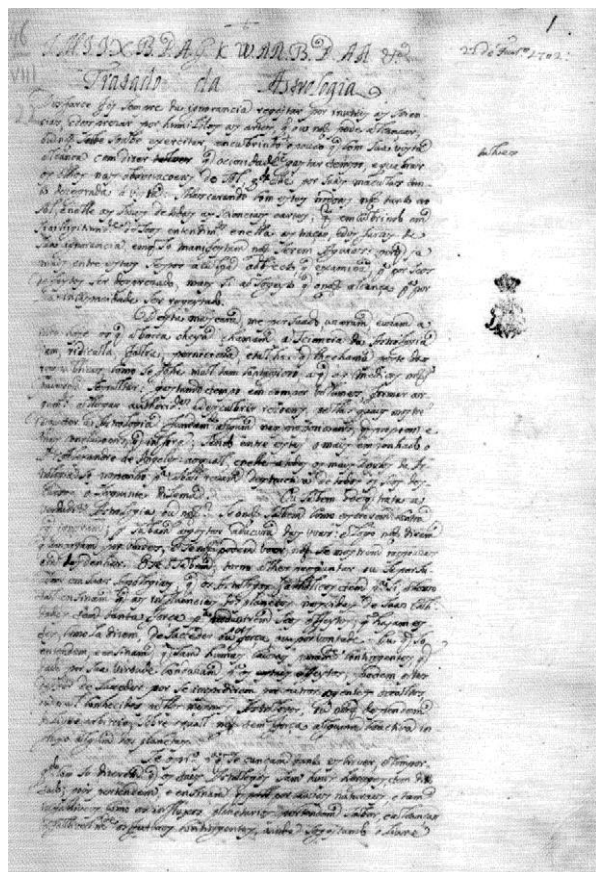
## **Padre Luís GONZAGA (1666-1747)**

Natural de Lisboa. Ingressou na Companhia de Jesus, em 4 de Agosto de 1683. Graduou-se em Filosofia (1686-1690) na Universidade de Évora, cidade onde ensinou Latim, durante dois anos. Estudou Matemática (1692-1694) com o inglês John Hildret, tendo leccionado esta disciplina em Coimbra (1695-1699), em aulas particulares apenas destinadas a jesuítas, enquanto estudava Teologia. No ano seguinte, seria transferido para Lisboa, onde ensinou Matemática na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, até 1705, ano em que se transferiu para a Casa Professa de São Roque, tornando-se preceptor dos príncipes (também do futuro Dom João V) e leccionando no Paço Real. Desempenhou o cargo até 1713, tendo permanecido em Lisboa após essa data como superior e reitor de Santo Antão, onde ocupou a cátedra de Matemática, pelo menos, durante o ano lectivo de 1725-1726. Legou extensa obra.

### *Obra do Padre Luís Gonzaga*

#### *Esphera Astronomica Composta, e dividida em Círculos (1700-1701)* [BA: 46-VIII-21]

Constituído por: “Circulo 1.º Da Definição, e Divizam da Esfera” (fl. [1v]); “Circulo 2.º Da esfera terrestre” (fl. [4]); “Circulo 5.º Da esfera Celeste” (fl. [7]); “Circulo 6.º Da divizão da Esfera Celeste” (fl. [9]); “Circulo 7.º Dos circulos principaes da esfera” (fl. [10v]); “Circulo 8.º [...] noticia breve de cada hum dos principaes circulllos de esfera”; “Circulo 9.º Das zonas” (fl. [42]); “Circulo 10.º Dos climas e varied[ad]e de habitadores seg[uin]do os lugares que habitam” (fl. [44v]). Tem junto: carta autógrafa de Manuel Pimentel sobre a observação da altura do pólo de Lisboa, seguida das “taboadas” das horas solares de Lisboa, para o ano de 1708 (fl. [52-54v]); desenhos a sépia de página inteira, incipientes, representando as movimentações dos astros (fl. [56-61v]); representações de geometria descritiva (fl. [62-65]); tabelas para previsão dos eclipses (fl. [68]); “Esfera Astronomica Composta e dividida em circulos pelios quais se demonstra a Theoria dos planetas”, cópia na mesma letra do tratado de Luís Gonzaga} notas de leitura nas margens na mesma letra do texto, rasuras e emendas, constituído por: “Circulo 1.º Do Sol” (fl. [70-113v]); “Circulo 2.º Da Lua” (fl. [120-157]); (fl. [158] br.); seguem-se diversos desenhos de página inteira, a sépia, representando movimentações astronómicas, eclipse da Lua e do Sol, desdobráveis (fl. [166-169])



# Tratado da Astrologia (1702) [BA: 46-VIII-22, fl. 1-129]

Ms. constituído por postilas “que ditou o Padre Luís Gonzaga no Colégio de Santo Antão”, nas suas lições do ano de 1702. A exposição acha-se dividida em duas partes, ocupando-se do *Theatro Astrologico* e dos *Juízos Cometários*. 1. “Theatro Astrologico” subdividido em “Apparencias”: “Apparencia 1.<sup>a</sup> Da Definição, divisam da Astrologia e Fabrica das 12 casas Celestes” (fl. [3]); “Apparencia 2.<sup>a</sup> Dos Planetas, sua Coliocação nas 12 casas e seos aspectos” (fl. [8]); “Apparencia 3.<sup>a</sup> Dos tit[ul]os q[ue] se dam, e dignidades de q[ue] Logram os Planetas” (fl. [12v]; “Apparencia 4.<sup>a</sup> Da [Terra], e dos Lugares) em

q[ue] os planetas Logram de algumas particulari[da]des de Suas amizades, e inimizades [sic]” (fl. [18v]); “Apparencia 5.<sup>a</sup> Dos Signos” (fl. [21v]); “Apparencia 6.<sup>a</sup> Dos Signos e seos influxos pelas Casas Celestes” (fl. [27]); “Apparencia 7.<sup>a</sup> Da Significação da Cabeça e Cauda do Dragam pelas 12 horas” (fl. [27v]); “Apparencia 8.<sup>a</sup> Dos Planetas pellas 12 Casas Celestes” (fl. [28]); “Apparencia 9.<sup>a</sup> Das principaes causas q[ue] no homem estam sojeitas aos influxos dos Planetas, por cada hum em particular” (fl. 32); “Apparencia 10.<sup>a</sup> Das Partes do Corpo) e suas Compleixoens polla Correspondencia dos Planetas” (fl. [33]); “Apparencia 11.<sup>a</sup> “De algumas cousas mais especiais em q[ue] os planetas influem conforme os seos particulares influxos” (fl. [35v]); “Apparencia 12.<sup>a</sup> De Alguns juizos geraes ditos por Canones Astrologicos” (fl. [36v]); “Apparencia 13.<sup>a</sup> Dos influxos de Algumas estrelas nas genituras” (fl. [39]); “Apparencia 14.<sup>a</sup> Dos Horoscopos p[ara] as doenças” (fl. [41v]); “Apparencia 15.<sup>a</sup> Dos dias Críticos” (fl. [42]); “Apparencia 16.<sup>a</sup> Dos Annos Climactericos, e mezes Por ordem aos Planetas antes e depois dos Nascimento” (fl. [43v]); “Apparencia 17.<sup>a</sup> De algumas regras p[ar]a melhor se formarem os juizos das doenças” (fl. [45]); “Apparencia 18.<sup>a</sup> De alguns juizos particulares das doenças” (fl. [45v]); “Apparencia 19.<sup>a</sup> Da figura p[ar]a os dias Críticos” (fl. [47]); “Apparencia 20.<sup>a</sup> Dos juizos por ordem dos tempos” (fl. [48v]); “Apparencia 21.<sup>a</sup> De Alguns juizos geraes dos annos” (fl. [50v]); “Apparencia 22.<sup>a</sup> De alguns juizos geraes pellos mezes” (fl. [51v]); “Apparencia 23.<sup>a</sup> Observações curiosas por alguns dias dos mezes”, “Apparencia 24.<sup>a</sup> Dos juizos em geral p[ar]a as mudanças do ar” (fl. [57v]); “Apparencia 25.<sup>a</sup> Dos influxos dos Planetas por ordem ao tempo Conforme as mas naturezas” (fl. [58v]); “Apparencia 26.<sup>a</sup> Das Portas canículas” (fl. [59]); “Apparencia 27.<sup>a</sup> Das Mudanças do Ar pollos influxos dos Planetas” (fl. [59v]); “Apparencia 28.<sup>a</sup> Das mudanças do tempo [...]” (fl. [61]); “Apparencia 29.<sup>a</sup> Das mudanças do Ar pella conjunção do Sol com algumas estrelas” (fl. [61v]); “Apparencia 30.<sup>a</sup> Da mudança do ar pela conjunção de alguns planeas com algumas estrellas” (fl. [62]). Tem junto: “Apparencia dos influxos dos Planetas nas proprias casas e nas alheias” (fl. [73]); incipit: “A figura ou delineação da sphaera celeste não é outra q[ue] mais hua figura de 12. angulos” (fl. [75]) em fl. de menores dimensões; “Compendio dos Juizos Cometarios” (fl. [109]); “Juizo de hum novo phenomeno visto sobre o horizonte da Lx<sup>a</sup>” (fl. [129]); “Fragmentos da Geometria Pratica” (fl. [139]), com tabelas de equivalência de medidas e desenhos de figuras geométricas em fl. desdobráveis; “Mappa Mathematico. Mostra os lugares mais engenhosos, e curiozos das principaes materias de q[ue] trata esta Sciencia” (fl. [149]); incipit: “As proporçoens mais Celebres Saro tres, Arithmetica, Geometria e Harmonica” (fl. [187]), a partir do (fl. [189], pertencendo a este texto) 4 fl. desdobráveis com 4 figuras de geometria descritiva e tabelas (fl. [193]) até ao final (fl. [228]). Inclui tabela dos signos (fl. [69]); horóscopos (fl. 70-72). 2. *Juízos Cometários* (fl. 109-131v, com a data de 22 de Março de 1703), estes com o seguinte índice: 1. Que

cousa seja cometa; 2. Das espécies de cometas; 3. Dos influxos dos cometas; 4. Da cauda dos cometas; 5. Da cor dos cometas; 6. Do resplendor e figura e duração; 7. Do sítio, lugar, movimento e distância; 8. Do sítio da esfera celeste; 9. Modos de representar cometas. Do fl. 129 em diante (com a data de 25 de Fevereiro de 1703) apresenta a interpretação de um fenómeno não identificado que fora “visto sobre o horizonte de Lisboa”. No fl. 135 inclui desenho de um cometa observado em 1744 (7 de Janeiro). Não defende inequivocamente a tese da natureza elementar dos cometas: “[...] É de saber que o Cometa quando muito só terá força para fazer alguma mudança no ar, e tempo, por causa dos vapores, ou exalações de que se forma, como qualquer planeta e isso ainda com subordinação aos mais astros, que lhe podem alterar ou diminuir mais as suas forças, porém no que toca a mover guerras, causar pestes, mudar Reinos, causar fomes, e matar Reis não pode fazer nada, e quando muito será disso sinal posto por Deus para com tal aviso impedirmos os rigores deles com súplicas ou nos preparamos a sofrê-los com paciência, como muitos Santos escreveram” (fl. 112). “[...] pela grandeza do Cometa se tira a veemência de seus efeitos, sendo tanto mais fortes, quando o cometa for maior” (fl. 114v-115).

*Esfera astronómica cõposta e devedida em circulos* [BGUC: Ms.182]



## **Padre Eusébio da VEIGA (1718-1798)**

Natural de Reveles (bispado de Coimbra). Ingressou na Companhia de Jesus em 1731. Leccionou Latim em Coimbra e, mais tarde, Matemática na mesma cidade (1747-1749) e em Lisboa, na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão (1753-1758). No ano de 1758, ou talvez antes, em 1757, e até 1759, trocou a cátedra de Matemática pela de Filosofia. Com a extinção da Companhia de Jesus passou ao estado secular, tendo sido expulso do Reino, transferindo-se para Roma, onde fixou residência, tendo exercido o cargo de reitor da igreja de Santo António dos Portugueses (desde 1773) e dirigido (a partir de 1784), com Atanasio Cavalli, o observatório do duque de Sermoneta, o mais importante observatório astronómico privado existente na Cidade Eterna. Aí publicou nove volumes de *Efemérides*, de 1785 a 1794. Eleito correspondente da Academia das Ciências de Lisboa (ca. 1789). Autor das primeiras efemérides regulares e metódicas publicadas em Portugal.

### *Obra do Padre Eusébio da Veiga*

*Eclipsis Partialis Lunae, observata Ulyssipone die vigesima septima Martii anno 1755 [...] Societ. jesu, Publico Mathematicae Professore in Regio Studiorum Generalium Ulyssiponensium Collegio, et A. Josepho Teixeira ejusdem Societatis, ibiudem Matheseos auditorel e observationum sócio*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1755 [BN: SA 13353 V]

*Planetario Lusitano para o anno de 1757, dedicado ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Dom João, calculado para o meio dia do tempo verdadeiro no Meridiano de Lisboa*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1756 [BN: SA 2847 P; BPNM: 2-40-2-16]

Refez os cálculos aqui publicados, em virtude de os que havia preparado terem sido consumidos no incêndio que destruiu o Colégio de Santo Antão quando do terramoto de 1755. Luís Francisco Pimentel, cosmógrafo-mor do Reino considerou este volume “um excelente compêndio de toda a astronomia, no qual se expõe em doutos e instrutivos documentos, quanto há de mais útil e deleitável nas ciências matemáticas; e pela edição desta obra entendo adquirirá seu autor bem merecidos aplausos assim pelo acerto com que a tem

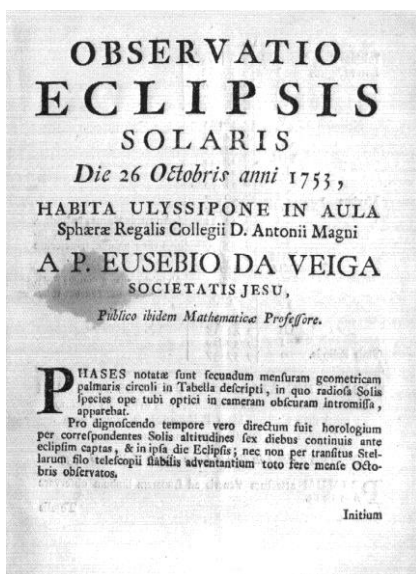
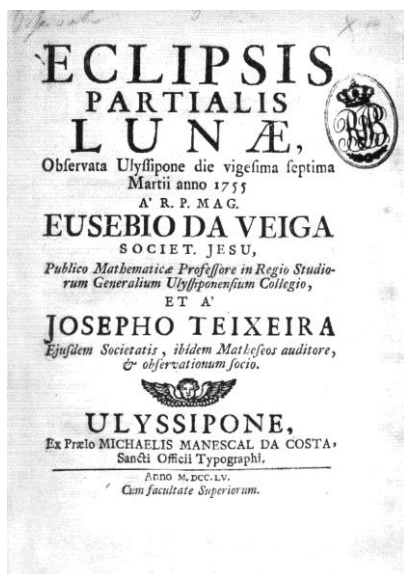
composto, como pelo proveito e adiantamento que por ela poderão alcançar os estudiosos desta faculdade”.



*Planetario Lusitano, explicado com Problemas, e exemplos praticos para melhor intelligencia do uso das Efemerides, que para os annos futuros se publicão no Planetario Calculado e com as regras necessarias para se poder usar delle não só em Lisboa, mas em qualquer Meridiano, Dedicado ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. João [...]. Para uso da Nautica, e Astronomia em Portugal, e suas Conquistas, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1758 [BPNM: 2-40-2-17])*

Efemérides calculadas para os anos de 1759 a 1761. Contém: *Taboas Perpetuas, e Immutaveis, Ordenadas na fôrma, com que se explicão no Planetario Lusitano, para uso mais commodo, e praxe mais facil dos seus Problemas* (p. 1-143); *Observatio Eclipsis Solaris Die 26 Octobris anni 1753, Habita Ulyssipone in Aula Sphaerae Regalis Collegii D. Antonii Magni [...]* (p. [4]); *Eclipsis Partialis Lunae, Observata Ulyssipone die 27 Martii anno 1755.* A P. Eusebio da Veiga Societatis Jesu, Publico Mathematicae Professore in Regio Studiorum Generalium Ulyssiponensium Collegio, et A Josepho

Teixeira, Ejusdem Societatis, ibidem Matheseos auditore, e observationum sócio (p. [4]); *Observatio Lunaris Eclipseos Habita Ulyssipone die 30. Julii anno 1757*, A P. M. Eusebio da Veiga, Societ. Jesu, publico Mathematicae Professore in Regio Studiorum generalium Collegio et ab Aloysio Gomes ejusdem Societ. necnon ab Emmanuele Carolo da Silva, e Gregorio de Barros ibidem Matheseos Auditoribus, observante etiam socio Michaelae Tiberio Pedegache, Mathematico externo. Apponitur hic etiam ex commercio Mathematico pro dignoscenda Meridianorum differentia Observatio facta Conimbricae A P. M. Bernardo de Oliveira Societ. Jesu, Matheseos Professore in Regali Collegio Jesuitico, et A Josepho Teixeira ejusdem Societ. ibidem Theologiae facultati post absoluta jam Mathematica studia tunc temporis incumbente; Alia itidem observatio, quam Eborae fecit in collegio Academico Jesuitarum P. M. Dionysius Franco, Ex eadem Soe. publicus ibidem Mathematicae Professor (p. 1-8); *Planetario Lusitano, calculado para o anno de 1758 ao meio dia do tempo verdadeiro no Meridiano de Lisboa [...]* (p. [8], 1-46); *Planetario Lusitano, calculado para o anno de 1759 ao meio dia do tempo verdadeiro no Meridiano de Lisboa [...]* (p. [10], 1-46); *Planetario Lusitano, calculado para o anno de 1760 ao meio dia do tempo verdadeiro no Meridiano de Lisboa [...]* (p. [10], 1-46)



*Observatio Eclipsis Solaris Die 26 Octobris anni 1753, Habita Ulyssipone in Aula Sphaerae Regalis Collegii D. Antonii Magni [...]*  
[Lisboa?, s. n., 1758?] [BN: SA 16122 V]

*Trigonometra sphaerica faciliare novaque methodo exposita [...]*,  
Roma, 1795

## Fontes de autor desconhecido

*Astrologia* [BN: cod. 10851]; *Astrological, Astronomical and Mathematical treatises in portuguese*, de diversos autores jesuítas [British Library]; *Tratado de Astronomia* [BPE: ms. CXII/1-41];

[*Tratado de Astronomia*] [c. 1698] [BN: cod. 11006 (1º)]

Constituído por: [Tratado 1.º Da sphaera do mundo (?)] constituído por [Primeira Parte (?)], com 12 capítulos) precedidos de um texto incompleto no início] e do qual apenas temos um título: “Primeira Difinição” (fl. 7-9)]; “Segunda Parte da Sphaera Elementar”, com cinco capítulos, “Parte 3.ª Da sphaera Celeste”, constituído por 12 capítulos (fl. [7-56]); “Tractado 2.º Da Astronomia Pratica” constituído por “Proemio”, “Prate [sic] 1.ª Da Rosolução Organica dos Problemas Astronomicos pello uso da Sphaera Armilar do Globo Astronómico e Geografico” (fl. [56v-73]) e “Parte seg[un]da Da Resolução Giometrica dos problemas Astronómicos” (fl. [73v-80v]); “Tractado 3.º Da Astronomia Theorica” constituído por 13 capítulos (fl. [81-123v]).

## Bibliografia

ALBUQUERQUE, Luís de

*A 'Aula de Esfera' do Colégio de Santo Antão no Século XVII*, Lisboa, 1972 e in *Estudos de História*, v. 2, Coimbra, 1974, p. 127-200; idem, *Duas obras inéditas do Padre Francisco da Costa*, Macau, 1989

BALDINI, Hugo

*L'insegnamento della matematica nel Collegio di S. Antão a Lisbona, 1590-1640*, in *Colóquio Internacional A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente*, (Lisboa, 21-23 Abril 1997), p. 292

*The Portuguese Assistancy of the Society of Jesus and scientific activities in its Asian Missions until 1640*, in Luís Saraiva, *História das Ciências Matemáticas. Portugal e o Oriente. History of Mathematical Sciences. Portugal and East Asia*, Lisboa, 2000, p. 58-61

*L'insegnamento della matematica nel Collegio di S. Antão a Lisbona, 1590-1640*, in *Saggi sulla cultura della Compagnia di Gesù (secoli XVI-XVIII)*, Pádua, 2000, p. 150

*The teaching of Mathematics in the Jesuit colleges of Portugal from 1640 to Pombal*, in *International Meeting the Practice of Mathematics in Portugal*, (Óbidos, 16-18 November, 2000)

CAMENIETZKI, Carlos Ziller

*O Cometa, o pregador e o cientista – António Vieira e Valentim Stansel observam o céu da Bahia no século XVII*, in *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 14 (1995), p. 37-52

*The Celestial Pilgrimages of Valentin Stancel (1621-1705), Jesuit Astronomer and Missionary in Brazil*, in FEINGOLD, Mordechai, *The new Science and Jesuit Science: seventeenth Century Perspectives*, Boston-Londres, 2003, p. 252

CANAS, António José Duarte Costa

*Ciência, Astrologia e Sociedade: a teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755)*, Lisboa, 2003

*A longitude na náutica do séc. XVII: a obra do Padre Cristóvão Bruno*, Lisboa, 2004 [BN: SA 112436 V (tese policopiada)]

CANAVEIRA, Manuel Filipe

*Os matemáticos jesuítas da corte do Imperador Kam-Hi*, in *Oceanos*, n. 14 (Jun. 1993), p. 118-123

CAROLINO, Luís Miguel Nunes

*Philosophical teaching and mathematical arguments: jesuit philosophers versus jesuit mathematicians on the controversy of comets in Portugal (1577-1650)*, in *History of Universities*, v. 16, n. 2 (2000), p. 65-95

CASANOVAS, Juan S. J. / KEENAN, Philip C.

*The Observations of comets by Valentine Stansel, a seventeenth missionary in Brasil*, in *Archivum Historicum Societatis Iesu*, v. 62 (1993), p. 319-330

CORTESÃO, Jaime  
*A Missão dos Padres Matemáticos no Brasil*, in *Studia*, n. 1 (Jan. 1958), p. 123-150

COSTA, L. Monteiro da  
*O engenheiro jesuíta Stafford, confessor do Marquês de Montalvão*, Salvador da Bahia, 1954

COUCEIRO, Gonçalo  
*O Observatório de Pequim*, in *Oceanos*, n. 12 (Nov. 1992), p. 88-89

FERREIRA, António Mega  
*Do bom uso da matemática na propagação da Fé*, in *Oceanos*, n. 12 (Nov. 1992), p. 82-87

GANDRA, Manuel J.  
*Astrologia em Portugal: dicionário Histórico-Filosófico*, Lisboa, 2010

*A Aula da Esfera e o ensino da Astrologia no Colégio jesuítico de Santo Antão*, Maфра, 2013 3 2014

GOMES, João Pereira  
*Stafford (Ignace)*, in *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa - Rio de Janeiro, [1976], v. 17, col. 640-641

*Borri (Cristoforo)*, in *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa - Rio de Janeiro, v. 3, [1976], col 1653-1654

GONÇALVES, Nuno da Silva (coord.)  
*A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente: Actas*, Lisboa, 2000, p. 292

LEITÃO, Henrique (coord.)  
*Sphaera Mundi: a Ciência na Aula da Esfera – Manuscritos científicos do Colégio de Santo Antão nas colecções da BNP*, Lisboa, 2008

LEITÃO, Henrique  
*Appendix C: Scientific manuscripts from the S. Antão college*, in *The Practice of Mathematics in Portugal* (Óbidos, 16-18 Nov. 2000), Coimbra, 2004, p. 745-758

MATOS, Gastão de Melo de  
*Nicolau de Langres e a sua obra em Portugal*, Lisboa, 1941, p. 19

RANDLES, W. G. L.  
*Le Ciel chez les Jésuites espagnols et portugais (1590-1651)*, in *Mare Liberum*, n. 4 (1992), p. 307-314

RODRIGUES, Francisco  
*Jesuítas portugueses astrónomos na China (1583-1805)*, Porto, 1925

SANTOS, António Ribeiro dos  
*Memórias históricas sobre alguns Mathematicos portugueses, e Estrangeiros domiciliados em Portugal, ou nas Conquistas*, in *Memorias de Literatura Portuguesa*, t. 8, Lisboa, 1856, p. 196

SANTOS, Domingos Maurício dos

*Vicissitudes da Obra do Padre Cristóvão Bruno*, in *Anais da Academia Portuguesa da História*, s. 2, v. 3 (1951), 119-150

TAYLOR, Eva

*The Troublesome Voyage of Captain Edward Fenton*, 1582-1583, p. 298-306

VITERBO, Sousa

*Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros, Constructores Portuguezes*, v. 3, [Lisboa], 1888, p. 402-404